Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23147 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 28 DEZEMBRO 89 60$00

Roménia: rendição em massa dos homens de Ceausescu

Gorbachev esteve ao telefone com o novo líder romeno

Os elementos da Securitate, polícia secreta de Ceausescu, estão a entregar as armas, na sequência do ultimato ontem feito pelas novas autoridades de Bucareste. Também ontem, o líder soviético manteve uma conversa telefónica com o novo Presidente romeno, Ion Iliescu, manifestando-lhe o apoio de Moscovo ao seu Governo. A situação na Roménia tende a normalizar-se, não se tendo registado tiroteios na capital, nas últimas 24 horas. Os auxílios internacionais começam entretanto a afluir a Bucareste, em cujo aeroporto já aterraram desde ontem 40 aviões.

Pág.11

As alterações políticas no Leste europeu analisadas pelo Presidente da República Portuguesa numa entrevista a Maria Antonieta Macciocchi, em exclusivo DL/Corriere della Sera.

Pág. 8

Guiné--Bissau: dez anos depois do golpe

Do nosso enviado especial

A Guiné-Bissau passou ao lado de uma via alternativa interessante, mas falhou, e a sua economia esteve à beira do colapso, segundo testemunhos de altos funcionários, confiados ao enviado-especial do DL, à antiga colónia portuguesa da África Ocidental. Esse falhanço já fora invocado pelos autores do golpe de Estado de 1980 como razão decisiva para o derrube de Luís Cabral. Está agora na base da procura de novos caminhos que passam pela liberalização acelerada da economia, enquanto se discute o que fazer com o partido único, tal como se conta em pormenor na Grande Angular.

Pags. 2, 3 e 4

É bom viver em Portugal

Sondagem Euroteste/ DL elege Soares político do ano e revela que 82 por cento dos portugueses se sente feliz na sua Pátria

A personalidade política que mais se destacou em 1989 é Mário Soares, muito à frente de figuras públicas como Cavaco Silva ou Jorge Sampaio.

Pelo menos, é o que pensam 19,9 por cento dos inquiridos numa sondagem Euroteste/ DL, que também apurou quais as personalidades que mais se destacaram noutras áreas. Assim, Rosa Mota colheu os louros no desporto, Maria João Pires na cultura e Belmiro de Azevedo na iniciativa empresarial.

Uma curiosa sondagem a garantir-nos, ainda, que 82 por cento dos portugueses se sente feliz por viver em Portugal.

Pág. 6

DL

Desinteligências no PSD: o folhetim continua 7

Angola: grande ofensiva contra a Jamba 13

Crónica de Alberoni e Auto-Retrato de SAM 5

Sporting ganha Douglas na Federação 25

Hoje: Suplemento Literário

«Passámos ao lado de uma via alternativa interessante, mas falhou e agora temos de abrir novos caminhos», disse ao DL o ministro Rambout Barcelos, um dos membros da Comissão de Reflexão sobre o futuro do PAIGC.

Guiné-Bissau: dez anos depois do golpe

GRANDE ANGULAR

O nó górdio na Guiné chama-se diferencial entre os preços e os salários. Mas até o desatar, nada impede que se dance.

Do nosso enviado especial

Mercados abastecidos com uma quantidade de bens alimentares e de consumo genérico que não era uso verem-se; táxis em abundância e que há uns dez anos atrás tinham de ser pescados à linha e de preferência com o isco em divisas; restaurantes abertos e a trabalhar em pleno, de razoável qualidade e em quantidade razoável; *boites* e casas nocturnas ao nível do que de melhor há por aquela costa de África; comércio *import-export* florescente e gerador de novos protagonistas no cenário político-económico; o instinto do negócio a aferir a generalidade dos comportamentos, até dos dirigentes mais insuspeitos: eis alguns tópicos anotados por este repórter, em quatro dias de estada em Bissau, sobre a vida actual na Guiné-Bissau.

A Guiné-Bissau está a mudar sobretudo pela rejeição da mal sucedida experiência dos 10-12 anos posteriores à independência política. Mas dez anos depois do golpe de Estado que colocou Nino Vieira no poder--completam-se a 14 de Novembro de 1990 os sobreviventes do PAIGC continuam sem responder a perguntas-chave, como sejam: que fazer com este Partido único e com esta Constituição herdados da luta de libertação nacional? Isto é: o passado foi condenado mas o futuro está ainda por esboçar.

Manuel Rambout Barcelos, ministro da Educação e membro da comissão recentemente criada para reflectir sobre a situação, comentou este impasse, dizendo ao DL:

«Passámos ao lado de uma via alternativa interessante, mas falhou e agora temos de procurar novos caminhos».

Esta Comissão de Reflexão foi formada no interior do Comité Central para habilitar o PAIGC a discutir as linhas de força da sua intervenção futura na sociedade. A amplitude da matéria a discutir é, porém, tal que até a própria razão de ser do Partido pode ser questionada e, principalmente, o seu papel de força dirigente da sociedade.

Preside à Comissão o secretário do Comité Central, Vasco Cabral, e integram-na doze outras pessoas escolhidas, meio-por meio, entre dirigentes históricos (Carmen Pereira, Francisca Pereira, Manuel dos Santos, Mário Cabral, Malan Bacai e Filinto Barros) e na nova geração de quadros em ascenção no País (Manuel Rambout Barcelos, Marcelino Lima, Diana Handem, Jorge Cabral, Helder Proença e Agnello Regala), quase todos formados em Portugal.

A questão imediata posta à Comissão é como rever a Constituição. Segundo Manuel Rambout Barcelos, há que decidir, para já, entre duas opções: «Ou nos limitamos a rever a Constituição, que os acontecimentos dos últimos anos desactualizaram, ou fazêmo-la de novo».

A tendência dominante aponta para a segunda opção, até porque a liberalização económica empurra a discussão nesse sentido. A título pessoal, o ministro da Educação disse-nos também entender que a Guiné-Bissau precisa de uma Constituição nova, mas já nos manifestou sérias reservas em consagrar, por esta via, o multipartidarismo que tem sido invocado à medida que se aprofundam as transformações económicas implícitas na liberalização da economia.

Idênticas objecções ouvimos em Bissau da boca de outro ministro e também membro da Comissão--Manuel dos Santos--dados os riscos de, em África, esses partidos tenderem a privilegiar bases étnicas e tribais.

«Mas o partido único--acrescentou o ministro da Coordenação Económica--não deve ser incompatível com a manifestação de pluri-opiniões, no interior dos seus orgãos até se gerarem consensos aceites pela maioria».

Um país inteiro a fazer pela vida

Esta a discussão de fundo está, apenas, a iniciar-se na Guiné-Bissau, ao mesmo tempo que os problemas económicos, que já tinham demolido a base de sustentação do ex-presidente Luis Cabral, até o apearem do poder, continuam a submeter o aparelho político-partidário a enormes pressões. Chega a parecer, a quem vem de fora, que o Partido agoniza, por asfixia, e que tudo o que verdadeiramente conta para o futuro dos guineenses lhe passa à margem.

O Programa de Estabilização, em curso acelerado de aplicação à economia, já foi uma consequência directa do fracasso da terceira via--ou «a via alternativa» de que nos falou o ministro da Educação. O essencial da sua receita, a liberalização económica, está a funcionar como certidão de óbito do modelo que procurava conjugar a centralização das decisões económicas e

O comissário Manecas

Manuel dos Santos--*Manecas*, simplesmente, para a generalidade dos guineenses--é natural de Santo Antão, em Cabo Verde. Tem 47 anos de idade e estudou na Faculdade de Ciências, em Lisboa, interrompendo o curso na altura em que abandonou o País para se juntar ao PAIGC, então já em luta armada pela independência da Guiné e Cabo Verde.

Logo a seguir à independência, ele ocupou as pastas da Informação e dos Transportes, nos governos de Luis Cabral, depois de, durante a luta de libertação, ter sido comissário político na Frente Norte e comandante das unidades de mísseis anti-aéreos que limparam o Leste guineense da ameaça dos aviões portugueses.

Na sequência do golpe de Estado, que colocou Nino Vieira no poder, Manuel dos Santoss foi promovido a suplente do Bureau Político; no último Congresso Extrordinário do PAIGC entrou como membro efectivo do Bureau e oitavo homem da hierarquia partidária. Nunca mais se afastou da área económica, sendo sucessivamente nomeado ministro do Equipamento Social e do Comércio. Coordena a área económica desde Janeiro de 1989 sendo da sua responsabilidade a proposta de Programa de Estabilização.

Ao tempo em que os ministros se chamavam comissários, e Manuel dos Santos era o Comissário de Estado da Informação--nessa qualidade, veio a primeira vez a Portugal, depois do 25 de Abril--foi o dinamizador e directo responsável pela ida de jornalistas portugueses para Bissau.

A muitos que passaram pelo jornal Nô Pintcha e pela Radiodifusão Nacional da Guiné-Bissau ele continua a exigir a amizade dos anos setenta. Para todos, o ministro há-de ser sempre *o comissário Manecas*.

Manuel dos Santos, ministro da Coordenação Económica:

O País esteve à beira do colapso

À superfície das coisas, da vida do dia a dia, nota-se que a Guiné-Bissau está a mudar surgindo o contraste mais forte aos olhos de quem, como é o caso do reporter do DL, ali não tinha voltado depois do golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980.

As mudanças aceleraram com a aplicação, há dois anos, de um Programa de Estabilização Económica e Financeira vigiado pelo FMI e sustentado, na sua fase mais recente, pelo arranjo monetário acordado com o Governo português.

O ministro de Estado para a Coordenação Económica, Comércio e Turismo, Manuel dos Santos, é o pai do Programa. Em entrevista concedida ao DL, em Bissau, ele explica as causas e as consequências mais visíveis desta receita que liberalizou a actividade económica na Guiné-Bissau. A entrevista foi gravada no gabinete do Ministério, nos antigos Armazéns do Povo cujo desmantelamento o próprio Manuel dos Santos protagonizou.

--Para além da superfície das mudanças mais visíveis no dia a dia, o que é que está a acontecer na sociedade, com a liberalização da economia?

«O que está a acontecer é que mudou a própria visão das coisas e a perspectiva de evolução política e económica. Nós começámos por admitir a urgência de estabilizar a economia, não continuar a emissão ilimitada de moeda e não continuar com défices orçamentais enormes--talvez a causa principal da emissão ilimitada. Aceite isso, concluimos que era preciso dominar a inflação, atribuir à moeda o seu valor real e que as trocas comerciais se fizessem naturalmente.

Reconhecemos, finalmente, que o Estado não tem vocação para operador económico e era necessário substitui-lo nessa função por outra coisa. Essa outra coisa é só uma: o sector privado, dada a inexistência de cooperativas ou outras organizações similares. Daí resultaram todas as transformações que estão à vista».

--Ou seja: chegaram à conclusão de que o modelo adoptado na fase posterior à independência se esgotara sem encontrar saida para os bloqueios económicos?

«É mais do que evidente. Eu próprio, a partir de determinado momento, comecei a interessar-me mais pelas questões económicas e também cheguei a essa conclusão. A primeira proposta de liberalização económica apresentei-a em 1982. Levou o seu tempo a entrar na cabeça das pessoas, até se convencerem de que era preciso mudar. Devo dizer que este País esteve à beira do colapso».

--O Programa de Estabilização Económica e Financeira nasce dessa convicção, de que a Guiné-Bissau se abeirava do colapso?

«Teve a ver com isso e foi mais premente porque o País esteve, de facto, à beira do colapso. A questão passou, então, a ser definir quais as transformações que era preciso fazer, nomeadamente, até que ponto o Estado se devia retirar do circuito económico».

A economia mais livre da África Ocidental

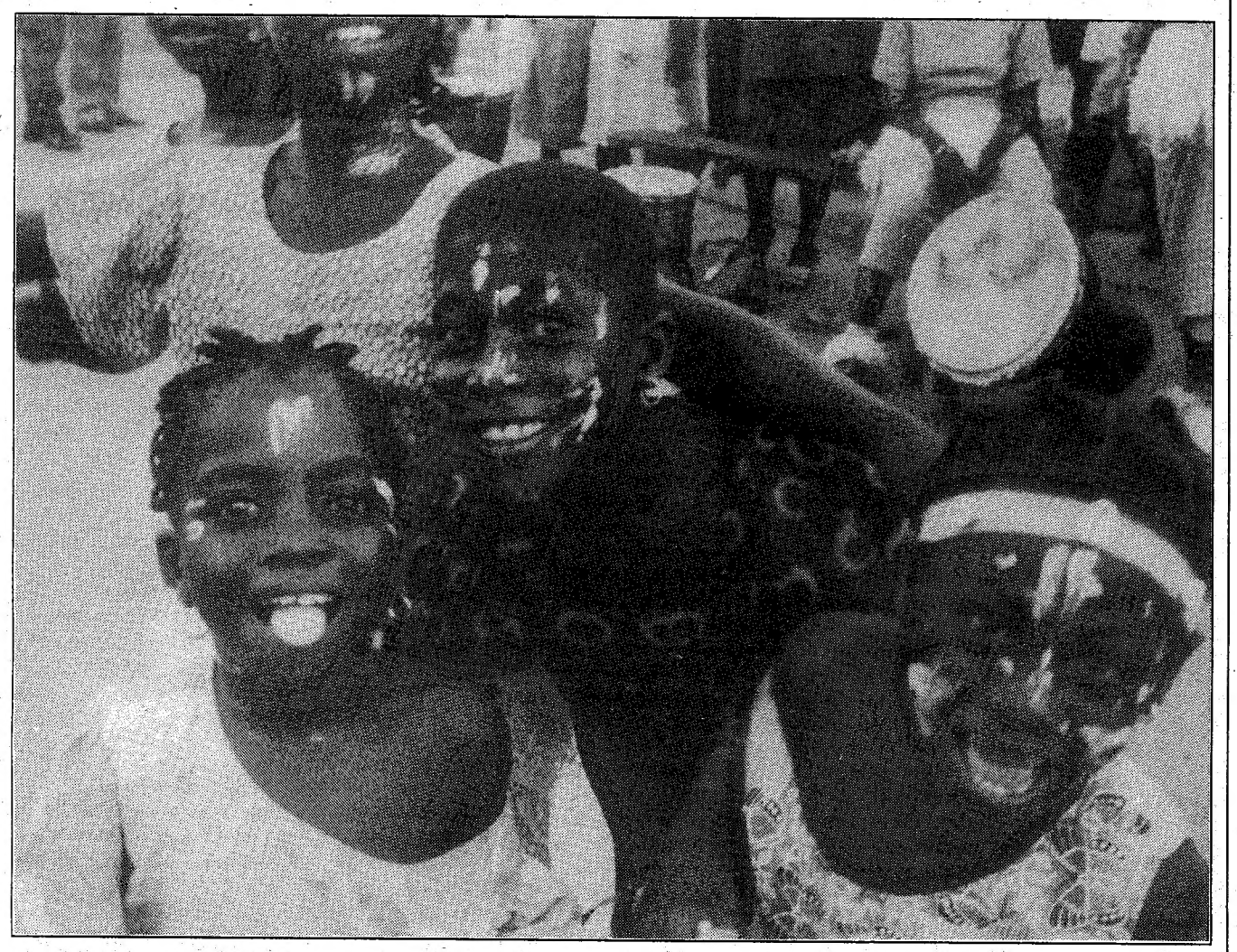
--Operações de cosmética no aparelho do Estado já não eram possíveis?

«Não, não eram. Decidido que foi retirar ao Estado o seu papel de primeiro e quase único operador económico, surgem todas as complicações daí decorrentes, na área política, na própria organização política do Estado, o que leva mais tempo. A liberalização processou-se num ritmo bastante acelerado ao ponto de poder afirmar, sem medo de errar, que a Guiné-Bissau tem a economia mais livre, mais aberta, de toda esta costa de África, incluindo Cabo Verde».

--E funciona?

«Funciona. E funciona desta maneira: você sabe que a produção agrícola nunca aumentou muito. Em 1986, nós exportámos seis mil toneladas de castanha de caju. Esta ano vamos exportar quinze mil. Foi um aumento de 150 por cento em três anos».

--Quem a aproveitou a lib-



Na expectativa de dias melhores

políticas com a iniciativa dos produtores de base, nomeadamente camponeses, e dos comités políticos locais e regionais.

Só que, entretanto, os preços subiram violentamente, com a liberalização do mercado, a par e passo com a degradação dos salários, por força da desvalorização fortíssima da moeda.

As distâncias entre a base da pirâmide social e o seu vértice aumentaram o que, em teoria, significa um agravamento da desigualdade. Injustiças socais, também, agudizadas? O ministro da Coordenação Económica, Manuel dos Santos (ver entrevista integrada nesta Grande Angular) destacou a pressão exercida sobre a sociedade no seu conjunto e os cidadãos individualmente considerados para «fazerem pela vida», como cura de fogo possível para as doenças endémicas da economia guineense.

Lá fazer pela vida, eles fazem, seja o funcionário público mais modesto, que cultiva a sua horta para vender legumes no mercado, seja o ministro que tem uma frota de táxis a render na praça. E se um director-geral presta serviços de consultadoria, quiçá para apoiar propostas de particulares ao ministério onde trabalha, outro quadro superior avança, com créditos bancários e uma organização moderna, para a produção de arroz ou frutas em gande escala.

O nó górdio do diferencial preços-salários está cada vez mais apertado e para o romper é preciso, de facto, fazer pela vida porque os apertos tocam a todos os que dependem de um salário fixo. Por isso o negócio é a prática mais corrente na actualidade guineense e goza do aplauso geral mesmo que algumas regras de ética política e social sejam sacrificadas no seu altar.

Só o tempo dirá se o negócio produzirá lucros sociais compatíveis o que também depende, em boa medida, da ajuda e da cooperação externas. Portugal, como também se diz nesta reportagem, marcou este ano alguns pontos importantes nesta matéria e assumiu-se como co-responsável da empreitada.

Daniel Reis

eralização económica: os empresários estrangeiros que estão a implantar-se por aqui, ou também os cidadãos nacionais? Havia capacidade privada interna para mobilizar?

«A resposta do sector privado ultrapassou toda a minha expectativa. É certo que eles tiveram muita ajuda do Governo, em termos de crédito e em termos de facilidades. Também beneficiámos de uma ajuda externa que nos deu capacidade de importação e permitiu aos comerciantes, de repente, darem um salto qualitativo e quantitativo. Mas não há dúvida de que havia uma grande capacidade de resposta escondida e ela proveitou esta oportunidade».

Expectativas melhores que antes não existiam

--E quando acabarem as linhas de crédito, quando a facilidade de importação se esgotar, essa iniciativa privada, subitamente revelada, não corre o risco de se esvaziar?

«Eu penso que este processo é irreversível, ninguém o consegue fazer andar para trás. Nós falamos muitas vezes nos custos sociais do Programa de Estabilização. Mas a própria população, nomeadamente a de Bissau, que tem rendimentos fixos e por isso é a mais afectada, está melhor do que antes. Pelo menos, há uma expectativa de dias melhores, quando antes essa expectativa não exisitia».

--Bens para comprar, é óbvio que há muito mais que antes...

«Há e à vista. Não estão escondidos».

--Mas há dinheiro para os comprar? O funcionário, com o seu salário desgastado pela inflação e a desvalorização da moeda, pode adquiri-los?

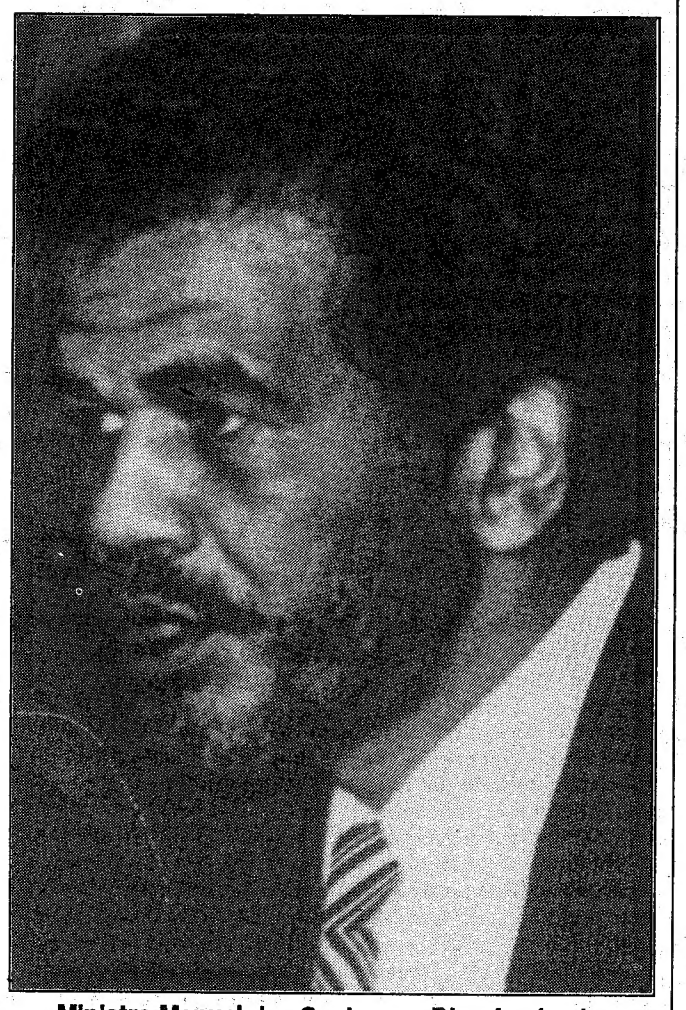
«O consumo aumentou, sinal de que alguém compra. O consumo tem vindo a aumentar todos os anos, desde 1987».

--Não aumentou também a injustiça social, ou seja, não se aprofundou a diferença de níveis de vida?

«Isso é difícil de saber. Penso que vai haver mais pessoas ricas na Guiné-Bissau; mas eu não acredito que vá haver pessoas mais pobres.

Penso. sem resumo, que toda a gente vai melhorar o seu nível de vida, uns mais do que outros, mas não vai haver regressões em nenhuma camada social. Depois, se falamos de justiça social, o nosso País é fundamentalmente constituido por camponeses.

continua na pág. seguinte



Ministro Manuel dos Santos, ao DL:*«A primeira proposta de liberalização da economia, apresentei-a em 1982».*

COMENTÁRIO

Que farei com este Partido?

A liberalização económica vai bem encaminhada, na Guiné-Bissau. Completá-la-à a liberalização do preço do arroz, o produto base da alimentação local. Por aqui e até ver os resultados, a mais longo prazo de experiência, não se esperam novidades.

Uma das consequências dessa liberalização é a progressiva selecção dos agentes económicos no sector privado. Destacam-se já os mais fortes e habilitados a discutir com o Governo. Vários são quadros superiores, formados em escolas portuguesas, nas áreas financeira e de gestão de empresas: são eles quem está a dinamizar a formação de associações empresariais, com o apoio expresso de um Governo apostado em privatizar, aceleradamente, a economia.

É natural que, mais dia menos dia, essas organizações patronais e os grupos económicos ainda embrionários radicalizem a tendência para criarem a organização ou as organizações políticas, eventualmente partidárias, que melhor defendam os seus interesses. E se bem que seja prematuro procurar aí a fonte de uma tendência para o pluripartidarismo, não é menos certo que, pelo menos, já está a obrigar o PAIGC a acompanhar atentamente a evolução.

A questão do pluripartidarismo é hoje, aliás, discutida abertamente e sem tabús mas até os que se dizem, em teoria, seus adeptos expressam reservas ao estilo «se eu vivesse na Europa, era um incondicional do pluripartidarismo; mas aqui, numa sociedade que ainda tem que fazer o seu caminho...».

Em paralelo com a liberalização económica parece, no entanto, alargar-se a tendência para exigir também a liberalização da discussão e do confronto de opiniões no interior do partido único. «Isso é o que já está a acontecer neste momento», disse-nos um elemento da cúpula dirigente do PAIGC. Mas acrescentou um aviso importante: o essencial dessa discussão não se está a travar no interior do partido. Faz noo exterior e a reboque da liberalização económica.

Enquanto o consenso sobre a direcção a seguir, nas grandes questões de carácter económico, já foi adquirido, no PAIGC ainda nem sequer foi definido o esboço da resposta à pergunta que o Comité Central a si próprio colocou: que fazer com este Partido?

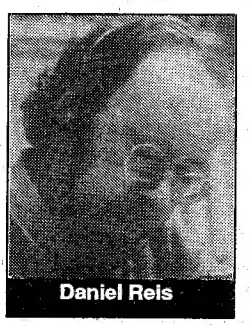
As questões económicas acabarão por arrastar, fatalmente, as questões políticas; mas a iniciativa já foi perdida pelo PAIGC.

E se da reacção a esse indefeso arrastamento do partido, nascessem os sindicatos? Esta é outra pergunta já corrente nas discussões dos guineenses que começam a perceber que alguém vai pagar o reforço do sector privado, o crescimento das empresas privadas. Por enquanto, os mais atingidos são os funcionários públicos, espremidos como estão pela ginástica mensal de acorrer a preços europeus com salários africanos.

Da lógica nas relações laborais decorre o sentimento de necessidade organizativa de um dos sujeitos da relação, à medida que o outro cresce, se reforça e se organiza. Neste momento, quem está a organizar-se e a crescer é o patronato.

«O problema dos sindicatos vai pôr-se, mais dia menos dia», ouvimos de dois ministros interessados nestas questões. As opiniões deles coincidem noutro ponto, no sentido de vincarem que, se o Partido quer continuar com o seu papel dirigente, tem de promover o desenvolvimento de verdadeiros sindicatos e não meras agências de propaganda.

Ou seja: se os guineenses já hoje perguntam, como se interrogam outros povos politicamente amadurecidos sob regimes de partido único, «que fazer com este Partido?», bem podem começar também a pensar na resposta à pergunta «que fazer com estes sindicatos?».



Daniel Reis

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Banco, televisão e moeda: as flores da cooperação

A visita recente de Mário Soares à Guiné (na foto, com Nino Vieira à esquerda) reafirmou o salto qualitativo da cooperação portuguesa. Mas «*os louros principais, esses devem ser entregues a Cavaco Silva*», como acentua o ministro de Estado da Coordenação Económica.

Houve uma mudança qualitativa e quantitativa da cooperação portuguesa com a Guiné-Bissau, durante o ano de 1989, apontando-se o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, como «o homem a quem têm de ser entregues os louros por esta mudança», segundo palavras textuais de um membro do Governo guineense ao DL.

Para os guinenses, Cavaco Silva tem «uma política africana consequente e realista», tendo-nos sido apontadas três provas dessa política que são hoje consideradas como as flores da cooperação portuguesa: o arranjo monetário, a criação do banco comercial e a televisão.

Pronto-socorro da Tesouraria

O arranjo monetário já fora proposto a Portugal durante o último Governo chefiado por Mário Soares mas só agora foi acolhido. A Guiné chegou a encarar a hipótese de aderir à zona do franco CFA e se o arranjo tardasse mais tempo teria, provavelmente, aderido a essa outra alternativa não desejada.

Para os guineenses, o arranjo monetário bilateral com Portugal é uma solução muito mais vantajosa do que a entrada na zona africana do franco, que é um arranjo multilateral e de taxas de câmbio fixas, limitado portanto, a intervenções de política fiscal e de crédito que têm dado maus resultados noutros países africanos.

Na África, as políticas fiscais deparam com o obstáculo generalizado do mercado paralelo e a troca directa que deixa à margem da incidência largas fatias da actividade económica. O Senegal está a pagar os custos disto: a fiscalidade cresceu assustadoramente e está a afundar os sectores controlados da economia, enquanto crescem as actividades marginais.

Em Março de 89 foi assinado entre os dois países um Acordo de Arranjo Monetário pelo qual Portugal garante a convertibilidade do peso, através de facilidades de crédito que reforçam as reservas cambiais. Essas garantias implicam um conjunto de condições, enquadradas em parâmetros monetários definidos à partida e só dentro dos quais funcionam as linhas de crédito utilizáveis.

Em substância, o escudo assume-se como pronto-socorro da tesouraria em divisas da Guiné-Bissau. A dívida comercial a Portugal é de 28 milhões de dólares (cerca de 4,5 milhõs de contos). Neste momento operam na Guiné-Bissau, em diversos domínios, cerca de meia centena de empresas portuguesas.

O primeiro banco com capitais privados

O primeiro banco comercial do País é de iniciativa portuguesa (protocolo assinado a 5 de Março de 89, com a duração de prevista de dez anos) e enquadra-se no funcionamento mais geral do arranjo monetário.

Designa-se Banco Internacional da Guiné-Bissau e a escritura pública foi assinada no passado dia 14 de Novembro. Tem um capital social de 3,5 mil milhões de pesos (250 mil contos) subscrito pelo Governo da Guiné-Bissau (26 por cento), investidores privados e institucionais guineenses (25 por cento) e instituições financeiras portuguesas: Banco Pinto & Sotto Mayor e Crédito Predial Português (17,5% cada) e Geofinança (14%). O Conselho de Administração é presidido Aristides Menezes, em representação do Governo guineense (tal como o vogal Aguinaldo Embaló) e inclui dois empresários privados da nova vaga de Bissau, Victor Mandinga e Aladje Mamdu Jabi.

Televisão como elo da identificação

No mesmo dia da constituição do banco comercial, foi inaugurada a televisão (Televisão Experimental da Guiné-Bissau), outra flor da cooperação portuguesa e cuja construção, equipamento e assistência técnica foram integralmente financiados por Portugal (Governo, Gulbenkian e RTP) a título de donativo.

A televisão é tida pelo ministro da Informação e Telecomunicações, Mussaá Djassi, como «um exemplo da cooperação bilateral, instrumento de vital importância para o desenvolvimento e um elo da identificação linguística entre os povos guineense e português».

A RTP ganhou este importante concurso internacional, de evidente significado cultural, em concorrência com os projectos cubano e francês, mediante um orçamento de 300 mil contos mas que neste momento já ultrapassou o meio milhão por se ter decidido dotar a estação com equipamento mais sofisticado do que o inicialmente previsto.

Os guineenses contam com a televisão para o combate decidido ao analfabetismo, no intuito de o erradicar até ao ano Dois Mil, altura em que, segundo declaração do Presidente Nino Vieira, se conta ter todas as crianças guineenses a falar português.

A RTP, além de formar os quadros e acompanhar a montagem do equipamento, responsabiliza-se pelos primeiros anos das emissões tendo vários dos seus quadros destacados em Bissau.

As emissões experimentais começaram a 24 de Setembro, com emissões ao sábado e domingo, a partir de 20 horas, tendo entrado em funcionamento regular durante a visita de Mário Soares. Prevê-se que a TEGB emita regularmente quatro dias por semana, quarta, sexta, sábado e domingo.

Entrevista com Manuel dos Santos

cont. da pág. anterior

Eles representam 75 a 80 por cento da população e foram os mais esquecidos depois da independência. Hoje são os principais beneficiários da mudança. Eles produzem e como produtores estão-se nas tintas para a desvalorização da moeda».

Apertados, tiveram de fazer pela vida

--Eu, pessoalmente, levo a sensação de que estancou o afluxo de gente do campo à cidade. Isso não prova as dificuldades crescentes dos cidadãos dos meios urbanos?

«Talvez, mas também as vantagens de que passaram a beneficiar os camponeses. Hoje, em Bissau, produzem-se bens que antes não se produziam. Você que viveu aqui, conhecia a dificuldade de comprar alfaces e tomates, por exemplo. Hoje, estragam-se porque já não há compradores, tal a quantidade produzida e colocada no mercado. Até na época das chuvas se encontram frescos no mercado. As pessoas da cidade sentiram-se apertadas pelas circunstâncias e viram que têm de fazer pela vida. Viver na cidade, como parasitas, não dá: têm que produzir. E é ver os funcionários, ao fim da tarde e nos fins de semana, a tratar das hortas na periferia de Bissau».

--Estas transformações não são propícias ao florescimento do mercado negro e do mercado paralelo de divisas?

«Não se pode negar que o mercado paralelo é importante, principalmente em situações de alta inflação. Nós estávamos com uma taxa de inflação elevada mas nos últimos três meses ela tem rondado um por cento ao mês, o que não é mau. Mas o mercado paralelo não é de todo mau: pelo menos, presta serviços. Os problemas colocam-se ao nível da inflação e do controle de preços. Se conseguirmos controlar a inflação, podemos esperar trazer uma faixa da economia dominada pelo mercado paralelo para o mercado oficial e para a economia monetarizada».

Repressão não resolve problemas económicos

--Porque é que não adoptaram medidas mais duras para reprimir a economia subterrânea? Preferem dominá-la pela aplicação das leis clássicas do mercado?

«Eu, francamente, não acredito na repressão para resolver problemas de índole económica. Penso que é preferível deixar funcionar o mercado».

--Posso concluir, do que me diz, que o Governo guineense acredita na exequibilidade do seu Programa de Estabilização?

«Nós temos uma economia frágil. Mas tanto quanto podemos prever, esta economia tem uma boa tendência para estabilizar, não digo nos próximos anos, mas nos próximos meses. Eu estou muito optimista e embora não goste das afirmações peremptórias, penso que tudo isto nos pode conduzir a um certo crescimento económico, a uma certa certa estabilização. E, pelo menos, à sobrevivência».

--A sobrevivência económica da Guiné-Bissau chegou alguma vez a estar em causa?

«Para mim, estava».

FORUM

público e privado

ACABADO O SÉCULO DOS MONSTROS A EUROPA DESCOBRE O OPTIMISMO

As transformações políticas que estão a acontecer podem comparar-se às que foram provocadas pelas duas guerras mundiais. Assinalam uma descontinuidade histórica cujos efeitos se vão avolumando com o correr dos tempos. Nada voltará a ser como no passado. Será que é possível prever, desde já, algumas linhas de desenvolvimento do futuro próximo?

Uma primeira hipótese parece-me ser a relativa à nossa visão do futuro, à nossa capacidade e de reflectir sobre ele. Ou, dito por outras palavras, saber do optimismo ou pessimismo da nossa sociedade.

Na Europa, há quase um século que o pessimismo domina. A grande cultura com poucas excepções, elaborou uma concepção negativa da história, sob a influência das duas guerras mundiais, do nazismo, do holocausto, do estalinismo. Até aos últimos e monstruosos abalos do marxismo no Cambodja de Pol Pot. No início deste século, tinham nascido comoventes utopias e o mito da revolução triunfara. Mas tudo isto ruiu perante a evidência de que a revolução não conduz à liberdade, mas a novas tiranias, de que da violência só pode nascer outra violência.

O optimismo ocidental refugiara-se nos Estados Unidos da América. Aqui o mito americano tinha tido a possibilidade de se expandir, assim como a concepção optimista de um mundo no qual todos os sonhos podem ser realidade. Um optimismo olhado com reservas na velha Europa, escaramentada por tantas desilusões, e que o considerava expressão de um povo jovem, sem experiência histórica. Nos últimos tempos, as coisas tinham-se agravado com o medo pânico de uma guerra nuclear, que impedia toda e qualquer previsão do futuro a longo prazo. Pois bem; este cenário modificou-se radicalmente. Em alguns meses, tivemos a prova de que os totalitarismos podem ser derrubados ou, antes, varridos pelo vento de uma revolução não violenta.

As expectativas mais pessimistas, as teorias mais cínicas foram desmacaradas. A velha Europa demonstrou ser possuidora de uma frescura e de uma vitalidade juvenil inimagináveis. Mostrou coragem e capacidade para construir um futuro melhor, que podem existir ideais capazes de se tornarem realidade. Tudo isto constitui uma experiência nova, uma revelação comovedora que deverá influenciar profundamente o espírito, a sensibilidade, a imaginação de todos - do político ao intelectual, do músico ao filósofo. Nós tornamo-nos optimistas quando nos apercebemos de que é possível atingir as metas que nos propusemos, e pessimistas quando, pelo contrário, vemos goradas todas as nossas tentativas nesse sentido. Durante quase um século, a Europa produziu monstros e receava o que o futuro escondia no ventre. Mas agora, que deu à luz filhos sãos, a sua atitude em relação ao futuro, em relação ao que irá fazer, está destinada a mudar.

Francesco Alberoni

Pode, assim, prever-se uma transformação generalizada do modo de pensar, a propagação de um grande optimismo, o regresso da esperança num futuro com sentido e o gosto de fazer projectos. Se o futuro está nas nossas mãos, se depende da nossa boa vontade, então os melhores de entre nós vão sentir-se estimulados a agir, a fazer planos. E são levados, até, a velar por esses planos, para que tudo corra bem. O desiludido, o céptico, o que espera sempre o pior, não age, não está vigilante.

Muitos pensam que as transformações presentes se reduzem simplesmente a um alargamento do mercado: do Leste chegam milhões de consumidores esfomeados, à espera de se lançarem numa orgia consumística. Esta visão é consequência do velho modo de pensar, da concepção pessimista do mundo que tem dominado até à data a nossa cultura. Pelo contrário; eles trazem-nos uma lufada de anseios e de esperanças, oferecem-nos novas perspectivas. Mas, acima de tudo sentiremos uma vontade imensa de fazer projectos para uma vida melhor, à qual renunciámos há muito tempo, que há muito tempo tínhamos esquecido.

(tradução de Manuela Ferreira de Almeida)
Exclusivo DL/

CORRIERE DELLA SERA

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Solicitámos a redacção de uma autobiografia como se tratasse de uma ficha técnica de enciclopédia. Duas vezes por semana vai estar nestas páginas. Hoje é a vez de Sam

Coloque na misturadora um engenheiro civil rigorosamente descascado e um quase arquitecto de formação utópica.

Ponha a máquina em movimento.

Misture; à parte, os seguintes produtos:

- Uma obra de estética pragmática, oriunda de um *designer* inventado.
- Um sopro de curiosidade (ingrediente essencial ao aprofundamento da evidência).
- Alguns grãos de rebeldia de carácter pediátrico, previamente bem lavados.
- Três gotas de supercatalisador, para ganhar tempo.

Mais tarde, noutro recipiente, junte:

- Uma asa de escultor autodidacta.
- Algumas linhas traçadas à mão por praticante adestrado.
- Uma tela imaculada e respectiva paleta.
- Um molho de frases extraídas do subconsciente de prosador incógnito, depois de cuidadosmente peneiradas.
- Vários impulsos de dinâmica jornalística.
- Essência de humor q.b.

Nota: a essência de humor pode obter-se espremendo convenientemente um indivíduo de dentro para fora, sem ofender as leis vigentes.

Interrompa o movimento da misturadora e deixe a composição em repouso por tempo indeterminado.

Retome a segunda mistura e leve-a a lume brando.

Lance fogo à combinação do terceiro recipiente.

Após estas operações, se lhe sobrar ânimo, triture os resíduos obtidos.

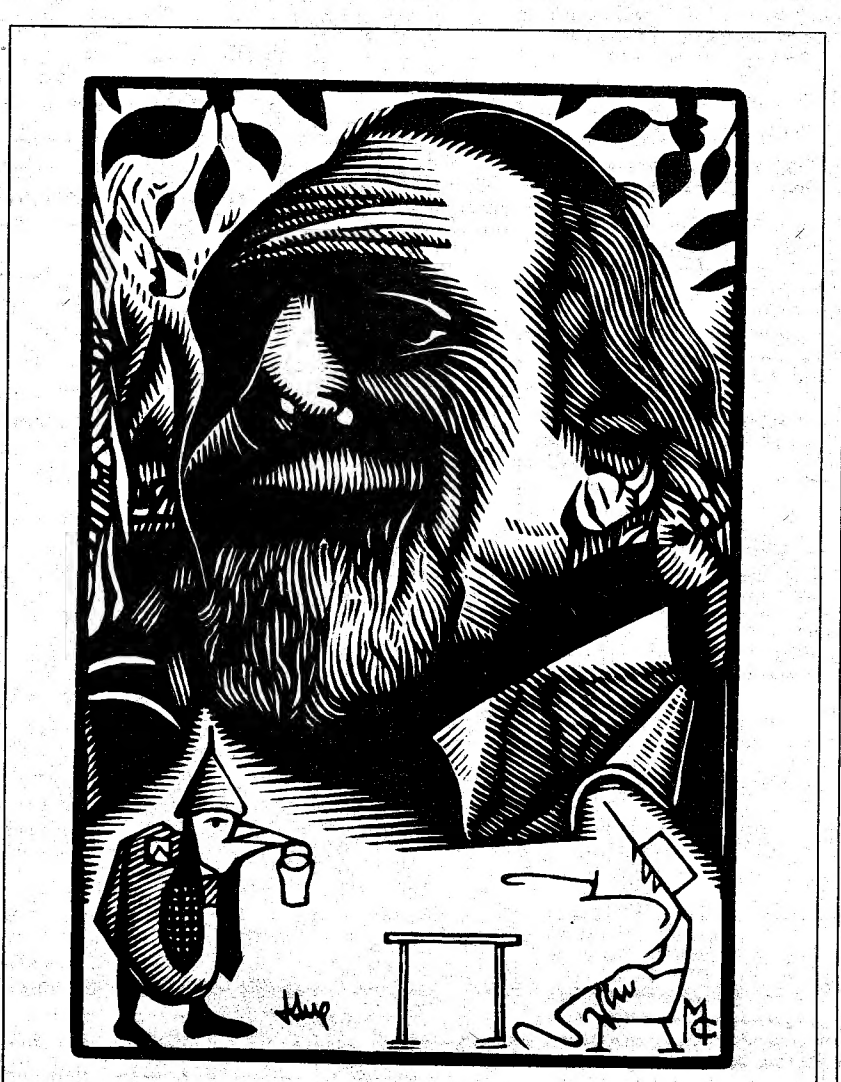
Faça o recheio de acordo com as normas em vigor, usando apenas órgãos naturais.

Aromatize o preparado, generosamente, com extracto cardíaco.

Introduza-o numa forma adequada.

Leve-o ao forno, se pretender uma massa aparentemente coerente.

Uma vez concluída a obra, evite utilizá-la e, para a sua tranquilidade, não tente dar-lhe um nome.



Sam

I Série
N.º 297
Dia 28
de
Dezembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Declarações:
Publica os modelos aprovados por despacho do Ministro das Finanças de 21 de Novembro de 1989, da declaração periódica de rendimentos, a que se refere a alínea b) do n.º 1 do artigo 94.º do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas (IRC).
Publica a relação de adjudicação de obras ou fornecimentos, aquisição de bens e serviços e comissões de agência, modelo n.º 12, aprovado por despachos, respectivamente, do Ministro das Finanças de 21 de Novembro de 1989 e do director-geral das Contribuições e Impostos de 20 de Novembro de 1989.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 1108/89:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe de divisão administrativa e financeira do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Portaria n.º 1109/89:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da divisão dos Serviços Administrativos e Financeiros do Município de Vila Nova da Barquinha.

Portaria n.º 1110/89:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão de Gestão Financeira, Administrativa e Informática do quadro de pessoal próprio do Município de Paços de Ferreira.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 112/89:
Define os objectivos em matéria de formação profissional e emprego no âmbito dos programas operacionais, bem como as taxas de co-financiamento das acções apoiadas no âmbito do Fundo Social Europeu.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 268, de 21 de Novembro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 408/89:
Aprova o Plano Oficial de Contabilidade.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 264, de 16 de Nomvebro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministério das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Despacho Normativo n.º 104-A/89:
Fixa taxas de portagem nos sublanços Maia-Santo Tirso, Santo Tirso-Famalicão e Famalicão-Cruz, para vigorarem a partir da data da entrada em serviço.

SONDAGEM

O Presidente da República foi a personalidade política que mais se destacou em 1989. No desporto, os louros vão para Rosa Mota , acompanhada por Maria João Pires (na cultura) e Belmiro de Azevedo (nos negócios). Os resultados de uma sondagem que nos diz ainda que 82 por cento dos portugueses gostam de viver no seu país

Soares foi o maior em 1989

		REGIÃO					HABITAT			
	TOTAL	Gran Lisb	Gran Port	Lito ral	Int. Nort	Int. Sul	Até 2000	2000 M	10M./ 100M.	Mais 100M.
Recordes	994	179	168	239	172	236	408	174	212	200
TOTAL	7611	1790	826	2837	1202	956	4151	1027	1439	994
PERSONALIDADE QUE MAIS SE DESTACOU EM 1989										
1. ÁREA POLÍTICA										
Mário Soares	19.9	19.9	29.5	14.9	16.2	31.1	17.0	24.6	19.3	28.0
Cavaco Silva	15.4	11.1	19.7	19.0	16.3	8.1	16.9	17.9	10.0	14.5
Álvaro Cunhal	2.4	5.5	3.1	.8		3.7	.3	9.6	2.3	4.0
Jorge Sampaio	2.5	6.9	4.5	.8	.5	.2	1.3	1.9	3.9	6.1
Marcelo R. Sousa	.2	.6	.4							1.4
Roberto Carneiro	.3		.4	.3	1.2		.4		.5	.3
Freitas Amaral	.9	2.3	.8	.7		.2	.4	2.5	1.9	
Lucas Pires	.8	1.4	.6	.6	.6	.4	.3	1.0	2.0	.5
Torres Couto	.5	1.5	1.4				.1		2.1	.3
Leonor Beleza	.9	.4	2.8	1.1	.6		.7	.9	1.5	1.0
João Soares	.5	.4		.2	1.2	1.0	.6		.3	.8
Ramalho Eanes	.5	.8	.3	.5	.2		.4	.2	1.1	.3
Miguel Cadilhe	.3		1.6	.1		.3	.1		1.0	
Vasco Gonçalves	.2	.9								1.6
M. Esteves Cardoso	.2		1.0	.3					.9	.3
João D. Pinheiro	.1		.6						.2	.3
Zita Seabra	.1		.4			.5		.2	.2	.3
Barros Moura	.2		.4		1.0	.3	.3		.2	.3
Vítor Constâncio	.1		.9		.1			.2		.7
Vital Moreira	.1		.4		.2			.2		.3
Outras	2.9	3.3	4.2	2.3	4.7	.6	3.2	1.7	3.8	1.3
Ninguém	7.6	7.3	2.4	9.4	8.1	6.5	7.3	8.0	11.0	3.1
Não sabe	37.8	27.5	18.1	46.5	40.7	44.6	46.6	27.6	31.0	21.2
NR	5.8	10.3	6.6	2.7	8.5	2.5	4.2	3.5	6.6	13.5
1. ÁREA DESPORTIVA										
Rosa Mota	18.2	22.4	30.0	18.9	8.1	14.1	14.1	22.4	21.4	25.9
Carlos Queirós	2.8	3.1	6.6	2.8		2.6	1.7	3.0	3.3	6.3
Futre	4.6	4.0	10.6	2.7	6.0	4.6	3.0	5.4	8.2	5.4
Vítor Baía	.7	1.5	1.1			1.6	.4	.3	.2	3.2
RuiÁguas	1.2	3.0	2.3			1.3	.4	.4	2.6	3.0
Artur Jorge	1.4	1.3	1.2	1.5	1.4	1.2	1.5	1.4	.4	2.1
Rui Barros	.6	.1	3.0	.1	.7	.8	.4	.4	1.9	
João Pinto	.7		2.1	1.1		.4	.8		.9	.5
Fernando Gomes	.8		3.1	.4	2.0	.2	.9	.8	.4	.9
Carlos Manuel	.2	.3	1.5				.2			1.2
Aurora Cunha	.7	1.9		.6	.2		.3	.3	1.7	1.6
Vítor Paneira	.5		.7	.9			.5		.9	
Benfica	1.0	11.1		.4	2.4	1.7	1.2	.5	.2	1.9
Valente Loureiro	.1		.9		.1			.2	.2	.5
Eriksson	.2		.5		1.2		.3			.4
FC Porto	1.1		7.2	.1	1.6	.3	1.0	3.2	.4	.5
Magnusson	.4		.4	.5	1.2		.7			.3
Outras	6.1	12.8	7.0	3.7	3.9	3.1	3.7	6.2	9.0	12.0
Ninguém	4.1	3.0		4.7	6.4	5.1	4.8	3.5	4.6	1.4
Não sabe	48.6	35.5	15.8	58.7	54.3	64.2	59.2	47.3	37.6	21.8
NR	5.9	10.1	6.0	3.0	7.7	4.7	4.9	4.7	6.1	11.2
3. ÁREA CULTURAL										
Maria João Pires	1.6	3.5	2.9	.8	.3	1.1	.8	5.2	.3	3.1
Amália Rodrigues	.9	1.8	2.9	.1		1.2	.4	.5	2.9	1.0
José Saramago	.8	1.3	1.3	.7	.5		.3	.2	.9	3.2
Roberto Carneiro	1.2	1.6	2.7	.9	.4	1.4	1.0	1.9	.7	2.3
Siza Vieira	.8	2.0	1.1	.5			.3		1.7	1.9
Vieira da Silva	.3	.4	.8	.3		.5		.2	.6	1.3
Pedro Burmester	.1		1.1							.9
Marco Paulo	.4	1.0	.9			.8	.1		1.5	.7
Maluda	.4	.4		.6	.8		.2	.9	.5	.7
Madalena Perdigão	.2	.5		.3		.2		.2	.5	.9
Manoel de Oliveira	.2	.3	1.5					.9	.2	.6
Tomás Taveira	.1	.3	.3	.1					.2	.8
Júlio Resende	.1		.6							.5
Outras	7.1	8.0	17.7	6.3	4.1	2.5	5.8	3.9	7.5	15.3
Ninguém	6.8	7.3	2.5	7.3	10.00	4.6	7.5	7.4	8.3	1.3
Não sabe	67.6	49.0	53.0	76.4	75.6	78.4	77.1	72.8	52.5	44.2
NR	11.2	22.7	10.7	5.9	8.2	9.3	6.5	6.0	21.5	21.2
4. ÁREA EMPRESARIAL										
Belmiro Azevedo	4.0	5.3	18.1	1.0	.9	2.2	1.5	4.1	2.5	16.3
Grupo Amorim	.3		1.9	.3	.3		.1		.5	1.6
Grupo Sonae	.1		.9			.4			.3	.7
Outros	4.3	4.4	16.3	2.4	2.3	1.5	2.8	2.4	6.0	9.7
Ninguém	7.5	6.2	3.4	9.3	10.0	5.3	8.3	7.0	9.9	1.6
Não sabe	72.3	59.6	49.1	81.3	79.7	79.7	81.2	79.8	56.0	50.8
NR	11.4	24.5	10.4	5.7	6.8	11.0	6.1	6.6	24.8	19.4
2. — SENTE-SE FELIZ POR VIVER EM PORTUGAL										
Sim	81.8	84.3	68.2	82.4	85.6	82.2	83.0	75.4	82.8	81.7
Não	11.9	15.0	5.5	9.0	14.2	17.4	11.1	16.9	10.0	13.0
NR	6.3	.8	26.3	8.6	.1	.4	5.9	7.7	7.3	5.2

A pergunta de abertura foi qual a personalidade nacional que mais impressionou positivamente ao longo de 1989, na área política. Sem grandes hesitações, 20 por cento dos inquiridos respondeu escolher Mário Soares, enquanto Cavaco Silva recolhia 15 por cento das respostas, contra 3 por cento para Jorge Sampaio, 2 por cento para Álvaro Cunhal e 1 por cento para figuras públicas como Freitas do Amaral ou Ramalho Eanes.

Curiosamente, 38 por cento dos inquiridos disse não saber quem escolher, 6 por cento não respondeu e ... 8 por cento não optou por ninguém.

Na área desportiva, Rosa Mota «limpou» 18 por cento das respostas, contra 5 por cento para Futre, 3 por cento para Carlos Queirós e 1 por cento para personalidades como Artur Jorge, Aurora Cunha ou Vitor Paneira.

Até nesta área, bem popular, 49 por cento dos inquiridos disse não saber escolher a personalidade do ano, enquanto 4 por cento não optou por ninguém e 6 por cento não soube responder.

Maior dificuldade tiveram os entrevistadores na área cultural, visto que Maria João Pires obteve apenas 2 por cento das respostas, contra 1 por cento para figuras como Roberto Carneiro, Amália Rodrigues, José Saramago ou Siza Vieira. Aqui, sim, ficou bem desmonstrada a ignorância ou indecisão das pessoas: 68 por cento disse não saber escolher a personalidade do ano nesta área, 11 por cento não responderam e 7 por cento ignoraram as sugestões.

Na área empresarial, as dificuldades também foram evidentes, apesar do patrão da Sonae, Belmiro de Azevedo, ter recolhido 4 por cento do total de respostas, enquanto o seu grupo não ultrapassou os 0 por cento. Curiosamente, o grupo Amorim recolheu 0 por cento do total de respostas, contra 4 por cento de inquiridos que disse optar por outras personalidades não especificadas nem sugeridas na pergunta. Assim, não surpreende que 72 por cento dos inquiridos tenha respondido não saber escolher a personalidade do ano na área empresarial, enquanto 8 por cento disse não optar por ninguém e 12 por cento decidiu não responder.

Mas se a maioria dos 994 entrevistados para esta sondagem Euroteste/ DL evidenciou hesitação nas áreas cultural e empresarial, a verdade é que a pergunta em que manifestou um maior à vontade foi sobre o sentir-se ou não feliz por viver actualmente em Portugal.

Sem grandes hesitações, 82 por cento dos inquiridos disse gostar de viver no nosso país, contra 12 por cento de insatisfeitos e apenas 6 por cento de indecisos.

Entre os satisfeitos, 55 por cento alega que tal se deve ao facto de o nosso povo ser agradável e 48 por cento justifica com o facto de Portugal ter um bom clima. Outras razões de peso: não tem violência (40 por cento); tem belezas naturais (36 por cento); tem orgulho na história (30 por cento); ganha-se bem ...(1 por cento).

Como razões de insatisfação, 67 por cento dos inquiridos apresenta o facto de se viver mal no nosso país, 38 por cento diz que Portugal é um país pobre e 30 por cento alega que ele não tem organização. Neste rol de desgraças, 17 por cento não gosta do sistema político, 14 por cento diz que Portugal é um país sem importância e 4 por cento que ele tem problemas sociais e políticos. Surpreendentemente, 3 por cento dos inquiridos afirma não gostar do nosso clima... e apenas 1 por cento não soube justificar as razões da sua insatisfação.

Ficha técnica:

Universo: Conjunto de indivíduos com 15 anos ou mais, residentes em localidades do continente com 100 ou mais habitantes.

Amostra: Constituída por 994 entrevistas, recolhidas por entrevista directa e pessoal, mediante questionário estruturado.

Margem de erro: A 95 por cento de probabilidade é de + 3,1 por cento ou - 3,1 por cento.

Quadro 1 - Percentagens verticais (política) ; Quadro 2 - percentagens verticais (desporto); Quadro 3 - percentagens verticais (áreas cultural e empresarial).

POLITICA

Coligação PS/CDS do Funchal exige repetição das eleições

O PSD da Madeira é acusado de irregularidades como envio de envelopes abertos, votos com rasuras e boletins desaparecidos

A coligação PS/CDS do Funchal vai recorrer dos resultados eleitorais para a Câmara Municipal logo que o presidente da mesa geral ordene a sua publicação. Cerca de oito dezenas de alegadas irregularidades, cometidas em várias mesas eleitorais do concelho do Funchal, foram objecto de protestos e reclamação por parte da coligação, a qual aguarda apenas a divulgação oficial dos resultados para apresentar recurso junto do Tribunal Constitucional, revelou ao DL o líder centrista na Madeira..

As eleições autárquicas na Madeira estão longe do seu termo, podendo mesmo ser repetidas em muitas freguesias do Funchal, nas quais terão ocorrido ilegalidades que levaram a coligação a exigir uma segunda verificação dos resultados.

O PSD, que conservou a maioria absoluta nestas eleições, mas agora apenas com um mandato a mais, adiantou já que não tenciona atribuir qualquer pelouro aos representantes do PS/CDS. Foi o próprio presidente reeleito, mas a confirmar, quem o afirmou. João Antas não afastou, contudo, o empenhamento dos sociais-democratas na procura de plataformas e soluções consensuais para os problemas da cidade.

Essa posição não preocupa a coligação. «Para nós, a questão de nos serem ou não atribuídos pelouros, só se coloca numa fase posterior», disse Ricardo Vieira, presidente dos centristas da Madeira e primeiro candidato PS/CDS à Assembleia Municipal.

A coligação PS/CDS obteve quatro dos nove mandatos em disputa na edilidade funchalense, contestando o primeiro apuramento e aguardando os resultados da segunda verificação. «Para nós, o apuramento ainda não está terminado», acrescentou o líder regional centrista.

Seis grandes tipos de ilegalidades

Seis grandes tipos de irregularidades terão sido cometidas antes, durante e depois da votação no concelho, uma delas de tal gravidade que o próprio presidente da mesa geral (representando a Comissão Nacional de Eleições) levantou um processo criminal contra o presidente da mesa da freguesia de Santo António, um juiz da comarca do Funchal. «Abriu-se, neste caso, uma porta de grande suspeita», salientou Ricardo Vieira.

Na mesa de voto de Santo António, «algumas dezenas de votos na coligação terão sido anulados por um elemento estranho que não o eleitor», adiantou o candidato do PS/CDS à presidência da Assembleia Municipal do Funchal, segundo o qual a anomalia foi descoberta pela composição da mesa geral.

Como «graves irregularidades» em todo processo, Ricardo Vieira citou casos de envio de envelopes abertos, de rasuras em actas de apuramento sem emendas ressalvadas, actas assinadas e não preenchidas, menção de votos nulos desaparecidos e troca compulsiva de elementos indicados pelo PS e o CDS para mesas eleitorais, sem que estes tenham, portanto, manifestado tal desejo.

Jardim Fernandes: Tribunal Constitucional dirá dentro de dias se ainda é candidato

Pelos motivos apontados, a coligação preconiza a repetição de eleições em algumas freguesias. «São este tipo de irregularidades que tornam possível essa repetição em parte do concelho», sublinhou o líder do CDS da Madeira, de acordo com o qual em muitas secções de voto há diferenças entre inscritos e votos apurados.

A questão dos pelouros não preocupa a coligação encabeçada por Emanuel Jardim Fernandes para a Câmara e Ricardo Vieira para a Assembleia Municipal. «A coligação saberá encontrar respostas contundentes para as intenções absolutistas do PSD», afirmou.

B R E V E S

Macau entrega 20 mil contos para refugiados

O Governador de Macau, Carlos Melancia, entregou hoje ao delegado em Hong Kong do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Robert Van Leuwen, um donativo de uma milhão de patacas, cerca de 20 mil contos.

O responsável das Nações Unidas considerou que o donativo, destinado a «ajudar a minimizar os problemas dos refugiados» chega «numa altura em que o Alto Comissariado em Hong Kong atravessa sérias dificuldades financeiras». Actualmente, encontram-se em Macau 425 refugiados vietnamitas instalados no campo de Ka-Ho, na ilha de Coloane, criado em 1977 pelo ACNUR com o apoio do Governo do território e gerido por organizações humanitárias.

Cavaco almoçou com embaixadores

A situação nos países de Leste e a construção da Europa foram os temas dominantes do almoço que ontem juntou, em Lisboa, o primeiro-ministro Cavaco Silva e os embaixadores dos outros 11 países da CEE. O almoço realizou-se na embaixada de França, país que ocupa actualmente a presidência da Comunidade.

Expulsões de militantes em Setúbal

O secretário coordenador da Federação Distrital de Setúbal do Partido Socialista, José Reis, esclareceu, através de um comunicado, algumas notícias publicadas sobre a expulsão de militantes socialistas naquele distrito. No documento, José Reis afirma que não compete à Federação «expulsar do partido qualquer militante», acrescentando que os processos dos socialistas que participaram «em listas opositoras» são da «competência exclusiva da Comissão Nacional de Jurisdição»

PSD de Faro às turras

Presidente da Câmara quer cabeça de Cabrita Neto

O PSD algarvio não vai bem, a avaliar pelas acusações que o presidente da Câmara Municipal de Faro ontem fez ao governador civil.

Alijado das listas social-democratas que concorreram aos órgãos municipais da região, Negrão Belo inventariou em conferência de Imprensa o rol de acções que gostaria de ter desenvolvido e não realizou, por alegada falta de apoio do governador civil.

Não foi concretamente por isso que pediu a demissão de Cabrita Neto das funções de representante do Governo no distrito.

Esta manifestação de Negrão Belo ficou a dever-se, fundamentalmente, às recentes inundações no Algarve, que em Faro deixaram sequelas que levarão muito tempo a recuperar. Foi a gota de água que fez transbordar o copo, nas já tensas relações entre ambos.

«Lamentamos que o governador civil tivesse afirmado que não tinha conhecimento de qualquer actuação da Câmara no auxílio às populações do concelho», disse Negrão Belo, para o qual, «neste triste acontecilento, o procedimento da autarquia foi precisamente o mesmo do tomado noutras situações de calamidade».

O presidente da Câmara Municipal de Faro pediu a demissão de Cabrita Neto, acusando-o de «má vontade» e de proferir afirmações injustas e tendenciosas». Alargou o rol de acusações a Cabrita Neto atribuindo-lhe «tentativas de ingerência em áreas da competência da autarquia» e «um tratamento protocolar indevido com prejuízo para a dignidade prestígio da autarquia».

A ponte de acesso à Ilha de Faro, a terceira circular da cidade, a iluminação pública da Ilha da Culatra, o silo e as expropriações para o parque das feiras são obras que Negrão Belo tentou concretizar.

«Não houve uma mão amiga para que estes processis andassem», desabafou o actual presidente da Câmara Municipal de Faro, que dentro de três semanas será substituído no cargo por João Botilheiro (PS).

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

LOTARIA DO FIM DO ANO

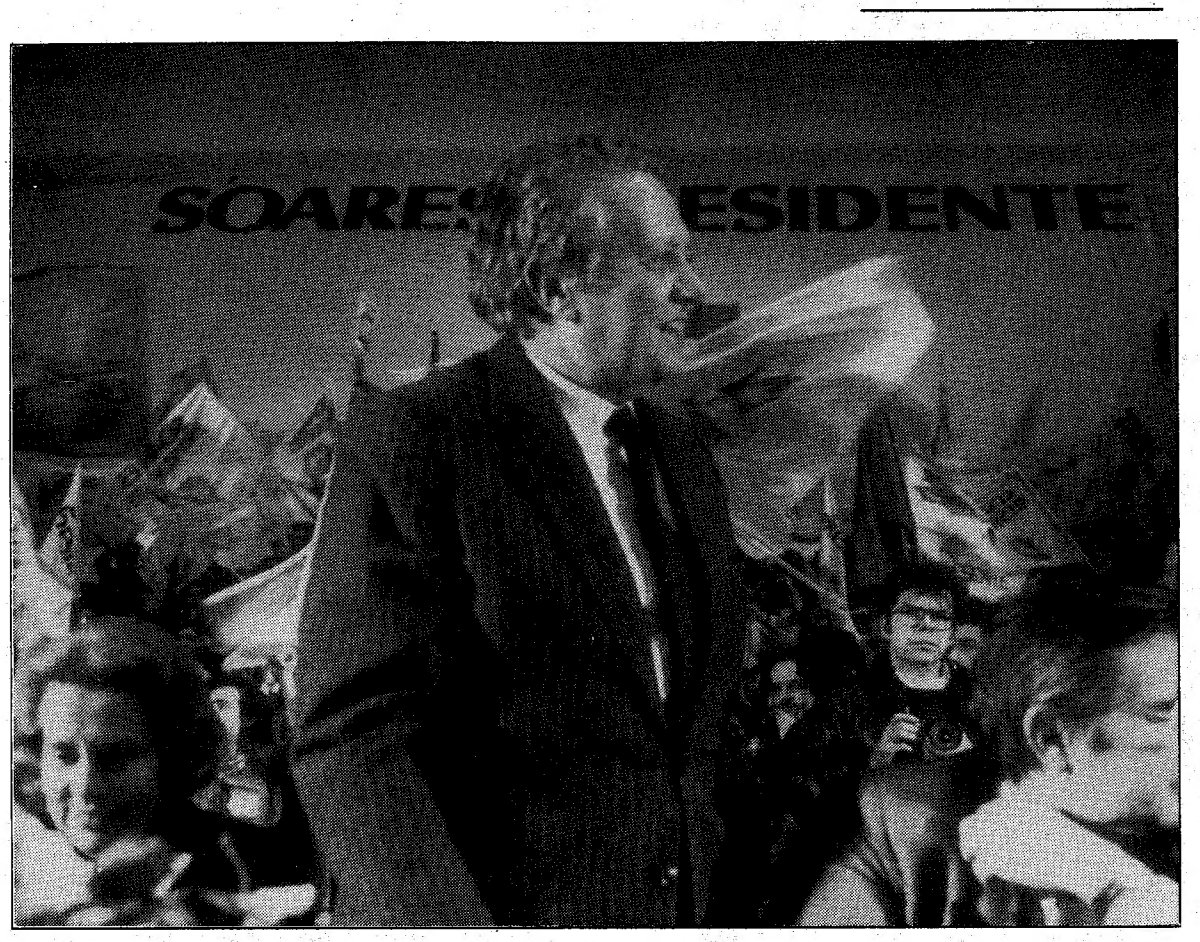
TALUDA

180 MIL CONTOS

E MILHARES DE OUTROS PRÉMIOS

Dia 29 anda a Roda

e você também pode ganhar...



Entrevistar Soares sobre os acontecimentos no Leste e a crise do comunismo «significa falar com o homem certo no momento certo». Pelo menos foi com tal espírito que Maria Antonieta Macciocchi, do «Corriere della Sera» conduziu a entrevista com o Presidente português que a seguir publicamos. Feita há uns dias reveste-se de maior significado agora que Soares está na Checoslováquia, em contacto directo com as alterações políticas que fizeram de Yalta um problema ultrapassado e, por reflexo, alteram a Europa dos Doze

A nova Europa vista por Soares

«Aquelas flores nas espingardas, a Leste»

«Yalta é um problema ultrapassado». Segundo o Presidente Soares, os Doze e os EUA podem ajudar Gorbachev. «O fim da velha ordem no bloco comunista é também devido ao atraso tecnológico e científico».

P - Perante o movimento «transcontinental» que sacode a Europa, entre pavor e felicidade, será que se vão delineando novos equilíbrios europeus?

R - Uma coisa é certa: Yalta acabou. As duas Europas de um dia estão a dissolver-se, e parte-se de novo da época que precede a Segunda Guerra Mundial. O evento catalizador é a irrupção da democracia e da liberdade no Leste. Primeiramente a Polónia, a Hungria, a Checoslováquia; agora, o processo estende-se à Bulgária, e até na Roménia sucederá qualquer coisa de novo, não obstante a dureza arrogante do regime. Mesmo o político mais impassível não pode esconder a emoção diante do Muro de Berlim desmantelado pelas mãos nuas da multidão.

P - As trombetas de Jericó?

R - Direi que é como no dominó: se cai uma carta, caem todas. O problema, para nós, mais complexo, é o das duas Alemanhas. Assistimos ao surgir de uma nação alemã, com uma só identidade, uma língua e uma história comuns. Se já existe uma nação, por quanto tempo haverá dois Estados? Mesmo se a reunificação levar tempo, visto que existem em Berlim quatro zonas e as quatro potencias devem estar de acordo entre si. As divisões soviéticas estão estacionadas na Alemanha, as americanas estão em frente delas, do lado contrário. Será talvez necessária, para a reunificação, uma nova repartição das zonas de influência entre soviéticos e americanos.

P - Tudo isto pressupõe a dissolução dos blocos militares. Para se chegar a este ponto, é necessário que Bush e Gorbachev se entendam, como parece que está a acontecer. Gorbachev sabe bem que existe, no Leste, uma forte tendência para se sair do Pacto de Varsóvia e, assim, propõe a redução dos armamentos e até a destruição dos dois blocos. Qual será a resposta de Bush? E qual será a nossa reacção como membros da NATO perante esta proposta?

R - Se os americanos, assim como os europeus, não facilitarem as coisas a Gorbachev, toda a gente sabe que se corre o risco de uma catástrofe a Leste, e isto arrastaria, também, para o precipício, o líder soviético e a perestroika.

P - Mas, na Europa dos Doze, não lhe parece que se começa a recear o ressurgimento do «colosso alemão», mesmo que se invoque, desde há anos, a unificação da Alemanha?

R - Evidentemente que, para os Doze, a Alemanha que surge agora já não é a velha RFA. Agora são oitenta milhões de alemães que se encontram, e entre os quais existem vínculos fortíssimos, não só económicos, como políticos, ideológicos e culturais. Este facto vai trazer à Alemanha um tal peso na Comunidade que obrigará os outros países da Europa a alguns passos de aproximação.

R - Pode dar-me um exemplo destes novos equilíbrios?

R - Haverá, talvez, uma reaproximação com a França, a Inglaterra, a Itália e a Europa do Sul. A CEE vai ter que absorver, na zona da democracia, estas duas Alemanhas. A Europa tem perante si a responsabilidade de tomar decisões que comportam responsabilidades a nível planetário. Nós, portugueses, juntamente com os espanhóis, somos partidários decididos de uma Europa unida e defensores de uma unidade não só económica como política, de instituições supranacionais, de uma Carta Social, de um espaço de solidariedade. Faremos força neste sentido, mesmo que a Inglaterra da Sr.ª Thatcher recalcitre.

Unificação alemã provoca terror

P - Quem tem medo da Alemanha? O intelectual financeiro Alain Minc disse: «Devemos considerar o dia 9 de Novembro, dia da queda do Muro, como um dia de luto para a Europa».

R - Em França, na Bélgica, na Holanda, na Dinamarca, nos países nórdicos, na Noruega, em Inglaterra, a unificação alemã provoca reacções de temor. Louvo a sensatez de Willy Brandt, que diz: «É um grande acontecimento, mas não queremos formar uma grande Alemanha».

P - O deputado socialista belga Alain Glinne contou que, em Bruxelas, no aniversário que assinalava o fim da guerra, alguns ex-combatentes tinham polemicamente gritado: «E agora, ei-los de novo, os 'boches'».

R - Para nós, o problema não se põe com a mesma pertinência que se põe em relação aos franceses ou aos holandeses, ocupados por duas vezes pela Alemanha. Somos países de periferia em relação à Europa, mas com ilhas no meio do Atlântico, de elevado valor estratégico, e com a enorme vantagem de sermos, geograficamente, os vizinhos mais próximos dos Estados Unidos. O nosso mode de ver é, portanto, diferente; mas é um erro virarmonos para o passado, em vez de nos voltarmos para o futuro. Existe uma Alemanha que é um Estado de direito e uma outra quer quer tornar-se uma democracia real, com eleições livres e pluralismo. Não temos que ter medo de um Estado democrático pluralista. E o futuro da Europa está na capacidade de integrar as duas Alemanhas.

P - Como foi possível que, durante tantos anos, os diplomatas, os estrategas, os especialistas, tenham sondado os mistérios dos problemas do Kremlin e não se tenham apercebido de que a resposta estava à mão?

R - Fiz essa mesma pergunta ao Presidente Bush, há alguns meses. Respondeu-me: «É verdade, é qualquer coisa que não conseguimos explicar.» Eu penso que na origem desta mudança está o enorme atraso científico e tecnológico. Para além do sucesso económico da Europa comunitária, que serviu de íman. Um país onde não há liberdade não se pode desenvolver de um modo tecnológico moderno, como os EUA, o Japão, a Europa. Basta falarmos na informática, onde os soviéticos se estão tornando numa potência de terceira ordem, quase um país subdesenvolvido. Aqui nasce a *perestroika*, até por uma necessidade vital de reestruturações, enquanto a *glasnost* ,a verdade, a clareza dinamizam o factor «L», a liberdade dos homens em relação ao sistema.

Impulso da liberdade é imprevisível

P - Mas Gorbachev não tinha consciência do que estava a pôr em movimento? Não era suficientemente lúcido para saber que o Muro era o obstáculo capital daquela Europa por ele concebida como casa comum?

R - Gorbachev não sabia o que iria acontecer ao introduzir o factor explosivo da liberdade. Não podia imaginar como a *perestroika* iria evoluir a Leste. Quem é que podia prever que Honnecker caíria tão depressa e que, uma semana depois, o Muro seria desmantelado, dando passagem a milhões de pessoas? O impulso da liberdade é imprevisível. Como aconteceu connosco, em Portugal: os militares puseram cravos nas espingardas e o povo sentiu-se livre. É o efeito subversivo da liberdade. Recordo-o emocionado, pois vi os soldados alemães de Leste pôr flores nos canos das espingardas.

P - Mas como explica que os atiradores do exército não tenham disparado? Lembro-me de Tienanmen e tenho receio de que uma chacina igual possa acontecer nalguma praça de uma dessas capitais do Leste.

R - Não dispararam porque lhes falta agora razão e justificação moral para o fazerem, porque houve um amadurecimento democrático, até através da televisão, que todos os dias possibilitava aos alemães do Leste confrontar o verdadeiro e o falso de toda a informação.

P - «Não querem morrer idiotas», como dise Havel.

R - É um fenómeno que ainda não foi suficientemente rebatido: a linha dura do império comunista constituíra-se à volta de uma ideologia de ferro: o comunismo. Esta tempestade de acontecimentos que se verifica com todo o seu dramatismo é a prova provada do malogro do comunismo como modelo ideológico e como sistema económico e social. Falhou totalmente. Recordo-me de personalidades como a Pasionaria, falecida o mês passado, em Madrid, e de outros tantos que viveram a vida inteira, sabendo que o sonho não passava de um sonho: mas para eles possuía um valor messiânico e como tal o impuseram.

Maria Antonieta Macciocchi,
Exclusivo DL/Corriere della Sera
(tradução de Manuela Ferreira de Almeida)

POLÍTICA

Havel convidado a visitar Portugal

Mário Soares é o único chefe de Estado presente na tomada de posse do novo presidente checo

Mário Soares chega esta tarde a Praga para participar na tomada de posse de Vaclav Havel, o novo presidente checo. É o único chefe de Estado estrangeiro a tomar parte em tal cerimónia e no sábado almoça com o líder checo, o que, segundo fontes daquele país, é considerado «uma rara distinção» para Portugal. De referir que Soares vai convidar Havel a visitar oficialmente o nosso País.

As autoridades checas preparam, entretanto, a festa de posse de Havel que, segundo noticia a Lusa, inclui um «baile folgazão» e uma missa solene na catedral de Praga.

O parlamento checo preparou a sessão solene para as 10 horas de sexta-feira, numa cerimónia que será transmitida directamente pela televisão, para todo o País.

Vaclav Havel, 53 anos, veterano dissidente da «Carta 77» e dramaturgo, é o único candidato ao cargo de presidente.

Um carro para Praga

O Comité de Solidariedade com os Movimentos Democráticos de Leste anunciou, no Porto, que vai oferecer um automóvel a Havel, correspondendo à solicitação feita quando um grupo de jovens empresários nortenhos esteve recentemente naquele país. Segundo noticia a Lusa o carro será levado por dois emissários do futuro presidente checo, que se encontram em Portugal.

Em declarações prestadas no Porto os dois emissários checos destacaram a importância do comité de solidariedade e disseram estar preocupados com o que se passa na Roménia: «Mais cedo ou mais tarde a situação será resolvida», disseram à Lusa mas lamentaram que, entretanto, «haja um banho de sangue».

Foto Rui Pacheco

Mário Soares (o neto) foi vedeta no aeroporto

Presidente à partida para Praga:

Portugal deve apoiar libertação do Leste

O Presidente da República, Mário Soares, defendeu que Portugal deve «dar apoio e manifestar solidariedade com todos os países de Leste que se estão a libertar de regimes totalitários».

O chefe de Estado português partiu ontem para a Checoslováquia para participar na cerimónia de posse do novo presidente daquele país, Vaclav Havel.

Numa curta declaração aos jornalistas, Mário Soares revelou que esta viagem era «inesperada», pois só na terça-feira foi formalizado o convite do líder checo.

Soares apenas teve tempo para contactar com o primeiro-ministro e com o presidente da Assembleia da República, que aprovaram a decisão.

Este convite surgiu na sequência de uma visita de jovens empresários portugueses à Checoslováquia, durante a qual estreitaram relações com jovens checos e levaram rosas aos combatentes da liberdade. Esta atitude, disse Soares, «sensibilizou o presidente Havel».

Questionado pelo DL sobre o impacto das mudanças no Leste na Comunidade Económica Europeia, Mário Soares afirmou que «a arquitectura da Europa está em transformação. Vivemos os tempos pós-Yalta, americanos e soviéticos conversam. Os ingleses, franceses e americanos apoiaram uma eventual intervenção soviética na Roménia, que felizmente não foi necessária. Gorbatchov reuniu-se com o Papa. Tudo isto são sinais de mudança. E a Europa também está em transformação. Agora, como é que essa Europa se vai constituir é ainda motivo de reflexão. Mas será certamente uma Europa democrática que convive em paz».

Soares manifestou regozijo com as mudanças pacíficas na maior parte dos países do Pacto de Varsóvia e lamentou as transformações sangrentas na Roménia.

Nesta perspectiva, condenou «o assassinato do casal Ceausescu, porque aquilo não foi um julgamento», apesar de considerar o ex-líder da Roménia «um ditador abominável».

Uma viagem sem protocolo

Mário Soares, acompanhado pela filha, estará de regresso a Portugal antes do fim de ano. Vai almoçar ou jantar com Havel, ainda não está definido, e em contrapartida convidou o futuro presidente da Checolováquia para almoçar. É uma visita que nada tem de protocolar, destina-se apenas, como salientou, a demonstrar o apoio de Portugal aos dirigentes daquele país.

Entrou particularmente bem disposto na sala VIP da Portela, acompanhado pela mulher e pelo neto. Aliás, o Presidente fez questão de apresentar o miúdo a João de Deus Pinheiro, ao chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, ao general Spínola e a Victor Crespo, que se encontravam no aeroporto.

«Apoio a Soares condiciona estratégia das legislativas»

As pressões sobre Cavaco Silva passam pela reestruturação da comissão política e maior independência face ao Governo

O Partido Social Democrata já está a pensar na estratégia para as eleições presidênciais, previstas para os finais de 1991. A derrota nas autárquicas obrigou a direcção do partido a andar depressa, para definir com antecedência o apoio à reeleição de Mário Soares. Aliás, este vai ser um dos assuntos agendados para o congresso antecipado dos sociais-democratas, que deverá realizar-se a meio do próximo ano.

O «Diário de Lisboa» apurou que os dirigentes do PSD vão pedir uma audiência ao Presidente da República para que este determine «se quer ser eleito por uma maioria alargada de cidadãos ou por partidos políticos». A primeira hipótese permitiria aos sociais-democratas apoiar, sem problemas internos, a recandidatura de Soares. Enquanto a segunda obrigaria aquele partido a refazer toda a estratégia política antes de 1991, ano das eleições legislativas.

O empenhamento do PSD na reeleição do Presidente é considerado importante, segundo fontes ouvidas pelo DL, porque «dava tempo para o partido se recompor sem ter de enfrentar uma nova derrota antes de 91».

Caso não seja possível ao PSD apoiar Soares, hipótese que aumentaria a conflitualidade no partido, alguns dirigentes sugerem a antecipação da data das eleições legislativas para antes das presidênciais. Mas esta, como muitas outras teorias que se comentam entre os sociais-democratas não têm, por agora, qualquer fundamento. Funcionam, apenas, como formas de pressão para obrigar o primeiro-ministro e a comissão política do partido a iniciarem um processo de reflexão e diálogo dentro do PSD.

O ambiente de conflitualidade tende a radicalizar-se, disseram-nos, tanto mais que algumas das críticas e exigências das bases sociais-democratas não constituem novidade. Há cerca de um ano que se ouve falar dentro do partido em maior independência face ao executivo e na remodelação do Governo, sem que até agora houvesse da parte da direcção do PSD uma resposta. A restruturação interna passaria, entre outras medidas, pela alteração da estrutura da comissão política, composta na sua maior parte por membros do executivo e, por isso, com pouca legitimidade para fiscalizar os actos dos ministros de Cavaco Silva.

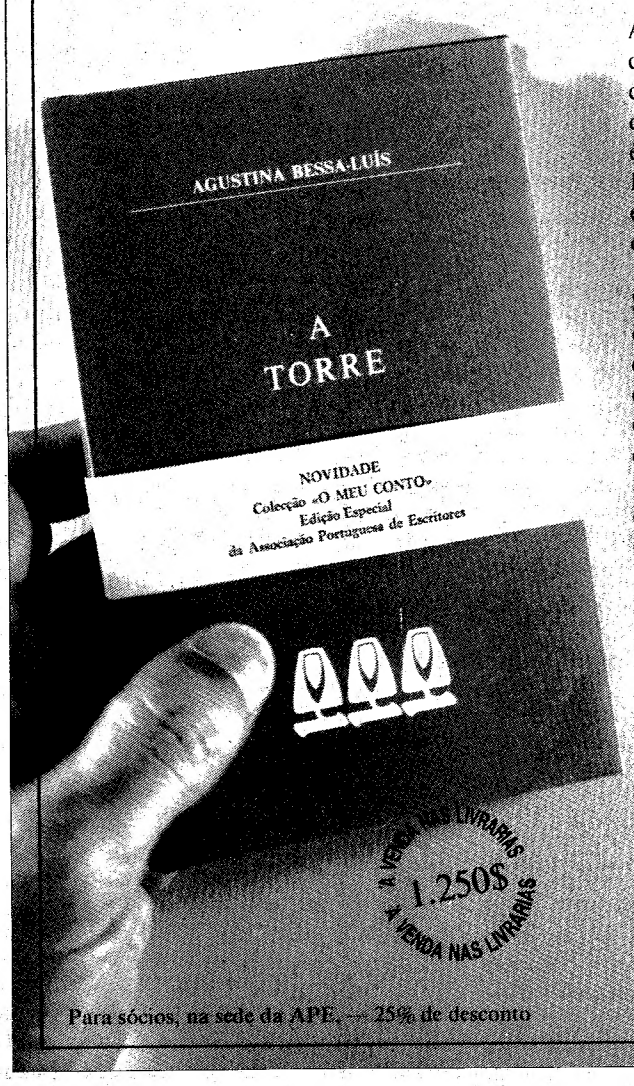
É este remar contra a maré dentro do PSD que está a acentuar as exigências dos militantes. A mudança é para já, dizem. A próxima reunião da comissão política e as dos orgãos concelhios, que se têm realizado na última semana, já fazem lembrar «os velhos tempos» do PSD.

MJR

***Nota de Redacção:** É este o texto a que se refere o título, abertura e legenda publicados na página 7 da nossa edição de ontem e que, por erro técnico foi «trocado» com outro, sobre a situação interna do PSD em Setúbal. Aqui fica a correcção, com desculpas aos nossos leitores.*

NOVIDADE – Colecção "O MEU CONTO"

Edição Especial da Associação Portuguesa de Escritores



A colecção "O MEU CONTO", que se inicia com este volume da autoria de Agustina Bessa-Luís, é editada pela Associação Portuguesa de Escritores e leva a chancela do patrocinador – TABAQUEIRA.

Seguir-se-ão outras obras inéditas de autores portugueses vivos, desde galardoados com o Grande Prémio de Romance e Novela da APE, a outros ficcionistas, consagrados ou menos conhecidos do público leitor.

Esta edição especial, de pequeno formato e particularmente cuidada, é numerada e assinada pelo Autor e tem a tiragem limitada, o que acrescenta ao valor literário de cada obra um singular valor bibliográfico.

"O MEU CONTO"
uma colecção para se ter.
De livros para ler.
De livros para oferecer.

Para sócios, na sede da APE, — 25% de desconto

ECONOMIA

BREVES

FMI não esquece países africanos

A África não será marginalizada pelo Fundo Monetário Internacional em resultado dos acontecimentos que se estão a verificar no Leste europeu. *"Queremos dizer aos países africanos que não serão esquecidos"*, afirmou em Lagos Michel Camdessus, director daquele organismo.

Camdessus falava no início de uma viagem de cinco dias por três países daquele continente. Em Lagos reuniu-se com representantes do Governo nigeriano, neste momento a braços com o problema da depreciação dos preços do petróleo e de uma dívida externa de cerca de 30 biliões de dólares. Na Nigéria verificaram-se em Maio violentos protestos contra a elevada inflação e o desemprego.

De referir que o Governo deste país está a aplicar um programa de reestruturação económica apoiado pelo FMI, envolvendo controlos monetários e incentivos ao sector privado.

Fidelidade duplica reforma e poupança

Vão ascender em 1989 a dois milhões de contos, cerca de dobro do ano passado, os prémios dos seguros de reforma e poupança do grupo Fidelidade.

Segundo declarações à Lusa de Fernando Castro, director da Fidelidade, no exercício passado os prémios em causa foram de 914,2 mil contos e em 1987 apenas de 316 mil.

O número das apólices relativas aos dois seguros passaram de 9815 em 87 para 18781 em 88, devendo no final do corrente ano situar-se nas 32 mil.

Por outro lado, as provisões matemáticas acumuladas, que em 1987 eram de 470 mil contos, ascenderam a 1,4 milhões em 88 e deverão situar-se em 89 nos 3,3 milhões.

SPL emite obrigações

Está em curso a subscrição privada para uma série de obrigações da Sociedade Portuguesa de Leasing, que ascende a um milhão e 450 mil contos e cuja taxa de juro é, presentemente, de 18,75 por cento.

Este empréstimo obrigacionista foi tornado firme por um sindicato financeiro liderado pelo Banco Nacional Ultramarino e composto por oito instituições de crédito do sector público, duas do privado e outras tantas sociedades de investimento.

Parte de leão para Banco de Portugal

Banca retrai-se na compra de bilhetes de tesouro

O Banco de Portugal assumiu ontem, à taxa de intervenção fixada pela Junta de Crédito Público, a tomada firme de 130,28 milhões de contos (cerca de 74,5 por cento) dos 175 milhões em Bilhetes de Tesouro (BT) a 91 dias que foram leiloados, sendo os restantes 44,72 milhões tomados pelo restante mercado.

Diversos operadores previam já esta intervenção do banco central, justificando-a com a falta de liquidez que se tem feito sentir no mercado monetário interbancário desde o princípio de Dezembro.

Fontes ligadas aos operadores haviam afirmado que, face a esta conjuntura, apontavam para *«a intervenção do banco central no último dia útil deste ano»*.

Esta questão foi referida, por uma fonte da Direcção de Crédito do Banco de Portugal, como normal da actividade das instituições, que fazem aplicações de capitais de que podem resultar pontuais faltas de liquidez.

A oferta de ontem, que decorreu nas instalações dos Anjos do Banco de Portugal, teve uma taxa média ponderada de 17,2413 por cento e ultrapassou largamente os montantes habituais destes leilões, já que os valores das emissões de BT não são superiores a 40 milhões de contos.

O facto de ontem ter sido registado o volume de 175 milhões de contos *«não é dramático, já que constitui o balão final dos BT não colocados durante o ano»*, disse também a mesma fonte do Banco de Portugal.

Durante 1989 houve um acumular de valores, devido à irregularidade quer de emissões, quer de procura, que permitiu chegar ao actual montante.

O sector bancário dava, por antecipação, como praticamente garantida a colocação desta emissão, o que se verificou, com a intervenção do Banco de Portugal. Situação que não é original, pois que já aconteceu este ter assumido a tomada firme da parte não colocada dos Bilhetes de Tesouro.

Recorde-se que, até Dezembro do ano passado, o banco central tinha a obrigação de fazer essa tomada firme. A partir daí só o faz se for decidido nesse sentido.

A última das taxas fixadas foi de 17,24 por cento. A de ontem teria de ser mais elevada, o que se confirmou. Segundo fontes do sector bancário, a taxa de intervenção seria, por seu lado, de 17,375 por cento quando, anteriormente esta taxa, para BT a 91 dias, se situava nos 16,875 pontos percentuais.

Segundo as normas destes leilões, cada banco faz a sua oferta de taxa, que nunca pode ser superior à fixada. Do montante absorvido pelo mercado, as instituições tomaram 29,145 nilhões de contos e os restantes 15,575 milhões foram assumidas na sessão complementar do Banco de Portugal.

As taxas de juro, os montantes das emissões e os prazos dos BT são fixados pelo Ministério das Finanças e colocados no mercado primário pelo banco central. Quando não são absorvidos pelo mercado, «desaparecem do sistema». Enquanto a banca pública decresce, em termos de activo líquido, tanto a banca nacional privada como a estrangeira crescem.

A banca pública detinha 85,4 por cento do activo líquido total do sector bancário, na primeira metade de 1989, o equivalente a menos 4 por cento do que no mesmo período do ano passado.

A banca privada, por sua vez, que atingira os 6,7 por cento do total do primeiro semestre de 1988, subiu para 9,7 no mesmo período deste ano. A estrangeira passou de uma quota de 4,4 por cento, no primeiro semestre de 1988, para 4,9 em igual período de 1989.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

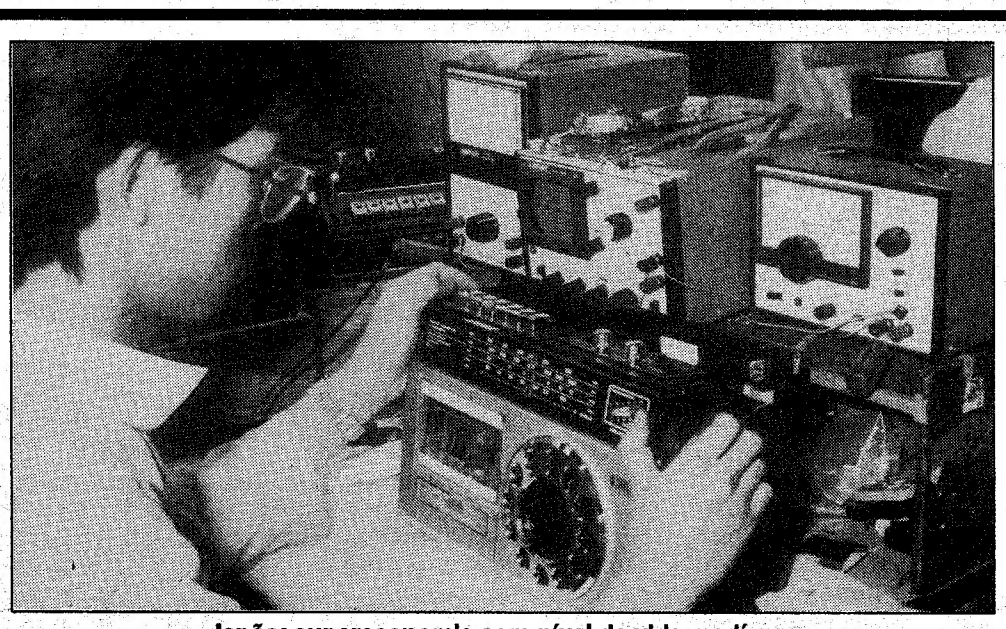
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$65	56$65
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$958	4$208
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$25	129$75
(notas de 5 a 1000)	127$75	130$25
DINAMARCA (coroa)	22$40	22$80
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$60	151$10
(notas de 5 a 1000)	148$10	151$60
FINLÂNDIA (marka)	36$55	37$15
FRANÇA (franco)	25$50	26$20
HOLANDA (florim)	77$25	78$35
IRLANDA (libra)	220$85	234$85
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$999	1$054
NORUEGA (coroa)	22$45	22$95
REINO UNIDO (libra)	240$95	245$45
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	96$30	97$80
VENEZUELA (bolívar)	3$333	4$133

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil



Japão: supereconomia com nível de vida medíocre

Fraqueza do iene preocupa a OCDE

Reajustamento monetário internacional pode ser perturbado por um iene debilitado

A fraqueza do iéne ameaça a estabilidade dos preços internos no Japão e pode, a curto prazo, pôr em causa o reajustamento monetário internacional, afirma a OCDE num estudo elaborado sobre aquele país.

A OCDE mostra-se favorável a reformas estruturais destinadas a melhorar o nível de vida dos 120 milhões de japoneses, pondo em evidência a profunda disparidade entre o poderio económico do Japão e a relativa mediocridade da vida dos seus cidadãos.

Por outro lado, esta organização prevê que se torne necessário intervir no sentido de evitar uma queda mais forte da moeda japonesa, nomeadamente actuando ao nível das taxas de câmbio efectivas, sem prejuízo dos objectivos das autoridades nipónicas de conter a inflação e de proceder a reajustamentos externos.

Reajustamentos que visam fazer diminuir os fortes excedentes da balança comercial, os quais, apesar dos estímulos às importações e à aquisição de produtos estrangeiros, poderão, depois de ter baixado, voltar a aumentar em 1991, dada a grande procura nos mercados externos de bens nipónicos.

É assim que a taxa de crescimento económico prevista pela OCDE para o Japão se situa em 4,5 por cento em 1990 e em 4,3 por cento em 1991.

Entretanto, foi anunciado que a taxa de desemprego naquele país se situou em apenas 2,2 por cento em Novembro passado, baixando ligeiramente em relação ao mês anterior.

Por outro lado, o índice de preços no consumidor diminuiu um por cento no mesmo mês, após já ter caído 0,8 por cento em Outubro. No entanto, o índice anual estava no período em referência nos 2,3 por cento.

Novas moedas de 100 e 200 escudos

Está já a ser cunhada e deverá ser lançada em circulação em meados de Janeiro a nova moeda de 100 escudos. Entretanto, está a ser criada a moeda de 200 escudos. Trata-se de fazer frente à *"progressiva redução da vida útil das notas de 100 escudos"*, segundo afirma o Ministério das Finanças em Decreto-Lei ontem publicado no "Diário da República".

O referido diploma fixa o limite máximo da emissão da moeda de 100 escudos em 20 milhões de contos, sendo posta em circulação *"à medida que for emitida e conforme as necessidades de circulação aconselharem"*. A sua cunhagem é da responsabilidade da Casa da Moeda.

O decreto-lei refere que *"ninguém será obrigado a receber em qualquer pagamento mais de cinco mil escudos nesta moeda"*.

A nova moeda apresenta no anverso as armas nacionais na parte superior e, na inferior, o seu valor facial, "100 escudos", em duas linhas.

Na coroa circular ten escrito "República Portuguesa" e o ano da cunhagem.

No reverso apresenta o busto, de perfil, de Pedro Nunes segurando o globo terrestre nas mãos. Na coroa circular tem a palavra "Europa", com letras entremeadas por doze estrelas.

INTERNACIONAL

Securitate depõe armas

Situação na Roménia tende a normalizar-se. Auxílios humanitários chegam a Bucareste

Elementos da antiga polícia secreta da Roménia começaram a entregar as armas à medida que se aproxima o termo do prazo concedido pela Frente de Salvação Nacional para se renderem.

Um embaixador Ocidental, que confirmou esta informação, disse que a polícia secreta leal ao ex-Presidente Nicolae Ceausescu, executado no dia de Natal, começou a depor armas depois de as novas autoridades do país terem ontem divulgado o ultimato.

Na capital romena não se registaram tiroteios nas últimas 24 horas, mas funcionários das equipas de socorro disseram que continuam a verificar-se confrontos nas cidades de Sibiu e Kluj.

A Frente de Salvação Nacional, que dirige o país desde o derrube de Ceausescu, realizou ontem a sua primeira reunião formal.

O novo Presidente romeno, Ion Iliescu, declarou aos jornalistas que recebeu um telefonema do líder soviético, Mikhail Gorbachev, manifestando o apoio de Moscovo ao regime de Bucareste.

Iliescu desmentiu que o Governo de Ceausescu tivesse sido subsrtituído por elementos leais ao Partido Comunista, empenhados em conservar o poder e defendeu a necessidade de manter as estruturas para evitar o colapso da sociedade.

O antigo diplomata de carreira Sergiu Celac, afastado por Ceausescu há vários anos, foi ontem designado ministro dos Negócios Estrangeiros pelo conselho da Frente - um misto de intelectuais, soldados e políticos - continuando o processo gradual de formação de um novo Governo na Roménia.

O novo líder romeno, Ion Iliescu, momentos antes da primeira reunião do seu Governo, ontem realizada em Bucareste

Auxílios

Entretanto o embaixador romeno nas Nações Unidas, Petre Tanaste, solicitou a inclusão da "ajuda humanitária de emergência à Roménia" na agenda da próxima Assembleia Geral.

A carta do representante da Roménia foi enviada ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar que, ao torná-la pública, anunciou que comité geral da Assembleia se reune hoje para discutir a inclusão da questão.

Por outro lado, em Washington, a Cruz Vermelha dos Estados Unidos pediu aos norte-americanos para enviarem dinheiro em vez de alimentos, em auxílio à Roménia.

De Bucareste chegam notícias de que 40 aviões de várias organizações humanitárias conseguiram aterrar no aeroporto da capital romena, transportando alimentos, cobertores, roupa e medicamentos.

Bernard Kouchner, ministro francês para os Assuntos Humanitários, afirmou que existe já um excesso de alimentos, tornando-se agora necessária uma boa coordenação na sua distribuição.

Saudações

Começam entretanto a chegar à Roménia mensagens de saudação e solidariedade com as novas autoridades, empenhadas em restaurar a democracia no país.

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, manifestou a Bucareste a esperança de o povo romeno ser bem sucedido na sua determinação de regressar à democracia.

Também enviaram mensagens de cumprimentos e de reconhecimento do novo Governo, a Grã-Bretanha, Áustria, Itália, França, Dinamarca, Brasil, Liga Árabe, China, Malásia, Coreia do Norte, Japão, Zâmbia e outros países.

Também o encarregado de negócios da Roménia em Angola, Jon Dokobantu, exprimiu a sua solidariedade e a da comunidade romena residente em Angola com o conselho da Frente de Salvação Nacional no poder em Bucareste, segundo a agência Angop.

Redacção DL/Lusa/Reuter

O julgamento e execução do casal Ceausescu

Os romenos assistiram na noite de terça-feira para ontem, à transmissão, em diferido, do processo sumário organizado por um tribunal militar extraordinário contra Nicolae Ceausescu e a mulher, Elena, que durante 24 anos foram os senhores absolutos do país. Foram imagens dramáticas, em que se misturou a ironia, com esgares furiosos, a surpresa, e finalmente o entendimento de que a morte os esperava no fim do processo.

O julgamento decorreu em local secreto, numa sala, onde os réus Nicolae e Elena compareceram, primeiro, perante um médico que lhes mediu a tensão arterial. E a pergunta sobre como se sentiam de saúde não obteve resposta.

Muda-se o cenário e o casal aparece sentado por detrás de duas secretárias.

Começa o julgamento.

"Reconheço a Constituição do país" - diz Nicolae Ceausescu. Mas perante acusações de ter humilhado o povo, afirma: "Não reconheço este tribunal. Apenas reconheço a Grande Assembleia Nacional. Isto é um golpe de Estado".

Segue-se a leitura da acta de acusação (genocídio, atentado à economia nacional, actuação desviacionista, atentado contra o poder do Estado).

O réu recusa levantar-se e diz que só responde "perante a Grande Assembleia Nacional" e não reconhece as acusações.

À pergunta sobre quem mandou disparar sobre a multidão em Bucareste, Ceausescu diz: "Não respondo. Ninguém disparou junto ao Palácio, não se matou ninguém".

Elena Ceausecu intervém: "É uma provocação".

Nicolae e Elena sabem que foram destituídos de todos os seus poderes, mas mantêm-se de cabeça erguida e até troçam do tribunal, cujos membros não aparecem no ecrã.

Já no final das acusações, rebatidas pelo casal, o tribunal (que não se vê) levanta-se, por entre ruídos de cadeiras.

Elena Ceausescu diz: "Não, não nos levantamos. Somos seres humanos".

A acusação pronuncia-se: "Por unanimidade de votos, o tribunal militar extraordinário condena à confiscação dos bens e à pena de morte os acusados, na base dos artigos 357, 162, 163 e 165. Pronúncia, hoje, 25 de Dezembro de 1989.

A última frase que sai da boca de Ceausecu é: "Não reconheço..."

A imagem muda e vêem-se os dois corpos caídos, junto a um muro, com sinais de balas e de sangue.

Homenagem às vítimas da revolução romena

Em conferência de Imprensa dada ao fim da manhã no Solar do Vinho do Porto, um "grupo de cidadãos" anunciou a realização, em Lisboa, de uma homenagem às vítimas da revolução romena. A iniciativa constará de uma concentração às 18 horas de 4 de Janeiro, junto à embaixada romena, e contará com uma intervenção da deputada Natália Correia. O "grupo de cidadãos", que inclui alguns "críticos" do PCP e independentes, fará ainda um apelo às autoridades portuguesas para que pressionem o Governo chinês a libertar o jovem macaense Chan Chak Vai, com passaporte português, detido em Cantão sob a acusação de ter auxiliado a fuga de estudantes do movimento de Tiananmen.

Reformas e agitação no Leste

Violência religiosa na Ucrânia entre ortodoxos e uniatas

Elementos do clero da Igreja Ortodoxa russa disseram, em Moscovo, estarem preocupados com a deterioração da situação religiosa na Ucrânia, onde, segundo eles, grupos de extremistas têm assaltado diversas igrejas, provocando terror entre os fiéis e o clero locais.

No final de uma reunião de eclesiásticos, que decorreu no departamento de relações públicas do Patriarcado de Moscovo, o arcebispo de Smolensk e Kirovograd, monsenhor Kirill, afirmou que as relações entre a Igreja Ortodoxa russa e os católicos Uniatas, da Ucrânia, estão a ser afectadas «pelas acções criminosas ocorridas na Ucrânia Ocidental».

Segundo monsenhor Kirill, padres das igrejas Ortodoxas têm sido alvo de ataques por parte de extremistas uniatas, o que já levou ao sequestro de um padre, à morte de outro, por colapso cardíaco e ao afastamento dos fiéis de 10 igrejas ortodoxas, das 14 existentes na Ucrânia.

Na mesma reunião foi discutida a situação religiosa na Ucrânia, tendo o arcebispo Kirill admitido aceitar a legalização da Igreja Uniata ucraniana.

Esta igreja foi proibida por Estaline e os seus fiéis perseguidos durantes muitos anos. Sabe-se que a Igreja Ortodoxa russa não se opôs a essa proibição nem à perseguição dos uniatas.

Na República Democrática da Alemanha, uma sondagem à opinião pública indica que 90 por cento dos cidadãos do país receiam que a RDA esteja a caminhar para o caos económico. A sondagem foi conduzida pelo Instituto Central da RDA para os Estudos Juvenis e os seus resultados divulgados pela agência noticiosa oficial.

A sondagem sugere que 42 por cento dos inquiridos teriam medo do rebentamento da violência poítica e que 48 por cento desejariam a reunificação das duas Alemanhas. Em termos gerais, haveria cerca de 85 por cento de alemães do Leste que têm esperança nas reformas em curso na República Democrática.

Numa reunião entre os partidos governamentais e os movimentos da Oposição, que decorreu em Berlim Oriental, vários intervenientes, sobretudo opositores do regime, mostraram-se preocupados com o crescimento do neo-nazismo na RDA, afirmando que isso «constitui um grave perigo para a nação e para a democracia». Na mesma reunião foi também aprovada uma resolução em que se acusa o Governo de Hans Modrow de não fornecer as informações necessárias ao planeamento das reformas.

Por outro lado, na Polónia o parlamento vai vai amanhã debater e, provavelmente, aprovar a anulação de 16 artigos da Constituição do país, feita à imagem e semelhança da soviética. Entre os artigos a anular conta-se o Art.6º, que determina a primazia dos partido comunista sobre qualquer outro, como detentor do poder de Estado.

A descrição da Polónia como Estado socialista deverá ser também retirada da Constituição, conforme uma proposta conjunta do Solidariedade e do Partido Comunista polaco.

Um outro dos artigos constitucionais que deverá ser anulado é aquele em que se afirma que cabe à política da Polónia defender «o fortalecimento da amizade e cooperação com a União Soviética».

Lusa

INTERNACIONAL

Repressão no Chile: crimes sem castigo?

Hoje, as suas famílias já não têm ilusões sobre o destino de 786 «desaparecidos»: estão mortos e bem mortos

O último até à data dos «desaparecimentos» de que há notícia no Chile ocorreu há pouco tempo. Foi em 15 de Novembro. Vítima: Hector Pacheco, um operário de 54 anos, ligado ao movimento dos Direitos Humanos.

Um grupo de desconhecidos, tidos por elementos da polícia política, foi buscá-lo a casa alta madrugada. A mulher assistiu. Ameaçaram-na de estoirar os miolos dele se não ficasse calada. Nunca mais o voltou a ver.

Qual é o destino dos célebres «desaparecidos» chilenos? Hoje, as famílias já não têm ilusões. Estão mortos e bem mortos. «Desaparecido», no Chile, significa rigorosamente isto: assassinado pela ditadura sepultado em parte incerta.

Regra geral, trata-se de militantes progressistas que são sequestrados – o caso de Hector Pacheco permite que se conjugue o verbo no presente – por uma variante política dos esquadrões da morte brasileiros. Os raptores não os conduzem para quaisquer instalações policiais. À semelhança do que se calcula que aconteceu com o general Delgado quando caíu nas mãos da PIDE, as vítimas vivem os últimos dias em casas clandestinas. Sob tortura.

De acordo com Hugo Cárcamo, também do movimento dos Direitos Humanos, esse calvário obedece a figurino. Enclausuradas isoladamente e de olhos vendados, as vítimas começam por ser submetidas àquilo que os carrascos designam por «ablandamiento», amaciamento, que consiste na sujeição a uma brutal carga de pancada. Só mais tarde, arrefecido o corpo e amadurecida a situação de terror psicológico, começa o interrogatório.

A metodologia da extorsão de denúncias nada tem de particularmente original. Pratica-se a «estátua», como na PIDE (imposição da imobilidade vertical do paciente, durante horas e horas); o «papagaio» (suspensão pelos pulsos amarrados atrás das costas); e, finalmente, choques eléctricos, aplicados nas partes mais sensíveis do corpo, como nariz, língua, mamilos, orgãos genitais. Dos que não cedem, muitos morrem no meio da dor física. Outros, são abatidos, no fim.

A questão dos «desaparecidos» choca especialmente os chilenos. Porquê, não é fácil de apreender por estrangeiros. Que haverá de especialmente revoltante em 786 «desaparecimentos», tantos quantos estão contabilizados até agora, no contexto do extermínio operado pela ditadura sobre os seus adversários, que se diz ter-se cifrado em 15 mil almas? Para este povo legalista, há. Parece considerar que formalidades judiciárias, por mais sumárias, atenuam a iniquidade das sentenças. Ou talvez se trate do respeito pelos cadávres inerente ao seu catolicismo profundo. De qualquer modo, é pelos «desaparecimentos» que os progressistas chilenos mais querem fazer responder os opressores destes últimos 16 anos, em que 500 mil de entre eles conheceram a cadeia.

Familiares de «desaparecidos» chilenos assediam o general Sérgio Arellano, responsável pelo fuzilamento de 74 oposicionistas em 1973, para que revele o paradeiro dos corpos das vítimas.

Aylwin, o recém-eleito sucessor de Pinochet, já prometeu, para quando da sua posse, em Março, a libertação daqueles dos prisioneiros políticos que qualifica de «presos de consciência». Em relação aos outros, os «presos de sangue» (suspeitos ou condenados por acções como assaltos e atentados), o compromisso é de reapreciação dos casos, por tribunais isentos. Mas a coordenadora dos Direitos Humanos, de acordo com Hugo Cárcamo, não se dá por satisfeita com este compromisso. Quer também o castigo dos crimes da ditadura. E as suas exigências representam um fósforo aceso junto do barril de pólvora da actual situação política chilena.

Augusto Pinochet, apesar de algumas afirmações contraditórias, parece conformado com a evolução tomada pelo país, na sequência do plebiscito com que supôs poder prolongar e reforçar o mando. Desiludido, estará disposto à retirada, tanto mais que, no seio das próprias Forças Armadas, começa a divisar-se sintomas de divisão relativamente à sua figura. Mas num ponto é taxativo: quer a certeza da própria impunidade.

Para muitos chilenos, do homem da rua ao observador qualificado, é a apreensão do ditador quanto às proporções que assumiria um eventual julgamento dos crimes do regime militar o que o leva a querer manter-se nas altas instâncias do Poder. Como comandante-em-chefe das Forças Armadas, Pinochet pode proteger a sua «gente», como declarou numa entrevista recente, «em qualquer momento e de qualquer coisa que possa ocorrer». Tirando a hipocrisia do altruismo, pode querer-se expressão mais clara?

Hugo Cárcamo, em contrapartida, entende que a deposição de uma pedra sobre o assunto dos crimes da ditadura permitirá a perigosa manutenção de focos dela debaixo da capa da institucionalidade democrática, prontos a romperem-na à primeira oportunidade. A coordenadora dos Direitos Humanos exige o castigo dos responsáveis pelos crimes da ditadura, o que envolveria muito mais gente além dos oficiais que se especializaram comprazidamente na tortura e homicídio, para abranger, como é evidente, altas patentes, entre elas, e acima de todas elas, Pinochet. A exigência, claro, provoca a crispação do conjunto da aparelho militar.

E é este o dilema. Desmantelar a máquina repressiva da ditadura passa por iniciativas que a ditadura, retraida mas firmamente acantonada no último bastião do corporativismo castrense, não pode tolerar. Permitir-lhe a subsistência, por outro lado, é arriscar o ressurgimento do seu jugo à menor situação de instabilidade.

Dilema de Aylwin, dilema da Concertação para a Democracia, dilema de todos os progressistas. O regime militar bateu em retirada, mas acautelando a retaguarda. Uma lei eleitoral capciosa não consentiu que, no dia 14, a vontade popular chilena tivesse expressão proporcionada no Congresso e no Senado. A remoção de disposições remanescentes da ditadura através dessas instâncias legislativas, condicionadas que estarão quaisquer decisões a acordos com forças integrantes do actual poder, é inviável.

Em Agosto de 1986, cinco guerrilheiros, com metralhadoras e bazucas, armaram uma emboscada a Pinochet, quando ele deixava o autêntico bunker em que reside, nas faldas dos Andes. Incrivelmente, o ditador, julgado abatido, escapou. Houvera uma troca de posições entre os carros blindados da coluna em que seguia. Os guerrilheiros, hoje, estão presos e condenados à morte. Com as granadas e os mais de mil cartuchos que queimaram, parece ter-se queimado também ali a hipótese de um dos mais sanguinários dos ditadores pagar, sem ser no juizo da história, os seus crimes.

Fernando Brederode Santos

No rescaldo da invasão norte-americana

O Panamá à procura da estabilidade possível

Enquanto que a Nunciatura Apostólica do Panamá ocupa o centro das atenções quanto ao desfecho da situação do general António Noriega - um dos principais alvos da intervenção norte-americana - Guillermo Endara, o novo Presidente panamiano, dá os primeiros passos com vista à consolidação da sua liderança e à estabilização possível do país.

Um dos últimos passos dados nesse sentido partiu do próprio Presidente panamiano deposto pela invasão norte-americana, Francisco Rodriguez, ao afirmar que reconhece o novo Governo liderado por Guillermo Endara ao mesmo tempo que apelava à reconciliação no país.

«Devemos todos pôr de parte qualquer atitude que não conduza à reconciliação nacional»- disse.

Esta iniciativa surge horas depois do Tribunal Eleitoral do Panamá ter proclamado Endara, «Presidente Constitucional da República» e depois de ter revalidado as eleições de 7 de Maio, que davam a vitória ao partido da Oposição do actual Presidente.

A decisão, tornada pública num comunicado lido no ministério do Negócios Estrangeiros, vem regulamentada num decreto com a assinatura da Presidente do Tribunal Cosntitucional, Yolanda Publice de Rodriguez, precisamente a mesma pessoa sobre quem recaiu a responsabilidade de anular as eleições de 7 de Maio último.

Embora a situação esteja calma, o presidente Endara toma as suas cautelas. Aqui o vemos, rodeado por três guarda-costas fortemente armados, depois de o Tribunal Constitucional haver formalmente reconhecido o seu Governo.

Os primeiros balanços da invasão

Entretanto, começam já a fazer-se os primeiros balanços da intervenção dos Estados Unidos no Panamá.

O chefe das operações militares, Gerard Murguia, anunciou que cerca de 500 civis e militares panamianos foram mortos durante a invasão das tropas norte-americanas. Mas fontes não oficiais afirmaram que o número de baixas panamianas poderão elevar-se a cerca de dois mil mortos, acrescentando que muitos deles foram enterrados em valas comuns.

No Texas, o Presidente George Bush declarou-se «muito satisfeito» com os resultados da invasão, que qualificou como «um trabalho de primeira classe».

No entanto, Bush reconheceu que a extradição de Noriega «não vai ser fácil» e que se o Vaticano se recusar a entregar Noriega aos Estados Unidos «as coisas complicar-se-ão».

Embora o Presidente dos Estados Unidos tenha considerado como um caso do passado o envolvimento de Noriega em actividades da CIA, Bush admitiu, no entanto, que o julgamento do ex-homem forte do Panamá por tráfico de drogas e lavagem de dinheiro pode levar à «revelação de alguns documentos confidenciais».

O Vaticano reafirma não ser viável a entrega de Noriega aos Estados Unidos, facto que obteve já o apoio da Igreja do Panamá. Estas declarações vêm contrariar as posições assumidas pelo Presidente Guillermo Endara que pediu ao núncio, Sebastian Laboa, que expulsasse Noriega da representação diplomática do Vaticano no Panamá.

Redacção DL/Lusa/Reuter

Ofensiva das FAPLA contra a Jamba

A emissora «Galo Negro», da Unita afirmou, segundo foi escutado em Luanda, que as Forças Armadas de Angola lançaram uma grande ofensiva - «um ataque suicida», disse a estação - contra posições dos rebeldes no Sudeste de Angola. O alvo final dessa ofensiva seria a Jamba.

O ataque das FAPLA visa Ongiva, Caiundo e Iombe, nas fronteiras das províncias do Cunene e de Cuando Cubango, a sul do Cjuito Cuanavale, onde, no ano passado, se travaram batalhas.

O «Galo Negro» não referiu quaisquer baixas do lado da Unita, nos combates de agora.Fontes militares em Luanda recusaram-se a comentar estas afirmações da Unita. Por outro lado, fontes da Unita em Lisboa desmentiram, o que chegou a ser anunciado, que as FAPLA já houvessem tomado Mavinga.

O diário «Jornal de Angola» acusou, ontem, a Unita de ter atacado recentemente a aldeia de Tchimuolo, província da Huila, causando numerosas vítimas entre a população civil, que conta com grande número de refugiados da guerra.

Também o «Jornal de Angola» disse, ontem, que cerca de duzentas crianças morreram, nos últimos dias, em concelhos do sul de Angola, devido à desnutrição causada pela guerra.

Segundo a reportagem feita naquela zona pelo jornal de Luanda, há um outro tipo de problemas que afectam ali as populações. Trata-se, como no caso de Frexiel, também na Huila, onde vivem muitos portugueses, da ameaça causada pelas manadas de elefantes, que estão a invadir as casas e os armazéns, à procura de água, pois a seca tem sido muito rigorosa.

Lusa

B R E V E S

Sismo na Austrália

Seis pessoas morreram quando um sismo, com a intensidade de 5,5 na Escala de Richter, atingiu, ontem, a cidade de Newcastle, na parte oriental da Austrália, 120 quilómetros a norte de Sidney e com meio milhão de habitantes. O epicentro foi localizado nas imediações de Newcastle. Alguns edifícios ruiram ou ficaram gravemente danificados. Quatro dos mortos foram vitimados pelo aluimento de dois pavimentos, num clube de trabalhadores, os quais estavam sobrecarregados com máquinas electrónicas de jogos. Os pavimentos, segundo e terceiro andares, caíram e atravessaram o primeiro andar, onde havia um parque de estacionamento de automóveis, e só pararam na cave do edifício. Os dois outros mortos foram atingidos por destroços de construções em derrocada, tanto em Newcastle como em Hamilton, nos subúrbios da cidade. Houve 90 feridos, dos quais oito em estado grave.

Agitação no Tibete

A China enfrenta uma crescente ameaça no Tibete, onde a agitação de grupos favoráveis à independência do território já alastrou para além da capital, Lhasa, conforme dizem informações divulgadas em Pequim. Viajantes chegados do Tibete e meios de Comunicação Social oficiais chineses mencionam manifestações esporádicas independentistas um pouco por todo o território, que se encontra sob lei marcial desde Março passado. O Governo de Pequim aumentou a vigilância e a campanha de doutrinação política no Tibete, em reacção à concessão, este ano, do Prémio Nobel da Paz ao Dalai Lama.

Fraudes nucleares

O Departamento de Energia, dos Estados Unidos, anunciou, ontem, que deixará de pagar, como fazia desde os anos 40, todas as multas aplicadas às empresas administradoras de fábricas de armas nucleares. O Congresso criticou, recentemente, o Departamento de Energia por aceitar a responsabilidade de todas as indemnizações por negligência, perdas fraudulentas e outras despesas duvidosas atribuídas às empresas ligadas ao armamento nuclear, o qual envolve 17 grandes instalações de produção.

Seis mil mortos em Espanha

Entre 1 de Janeiro e 25 de Dezembro deste ano morreram, em Espanha, 6 mil pessoas, em resultado de acidentes de viação, mais 785 do que no mesmo período de 1988. Houve, este ano, 4.962 acidentes, que provocaram 6.076 feridos, dos quais 3.417 ficaram em estado grave. Excesso de velocidade e distracção ou estado de embriaguez dos condutores foram as principais causas dos desastres.

Suíça devolve dinheiro

As Filipinas vão receber, de um banco suíço, a primeira prestação das centenas de milhar de dólares que foram desviados pelo falecido presidente Marcos, das Filipinas, e depositados na Suíça. A informação veio de Zurique e de um advogado que representa o Governo de Manila.

Lusa

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/335

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção Distribuição Beja a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 6(30) KV, para o PT 1893 Granjeira — Portalegre e Marvão com início no apoio 7 da linha para o PT MRV 22 e término no PT 1893, com 958 metros, na freguesia de Carreiras, concelho de Portalegre e Marvão, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE MARVÃO E PORTALEGRE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 30 de Novembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/100

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 30 KV, com origem no apoio n.º 60 da linha para o PT n.º 77, Porto Alto e término no PT n.º 220, Bairro Nossa Senhora da Oliveira, com 116 metros, na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/202

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção de Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, n.º 3106/R 80 com origem no apoio n.º 19, da linha n.º 3106/R 53 para o PS 5897 e término no PT n.º 6996, Herdade do Bunhal, com 963 metros, na freguesia da Ota, concelho de Alenquer, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

Grande exposição de carpetes persas e orientais

Rua José Duro, 24 - A/B - Alvalade

O maior salão de exposições de Lisboa — *Armazéns do Minho*, convida os seus Ex.mos clientes e o público em geral a visitar a exposição-venda de carpetes do Irão, Afeganistão, Turquia, Índia, Paquistão, China, Arménia e nacionais (Arraiolos, etc.)

Armazéns do Minho

Rua José Duro, 25 - A/B - Alvalade
Tel.: 89 35 64 - 89 34 76 LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/308

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção de Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com início no apoio 23 da linha PT MRV 3 — Beirã Marvão e término no PT 1904, com 4281 metros, na freguesia da Beirã, concelho de Marvão, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE MARVÃO durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 30 de Novembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

PROFESTÉTICA

ESCOLA TÉCNICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECIALIZADA, LDA.

Abertas as inscrições 1990
— Início em Janeiro
— Cursos: **CABELEIREIRO — ESTÉTICA — PRÓTESE DENTÁRIA — MASSAGENS e FISIOTERAPIA — AUXILIAR DE CLÍNICA — PUERICULTURA, etc.**

LISBOA — Av. Miguel Bombarda, 147-2.º-Dt.º — Tel. 52 56 60 / 54 33 12
LEIRIA — R. Cap. Mouzinho de Albuquerque, 20-3.º-Dt.º — TÉL. 2 36 71
SETÚBAL — R. Garcia Peres, 14-1.º — Tel. 2 80 10

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º Juízo

ANÚNCIO

Execução de Sentença N.º 2187-B — 1.ª Secção.

EXEQUENTE — União de Bancos Portugueses, EP.

EXECUTADO — JOAQUIM PEDROSA AMADO, residente em Largo, Coimbrão.

Por este tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1989.

O Juiz de Direito,
José Fernando de Salazar Casanova Abrantes

O Escrivão Adjunto,
Isabel Maria da Conceição Almeida Ridgway d'Aboim

«DL» 28/12/89 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

2.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 558/85, 2.ª Secção.

Exequentes — U.B. Portugueses.

Executados — Joaquim António Agulhas e outros, Rua João Villarett, n.º 9-1.º — Feijó.

Seixal, 9 de Novembro de 1989

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
(Assinatura ilegível)

«DL» 28/12/89 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º Juízo

ANÚNCIO

Acção Especial de Venda de Penhor n.º 9643, 1.ª Secção

AUTOR: Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

RÉ: UNICLUBE DSE VIAGENS E TURISMO, LD.ª, com sede na Rua Conde Redondo, 141, loja, em Lisboa.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquela ré para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à acção deduzir os seus direitos.

Lisboa, 24 de Novembro de 1989

O Juiz de Direito,
José Fernando de Salazar Casanova Abrantes

O Escrivão Adjunto,
Isabel Maria da Conceição Almeida Ridgway d'Aboim

DL 28/12/89 — 1.ª Pub.

A CAPRICHOSA DE SANTOS, LDA.

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de vinte e oito de Setembro de mil novecentos e oitenta e nove, lavrada a folhas sessenta e quatro verso do livro sessenta e seis-I das notas do Vigésimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Licenciada Lídia Pereira Nunes de Menezes e em referência à sociedade em epígrafe com sede em Lisboa, na Rua do Guarda-Mor, sessenta foi aumentado o seu capital social de dez mil escudos para quatrocentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas, uma de trezentos e oitenta mil escudos da sócia Maria da Glória de Almeida Ernesto e outra de vinte mil escudos do sócio Silvério António da Silva.

Foi suprimido ainda o artigo oitavo do respectivo contrato social.

Lisboa e Vigésimo Primeiro Cartório Notarial, em vinte de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante,
Maria do Carmo Amargar Campos

«DL» 28/12/89

CML

"não deite papeis no chão"

uma cidade limpa

é uma cidade viva

proteja a sua saúde

Oitenta e sete frequências à espera de candidatos

Apesar da corrida às rádios locais, cerca de um terço dos alvarás ainda não foi atribuído

Não há candidatos para 87 das 319 rádios locais previstas para o espectro nacional: é esta a conclusão a extrair depois do Governo ter licenciado, numa segunda fase, mais 31 pedidos, contemplando vários concelhos, entre eles os de Vidigueira, Montemor-o-Novo, Mira, Vila Real, Crato, Espinho, Alvaiázere, Almodôvar, Condeixa, Fornos de Algodres, Golegã, Alpiarça, Almeirim, Guarda e Figueiró dos Vinhos.

As entidades às quais foram concedidas as frequências deverão pagar à Direcção-Geral de Comunicação Social uma taxa de meio milhar de contos, no espaço de trinta dias a contar da publicação do despacho no «Diário da República».

Ao mesmo tempo que o secretário de Estado da Comunicação anunciava no Porto que o processo de atribuição e alvarás das rádios regionais estará concluído «muito antes do final de 1990», o DL apurava que havia ainda 87 frequências disponíveis. Não há, ao que soubemos junto de meios municipais, candidatos para esses alvarás.

Albino Soares referiu-se, ainda, às cadeias nacionais de rádios que o Governo considera ilegais e que serão notificadas dessa situação, bem como das penas em que incorrem, pois sobre elas há processos que correm «os seus trâmites normais».

Entre outros, no rol dos concelhos sem rádios locais nem candidatos interessados, destacam-se Cadaval, Barrancos, Arruda dos Vinhos, Avis, Arronches, Alandroal, Vila Velha de Ródão, Castelo de Vide, Gavião, Penedono, Oloeiros, Ourique, Nisa, Mourão e Mértola.

Embora se privilegie aqui a referência a concelhos do Alentejo, Ribatejo, Oeste e Beira Baixa onde há frequências disponíveis e não há interessados, o certo é que a situação abrange todo o país, à excepção do Algarve, província para a qual todos os alvarás foram passados

Ainda no Porto, Albino Soares referiu-se às próximas privatizações dos «Jornal de Notícias» e «Diário de Notícias», sem se referir a datas. Admite-se. contudo, que o «JN» seja privatizado antes do «DN», provavelmente no primeiro trimestre de 1990.

Edição do Porto impressa em Lisboa

«Público» afectado pelas inundações

A impressão do novo matutino «Público» sofreu alterações de última hora, devido à inundação das instalações da Lisgráfica, empresa onde o jornal será produzido. Esta ocorrência obriga a impressão, em Lisboa, dos exemplares destinados ao Norte, ao contrário do que estava previsto.

Os vendavais que se têm feito sentir causaram contratempos na impressão do «Público», com a inundação das instalações da empresa Lisgrafica em Lisboa e no Porto. Os telhados sofreram danos e a chuva entrou nos circuitos eletrónicos, obrigando à substituição de todo o equipamento, afirmou ao «DL» o administrador da empresa, Brás Monteiro.

Apesar deste problema, que custou à empresa várias dezenas de milhar de contos, a Lisgráfica está a fazer todos os esforços para manter os prazos estabelecidos com os seus clientes, entre os quais o jornal «Público».

José Manuel Fernandes, um dos directores do novo matutuino, afirmou ao «DL» que tais transtornos não afectarão a «filosofia e distribuição» do «Público», que no dia 2 sairá, tal como estava previsto, em Lisboa e no Porto.

Para que isso seja possível, a edição distinada ao Norte do país será impressa em Lisboa, estando em estudo a sua chegada rápida ao Porto, através de carrinhas ou por avião. «O jornal terá exactamente a mesma filosofia e a distribuição será feita da mesma forma que estava prevista», acrescentou, explicando que a produção tecnológica, enquanto não for resolvido este problema, será feita ao contrário: em vez do caderno principal ser enviado por linha telefónica para o Porto, a redacção daquela cidade enviará o seu trabalho para Lisboa.

Durante a primeira semana o jornal poderá chegar com algum atraso às zonas mais longínquas, como é o caso de Bragança, adiantou José Manuel Fernandes.

Entretanto, Belmiro de Azevedo, accionista principal do «Público», é considerado o «empresário do ano», segundo uma sondagem que o «DL» hoje publica.

Melhora a situação no Vale do Tejo

«A tendência das águas do Tejo é para uma ligeira descida até ao meio da tarde, em Santarém, e regista-se uma melhoria global da situação", informou ao DL, ao fim da manhã, uma fonte da Protecção Civil, na capital ribatejana. Pombalinho e Azinhaga, duas das sete povoações que estavam isoladas, já tem acesso por via terrestre.

Embora ainda não se possa *respirar fundo*, há indicadores que sugerem tempos menos difíceis do que os vividos nos últimos dias, se, como se espera, as condições metereológicas não se agravarem.

O débito das descargas das barragens no curso do Tejo era, de manhã, de cerca de 13 mil e 400 metros cúbicos de água por segundo. A barragem espanhola de Cedillo estava a lançar, dois mil e 400 metros e a de Alcântara três mil metros cúbicos.

O Fratel estava a debitar quatro mil metros cúbicos e a barragem de Belver, três mil e 900, médias que representam o dobro do que estavam a largar de madrugada.

Uma fonte da Protecção Civil disse, à Lusa, que estes números, comparados, com a mesma hora e dia da semana passada, representam uma «tendência para a normalização do leito do rio, embora os dados mudem conforme as chuvas».

Reabertas estradas no Ribatejo

Duas estradas do Vale de Santarém, até agora intransitáveis, foram abertas ao trânsito de pesados, depois do nível das águas ter baixado ligeiramente, informou, hoje, uma fonte da Brigada de Trânsito da GNR. Já se pode circular em Vale de Cavalos e no Tramagal.

Continuam, no entanto, cortadas as estradas EN 243 - Ponte da Chamusca/Golegã; EN 114 - Tapada/Almeirim; EN 368 - Tapada/Alpiarca; EN 365 - Santarém/Ponte do Celeiro; e a EN 3 - Cartaxo/Valada. Do mesmo modo, já se encontra aberta ao tráfego rodoviário a estrada que dá acesso a Sesimbra, intransitável devido à queda de pedras na via.

Também a circulação ferroviária regista melhoras. O director das Relações Públicas da CP, Américo Ramalho, disse, hoje, que à excepção da linha da Beira Baixa, o movimento de comboios se está a «processar com normalidade em todo o país». A companhia está a efectuar transbordo rodoviário de passageiros no troço Castelo Branco/Fundão, devido aos trabalhos de limpeza da via, cortada pela queda de barreiras.

Mas se no Continente, os transportes terrestres têm sido os mais afectados pelos temporais, nos Açores, a aviação civil está a enfrentar dificuldades.

Em Ponta Delgada, a companhia aérea açoriana (SATA) cancelou, ontem, os voos programados para as ilhas do Faial, S.Jorge e Flores, devido ao vento forte que se regista no arquipelago. Fontes da empresa disseram que as ligações com as outras ilhas dos Açores foram atrasadas por causa da ventania. considerada «grave».

Trezentos mil só o ano passado

Erro humano origina maioria dos acidentes

Noventa por cento dos acidentes de viação têm origem em falhas humanas, revelou, ontem, em conferência de imprensa, o presidente da Associação Portuguesa de Seguradores (APS).

Ruí de Carvalho, que falava durante a apresentação da campanha de prevenção «Você poderá ser a próxima vítima», afirmou que «mais do que sensibilizar, a acção visa, sobretudo, chamar a atenção dos condutores para a sua quota parte de responsabilidade na triste liderança que Portugal detêm, a nível comunitário, na sinistralidade automóvel».

Segundo a APS, em 1988 registaram-se 275 mil acidentes, envolvendo cerca de 50 milhões de contos em indemnizações. Cada sinistro custa uma média de 170 contos.

Portugal detêm o recorde europeu de acidentes de viação

Dos 300 mil acidentes, 90 por cento devem-se a erros humanos.

O excesso de velocidade origina 30 por cento dos desastres, 10 por cento são devidos a manobras perigosas, 8 por cento a abuso de consumo de bebidas alcóolicas e os restantes 42 por cento devido à falta de civismo e à ausência de medidas de precaução.

De acordo com o presidente da APS, apenas 10 por cento dos acidentes tem origem em falhas técnicas. Luís Portugal adiantou que este sector de seguros envolve um total de apólices da ordem dos 3,2 milhões de contos e prémios no montante de 54,5 milhões de contos.

tap AIR PORTUGAL

GREVE DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, EP — Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA — Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo — que levará à paralisação em Portugal do transporte aéreo, das 00.00H às 24.00H do dia 30 de Dezembro de 1989, a TAP AIR PORTUGAL vê-se obrigada a cancelar a sua operação de voos internacionais durante esse período.

Os voos de e para as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira serão, no entanto, mantidos.

Serão ainda reforçados os voos da Transportadora Nacional, à saída de Lisboa, no Domingo, dia 31 de Dezembro de 1989.

TAP AIR PORTUGAL
Direcção de Relações Públicas

QUOTIDIANO

Tristeza e resignação em Alviela

Os habitantes de Reguengo estão habituados às cheias. Este ano, no entanto, passaram o Natal longe das famílias

Castigadas pelas cheias dos últimos dias, as populações isoladas do Vale do Tejo vivem agora num estado de espírito de tristeza e resignação.

Passada que está a tempestade, em Reguengo do Alviela, povoação há alguns dias isolada devido a descargas das barragens do país vizinho, os habitantes mostram-se tristes sobretudo por terem sido obrigados a passar o Natal longe dos seus familiares.

«Estamos habituados às cheias, nascemos e casámos aqui mas o Natal foi, este ano, mais triste porque o passámos longe da família» lamentaram-se Maria de Jesus dos Santos e Júlia Jesus Gaspar, duas das habitantes de Reguengo do Alviela.

Uma e outra ignoraram, à semelhança de muitos dos habitantes da povoação, os conselhos e instruções dadas pelo centro coordenador de protecção civil do distrito de Santarém, preferindo manter-se firmes e «aguentar até poder, não abandonando casas e haveres».

Reguengo do Alviela, uma povoação «agora situada no meio do Tejo», conta ainda com cerca de 50 habitantes que se recusaram a abandonar a vila depois de 30 dos seus vizinhos terem optado por ser evacuados.

Bombeiros quebram Isolamento

Os Bombeiros Voluntários de Pernes estão desde há alguns dias encarregados de assegurar o acesso à *ilha* , utilizando para o efeito um barco a motor que possibilita a ligação entre Vale de Figueira e Pombalinho, mais propriamente a partir de Cabeço dos Chões, como é conhecido o lugar.

Um popular que, cerca do meio dia conseguiu atingir o lugar de Cabeço dos Chões, após um viagem de quase três quilómetros, garantiu que o nível das águas teria baixado «quase 25 centímetros».

A água cobria, no entanto, o andar inferior de edifícios localizados na zona da baixa e em alguns dos edifícios localizados na alta de Reguengo,a água cobria mesmo os soalhos.

Objectos perdidos parecem não ter sido muitos pois que a maioria tinha já sido colocada a salvo quer em andares superiores das habitações quer em locais designados pela Câmara Municipal e pelos serviços de Segurança Social do distrito de Santarém.

As populações negam-se frequentemente a abandonar casas e haveres

Gado em lanchas de desembarque

Fuzileiros salvam 800 cabeças

Cerca de setenta fuzileiros estiveram ocupados durante o dia de ontem procedendo ao salvamento de oitocentas cabeças de gado, na região de Santarém, segundo afirmou um porta-voz do Estado-Maior da Armada

.A operação que teve início nas primeiras horas da manhã e se prolongou até perto das 14 horas, envolveu algumas dezenas de efectivos do corpo de fuzileiros e botes «Zebros», duas lanchas de desembarque e ainda diversos jipes da mesma corporação.

Monteiro Coelho, o porta voz da Armada, adiantou que uma outra operação estava a ser levada a cabo pelos fuzileiros a fim de recolher setenta cabeças de gado actualmente em perigo.

As setenta cabeças de gado encontram-se em local de difícil acesso, «com muitos obstáculos e sem possibilidade de se alimentar pelo facto de os terrenos estarem cobertos de água» pelo que se impõe, uma vez mais, a intervenção de duas lanchas de desembarque.

Entretanto, o comandante dos fuzileiros, capitão de-mar-e-guerra Oliveira Monteiro, deslocou-se ontem ao centro de coordenação de Santarém para se inteirar da situação e da eventual possibilidade de vir a aumentar os efectivos do corpo na área.

Vítimas das cheias do Douro devem ser indemnizadas

Extracção de areias condenada no Porto

A assembleia municipal do Porto aprovou uma moção em que se exige a suspensão da extracção das areias da barra do Douro. A medida, avançada para concretização imediata, deveria vigorar até à execução das obras de construção civil relativas à protecção das ruas do Passeio Alegre e de Sobreiras, na zona de Cantareira.

O documento aprovado reclama, por votação unânime, a atribuição duma indemnização às vítimas das cheias ocorridas pela subida do nível das águas do rio.

Na moção reclama-se das diversas entidades a adopção de medidas urgentes para minorar as consequências dum eventual agravamento da situação na referida zona de Cantareira. Aí, as águas inundaram casas e estabelecimentos comerciais, provocando também o levantamento de paralelipípedos de algumas artérias da marginal.

Entretanto, foi ontem revelado que as cheias do rio Douro destruiram a pista provisória de canoagem de Melres, provocando um prejuízo orçado em cerca de cinco mil contos.

Segundo uma fonte da Federação Portuguesa de Canoagem, «a forte corrente que se fez sentir destruiu as plataformas que sustinham a pista levando rio abaixo toda a estrutura».

Durante a tempestade salvaram-se 21 barcos, que estavam à mercê da corrente.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No dia 25 de Janeiro de 1989, pelas 10.00 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, 1.ª Secção, 2.º Juizo, nos autos de Ex. Ordinária n.º 17/87, que a União de Bancos Portugueses, SA move contra Francisco Morais Ferreira e mulher Maria do Carmo Vaza Morais Ferreira, de Gibraltar. Hão-de ser postos em praça, pela 3.ª vez, para serem arrematados por qualquer valor, os seguintes bens penhorados aos executados:

Quotas sociais no valor nominal de 150 000$00, cada uma, que os executados possuem na firma Morais & Irmão, Ld.ª, com sede no Largo dos Polomes, r/c, nesta cidade de Torres Vedras.

Torres Vedras, 19 de Dezembro de 1989
O Juiz de Direito
António Ribeiro Martins
A Escriturária,
Maria Eugénia de CP Vieira

DL 28/12/89

TRIBUNAL CÍVIL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 9520/A — 1.ª secção.

Exequentes — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES SA.

Executados — MARIA HELENA PEREIRA DIAS DA SILVA CRESPO, residente na Av.ª D. Rodrigo da Cunha, 6-6.º, Dt.º, Lisboa.

Lisboa, 15-12-989.

O Juiz de Direito,
António Alberto Coelho
Pel'O Escrivão de Direito,
Maria Teresa Santos

«DL» 28/12/89 — 1.ª Pub

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

«REVEILLON»

...dois estilos diferentes que combinam consigo...

• Salão Panorâmico «Gala de S. Silvestre» c/o Conjunto IMPULSE

• Salão D. Fernando «Baile Reveillon» c/ Música Seleccionada

Com o nosso «Impulso» entrará melhor no NOVO ANO
Estadias • «REVEILLON» com Jantar de Gala
PREÇO DESDE 15 250$00

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Metro olha-se ao espelho

Os projectos de expansão vão e vêm. Ao fazer trinta anos, o desnivelamento da Rotunda ainda está por decidir

Lisboa, 19 horas. De regresso a casa, a convergência de inúmeras pessoas junto aos transportes públicos. Longas bichas para os autocarros, estações de Metro a abarrotar de gente.

Empurrão daqui, pisadela dali, todos acabam por entrar nas quatro escassas carruagens do único transporte subterrâneo que se diz «o mais confortável, mais rápido e mais seguro». O cenário assemelha-se a «uma lata de conservas», como lhe chama o povo.

Para o presidente do conselho de gerência do Metropolitano de Lisboa, Consiglieri Pedroso, «é bom sinal o Metro andar cheio. É a sua vocação nas horas de ponta e ainda bem que assim é. Em todo o mundo há horas críticas e nós temos as nossas».

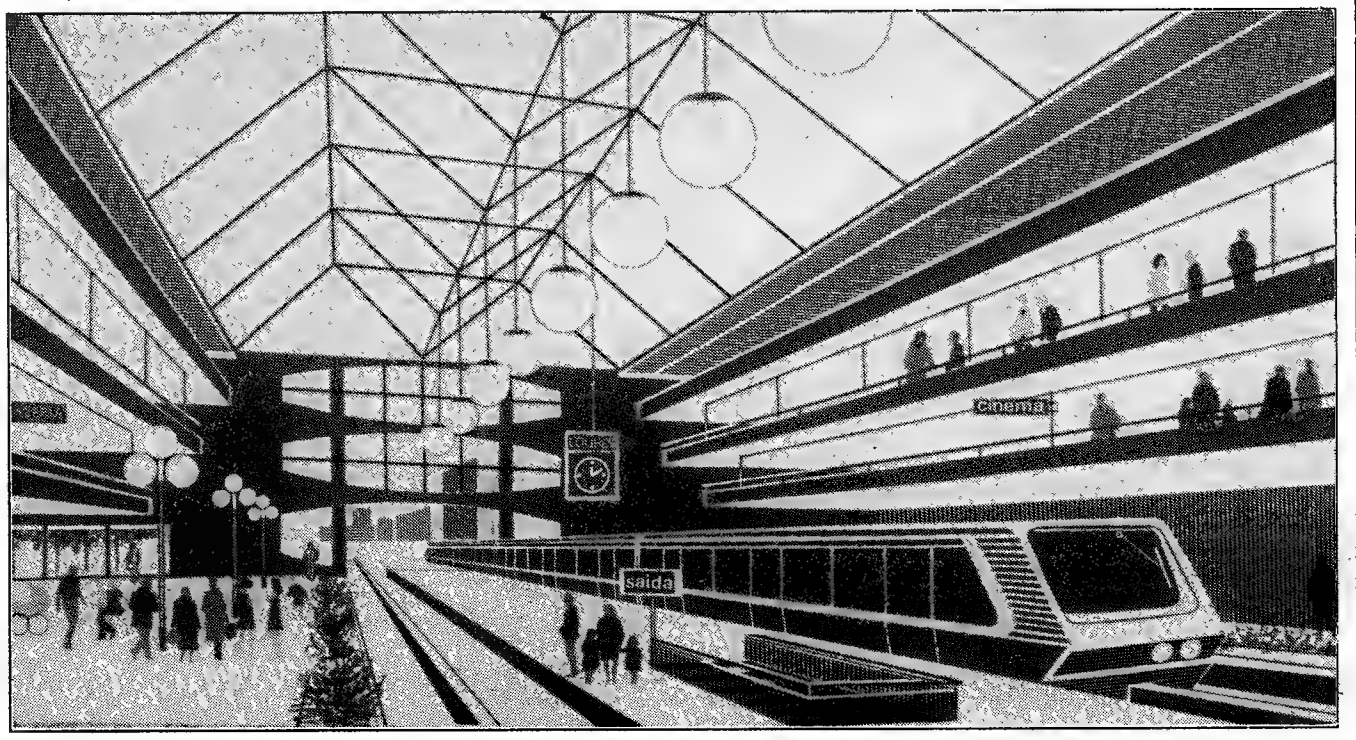
Horas críticas estas que, na capital, tendem a ser cada vez em maior número. Há um acréscimo demográfico visível, que faz da cidade uma hora de ponta permanente.

O Metropolitano de Lisboa há muito que apresenta projectos de soluções e voltou a fazê-lo agora, por ocasião do seu 30º aniversário.

Em conferência de Imprensa, Consiglieri Pedroso salientou que «o Metro não pode ser dissociado do sistema global de transportes. Ele tem de crescer, sim, mas com conta, peso e medida. Existe um Projecto de Expansão da Rede metropolitana (PER), que será desenvolvido nos próximos nove anos, envolvendo cem milhões de contos.

«Este projecto inclui o desbloqueamento do nó da Rotunda, a passagem de uma para quatro linhas e a criação de estações em zonas como o Cais do Sodré, Chiado e Campo Grande».

Recorde-se que as obras desta última estação, iniciadas há já alguns anos, foram interrompidas pelas mais diversas razões, estando o seu reinício marcado para Janeiro próximo e a sua inauguração para princípios de 1992.



Antevisão cândida da estação de Loures

Gente a mais para Metro a menos

Esta é uma das prioridades da empresa, para além da resolução do problema do nó da Rotunda.

«O objectivo é transformar a linha que vem actualmente da Cidade Universitária - explica Consiglieri Pedroso- numa linha desnivelada, em relação à que vem do Colégio Militar. As linhas irão cruzar-se a nível diferenciado, o que implica a inexistência de uma ligação física das redes. Para essa obra já existe luz verde, mas não há uma data marcada. Preferimos assumir um compromisso global em relação ao PER quando tivermos condições para isso».

Este projecto de expansão já esteve nas mãos da tutela, mas ainda não foi aprovado. Segundo o presidente do conselho de gerência, «o PER voltou às nossas mãos, por haver algumas dúvidas de ordem técnica e em relação a algumas opções que podem ser tomadas. Quanto a um tempo de referência é difícil de dizer, porque ainda não foi marcado».

E enquanto os projectos vão e vêm, os utentes continuam «enlatados». As promessas são muitas, as expectativas mais ainda, fala-se em ligar o Campo Grande ao aeroporto e à Pontinha, o Rato a Alcântara e Belém, o Colégio Militar à Amadora e Odivelas a Loures.

Um facto é que, nos próximos tempos, tudo vai continuar na mesma.

Se quer chegar a horas, corra, empurre e contente-se com as quatro carruagens.

Desbloquear a situação? Claro que é possível. Consiglieri Pedroso relembrou que «as novas estações foram construídas para comportar seis composições e outras foram já alargadas. No PER está prevista a circulação em várias linhas. Esta solução leva a que algumas estações exijam seis carruagens e outras simplesmente quatro».

Ao comemorar 30 anos, o Metropolitano de Lisboa parece perspectivar-se sobre o passado, esquecendo o presente e ignorando o futuro.

Dentro de nove anos, a população de Lisboa terá sofrido um incremento apreciável e exige outras saídas, outros projectos. Em 1959, ao ser inaugurado o Metropolitano de Lisboa com apenas duas carruagens em circulação, não tinha sido perspectivado o desenvolvimento da capital. Mais tarde, os responsáveis ao constatarem a realidade, levaram o Metro a circular com quatro carruagens. Também nessa altura o futuro a maior prazo foi ignorado. Hoje parece estar a cometer-se o mesmo erro.

O Marquês de Pombal (justiça lhe seja feita), apesar dos seus defeitos, demonstrou ter vistas largas ao reconstruir Lisboa.

Gisela Oliveira

Recuperação de telhados terminou em Setembro

Palácio de Queluz anda a meter água

A ala dos quartos da Princesa D. Maria Francisca Benedita no Palácio de Queluz continua a «meter água», mesmo depois de restaurados os seus telhados que, supostamente, deveriam bem abrigar aquele leito real.

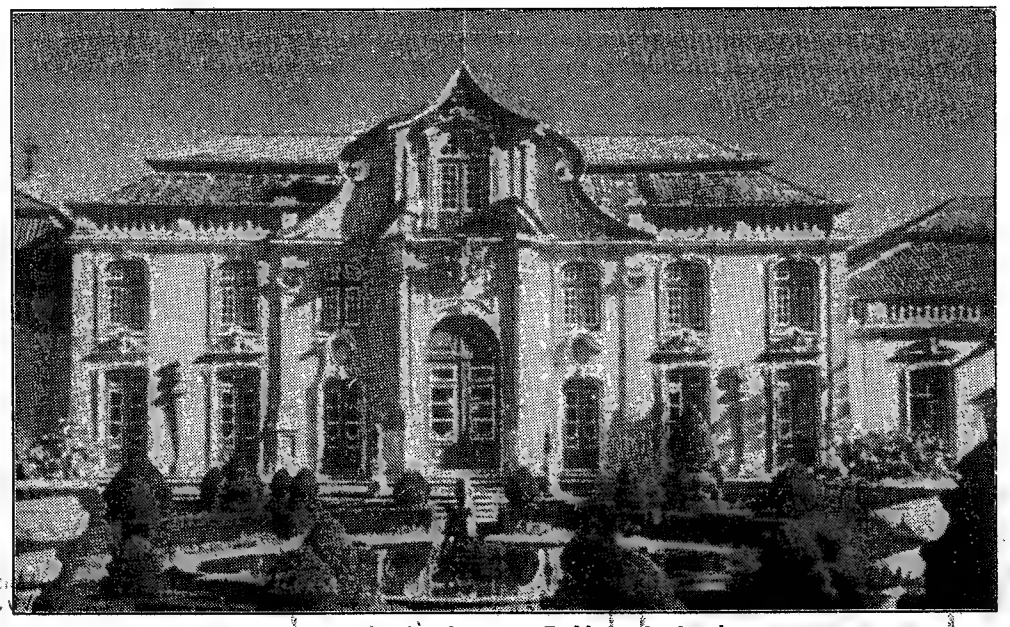
A avaliar pelas (poucas) informações dadas pela conservadora do palácio, as chuvas que se têm feito sentir nas últimas semanas voltaram a permitir a infiltração de águas pluviais naquela ala, situação que começou a verificar-se em Outubro.

A referida ala tem estado vedada ao público, justamente devido às obras de restauração daquela área do Palácio de Queluz, estas últimas a cargo da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, um organismo dependente do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Segundo a conservadora do Palácio, Simoneta Luz Afonso, a recuperação dos telhados da zona da ala tinha terminado em Setembro, informação que fecha os dados que aquela responsável afirma poder adiantar.

Relativamente aos estragos e danificações - e respectivos valores - que a manutenção das infiltrações das águas da chuva tem provocado, Simoneta Afonso escusa-se a tecer quaisquer comentários, sublinhando apenas que as obras foram interrompidas por diversas vezes ao longo de cerca de ano e meio.

Contactada pelo «DL», a Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, entidade responsável pelas obras de restauração do Palácio de Queluz, «não confirmou nem desmentiu» aquela situação, afirmando um dos membros deste organismo que «apenas o gabinete do Ministro da tutela estaria autorizado a fornecer qualquer informação». Mas nem o próprio gabinete do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, também contactado pelo «DL», estava em condições de, pelo menos, confirmar ou desmentir, em tempo útil para esta edição, as infiltrações de água na ala dos quartos da Princesa D. Maria Frantdisca Benedita e os consequentes prejuízos que delas advirão.



Ano e meio de obras no Palácio de Queluz

Fim da Guerra Fria ou fim da H

3 - A dupla linguagem da era Gorbachev

Desde que Gorbachev subiu ao Poder, as mais sagradas instituições e premissas do estalinismo foram alvo de um ataque revolucionário, sendo substituídas por outros princípios que, embora não representem o liberalismo *per se*, encontram nele o seu fio condutor. Isto é sobretudo evidente no domínio da economia, onde os técnicos favoráveis às reformas se tornam cada vez mais radicais na defesa do mercado livre (a tal ponto que alguns, como Nikolai Shmelev, não se importam de ser associados publicamente a Milton Friedman). Hoje, esta corrente de economistas considera que o planeamento centralizado e o controlo da distribuição estão na base da ineficácia económica, e que, para o sistema poder sair deste estado crítico, terá que permitir a liberdade de decisão e iniciativa no campo do investimento, trabalho e preços. Após alguns anos de hesitação ideológica, estes princípios foram abrangidos pela redefinição política, com a promulgação de novas leis sobre a autonomia das empresas, as cooperativas e, finalmente, em 1988, os arrendamentos e a agricultura familiar. Claro que existem várias deficiências graves na aplicação prática das reformas (...) nomeadamente a ausência de uma tabela global de preços. Mas o problema já não é *conceptual:* Gorbachev e os seus acólitos parecem entender a lógica do mercado mas, tal como os dirigentes de um país do Terceiro Mundo ao enfrentarem o FMI, receiam as consequências sociais de suspender os subsídios ao consumo e outras formas de dependência no sector estatal.

No domínio público, as alterações propostas à Constituição soviética, ao sistema legislativo e ao funcionamento partidário estão longe de se aproximarem do liberalismo. Gorbachev fala de democratização sobretudo em termos do partido, e mostra-se pouco disposto a acabar com o monopólio de poder do PCUS: de facto, as reformas políticas pretendem tornar legítimo e, por conseguinte, fortalecer o papel deste no governo. (Isso não acontece, no entanto, na Polónia e Hungria, onde os partidos comunistas tomaram medidas concretas no sentido do pluralismo e da partilha do Poder). Todavia, os princípios gerais de muitas das reformas - que o «povo» deverá ser responsável pelos seus próprios interesses; que os organismos políticos hierarquicamente superiores terão que prestar contas aos inferiores, e não vice-versa; que a letra da lei deverá prevalecer sobre a arbitrariedade policial com a inerente separação de poderes e autonomia judicial; que os direitos de propriedade deverão ser legalmente protegidos; que as questões de interesse público poderão ser debatidas sendo reconhecido o direito à dissidência pública; assim como o fortalecimento dos Sovietes como forum no qual todo o povo possa participar, e uma cultura política mais tolerante e pluralista -, provêm de uma fonte essencialmente estranha à tradição marxista-leninista da URSS, apesar de deficientemente articulados e precariamente aplicados.

A grande subversão

As repetidas afirmações de Gorbachev de que não pretende mais do que restaurar o significado original do leninismo constituem uma espécie de linguagem dupla orwelliana. Gorbachev e os seus aliados têm insistido que a democracia partidária era (sabe-se lá como!) inerente ao leninismo, e que as várias tradições liberais do debate público, eleições por escrutínio secreto e predomínio da Lei, faziam parte da herança de Lenine, corrompida mais tarde por Estaline. Embora quase todos saiam beneficiados de uma comparação com Estaline, é duvidoso que se possa estabelecer uma demarcação tão nítida entre Lenine e o seu sucessor. Para o primeiro, a essência do centralismo democrático era o centralismo e não a democracia: por outras palavras, a ditadura rígida, monolítica e disciplinada de um Partido Comunista hierarquicamente organizado, falando em nome dos *demos*. Todas as violentas polémicas de Lenine contra Karl Kautsky, Rosa Luxemburgo e outros adversários mencheviques e sociais-democratas - para já não falar do desprezo pelas liberdades e pela «legalidade burguesa» - partem da sua profunda convicção de que uma organização de características democráticas é incapaz de realizar a revolução.

É fácil compreender a atitude de Gorbachev quando diz que pretende fazer reviver o verdadeiro Lenine: tendo patrocinado a denúncia das políticas de Estaline e de Brejnev como responsáveis pela actual crise, tem que recorrer a algum ponto da História soviética para defender a legitimidade do papel dirigente do PCUS. Porém, as concessões tácticas não nos devem fazer esquecer que os princípios de democratização e descentralização que Gorbachev tem vindo a preconizar, tanto na esfera económica como política, subvertem, radicalmente, alguns dos preceitos máximos do marxismo-leninismo. De facto, se a totalidade das propostas de reforma económica fosse posta em prática, a economia soviética não seria mais socialista que a de outros países ocidentais com grandes sectores públicos.

A União Soviética não pode, de modo algum, ser considerada um país liberal ou democrático, nem acredito que a *perestroika* a possa transformar, nesse sentido, num futuro próximo. Porém, no *fim da História*, não é necessário que todas as sociedades se tornem integralmente liberais, mas apenas que abandonem as pretensões ideológicas de representarem modelos diferentes e superiores da sociedade humana. Nesse aspecto, creio que algo de muito importante aconteceu na União Soviética: as críticas ao sistema, sancionadas por Gorbachev, foram tão devastadoras que é muito pouco provável um regresso aos métodos de Estaline ou Brejnev. Gorbachev deixou, finalmente, as pessoas dizerem aquilo que há muito pensavam - que os chavões mágicos do marxismo-leninismo são um disparate, e que o socialismo soviético não é em nada superior ao Ocidente, constituindo, pelo contrário, um fracasso monumental. A oposição conservadora na URSS - formada por simples trabalhadores, com medo do desemprego e da inflação, e por altos funcionários do partido, receosos de perderem os seus cargos e privilégios - é declarada, e poderá ser

A mudança liberal nas potências nucleares poderia levar ao fim da História num prazo mais curto

A.M.A Auto Monumental do Areeiro S.A.
AUDI
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

a História?

suficientemente forte para derrubar Gorbachev nos próximos anos. O que ambos estes grupos pretendem, no fundo, é um regresso da tradição, ordem e autoridade; não demonstram verdadeiro empenho no marxismo-leninismo, excepto na medida em que lhe dedicaram grande parte da sua vida. (Isto aplica-se, em particular, ao conhecido dirigente conservador e antigo segundo secretário soviético, Yegor Ligachev, que reconheceu, publicamente, muitos dos graves erros da era de Brejnev). No entanto, para a autoridade poder ser restaurada na URSS, após o trabalho demolidor de Gorbachev, terá que se impor qualquer nova e vigorosa ideologia, que ainda não surgiu no horizonte...

Religião e nacionalismo

Admitamos, de momento, que as alternativas fascista e comunista ao liberalismo morreram; existem outros adversários ideológicos? Por outras palavras, será que ainda restam contradições na sociedade liberal (para além das de classe), que sejam irresolúveis? Aqui, surgem duas possibilidades: as da religião e do nacionalismo.

Nestes últimos anos, o crescimento do fundamentalismo religioso, no seio das comunidades cristã, judaica e muçulmana, tem sido muito comentado. Poder-se-ia dizer que este renascimento religioso aponta, de algum modo, para um descontentamento generalizado relativamente ao carácter impessoal e ao vazio espiritual das sociedades liberais de consumo. Todavia, embora este vácuo no âmago do liberalismo se deva, seguramente, a uma deficiência ideológica - e não é necessária a perspectiva da religião para reconhecer o mal - não é certo que possa ser remediado através da política.

(Estou a pensar em Rousseau e na tradição filosófica ocidental a que deu origem, a qual é crítica do liberalismo de Locke e Hobbes, embora também se possa contestar o liberalismo do ponto de vista clássico da filosofia política). O próprio liberalismo moderno constitui, em termos históricos, uma consequência da debilidade das sociedades baseadas na religião, as quais, não chegando a uma conclusão sobre a natureza do caminho para o Bem, nem sequer conseguiram assegurar as condições mínimas para a paz e estabilidade. No mundo contemporâneo, apenas o Islão refere o Estado teocrático como sendo uma alternativa política para o liberalismo e o comunismo. Mas esta doutrina seduz pouco os não-muçulmanos, e é difícil acreditar que venha a possuir um significado universal. Outras tendências religiosas, menos organizadas, têm encontrado resposta na esfera da opção individual que as sociedades liberais permitem.

A outra grande contradição - potencialmente irresolúvel pelo liberalismo - é representada pelo nacionalismo e outras formas de «superioridade» racial e étnica. É verdade que grande parte dos conflitos, desde a batalha de Jena, teve origem neste fenómeno: duas guerras mundiais catastróficas, neste século, foram geradas por diversas formas de nacionalismo nos países desenvolvidos. Por outro lado, se as exaltações que provoca se encontram, até certo ponto, amortecidas na Europa do pós-guerra ainda são extraordinariamente fortes no Terceiro Mundo. Ao longo da História, o nacionalismo tem constituído uma ameaça ao liberalismo, e continua a sê-lo em zonas isoladas da Europa «pós-histórica», como a Irlanda do Norte.

Não se provou que o nacionalismo resulte de uma contradição irreconciliável no contexto do liberalismo. Em primeiro lugar, não se trata de um fenómeno único, mas sim de vários - desde a nostalgia cultural moderada à doutrina altamente organizada e articulada do nacional-socialismo. Aliás, são, apenas, os nacionalismos sistemáticos desta última espécie que poderão representar uma ideologia formal ao nível do comunismo e do liberalismo. A grande maioria dos movimentos nacionalistas não tem ambições políticas para além do desejo, que se exprime pela negativa, de se tornar independente de um outro grupo, não possuindo quaisquer noções globais de organização socioeconómica. Aceitam, pois, as doutrinas e ideologias que possuem tais programas. Sendo uma possível fonte de conflito para as sociedades liberais, não nascem do seu contexto, mas sim porque este não foi completado. E sabemos que grande parte das tensões étnicas e nacionalistas, no Mundo, surgem porque as populações são forçadas a viver em sistemas políticos que não escolheram e que não as representam. Não sendo possível eliminar a hipótese de aparecerem novas ideologias (ou contradições inesperadas nas sociedades liberais), então a situação internacional parece indicar que os princípios fundamentais da organização sociopolítica não avançaram muito desde 1806. Muitas das posteriores guerras e revoluções, travadas em nome de ideologias que se declaravam mais avançadas do que o liberalismo, viram as suas pretensões desmascaradas pela História. Entretanto, contribuíram para promover o «Estado universal homogéneo», ao ponto de exercer um efeito significativo no carácter global das relações internacionais.

Francis Fukuyama

(trad. de Isabel Joyce)

Exclusivo DL/"The National Interest"

Amanhã:

4 - A perspectiva do tédio no mundo pós-histórico

(Conclusão)

Gorbachev subverte radicalmente alguns dos preceitos máximos do marxismo-leninismo

O pássaro de Fukuyama

A reflexão provocante de Francis Fukuyama sobre o fim da história é admirável, e a única que se arrisca a apresentar uma visão de conjunto sobre o sentido das mudanças internacionais, num momento em que a história volta a estar em movimento. Para lá das objecções possíveis, a começar pelo problema de saber se a história tem um sentido ou uma continuidade fundamental, é num quadro geral que vale a pena tratar a crise, por oposição às respostas paroquianas a um contexto de crescente incerteza.

A locomotiva da história

Segundo a tese de Francis Fukuyama, os últimos anos demonstram o triunfo final do liberalismo político e económico - as ideologias e os regimes totalitários, bem como os nacionalismos mais extremos, foram sucessivamente vencidos e não sobrou nada que constitua uma alternativa sistemática à ideia ocidental

O círculo fechou-se. Depois das guerras e das revoluções do século, regressa-se ao espírito liberal e de confiança na ocidentalização que prevalecia antes da Primeira Guerra Mundial, nos trinta anos posteriores à Conferência de Berlim. Retrospectivamente, o resultado das tragédias do século XX é a revelação da força da ideia liberal, que se tornou uma realidade quase universal, sobretudo a partir de 1945.

De facto, é possível interpretar as condições do momento para concluir que existem certas condições para a emergência de uma humanidade pacífica. Parece existir uma maior disposição para as nações se reconhecerem como membros de uma comunidade internacional e, em todo o caso, como o recurso à guerra se tornou excepcional e as relações económicas superaram os quadros nacionais, as soberanias estatais tendem a circunscrever-se como entidades políticas históricas e culturais. A cooperação entre as duas principais potências, cuja capacidade de dissuasão nuclear assegura o equilíbrio possível, tornou-se provável, sobretudo a partir do momento em que a União Soviética substitui a teoria dos «dois campos» pela interdependência e reconhece as afinidades e os interesses que a ligam às sociedades industriais mais avançadas.

Resta o problema do abismo que continua a separar as minorias privilegiadas das massas miseráveis do resto do mundo, apesar da dinâmica de crescimento de uma parte dos países da Ásia, que pode perturbar essas condições. Todavia, um bom hegeliano não perde tempo com o que se passa fora da história.

Para Francis Fukuyama, da soma destas mudanças deve concluir-se que, a longo prazo, o mundo material se regerá pela ideia ocidental. É o anúncio do Estado homogéneo universal, cuja realidade indica que a história encontrou o seu fim. Não é preciso fazer mais nada: Alexandre Kojève tinha razão quando mostrou que Hegel tinha razão e como o sistema hegeliano é completo e total não há nada a acrescentar.

Contravapor

A interpretação de Francis Fukuyama não é, porém, a única possível, nem é, nem tem que ser, completa.

Desde logo, nada prova que as mudanças não indiquem apenas mais um ciclo histórico. Na medida em que este é marcado por uma abertura da civilização ocidental, que tipicamente se reproduz destruindo-se, a sua extensão pode ao mesmo tempo criar um período de renascença e a restauração de outras civilizações históricas que ainda não completaram a sua adaptação aos imperativos modernos postos pela ocidentalização. De um ponto de vista mais pessimista, à maneira de Spengler ou de Toynbee, essa abertura ocidental é o sinal que prenuncia a decadência de uma civilização e, portanto, o início de um outro ciclo histórico em vez do fim da história.

Por outro lado, se é certo que a pobreza e o ressentimento das sociedades incompletamente destruídas fez recuar os regimes e as ideologias totalitárias comunistas, nem estes, nem as ideologias nacionalistas mais extremas (entre as quais não se deve incluir o nacional-socialismo), se podem ter por vencidos. Uns e outros podem ainda constituir-se, ou reconstituir-se como alternativas iliberais à ideia liberal.

Os regimes totalitários operam segundo o princípio de que tudo é possível e não são incapazes de transformar o que não é possível numa «realidade objectiva» através de uma acção consistente. Um regime comunista com uma economia de mercado é uma ficção? O facto de os regimes comunistas serem uma ficção não os impediu nem de existir nem de se reproduzirem. E vão interpretar os regimes totalitários exclusivamente com critérios de razoabilidade. Mesmo que o comunismo se tenha tornado impossível na União Soviética ou na China, continua ainda a ser improvável que o seu fim anuncie uma transição para a democracia liberal. Sobretudo no caso dos regimes que dominam Estados multinacionais, um *tertium genus* - uma fórmula que assegure a modernização económica e social e a continuidade dos Estados - parece mais provável e, até, no caso das potências nucleares, mais avisado, do que uma mudança liberal que significaria uma ruptura descontrolada. Esta situação, que não é impossível, poderia levar a uma escalada nuclear, acidental ou desesperada, e ao fim da história num prazo mais curto. Nada prova que, justamente nestes casos, o modelo fascista propriamente dito não se revele um sucessor pós-totalitário mais provável dos regimes comunistas em decadência acelerada.

Enfim, é demasiado brusco retirar da cena da história o Oriente, dado como uma alternativa extinta com a destruição do expansionismo imperial japonês no fim da última guerra. A mais importante revolução do século ainda não se completou e ninguém sabe qual será o efeito da ressurgência da China e do seu regresso possível à história, sobretudo se esta encontrar finalmente a síntese entre a sua civilização e os imperativos da ocidentalização e ainda mais se esta se realizar no quadro de uma relação electiva com o Japão. Se estas reservas são válidas, o ciclo não se fechou: tudo, ou quase, ainda continua por fazer.

Estação de trânsito

A história não tem necessariamente um fim. Sobretudo se se admitir que tem um sentido liberal, o seu fim impede que a história termine: a realização da liberdade é sempre uma obra inacabada. Não tem um fim, tal como o seu império - o nome clássico do Estado universal homogéneo - não pode ter limites.

Francis Fukuyama anuncia a sua melancolia perante o advento do fim da história, face a uma sociedade cinzenta, sem honra e sem grandeza, onde a satisfação de todos e o reconhecimento da dignidade de cada um estão finalmente adquiridos. A sua atitude pode ser a indicação antecipada da insatisfação perante a satisfação, em si mesma negadora do fim da história.

Esta atitude, de resto, é mais prudente do que a exaltação que pode causar a proclamação ou a percepção do triunfo da ideia liberal, sobretudo dentro da cidade ocidental, que pode deitar tudo a perder. Tucidides, depois de acabar a sua guerra do Peloponeso, teria concluído que a *hubris* dos Atenienses os levaria à perdição. Mesmo que a história não se repita, a sobriedade (e a vigilância) são melhores conselheiras perante o seu movimento: a coruja de Minerva só abre as suas asas ao crepúsculo.

Carlos Gaspar

CULTURA

olhar de mocho

Lusitânia Ronceiro

No catálogo das doenças infantis e juvenis, a seguir à papeira e ao sarampo, talvez seja de inscrever a «meningite» intelectual aguda de vanguarda. E os sintomas são fáceis de diagnosticar: os meninos que viram quadros de Velázquez e Rembrandt e depois descobriram Picasso e Matisse, sentem comichão vanguardista e pensam com os seus botões, «o que é que me faltará para também pintar aquelas modernices?»

Outro sintoma da doença manifesta-se em relação à escrita: fazer rimas à Guerra Junqueiro é difícil, mas poetizar à Pessoa - que coisa fácil, meu Deus! Ainda não entendi bem se o programa «Lusitânia Expresso» do 2, e que ontem à noite voltou a atacar, será na intenção dos seus produtores, padrinhos e realizadores, um contributo tipo tele-escola para os caloiros de Medicina irem iniciando-se nas doenças do foro psíquico, ou, pelo contrário, uma tentativa de satirizar a sátira em regime de auto-retrato. Vanguarda de quê? Do pós-modernismo? Mas nesta altura da vida em que as Torres das Amoreiras já foram desmistificadas - não são pós-modernistas, mas sim pastichos - onde é que está o modernismo?

O «Lusitânia Expresso» explica: existe uma associação entre as Laranjeiras (estação do Metro) e as laranjas. Será isto «um logotipo da genialidade»? Eu prefiro a estação da Palhavã, trazer por arrastamento a palha, e pôr a desfilar uma manada de buracos. Depois, poderíamos dizer aos burros o que o «Lusitânia» nos atirou à cara: «Toma lá o futuro mas não esqueças a herança».

Se se dissesse vice-versa, o efeito seria igual: toma lá a herança mas não esqueças o futuro.

Mas o programa «assume o risco». Risco de quê? Se optarmos por uma interpretação benigna de meningite intelectual infantil, os riscos citados são os que todos podemos fazer nas toalhas de papel do restaurante quando a fome tem de ser disfarçada enquanto não chega a sopa.

Não haverá quem saiba discernir entre criatividade e tolices? Fazer confusões ao acaso, misturar a China de Tiananmen com o Metro de Lisboa, filmar com *cameramen* de *Kindergarten* entradas e saídas das carruagens, só se admite em Televisão, em regime de concorrência com vários canais - independentes uns dos outros, claro.

Colocar o «Lusitânia Expresso» em horário nobre é a cabal demonstração, feita pela própria RTP, de que nos querem enfiar à força num ronceiro comboio de Chelas: temos vista para o mar e para a Europa que passa rápida mas ao lado.

José S. Monteiro

Gaibéus à solta na Gulbenkian

Por muito que o Tejo transborde ainda não lava as margens de 50 anos de miséria e humilhação do romance de Alves Redol

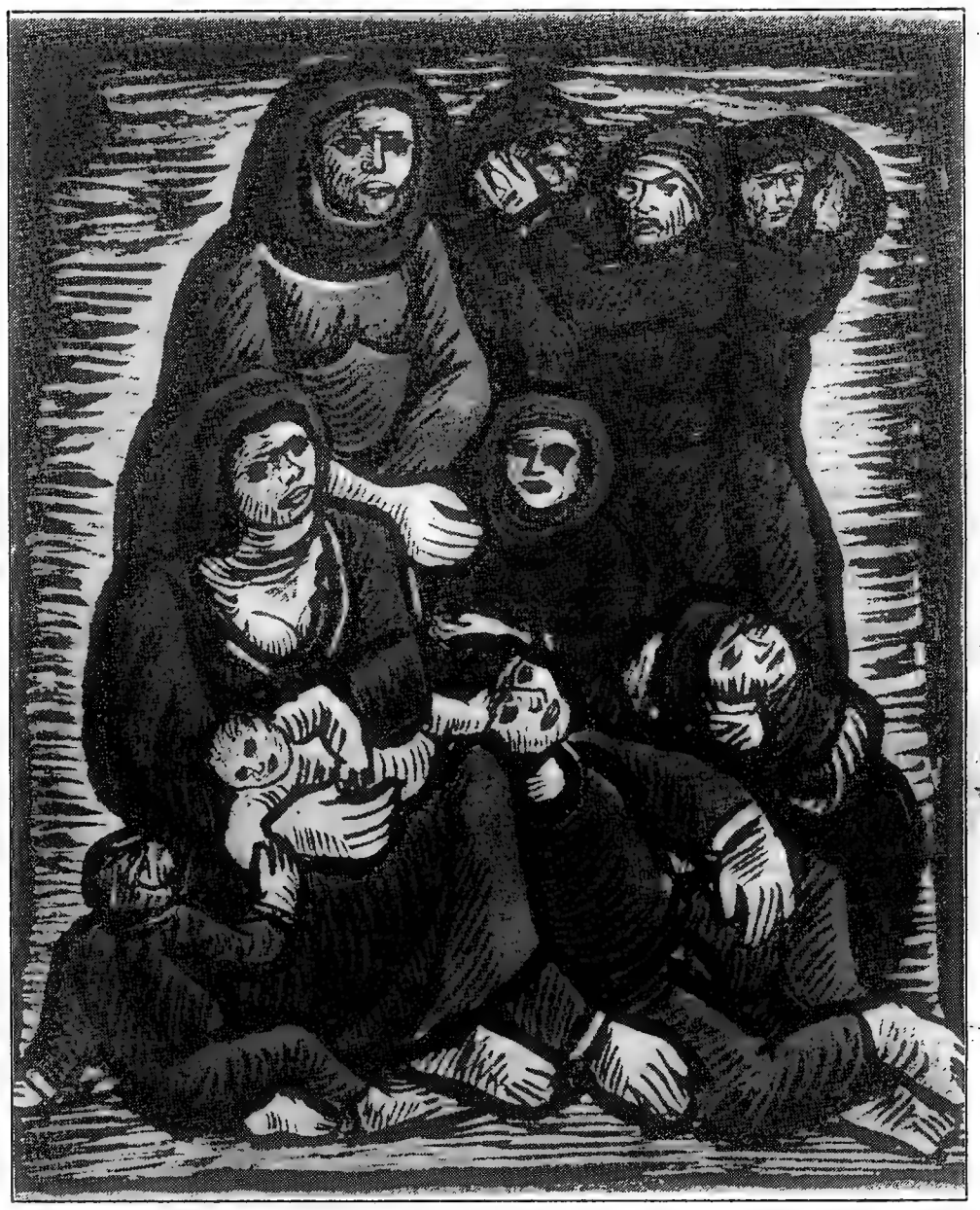
Nunca a incomodidade e a ausência se afirmaram tão gritantes, como na exposição comemorativa dos 50 anos da edição de "Gaibéus", inaugurada ontem à tarde na zona dos congressos da Fundação Gulbenkian.

O espaço, por certo gentilmente cedido pela Fundação, mais não é que um corredor atravancado de vitrinas com o espólio memorial de um tempo que, de manifestações, só as conhecia *espontâneas*. Ao fundo desse corredor remediado, de que menos seria nada, descortina-se uma sala com outras tantas vitrinas, e uns tantos painéis onde se vislumbra boa parte da história por mostrar/contar do movimento neo-realista português.

A um canto dessa sala, recria-se a oficina de Redol a partir de uma ampliação fotográfica, à boa maneira conceptual, sem omitir a bóina pendurada num esqueleto de árvore que mais parece retirada da imagética de Pavia.

Os painéis recebem o universo do autor de "Gaibéus" pintado por Pomar (ilustrações para o romance "Horizonte Cerrado"), Lima de Freitas (para o romance "Olhos de Água), ou o novíssimo Mário Dionísio; gravado por Cipriano Dourado e desenhado por Manuel Ribeiro de Pavia e António Guerra Vieira. As vitrinas revelam documentação bio-bibliográfica, de que o romance comemorado não detem a exclusividade.

É na totalidade da montagem e sua geografia, que consideramos sofrível e envergonhada a exposição iconográfica de Alves Redol, na Fundação Gulbenkian.

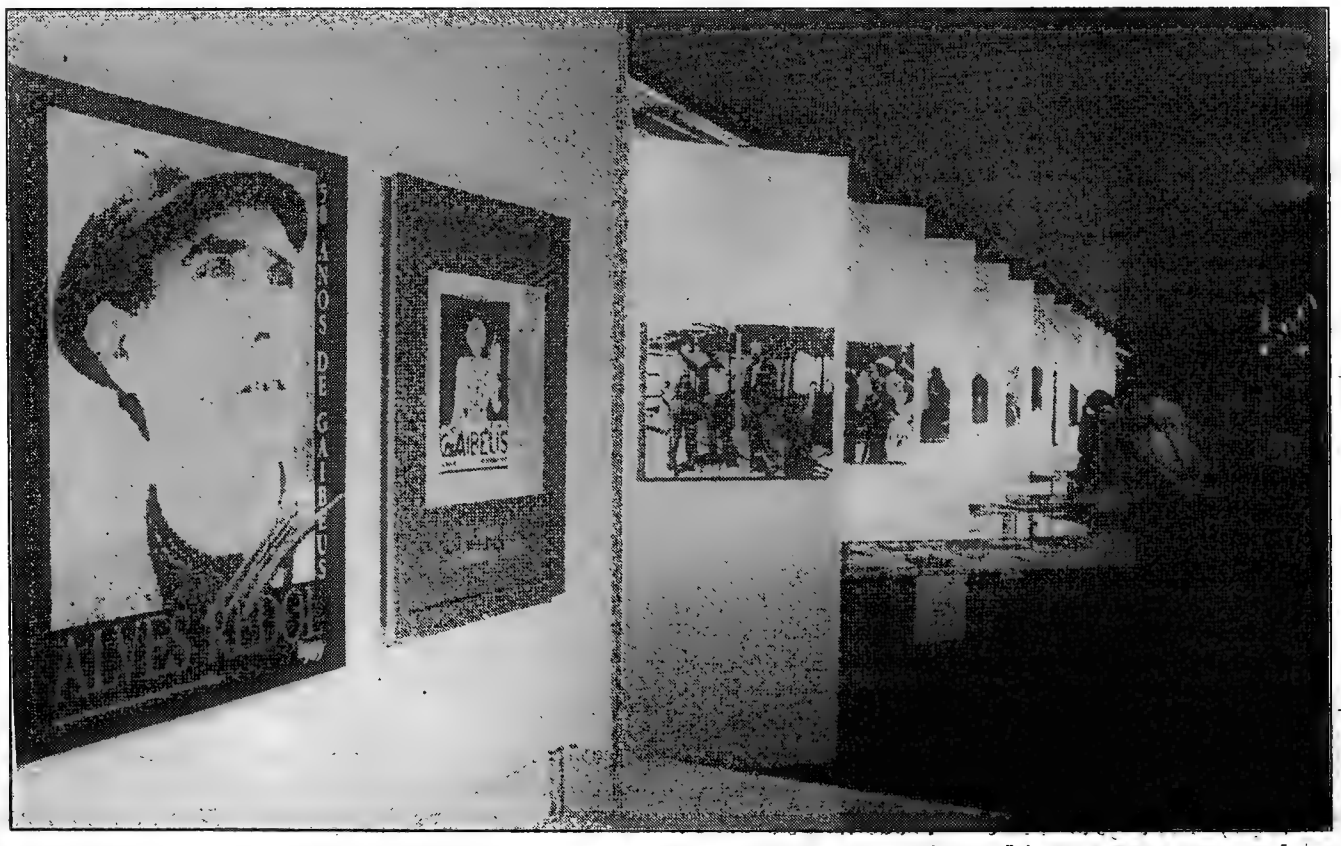


Estudo de Manuel Ribeiro de Pavia para ilustração de *Gaibéus*

Organizada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, faz parte de um programa ambicioso da comissão nacional para os "50 anos de Gaibéus", que integra nomes ilustres do, nem sempre compreendido e muitas vezes insultado, movimento neo-realista português.

Que Alves Redol e o cinquentenário da primeira edição de "Gaibéus" sejam **apenas** o pretexto para começar a lavar a enxurrada, percebe-se.

Jorge Fallorca



Não é o foyer de um cinema, é a exposição dos 50 anos de *Gaibéus* na Gulbenkian

CULTURA E ESPÉCTACULOS

BREVES

«Margarida do Monte» reabre Cinearte

«Margarida do Monte», peça de Marcelino Mesquita (numa adaptação de Hélder Costa), estreou ontem no Cinearte, que assim surge como nova sala de espectáculos de Lisboa, com Janita Salomé no papel de Miguel, Conde de Óbidos. Palavras daquele que se deu até agora à canção: «Os meus olhos, poros e tudo o resto estão abertos e estimulados para aprender esta arte do teatro».

A peça retrata os amores e desamores de D. João V por uma cigana, Margarida do Monte, então enamorada pelo dito Conde de Óbidos. Outros actores: Paula de Sousa, Luís Tomar, Maria do Céu Guerra, Cristina Chasvirovitch, Madalena Leal, António Cardoso, João Maria Pinto, Osvaldo Canita e António Gomes. Encenada por A Barraca, a peça conta com figurinos do espanhol Antonio Bellart.

«Reveillon» de luxo no Casino Estoril

A poucos dias do novo ano e da nova década, o Casino do Estoril prepara mais um luxuoso «reveillon» em que Paloma San Basilio e Herman José funcionam como atraentes «cabeças» de cartaz. O espectáculo que também é abrilhantado pela «High Society Ballet», pelos acrobatas Duban Hickol e Niccolini , pelo «habitué» nestas ocasiões Vítor Espadinha e pelo conjunto «Heartbreakers» promete, não obstante os preços proibitivos.

Casa da Imprensa homenageada pelo Circo Chen

Terá lugar às 21.30 de hoje na Praça de Touros do Campo Pequeno a gala que o circo Chen oferece à Casa da Imprensa, homenageando, assim, a obra social daquela instituição. O espectáculo que conta com a participação de diversos artistas circienses como os domadores de leões Mr. Mariani e os palhaços Humberto, Jó, Latta e Pinguim promete desde já agradar sobremaneira a todos os amantes do chamado «maior espectáculo do mundo». Os bilhetes estão ao dispôr dos interessados na própria Praça de Touros e nas agências ABEP e Alvalade.

Nova Música Portuguesa

Encontros sofrem alterações

O trio de Rui Azul, saxofonista do Porto que Lisboa ainda mal conhece, irá substituir a electrónica de TóZé Ferreira nos Encontros de Nova Música Portuguesa, com início marcado para a próxima quinta-feira, 4 de Janeiro. Formado num contexto jazzístico, o portuense vem experimentando desde há algum tempo a conjugação da acústica peculiar dos instrumentos de sopro, nomeadamente dos saxes tenor e soprano e das flautas, com as novas tecnologias de aplicação musical. O ciclo é uma iniciativa do serviço Acarte do Centro de Arte Moderna, e foi organizado ainda em vida de Madalena Perdigão.

Não é a única alteração ao programa que o «DL» anunciou há umas semanas, em primeira mão, nestas páginas. O trompetista Sei Miguel já não acompanhará, como convidado, e ao lado de João Paulo Feliciano e João Oliveira e Silva (ambos mais conhecidos como guitarristas no agrupamento de «fake» rock Tina and the Top Ten), o Duo Rodrigo Amado/Luís Desirat. No seu lugar, e devido - ao que apurámos - a desinteligências com a organização, estará João Pedro Lorena, um elemento dos Mler Ife Dada, com o seu clarinete baixo. Música improvisada pós-vanguardista, é o que se espera.

O primeiro espectáculo musical dos Encontros estará a cargo dos Telectu, às 21 e 30 de dia 4, organizado em quatro módulos instrumentais, do totalmente acústico ao electrónico, do improvisado ao minimal e ao mimético. No dia 5, sexta-feira, o serão é preenchido com o Miso Ensemble, duo constituído por Paula e Miguel Azguime numa área muito próxima da música erudita contemporânea. No sábado 6 realiza-se aquele que será, em termos lisboetas, um dos concertos mais esperados por bom número de pessoas: Carlos Zíngaro apresenta-se ao público com três violinos (um totalmente acústico, outro que acoplará à parafernália electrónica e um terceiro «wah-wah») e a sua música inclassificável, com pós sacros e étnicos, jazzísticos e eruditos, de rock e de new age. No domingo, dia 7, teremos matiné, às 16 horas: na primeira parte actua Rui Azul, acompanhado por Rui Júnior e Quim Né na percussão e Horácio no santoor e depois do intervalo a dupla, desdobrada em quinteto, de Amado no saxofone alto e Desirat na bateria. O ciclo promete.

Heróis e Cegos

O RENDER DOS HERÓIS, de José Cardoso Pires. *Dramaturgia:* Mário Barradas. *Encenanção:* José Martins. *Assistência de Encenação:* José Peixoto. *Cenografia/Figurinos:* Eduardo Cruzeiro. *Desenho de Luzes*: Orlando Worm. *Interpretação:* Rui Mendes, Raquel Maria, Cremilda Gil, José Peixoto, Waldemar de Sousa, José Gomes, Jorge Silva, Augusto Portela, Carlos Costa, António Barbosa, Paulo Costa, Luís Pereira, José Lopes, Manuela Pedrosa, João Lagarto, Marta Bettencourt, Paula Silva, Jorge Parente, Gil Filipe, Rosa André, Rui Peixoto, Canto e Castro, Vera Azevedo, Teresa Gonçalves, Luís Alberto, João Azevedo. *Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett*. Estreia: Teatro da Malaposta (Olival Basto) - 20-12-89.

A estreia do primeiro espectáculo do CDIAG no Teatro da Malaposta arrastou alguns acontecimentos que interessa focar: em primeiro lugar, a inauguração, como espaço teatral, de um complexo de produção cultural (cinema, exposições, debates) que fica a ser, certamente, um dos espaços mais bem equipados e mais sedutores, ao mesmo tempo, de criação teatral do país; o da recuperação de um texto que, em 1965, em plena ditadura, serviu de base ao que foi um dos mais importantes espectáculos do teatro português e, ao mesmo tempo, o espectáculo-padrão do Teatro Moderno de Lisboa cuja importância no contexto teatral da época foi decisiva.

Dois riscos, no mínimo, corria o CDIAG ao optar pela recuperação do texto de José Cardoso Pires: o de não ser capaz de superar o que nele porventura, estivesse demasiado preso, como discurso político e como discurso estético, ao tempo em que foi escrito e representado e que era um tempo que impunha o confronto mas também uma carga subliminal; outro o de não conseguir vencer a memória daqueles que viram o espectáculo e, pior do que isso, daqueles que só ouviram falar dele e por isso o mitificaram. Devo dizer que o espectáculo do CDIAG não passou incólume por estas provas, reflectindo, talvez sem remédio, essa manifesta incapacidade de as superar.

A começar pelo trabalho de dramaturgia, assinado por Mário Barradas, que esqueceu um postulado essencial que é este: a linguagem teatral impõe um determinado ritmo de representação e esse ritmo é, ou pode ser, destruído pelo tecido que o condiciona. O respeito pelo texto dramático não consiste em respeitar a sua letra mas o seu espírito. Acontece que há neste espectáculo diálogos e até cenas (exemplo: as cenas sétima e oitava da primeira parte) que nada adiantam ao nosso conhecimento das personagens, nem ao evoluir da acção, nem são a afirmação de uma poética, pelo contrário, obstaculização a vitalidade das personagens, despotencializam as situações que constituem os nódulos da acção, desvalorizam o seu sentido poético. Deviam por isso ser sintetizados.

Se a dramaturgia parece ter desprezado o factor de economia que é, em teatro, essencial (estude-se Shakespeare para o comprovar), a encenação de José Martins vai no mesmo sentido, agravando-o, não só ao aceitar a sobreposição do texto, como ao utilizar um ritmo que parece mais digno de uma peça de Tchekhov do que uma obra que se situa no domínio do épico e do grotesco.

No entanto, a peça de José Cardoso Pires contém elementos para ser um grande texto teatral e para ser um grande espectáculo (que vimos, se a memória me é fiel, em 1965), basta para o verificar observar a carga simbólica, e autenticamente teatral, de personagens como o Cego que deixa de o ser para depois voltar a sê-lo (como o povo português que tira a venda, revolta-se, é vencido, volta de novo a pôr a venda), como as duas Comadres que ao longo da acção arrastam um pesado fole cheio de pólvora que deve ser entregue aos revoltosos que nunca encontram e comentam o que se passa (parábola sisífica sobre a história de um povo que se revolta sem saber muito bem porquê, para quê, como); basta para verificar a qualidade dramática da peça de José Cardoso Pires ver como o escritor põe em confronto os vários grupos sociais que constituem a estrutura humana e histórica da peça: os grupos da revolta da Maria da Fonte, os opressores que nalguns casos são também oprimidos (soldados e oficiais), os burgueses (nacionais e estrangeiros) que recuperam a Revolução. Essas potencialidades dramáticas e teatrais que a peça oferece foram em grande parte desaproveitadas e, até, destruídas, pela opção da dramaturgia e da encenação que preferiram sublinhar o óbvio e obscurecer o claro, preferiram repetir o texto em vez de o reinventar que é isso o que o teatro quer.

Os problemas do espectáculo decorrem dessas opções fundamentais: caso do cenário de Eduardo Cruzeiro que procura a imagem de uma região de transição entre o Minho e Trás-os-Montes na grandeza e nudez das suas formas (pedras e árvores), um cenário que resolve o problema da mudança de cenas mas contribui para essa sensação de arrastamento que o espectáculo provoca, reforçada pela rampa que as personagens têm que subir e descer constantemente.

Dois elementos do espectáculo devem, no entanto, ser realçados: a música de António Vitorino de Almeida que só levanta o problema de muitas vezes se impor ao espectáculo, o que decorre da sua força e da fragilidade deste, mas que é, em termos absolutos, uma das mais belas partituras e das mais seguras execuções que temos ouvido no teatro português; o trabalho dos intérpretes, sobretudo pela homogeneidade que o marca. Não se pode dizer que haja grandes interpretações, embora o trabalho de Canto e Castro, Raquel Maria, Cremilda Gil, José Eduardo, Rui Mendes, José Peixoto, José Gomes, Rui Peixoto, Waldemar de Sousa, Teresa Gonçalves, Luís Alberto, em participações mais longas ou mais breves, seja por vezes, brilhante, mas pode dizer-se que houve uma certa coerência na sua direcção bem como no desenho geral do espectáculo, o que se deve em parte ao rigor imposto pelo encenador. Nessa homogeneidade falham alguns intérpretes jovens que não revelam ainda possibilidades para enfrentar personagens exigentes, como são algumas revoltosas.

Este espectáculo levanta uma imagem terrível da nossa sociedade, da nossa história, do povo que somos. Imagem terrível que é constituída por aqueles pobres revoltados e por aqueles que se lhe opõem, representantes de um poder ditatorial, traidor, mas eles também, uns autênticos pobres diabos. Não sei se esta imagem de anti-heróis e de marionetas do poder estará ou não caricaturada. Sei que merece uma reflexão de todos nós. É esse um ponto importante a favor de um espectáculo que não satisfez as nossas legítimas expectativas.

Carlos Porto

A confissão de um impasse

Como é absurdo o «jornalismo cultural»!

Não enganemos ninguém. Por mais que os responsáveis de suplementos literários ou de publicações da especialidade insistam na comparação do «jornalismo cultural» com os jornalismos que se praticam em torno da política, da economia ou do desporto, não é verdade que se trate de semelhantes exercícios de aplicação. O tratamento jornalístico da cultura é bem mais problemático, e tanto assim que nos parece impossível solucionar os vários e diversíssimos dilemas que se nos colocam cada vez que pretendemos forjar o melhor modelo. Se calhar por isso é que as páginas culturais e literárias de um jornal ou de uma revista são tão diferentes de caso para caso, faculdade que não encontramos nos outros sectores.

No jornalismo político ou desportivo a haver diferenças de um título para outro só damos por elas ao nível mínimo do estilo pessoal do redactor ou a esse outro, pouco mais amplo, do estatuto editorial em vigor. Escrever sobre matéria cultural é outra coisa, e se constatamos que a perspectiva sobre a cultura no «JL» não é a mesma no «Expresso-Revista», o facto em si não é explícito de uma qualquer virtude especial, mas de um desespero de causa quando há consciência do problema, ou de um equívoco canceroso, caso se verifique o mais impune alheamento. Em traços gerais o que se passa é isto: tendo o jornalismo vocacionado para os assuntos culturais, como motivação básica, proporcionar pela informação um acesso mais directo do leitor ao consumo do livro, do disco, do cinema, verifica-se às tantas que a representação mediatizada da cultura se substitui a ela mesma, reduzindo-a ao seu espaço. Fala-se já, aliás, de uma «cultura magazinesca» própria do nosso tempo, na qual todos nós, produtores, intermediários e consumidores, tendemos a interiorizar como se fosse natural e óbvia. Vamos dançar ao Frágil e na primeira ocasião debitamos duas ou três ideias, duas ou três referências que não são nossas na medida em que não as pensámos: lêmo-las nalgum sítio e repetimo-las, ingenuamente.

Os jornalistas fazem-no tanto ou mais que os restantes, talvez porque hoje, mais do que nunca, é preciso mostrar, em letra de Imprensa, que se está a par de tudo. Um jornal é um espaço público, e um monstrozinho há por ele vagueando com o nome de «social», bicho corrosivo como se sabe. Muitos não resistem à tentação, mas quem resiste fica ainda em piores lencóis.

O fantasma do jornalista que se dedica às culturas tem um contorno muito preciso: é a banalização. Ninguém lhe escapa, dependendo a lucidez subjacente, ou sobrevivente, das atitudes que se tomarem e de mais nada. No Caderno 3 do «Independente» assumiram-se todas as contradições e a abordagem resulta ostensivamente jovial e juvenil. É o exemplo acabado do que poderá ser uma cultura «pop». A revista «Ler» é uma «montra» em que a funcionalidade divulgadora e informante marginaliza quaisquer intuitos reflexivos e analíticos. É coerente com a mecânica do mercado livreiro e editorial português e tem a dignidade, rara por sinal, de não se envergonhar com as suas opções. A cultura do «Expresso-Revista» é ensaística e universitária mais do que jornalística, mas não escapa à atracção da mundanidade (antes pelo contrário: fundou-a e definiu-lhe os vícios). As páginas culturais de domingo do «Diário de Notícias» são impenetráveis e no entanto preservam tudo à actualidade, equacionando oposições sem, obviamente, se poder resolver a operação. O «JL» atarefa-se na trabalheira de se garantir como uma instituição e põe de lado a sua própria individualidade como «letra» e nós, no «Diário de Lisboa», ou mais exactamente no Suplemento Literário agora renascido, alimentamos a ironia (e a ilusão) de que a antologiação basta para escapar aos óbices em que, melhor ou pior, mais seguros ou mais distraídos, caem os nossos colegas.

Mas demos voz e razão a um especialista a quem estas questões não são estranhas. Miranda de Bragança é docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, na área de Comunicação Social, e vai à origem destes desesperos: a cultura, disse ao «DL» uma destas tardes, tem vivido sempre em crise, dado que as suas partes activa e passiva, a produção e o consumo, andam separadas. Torna-se portanto necessária uma mediação para unir o fosso e permitir a concretização dos processos culturais: não é caso, sequer, para grandes admirações. «Com a mediação surgem os bens simbólicos, que por natureza tendem a extravasar. Temos então que lidamos com produtos mercantis e produtos simbólicos, e as tentativas de convergir as estratégias de ambos raras vezes se provam eficazes», como acrescentou ao repórter.

De certo modo, o que uma publicação de cariz cultural realiza é, na sua opinião, «um trabalho de eufimização da estrutura mercantilista», com um discurso que se autonomiza e acaba por entrar em circuito fechado, algures mas bloqueando toda a mecânica da coisa. Curiosamente, é a esta disfunção que todos nós chamamos «democratização da cultura», conferindo as consequências positivas, que são, de facto, muitas e bastantes, mas esquecendo-nos do reverso. Talvez porque, simplesmente, não cabem juízos de moral neste assunto e não há verdade que não transporte consigo o seu paradoxo. «Assiste-se assim à perda de aura da obra de arte, e verifica-se que com a reprodução da cultura é a sinestesia da percepção, também, que se perde», acha Miranda de Bragança, com o cuidado de salientar, porém, que as suas palavras não se justificam por uma posição elitista.

Afinal de contas, é indesmentível que a «difusão» de cultura é apenas «uma difusão de ideias» sobre a cultura, com a preocupação condicionante de se ser compreensível e unifórme, linear e simplificador, organizado e sucinto, ilustrativo e exemplificante. O ridículo está precisamente aqui: é que se o texto jornalístico destitui os seus temas da complexidade inerente, falseando-lhes a consistência, não lhes dá, em troca, absolutamente nada. Que conclusões tira o leitor das páginas de Cultura e Espectáculos do «Diário de Lisboa» para além daquelas, parcas, breves, superficiais, que fechado o jornal logo se apagam?

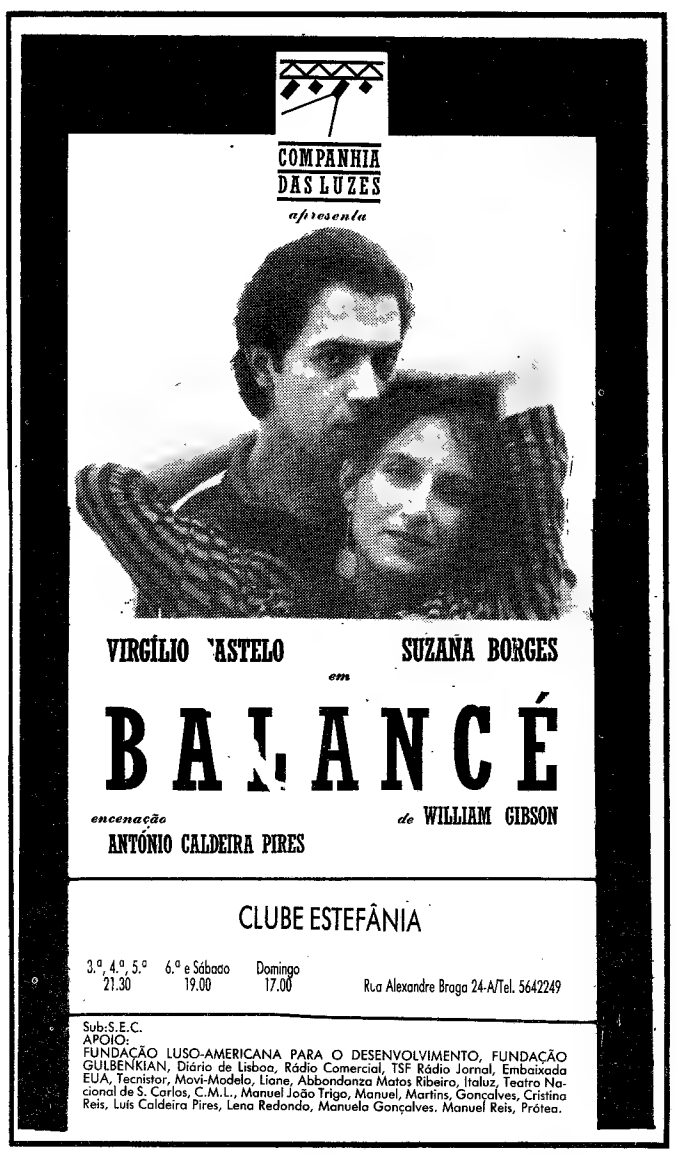
O comunicólogo que consultámos não está enganado: chegar ao grande público não só provoca uma degradação do texto de índole cultural como é simultâneamente uma mistificação, porque tente-se o que se tente esse objectivo é utópico e de modo algum parece desejável.

«Dá para entender que o Manuel Maria Carrilho, o Eduardo Prado Coelho ou o Eduardo Lourenço que encontramos em papel de jornal são um Carrilho, um Prado Coelho e um Lourenço "de segunda", porque tentam fazer-se entender pelo maior número possível de pessoas em prejuízo das suas actividades centrais. Assustamo-nos mais quando suspeitamos que nunca houve um Prado Coelho, um Lourenço ou um Carrilho "de primeira", e se percebermos que eles, afinal, sempre estiveram submetidos a esta lógica», sentencia Miranda de Bragança, a propósito.

Será uma afirmação de cátedra? Parece que não, porque o mesmo Miranda de Bragança invectiva com igual empenho os «hermetismos de seita» que ainda é comum encontrar em meio universitário. As reacções contra a vulgarização cultural podem apontar a necessidade de uma «des-mass-mediatização», mas nem por isso são snobs. Afinal, podemos imaginar «elos intermédios» entre a cultura universitária e a reprodução cultural dirigida às populações, o mais não seja porque «o hermetismo e a banalidade acabam por se encontrar nos extremos». Uma questão de medida? Certamente, mas também de repensamento global, se de facto entendermos um dia que é possível sair deste impasse. No «JL» impera o princípio do criticismo a toda a prova, frio, objectivo e douto, enquanto que no «Expresso» entram no quadro de jornalistas elementos cujas prática escrita e postura são muito evidentemente de tese, com o contrapeso da moda. No «Independente» brinca-se a sério, baralha-se, torna-se a dar e volta-se ao mesmo, na «Ler» aceita-se o jogo e todas as suas consequências, sobriamente, no «Diário de Notícias» o cinzentismo é um modo de usar. E no «Diário de Lisboa»? Passa-se ao lado, porque é muito conveniente circundar aquilo que não aparenta solução...

A culpa, dizemos entre nós, não é de ninguém nem de todos. Será da máquina e dos seus mecanismos. Os nossos pecados são sempre pontuais, «faits divers». Ficamos ilibados de maiores responsabilidades, o relógio, aliás, diz que são horas de fechar e somos unânimes em garantir que isto até vai. Ça marche. A única hipótese é então destruir-se o consumidor de cultura como consumidor, como (se) pergunta o nosso comunicólogo, como sugere um Baudrillard? Proposição demasiado abstracta para que agora a consideremos. Sim, fomos deformados pela intenção «pedagógica», e sem conseguir elevar os culturalmente analfabetos começámos a tratar os demais como «burros». Depois quisemos emendar os marxismos primários de há dez anos julgando as classes médias mais «interessadas» do que realmente estão, e o resultado é o que se vê: papagueamos, mastigamos cultura, e não há uma alma que nos leia. Vamo-nos lendo uns aos outros. Pessimismo? Há quem diga que vivemos em plena barbárie pós-moderna...

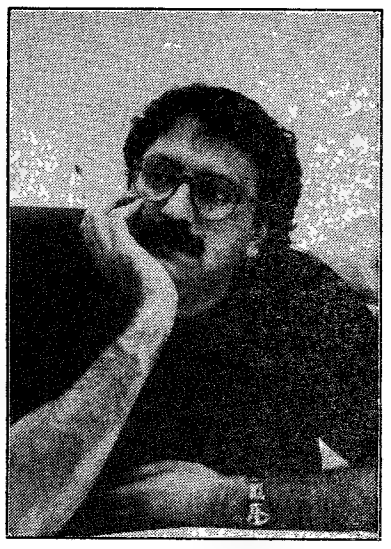
Rui Eduardo Paes



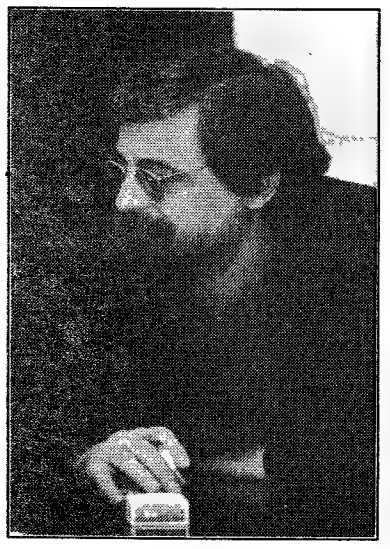
Uns e outros

Luís Almeida Martins, «JL»

Antunes Ferreira, «Diário de Notícias»



Francisco José Viegas, «Ler»



Alexandre Pomar, «Expresso»

Sérgio Coimbra, «Independente»

Era previsível que Luís Almeida Martins, director-adjunto do «JL», não resistisse à simplificação das próprias intenções da publicação de que é o executivo número um: «O nosso objectivo é manter os leitores a par do movimento cultural». Nada a mais e nada a menos, divulgar, informar, coligir, recensear, mas também servir como «elo de ligação entre as comunidades lusófonas», ou seja, cumprir um destino que se deseja institucional e único. Martins também diz ao «DL» que um jornal, na sua perspectiva, tem que ser «um meio para alguma coisa», uma «chave de acesso», não se bastando por si mesmo: os jovens «cultos» que passeiam o «Jornal de Letras» debaixo do braço nas ruelas do Bairro Alto ilustram-no cabalmente.

O «JL», portanto, desempenha funções, marca uma presença, é um garante de estilo, um carimbo social. Foi pioneiro na integralidade exclusiva de uma atenção jornalística ao objecto cultural e conquistou um prestígio que ultrapassou em muito as suas proporções, o seu âmbito e até as suas capacidades. É uma cultura mundana, sem dúvida, a que nos oferece, e ainda que de um modo geral pela pena de universitários pouco versados em popularizar a sua linguagem, com um atraso substancial na forma com que abordam os fenómenos culturais mais contemporâneos. O director-adjunto garante-nos que haverá proximamente mais entrevista e mais reportagem, mas o «JL» parece irremediavelmente ultrapassado por todos os títulos que ganharam impulso graças ao seu exemplo. «Seremos cada vez mais interventivos», prometeu, no entanto...

Antunes Ferreira, responsável editorial, na sua qualidade de chefe de Redacção, das páginas de cultura que o «Diário de Notícias» publica aos domingos, disse-nos por sua vez não estar interessado numa cultura «de alecrim e manjerona», predisposta às pequenas questões e questiúnculas: «A cultura não é só Cargaleiro e Dorita Castelo-Branco, Júlio Pomar e «Os Tigres», a memória de Nemésio ou de Jorge de Sena, é também o grupo folclórico de Santa Marta de Portozelo, os bonecos de Rosa Ramalho ou a análise de uma ronda do campeonato de futebol.» É sua ideia, aliás, que «uma cultura que não seja suficientemente divulgada não é cultura». Pendendo para um lado ou para o outro, a verdade é que o «DN» opta pelo tratamento indiferenciado de toda e qualquer prosa, neutralizando as mínimas hipóteses de sedução. O princípio daquele matutino - «comunicar com os leitores» - mantém-se porém, ainda que «entre os objectivos propostos e os resultados haja sempre hiatos», como nos foi confessado.

Francisco José Viegas, pelo seu lado, agora nomeado director da «Ler» (Círculo de Leitores) depois de um afastamento temporário, não alimenta ilusões e não esconde aquilo que pretende. Sim, é verdade, «a cultura no Ocidente é um espectáculo, o livro é muito simplesmente um objecto de consumo e a escrita jornalística sobre cultura um jogo», conforme admitiu ao «DL». É indesmentível que a melhor cultura «é a fabricada em silêncio», mas mais cedo ou mais tarde ela vem ao de cima e equipara-se às que já estavam no topo. Antes do Goncourt ninguém sabia nada de Claude Simon, mas agora está na moda - lembrou. De qualquer dos modos, não há quem possa negar que «a sobrevivência do livro se deve às leis do mercado»: consciencializar a situação é manter ainda os pés em terra firme, mesmo que critiquemos uma certa conformação da revista à lógica comercial. A banalização e a massificação culturais são um facto, conclui Francisco José Viegas, mas talvez seja o que permite à cultura « ser uma catedral em festa».

Do lado do «Expresso-Revista», o coordenador da secção cultural, Alexandre Pomar, elucida antes de tudo que a cultura não pode ser encarada como um «espaço isolado», visto tratar-se de um terreno em que «entram em concorrência as políticas e as economias de Estado». É condição, considerando este cenário, que «não se escreva para um "ghetto" minoritário mas que também não se pretenda chegar a todo o público». O «Expresso» situar-se-á entre uma coisa e outra mas nem por isso resolve as contradições da mediatização cultural: antes pelo contrário, é o sinaleiro de todos os vícios abrangentes. As máximas do suplemento, segundo Pomar, são «o aprofundamento» e «a exaustividade», entendendo-se estas como modelares: «A "Revista" pôde assumir um carácter supletivo do que poderiam ser as revistas especializadas que não existem», ouvimo-lo dizer.

Contra tais pretensões, o Caderno 3 do «Independente», pela voz de Sérgio Coimbra, procura opor à cultura «de Secretaria de Estado» a cultura do País, que julga representar. O «Expresso» acabou mesmo por ser um modelo de referenciação, mas pela negativa: quando aí se escreve sobre artistas, escritores, músicos estrangeiros, o «Independente» faz questão em avançar com portugueses. «A hipótese de banalização é que é interessante», avança o editor cultural deste semanário. Coimbra acha mais saudável que no seu jornal o crítico diga simplesmente que gostou, «e pronto», do que determinar, como se faz na publicação adversária, que tal filme é bom e deve ser visto e aquele outro não. Não invalida tal que muito pouco fique da leitura do caderno, circunstâncias de «ser um jornal do povo, sem ser um jornal do MRPP».

R. E. P.

Germano não é género humano

Digamo-lo sem receio: só há propriedade em ser-se coordenador de um suplemento literário quando já não se acredita muito no género humano. Afinal não evidenciou o chicote de Heidegger que a linguagem é uma espécie de pastor para o ser? Somos ruminantes, habituados a tomar a tonelagem pelo atributo, e só isto explica o comportarmo-nos de maneiras diferentes em grupo ou na brecha ruinosa da solidão.

Uma das coisas que me surpreenderam no seguimento do convite para coordenar o Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» foram os comentários alusivos à tradição do mesmo e a obrigatória comparação **desta** com as outras séries. Antes de nascer já o terreno deste suplemento era um jardim de próteses.

Dizia Dupont: «espero que seja tão bom como no tempo do Cardoso», e avançava Dupond: «digo mais, espero que seja tão bom como no tempo de Cardoso». Este é um problema comum a todas as coordenações, gerado na confusão de não se distinguir, como em tempos avisou Mário de Carvalho, «género humano de Germano».

E eis lenha acrescentada ao lume brando do meu cepticismo: a **percepção** da criatura humana é um enigma. Contudo, agir contra este fogo cruzado das influências que em tempo foram diferença é o primeiro passo contra o dogma e o primeiro esforço que deve enquadrar, hoje, qualquer suplemento literário. Perdida a razão apaixonada das vanguardas, o procedimento será, doravante, o de aferir e não o de ceder às incitações. Inventariar as armas no repouso das batalhas pode ser vital porque nos situa em relação ao impasse.

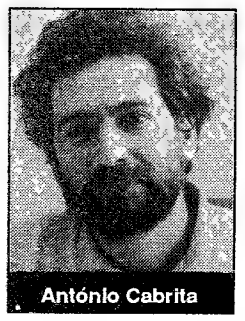
Em épocas recentes fazia sentido que, por exemplo (repito, por exemplo) a & Etc, como editora, agisse coercivamente sobre o coma dos cidadãos. Do mesmo modo, durante anos e anos, a **geração de 61**, no que concerne à poesia, soube mover uma guerrilha necessária à doxa literária.

Hoje, o sentido da & Etc esvaziou-se, e não por falta de pertinência ou amolecimento do projecto - o mercado assimilou as diferenças e as minorias, transformando-as em «mais-valia estética».

Quando o inefável Dias Loureiro vem anunciar que o seu poeta de eleição é o Philip Larkin, a sua confissão premedita: a) uma especialização deste aprendiz de Elói Calisto como leitor de poesia; b) que a poesia **alterna** nos bares do poder; c) que o Germano é género humano. Quem diz poesia diz Gombrowicz, Jaime Gil de Biedma, Artaud, e mais rinocerontes que o marketing editorial engoliu.

Do mesmo modo se pode perguntar se o espírito, se a contaminação e a **letra** da **geração de 61** não acabaram por inquinar num **banco de corais** que impede o livre fluxo das águas à insularidade poética. É uma questão que se me põe, não o afirmo nem peremptória nem tacitamente.

Mais grave: se como insiste Prado Coelho à saciedade já não há exterior do **sistema** - e deixa de haver a partir do momento em que o jornalismo se torna a notícia porque esse é o sinal de que está esbatida a diferença entre ideologia e realidade - que nos fica da advertência de Adorno de que tal factor acarretaria a impossibilidade da sátira na «sociedade total»?



António Cabrita

Que papel, pois, cabe à literatura e a um suplemento da dita? A fórmula da notícia está gasta, na medida em que o marketing editorial obriga a uma indiferenciação dos produtos. O panejamento das academias, como na «Colóquio», é um triste casamento do retórico com a agonia. Se há desempenho a assumir é no domínio de uma gramática da percepção.

Fernando Belo contava, num livro, ter encontrado uma senhora das Avenidas Novas que diante do anúncio da bomba de neutrões deixara cair, candidamente: «não heide morrer sem ver». Na televisão, está claro.

Italo Calvino parodia em **Palomar** a pobre existência de uma criatura que não consegue pensar sem ter visto primeiro o objecto das suas reflexões. O que, definitivamente, se deve problematizar é este trânsito unívoco das percepções. A literatura, na sua forma plural de desvendar ser e mundo, não deve eximir-se ao seu papel.

Organizem-se pois os suplementos literários como glossários, pequenas bibliotecas onde, preconiza-o Eco, se entra sem programa, pelo puro prazer da descoberta. Não há leitura como a que subitamente parece equilibrar uma montanha sobre o fio de um cabelo e essa só acontece quando se baralham os tempos, as vontades e os modos narrativos que as ritmam. Persiga-se um intuito antológico que consiga cruzar a actualidade e a sua genealogia, o autor vivo e o precursor em que se redescobre. Só na elaboração de novas genealogias para o que parece cristalizado - sensibilidades estilísticas, autores e gestores de epigonização, história e tradições literárias - o terreno pode fertilizar outras percepções, uma gramática mais fluida. E será esse um modo de nos mantermos imunes mas não indiferentes. Que no contar das armas se redescubra a sátira.

Falar de cinema

«Vai-Vem» no tempo

REGRESSO AO FUTURO, II *(Back to the Future, II) - R: Robert Zemeckis (EUA, 1989); A: Bob Gale e Robert Zemeckis; F (cor): Dean Cundey; M: Alan Silvestri; Mont: Arthur Schmidt e Harry Keramidas; Dir. Art: Rick Carter; Ef. Esp. Visuais: Ken Ralston; P: Steven Spielberg, Frank Marshall e Kathleen Kennedy; I: Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson, Thomas F. Wilson, Elizabeth Shue, James Tolkman, etc. D: 107 m; Dist. Filmes Lusomundo; Est: Alfas, Amoreiras, Apolo 70, Fonte Nova, Londres, Politeama, S. Jorge (Lisboa). Cl: *** (M/12 anos).*

Regresso ao Futuro foi um dos principais êxitos de bilheteira da década de 80. Realizado em 1985 por Robert Zemeckis, com produção de Steven Spielberg, era normal ter uma continuação, sobretudo numa época em que qualquer sucessozinho justifica desde logo uma sequela para aproveitar e rentabilizar o bom acolhimento público. A «Parte II» aí está, anunciando-se para o Verão de 1990 a estreia na América da «Parte III» que prolonga esta e é já aqui publicitada num final que se assume como «trailer» do que está para vir e já foi filmado pela mesma equipa. Ou seja: *Regresso ao Futuro* afirma-se agora, publicamente, não como um filme que vai inventando novas situações para prolongar um tema de agrado popular, mas como um «serial», um daqueles filmes em episódios dos anos 30 e 40, nos quais o herói terminava uma «jornada» numa situação dramática que se deixava em suspenso, como chamativo para a «jornada» seguinte. Isso mesmo acontece a Marty Mc Fly e ao dr. Emmett Brown em *Back to the Future, Part II*, antecipando-se nas derradeiras imagens o prazer que se adivinha no próximo episódio da série. Se foi Steven Spielberg quem, desde sempre, adoptou como estrutura das suas obras de aventuras o esquema tradicional norte-americano dos «serials», nunca como agora o denunciou tão claramente. Algo de semelhante, mas um pouco mais sofisticado, havia feito também George Lucas com *A Guerra* das *Estrelas* produzindo um tríptico que afirma ser o centro de uma aventura em nove episódios, de que veremos proximamente os primeiros três e os três últimos. Mas *Star War* parece ter entrado em «pane», pelo menos tendo em conta os prazos anunciados eque tudo leva a crer já não serem cumpridos até ao ano 2001...

Voltando a *Regresso ao Futuro*, há que confessar que, apesar do primeiro filme da série ser mais um inteligente e divertido aproveitamento do mito da «máquina do tempo» de H. G. Wells, concebido com todos os condimentos da moderna tecnologia, a verdade é que a obra me deixou um pouco indiferente. Esta sequela é neste aspecto mais compensadora, jogando com algumas situações clássicas da ficção científica, como, por exemplo, o caso do sábio que inventa algo como as melhores intenções do mundo (primeiro episódio: Brown e McFly «voam» até aos anos 80 para transformar o carácter inibido e subserviente do pai e o conformismo caseiro da mãe; início do segundo episódio: os mesmos deslocam-se até 2015 para anularem uma ameaça que paira sobre os filhos de McFly) e acaba por ver esse invento deturpado e desviado do seu fim por uma qualquer sinistra personagem (Biff Tannen que descobre um Almanaque de 2015 com todos os resultados desportivos dos ultimos 50 anos, que se apodera dele e da «máquina do tempo», regressando a 1955 e transformando-se num poderoso milionário que fez toda a sua fortuna à base das apostas desportivas, onde nunca errava no favorito).

Com este argumento complexo, extremamente elaborado de forma inteligente e por vezes fascinante, Robert Zemeckis tem matéria para incursões em diversas épocas, permitindo-se ainda o luxo de fazer coincidir numa mesma acção vários McFly, dando ao tempo uma função relativa, e quase absurda, como aquela que é vivida, novamente em 1955, por três McFly enxameando um baile de liceu (o McFly de 1955, o McFly de 1985 e o McFly de 1989) e tentando anular-se uns aos outros para assim recolocar o tempo no seu curso (que, por acaso, até já nem é o «original», mas aquele «alterado» no filme de 1985). Se, como o cientista explica, é possível imaginar o tempo como uma linha recta, essa linha tinha já sido desviada no filme anterior, e no passado, para os seus efeitos se repercutirem no presente. É essa linha já truncada que sofre novos desvios: Biff vai-se a elae transforma-a a seu belo prazer; McFly regressa ao ponto de ruptura e tenta reconduzi-la ao seu «cenário» que mais lhe convém, anulando o que lhe parece um estorvo. Se os pais são fracos antes de se casarem, vai-se ao passado e dá-se-lhes um «fortificante»; se os filhos estão em riscos de serem presos, vai-se ao futuro e anula-se a situação; se as posses são magras, viaja-se primeiro ao fuuro e depois regride-se até se endireitarem as finanças que se vêm delapidar no presente. O cinema, como «fábrica de sonhos», raras vezes teria ido tão longe. Consegue-o agora, mercê da excelência dos efeitos especiais, da computorização das imagens, do I. L. M. e dos recursos de caracterização que vão ao ponto de permitir ter numa mesma cena, contracenando entre si, o McFly de 1989 com o McFly de 2015 e ainda a filha deste, Marlene McFly (todos inteepretados por Michael J. Fox) e também um outro filho (interpretado por um sósia de Michael J. Fox). Como se vê, *Back to the Future, Part II* é um «tour de force» técnico inegável, semelhante talvez ao que o mesmo Zemeckis logrou em *Roger Rabit* pondo, lado a lado, actores de carne e osso com figuras de desenho animado, sem que os espectadores dessem conta que eram dois mundos impossíveis de coabitar que ali davam as mãos e mesmo mais do que isso. Tentar concretizar o irrealizável parece ter a ciclópica tarefa escolhida por Robert Zemeckis e levada a efeito com a colaboração do seu produtor de (quase) sempre, Spielberg.

Curiosamente, não troco este manual do perfeito ilusionista e esta completa ementa de efeitos especiais por um qualquer *Indiana Jones*, e muito menos por uma modesta e pobre imagem da *Belle de Jour*, enquadrada por Bunuel (para só citar um exemplo à mão de semear). Muito embora esta *Parte II* seja superior à primeira, há ainda muita máquina a obstruir o olhar...

Lauro António

Elizabeth Shue, Michael J. Fox e Christopher Lloyd em "Regresso ao Futuro Parte II"

«A ementa do dia»

*****

A BELA DE DIA, de Luis Bunuel (reposição)

****

INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA, de Steven Spielberg
BATMAN, de Tim Burton
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, de João César Monteiro

***

REGRESSO AO FUTURO, II, de Robert Zemeckis
PERIGOSA SEDUÇÃO, de Harold Becker
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO, de Steven Sodenberg
O ABISMO, de James Cameron
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPENSAS, de Terence Davies
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS, prod. Walt Disney

**

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA, de Blake Edwards
O VELHO GRINGO, de Luis Puenzo

*

OS DEUS DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys
OS CAÇA FANTASMAS II, de Ivan Reitman

Robert Zemeckis

Nasceu em 1952, em Chicago, e desde muito novo interessou-se pelo cinema, rodando várias curtas metragens em 8 milímetros. Estudou na Universidade de Illinois e depois entrou para a USC, onde estudou cinema, tendo terminado o curso com uma curta metragem premiadíssima, *Field of Honor*, que chamou a atenção de Steven Spielberg. Escreveu o argumento de *1941, Ano Louco em Hollywood* e, em 1978, Spielberg produz a sua primeira metragem, *I Wanna Hold*, e depois *Used Cars*, em 1980. Esta comédia burlesca chamaria a atenção de Michael Douglas que lhe entregaria a realização de *Em Busca* da *Esmeralda Perdida*, seu primeiro grande sucesso comercial. Depois, sempre com Spielberg como produtor, Robert Zemeckis atinge notoriedade cm obras inventivas e populares, que fazem dele uma das grandes revelações do cinema norte-americano da década de 80.

Filmografia:

1978: *I Wanna Hold Your Hand;* 1980: *Used Cars* (Travões Partidos, Carros Estampados); 1984: *Romancing the Stone* (Em Busca da Esmeralda Perdida); 1985: *Back to the Future* (Regresso ao Futuro); 1985: *Amazing Stories* (Contos Assombrosos) episódio *Go to the Head of the Class;* 1988: *Who Framed Roger Rabbit?* (Quem Tramou Roger Rabbit?); 1989: *Back to the Future, II* (Regresso ao Futuro, II); 1990: *Back to the Future, III* (em rodagem).

DESPORTO

Equívoco desfeito: Douglas é «português»

Conselho de Disciplina federativa ordena: processo arquivado por inexistência de culpa

Douglas é, afinal, luso-brasileiro: e, perante tal decisão dos membros do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, o brasileiro Silas já poderá ser inscrito no órgão federativo. Perante tal facto, há que enaltecer mais uma vitória de Sousa Cintra depois de longa batalha travada com os órgãos da FPF e com os clubes que alegavam irregularidades nas inscrições de Marlon Brandão e Douglas e obviamente, pretendiam que lhes fossem atribuídos os pontos perdidos no relvado.

Não se deu por vencido o presidente Sousa Cintra que, prontamente, incumbiu os advogados Eduardo Santos Pereira e Soares Machado de elaborarem e remeterem aos serviços jurídicos da FPF um requerimento solicitando a devida aclaração do acórdão, para que o estatuto de Douglas fosse esclarecido. E a aclaração não tardou.

Decidiram os «conselheiros» que a rescisão unilateral do contrato celebrado entre o jogador e o Sporting «não produziu, nem poderia produzir, quaisquer efeitos, já que não transitou em julgado despacho que a homologou, sem o qual, de modo algum, aquele poderia operar». E mais disseram os membros do Conselho de Disciplina: «Mas, mesmo que assim não se entendesse, o que está em causa é a vontade das partes que, através da revogação bilateral, quiseram atribuir eficácia retroactiva à revogação, tornando nulo e de nenhum efeito a rescisão unilateral, mantendo-se assim em vigor o contrato celebrado entre ambos os contraentes. Nestes termos, improcedam nesta parte as, embora doutas, considerações carreadas para os autos, pelo Vitória de Guimarães, Penafiel e Nacional, já que o Sporting não cometeu qualquer irregularidade de que é acusado, sendo certo que o atleta jogou e continuará a jogar até ao fim do contrato que mantém com o Sporting, celebrado em 19 de Abril de 1988, ao abrigo do Regulamento de Provas Desportivas».

Portanto, processo arquivado «por inexistência do ilícito disciplinar, que por considerar a inexistência de culpa». O Conselho de Disciplina «dixit». Está dito: Douglas é luso-brasileiro.

«Chicotadas» prosseguem

Continua cheia de alternantes a vida dos treinadores de futebol: ora na crista da onda, logo depois arrojados da Rocha Tarpeia. Mais «chicotadas» psicológicas: Vítor Gomes substitui Fernando Meireles, no Marco; Santana deixa o Joane, transitando a chefia do «team» para o adjunto Fontão e, no Leixões, o lugar de técnico deixou de pertencer a Raul Oliveira, para ser outorgado a António Medeiros, acabado de chegar de Moçambique.

Divisão 3

O Sacavenense venceu o Vilafranquense (2-1) no encontro em atraso do campeonato da 3.ª divisão, série E. O Vilafranquense, que sofreu a sua 4.ª derrota em 13 jogos, mantém o 5.º lugar na série E (com 14 pontos), mas menos quatro pontos que o Santa Clara. O Sacavenense, que averbou a sua 3.ª vitória em 12 jogos, soma agora 12 pontos, mesma pontuação de Loures, Fanhões, Cartaxo e Borbense. O Santiago de Cacém é o útimo classificado na série E, com oito pontos.

Douglas: luso-brasileiro para todos os efeitos

Disciplinas desportivas

Hóquei em Patins: A selecção nacional de esperanças goleou ontem a selecção da Madeira (18-0), em jogo a contar para a 1.ª jornada do torneio inter-selecções (seniores), que se disputa no Funchal. A presença da selecção de esperanças neste torneio deve-se ao objectivo da Federação Portuguesa de Patinagem (FPP) em prepará-la para os Jogos Olímpicos de Barcelona, que decorrerão em 1992.

Simultaneamente está a disputar-se o torneio inter-regiões (jovens), que conta com a participação de uma selecção de jovens talentos, nascidos em 1977, o que constitui uma novidade da FPP.

Os resultados da primeira jornada foram os seguintes: **Inter-selecções (seniores):** Minho, 3-Porto, 5; Madeira, 0-Sel. Esperanças, 18; Aveiro, 2-Lisboa, 1. **Inter-regiões (jovens):** Porto, 7-Ribatejo, 0; Coimbra, 4-Alentejo e Algarve, 5; Leiria, 1-Aveiro, 1; Minho, 1-Setúbal, 2.

Basquetebol: A selecção portuguesa de juniores foi derrotada pela equipa espanhola dos Estudiantes de Madrid (44-54), em jogo do grupo «A» da jornada de abertura do torneio internacional «Cidade de Lisboa», disputado no Pavilhão da Tapadinha.

No outro encontro da jornada inaugural (nos da série B) o Atlético venceu o Benfica, por 76-63.

Na 2.ª jornada da competição, a selecção portuguesa defronta a sua congénere de Angola e o Benfica enfrenta o clube Baloncesto de Mérida, de Espanha.

Xadrez: Mário Morais venceu o dinamarquês Borge em partida do campeonato da Europa de xadrez de juniores, que decorre em Arnheim (Holanda). Com este triunfo, Mário Morais conseguiu somar o seu quarto ponto em oito possíveis, o que lhe dá um aproveitamento de 50 por cento.

A grande revelação do campeonato da Europa tem sido o búlgaro Topolov que, (com 14 anos), tem já o grau de «mestre internacional» e ontem empatou com o soviético Dreev, liderando a classificação.

Hoje, Mário Morais joga com o jugoslavo Markovic, «mestre FIDE» e que detém o favoritismo para o triunfo.

O campeonato da Europa termina no dia 2 de Janeiro, altura em que será estabelecida a classificação e atribuída a pontuação que ditará a composição do futuro «ranking» da categoria de juniores.

Voleibol: Portugal venceu à Espanha por 3-0 na jornada do torneio internacional de voleibol júnior que decorre em Gondomar.

Macau: estagnação desportiva em ano de mudança olímpica

Governo promete mais mas vai adiando ajudas

O ano de 1989 ficou assinalado em Macau, na área do desporto, pelo ingresso do território no movimento olímpico com a filiação da estruturta local no Comité Olímpico Asiático, formalizada no passado dia 12 em Bali, na Indonésia. os Jogos Asiáticos, marcados para Setembro de 1990 (em Pequim) serão a primeira competição internacional em que o território participará com símbolo próprio, a bandeira do Leal Senado, na qualidade de 39.º membro da estrutura olímpica asiática.

A cena desportiva de Macau, habitualmente cnetrada á volta dos campeonatos locais de futebol, «bolinha» (designação dada no território ao futebol de sete) e hóquei em campo, as tr6es modaldiades com mais adeptos, teve este ano uma nota de novidade com a Semana do Desporto e da Cultura, que se realizou entre os dias 4 e 10 de Novembro. Organizada pelo Instituto dos Desportos de macau (DM), a Semana do Desporto e da Cultura incluiu um conjunto de iniciativas que integraram desde o torneio internacional de absquetebol até ciclo de cinema de temática desportiva, passando por demonstrações de voo de ultraligeiros, colóquios sobre administração desportova e sauar de artes marciais.

Também iniciativa do IDM foi a Semana da Condição Física, destinada a sensibilizar a população local para o papel do exercício física na manutenção da sáude, incluindo um programa de exames clínicos e medição de tensão arterial gratuitos.

Habitual ponto alto das realizações desportivas anuais é a maratona Internacional de macau que, este ano (no passado dia 3) foi ganha pelo português António Costa (campeão nacional da modalidade) à frente de dois atletas chineses (Kat Yat Pun Tou e Ng Chi Hong). «*Não vim para ganhar, mas apenas para melhorar o tempo que consegui em Santarém*», disse António Costa momentos antes de receber um prãemio de 2000 dólares (cerca de 320 contos).

Mais sombrio é o panorama das infraestruturas desportivas, com a promess do Governo de iniciar este ano as obras do Complexo Desportivo da Ilha da Taipa (que inclui um estádio de dez mil lugares) a não passar de uam declaração de intenções. Incluído nos objectivos da política desportiva para 1989, o projecto, orçado em cerca de 40 milhões de patacas (800 mil contos), apenas transitou para os objectivos do Governo na área do desporto para 1990. Também os trabalhos destinados a relvar o campo de futebol do Canidromo (onde se disputam a maioria dos jogos do campeonato local de futebol) não estão ainda terminados, apesar das previsões iniciais indicarem o mês de Novembro para a sua conclusão.

Deste modo, Macau continua a dispor apenas de um recinto relvado artificialmente (o campo da caixa escolar) onde são disputadas partidas de hóquei em campo e «bolinha», não tendo o rectângulo as dimensões necessárias para desafios de futebol.

Sem atingir níveis competitivos na maioria das modalidades, o desporto macaense contou este ano (uma vez mais) com as artes marciais, que mantiveram a tradição de constituírem a sua maior festa, com a selecção de Macau de karatedo. Seigokan a conquistar, pela 5.ª vez consecutiva, o título mundial. Foi em Julho, na cidade japonesa de Himejie.

Além do karate, Macau que, de acordo com números do IDM, conta com cerca de 25 associações desportivas e 320 clubes, apenas no hóquei em patins assume papel de algum destaque no panorama desportivo da região. A selecção local tornou-se, em Outubro, vice-campeã asiática da disciplina, depois de ceder o título conquistado em 1988 à selecção da República Popular da Cina durante o campeonato asiático de hóquei em patins, disputado na cidade chinesa de Hangzhou. Ainda no hóquei em patins, o território foi este ano o anfitrião do 2.º Torneio Internacional de Macau, que contou com a participação dos portugueses do clube TAP (vencedores) e de equipas de Taiwan, Japão e Nova Zelândia, além da selecção local.

Macau foi, igualmente, anfitrião dos treinadores das selecções nacionais de futebol em «sub-16: e «sub-19» (Carlos Queirós e Nelo Vingada) que estiveram no território em Julho, a preparar a selecção local para o campeonato asiático de futebol escolar que teve lugar em Agosto em Singapura, não tendo a equipa de Macau ultrapassado a 2.ª eliminatória. A passagem de Carlos Queirós e Nelo Vingada por Macau ficou marcada pela atribuição, pelo governador Carlos Melancia, da Medalha de Mérito Desportivo aos dois treinadores.

João Miguel Roque/Lusa/«DL»

BREVES

Campeã olímpica recebe uma ajuda

• O ministro do Emprego e da Segurança Social, concedeu o subsídio de 500 contos à campeã olímpica (deficiente de paralisia cerebral) Olga Maria Mendes Pinto, de 24 anos, residente em Paranhos da Beira, no concelho de Seia. Em Seul, aquela jovem conquistou duas medalhas de ouro, nos Jogos para Deficientes Motores.

O subsídio atribuído por Silva Peneda, destinou-se à aquisição de uma cadeira de rodas que já foi entregue à campeã em cerimónia que decorreu no Centro de Dia para Idosos (de Paranhos da Beira), na presença do presidente do Centro Regional de Segurança Social da Guarda, do presidente da Câmara Municipal de Seia e do presidente da Junta de Freguesia daquela localidade. A este acto estiveram também presentes os pais de Olga Mendes Pinto.

Os melhores dos EUA

O Comité Olímpico dos EUA designou Roger Kingdom e Sandra Farmer-Patrick, «os melhores atletas» de 1989. Kingdon, um especialista em barreiras, venceu os campeonatos mundiais em recinto coberto e ao ar livre, e detém o recorde mundial dos 100 metros barreiras, com 12 segundos e 22 centésimos. Quanto a Farmer-Patrick, a sua distinção fundamenta-se no triunfo na prova dos 400 metros barreiras a contar para a Taça do Mundo.

Greg Lemond distinguido pelo «L'Equipe»

• O ciclista norte-americano Greg Lemond, actual cmapeão do Mundo e vencedor da última Volta a França, foi eleito pelo L'Equipe» como «campeão dos campeões». Lemond somou 254 pontos, numa votação em que participaram todos os jornalistas daquele diário francês. Na 2.ª posição ficou o alemão-federal Boris Becker, vencedor do último torneio de Wimbledon em ténis, que somou um total de 177 pontos.

Ruud Gullit fora do Mundial

• O futebolista holandês Ruud Gullit, jogador do Ac Milan é tido em Itália como «anti-maradona», anunciou que não jogará no «Mundial» 90.

Em entrevista concedida ao diário desportivo «Corriere Dello Sport» (editado em Roma) Gullit diz estar em muito mau momento, físico e psicológico, para poder estar presente no próximo campeonato do Mundo. **Estou muito mal animicamente e, no próximo Verão, só me poderão ver na bancada a assistir ao desenrolar do «Mundial»,** disse aquele que é considerado a «túlipa negra» do futebol.

)Ruud Gullit participou no seu último jogo no dia 24 de Maio deste ano, na final da Taça dos Campeões Europeus, disputada no Nou Camp (Barcelona) e no qual marcou dois dos quatro golos com que o Ac Milan então derrotou o Steaua de Bucareste. Desde então, Gullit desapareceu da cena futebolística, para poder confiar o seu menisco direito aos cuidados médicos dos traumatologistas. Em Abril e Julho foi operado por Alfredo Perucia (em Roma) e em Dezembro e foi a vez do belga Marc Maertens (em Bruxelas) lhe tentar curar a mazela. Ainda sem êxito.

Incidentes na Argentina

• Uma pessoa morreu, 269 ficaram feridas e mais de duas mil forma detidas na sequência de incidentes em estádios de futebol argentinos em 1989, indicam dados divulgados por vários jornais da Argentina. Em 1989 o número de feridos diminuiu cerca de 52 por cento relativamente ao ano anterior e o número de detenções registou também um decréscimo de vinte por cento.

Le Mans: prorrogação adiada

A Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA) anunciou a prorrogação, até 31 de Janeiro, da sua anterior decisão de excluir as 24 Horas de Le Mans (prova francesa de resistência) do calendário do Mundial de Sport-Prototipos. As provas anunciadas tem as seguintes datas: 8 de Abril — Japão (Suzuka); 29 de Abril — Itália (Monza); 13 de Maio — Inglaterra (Silverstone); 3 de Junho — Bélgica (SPA-Francorchamps); 24 de Junho — Espanha (em circuito a designar); 22 de Julho — França (Dijon); 19 de Agosto — RFA (Nurbürgring); 3 de Setembro — Inglaterra (Donington); 23 de Setembro — Canadá (em circuito a designar); 7 de Outubro — EUA (em circuito a designar) e 21 de Outubro — México (Cidade do México).

Vitória e empate em Israel

Juniores de Queirós e Vingada não travam nem para meter água

Carlos Queirós e Melo Vingada (agora auxiliados por Rui Caçador) continuam provando que moram na primeira fila dos melhores treinadores do futebol português, com especial propensão para dirigirem até aos mais saborosos êxitos turmas de jovens. Isso tem acontecido (com conquistas de títulos mundial e europeu) na Arábia Saudita, na Escócia e na Dinamarca, para além de revalidação de valor em diversos torneios particulares, como começa a acontecer em Iisrael, na prova natalícia internacional em que os juniores «A» abriram o seu calendário vencendo o Chipre (por 4-0) enquanto a formação «B» empatava (a três tentos) com os moços da Hungria.

Na Estádio Hapoel (na cidade israelita de Petach Tikva) os nossos sub/18 não tiveram qualquer problema ante os cipriotas, que quase se limitaram a uma constante tarefa defensiva, o que não impediu que, ao intervalo, já estivessem insofismavelmente batidos por três golos sem resposta. No tempo complementar, o«placard» subia até quatro-zero: no total verificaram-se três golos do portista Toni e um de Rui Bento, benfiquista que transformou uma grande penalidade.

Sob direcção do juiz israelita Arie Frost, as equipas formaram assim:

CHIPRE: Sothiris, Pavion, Savras, Panayotis (Elias) e Ioannis; Marios (António), Tasos (Panayoton), Ioannou e Christo; Solomos (Christoforos) e Michalis.

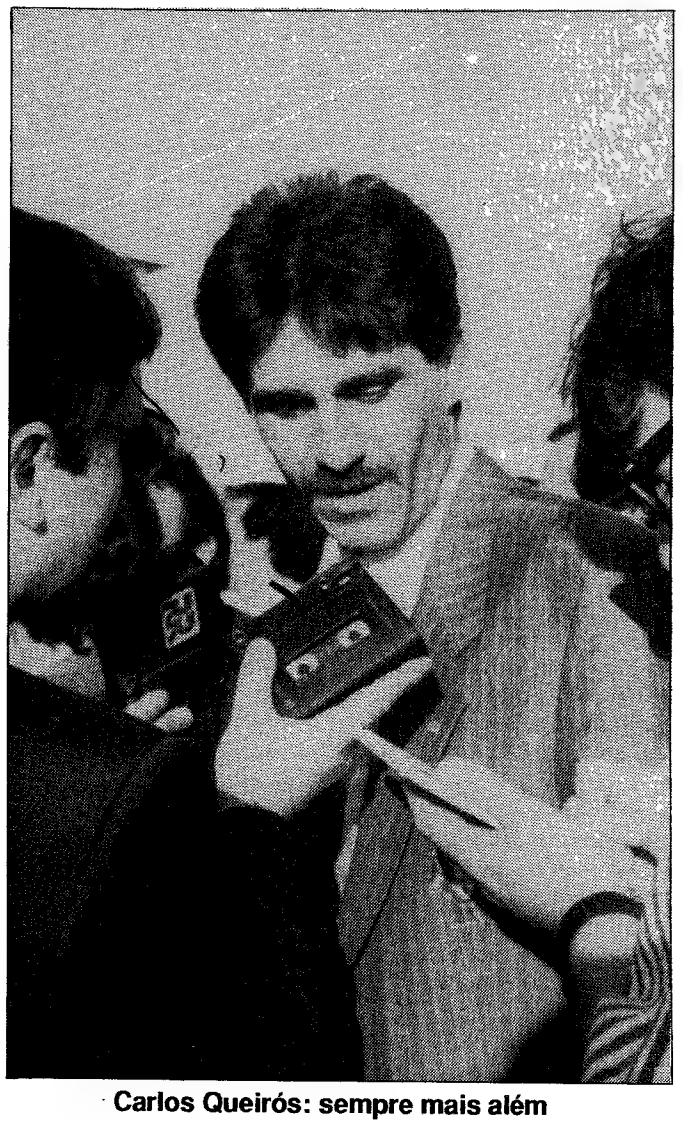
PORTUGAL: Rogério (Sporting): Adalberto (Boavista), depois Miguel Geraldes, aos 49 minutos (Benfica), Rui Bento (Benfica), Jorge Costa (FC Porto), depois Alexandre (E. Amadora), aos 67 m e Álvaro (FC Porto), João Pinto (Sporting), depois Luís Miguel, aos 58 m (FC Porto) e Paulo Pilar (Sporting), depois Miguel Bruno, aos 40 m (FC Porto); Toni (FC Porto) e Gil (Benfica).

Marcadores: Toni (10 minutos), Rui Bento (20, de grande penalidade), Toni (24 e 55). Destaques especiais para Gil, Toni, Bino e Rui Bento. Pequenas lesões de Adalberto e Alexandre. Peixe não alinhou por estar retido no leito, com uam constipação.

Outros resultados da ronda, no Grupo 1: Suécia, 3-Grécia, 0; e Hungria, 4-Liechtensten, 0. Grupo 2: Islândia, 0-URSS, 1 e Suíça, 3-Polónia, 1.

Simultaneamente, em sub/16, o Portugal-Hungria redundou em nulo (3-3). No Lod Stadium de Shefayin, o árbitro grego dirigiu a partida em que intervieram:

HUNGRIA: Kisnemet (Honved); Farkas (Pécs); B. Horvath (Sopren), Ferrai (Honved) e B. Kovacs (Pacs); Lahos (Tatabanya), Sandor (Debrecen) e Zoltan Horvath (Kaposvar); Dombi (Debrecen), Zoltan Kovacs (MTK) e Rusko (Kakoczifalva). Substituição: aos 61 minutos, Szegedi (Beckesosaba) entrou para o lugar de Zoltan Horvath.



Carlos Queirós: sempre mais além

PORTUGAL: Costinha (Boavista); Alexandre Ribeiro (FC Porto); Manuel Pereira (Benfica), Hugo (Benfica) e Jorge Madureira (FC Porto); Poejo (Sporting), Costa (FC Porto) e Gomes (Boavista): Sérgio (Boavista), Nuno Miguel (FC Porto) e Porfírio (Sporting). Substituições: aos 40 minutos, Hugo (lesionado) cedeu o seu lugar a Alexandre Monteiro: aos 50, Rui Miguel rendeu Gomes; aos 49, entrou Hernâni e saiu Porfírio.

Ordem de golos: Nuno Miguel (14 minutos), Horvath (15). Poejo (38), Sandor (45), Kovacs (67) e Poejo (69). Saliência para as actuações de Poejo, Costinha, Alexandre Monteiro, Costa, Nuno Miguel e para Jorge Madurewira, que conta apenas 13 anos é filho do guarda-redes Madureira e o mais jovem de sempre em qualquer selecção portuguesa de futebol, e merecer aplauso todo especial.

Outros jogos deste grupo: Polónia, 7-Malta, 0. Para o 2.º conjunto de países: Chipre, 1-0Grécia, 1 e Bélgica, 0-Suécia, 1. De salientar que israel ainda não actuou porque a Roménia que não compareceu por força dos incidentes que têm ocorrido naquele país) era a adversária nos dois blocos.

Encontros para hoje: RFA-Portugal (sub/16) e Portugal-Polónia (sub/18).

João Pinto continua de «baixa»

O futebolista João Pinto já se incorporou na equipa do Atlético madrileno, mas foi poupado ao treino devido à lesão que contraiu no encontro com o FC Porto.

O treinador Javier Clemente explicou que os dirigentes do Atlético sabiam que o jogador está lesionado desde há três semanas, o que inclusive o impediu de fazer alguns jogos pelo Boavista, seu anterior clube.

Calton e Ferrinho no Atlético

Calton e Ferrinho (do Sporting) vão reforçar a equipa do Atlético Clube de Portugal até ao final da época — revelou o chefe do departamento de futebol do clube alcantarense, Ângelo Mesquita.

O vice-presidente do Atlético referiu que a assinatura do acordo de empréstimo dos jogadores e do seu compromisso com o novo clube terá lugar hoje no departamento de futebol do estádio de Alvalade. Aquele responsável acrescentou que, após a assinatura do acordo com o clube da Tapadinha, os jogadores serão inscritos na Federação.

Ângelo Mesquinha salientou as boas relações existentes entre o Sporting e o Atlético, destacando o facto de estas duas aquisições irem permitir o reforço de uma das mais jovens equipas do campeonato nacional da 2.ª divisão.

Aveiro: taça foi para Espinho

O Sporting de Espinho venceu a Taça de Honta de Aveiro, ao derrotar, por 4-1, a equipa do Luso, após prolongamento. No final do tempo regulamentar, o resultado registava empate a um golo, tendo o Luso, marcado por intermédio de Else (40 minutos), empatando o Espinho, através de um golo de Fazendeiro (75 minutos). No prolongamento, o Espinho obteve mais três golos. O primeiro por João (95 minutos), o segundo por Alemão (98) e o 3.º por Marcos António (115).

De assinalar, que o Sporting de Espinho desperdiçou uma grande penalidade, quando Marcos António rematou de forma a permitir a defes do guarda-redes, Bispo.

Algarve: torneio de juniores em Fevereiro

A Federação de Futebol, com o apoio da Associação de Futebol de Faro e a colaboração de várias entidades (entre as quais a Região de Turismo do Algarve) vai promover, 24 e 27 de Fevereiro de 1990, o já tradicional «Torneio Internacional de Juniores do Algarve», para a categoria sub-16.

Nesta edição participam as equipas de Portugal, União Soviética, República Federal da Alemanha e Israel.

«Salão» muda de comando

José Louçã, seleccionador nacional de futebol de salão, foi demitido do cargo no decorrer de uma assembleia extraordinária da Federação da modalidade. A reunião das associações, decidiu, por outro lado, nomear João Mendes como novo seleccionador nacional.

João Mendes, actual treinador da equipa do «Correio da Manhã», foi adjunto de José Eduardo na vigência do anterior executivo federativo, na altura em que a selecção portuguesa venceu o campeonato europeu e conquistou um 4.º lugar no «mundial». Com a tomada de posse da nova direcção (em Janeiro deste ano), a equipa técnica sofreu alterações, tendo sido nomeado para o cargo de seleccionador nacional, José Louçã, após uma tentativa gorada de constituir uma dupla técnica formada pelos dois treinadores.

Mundial: selecção romena com estadia gratuita em Nápoles

Um hotel italiano ofereceu alojamento gratuito à selecção romena de futebol durante o «mundial» de Itália, no que considerou **«um gesto de solidariedade depois dos acontecimentos sangrentos ocorridos naquele país«.**

Falta de liberdade leva atletas a deixarem os grandes emblemas

Nascido há semanas, o Maratona Clube de Portugal já conta nas fileiras com os ex-sportinguistas Rafael Marques e Joaquim Pinheiro e o ex-benfiquista Manuel Matias

A falta de liberdade leva os atletas a «desertarem» dos grandes clubes portugueses, optando por novas colectividades mais dedicadas ao atletismo — revelaram à agência Lusa dirigentes e atletas do Maratona Clube de Portugal. Apesar de apenas ter sido fundado em Outubro, o Maratona conta nas suas fileiras com alguns nomes importantes do meio-fundo e fundo lusitano, como os ex-sportinguistas Rafael Marques e Joaquim Pinheiro, além do ex-benfiquista Manuel Matias.

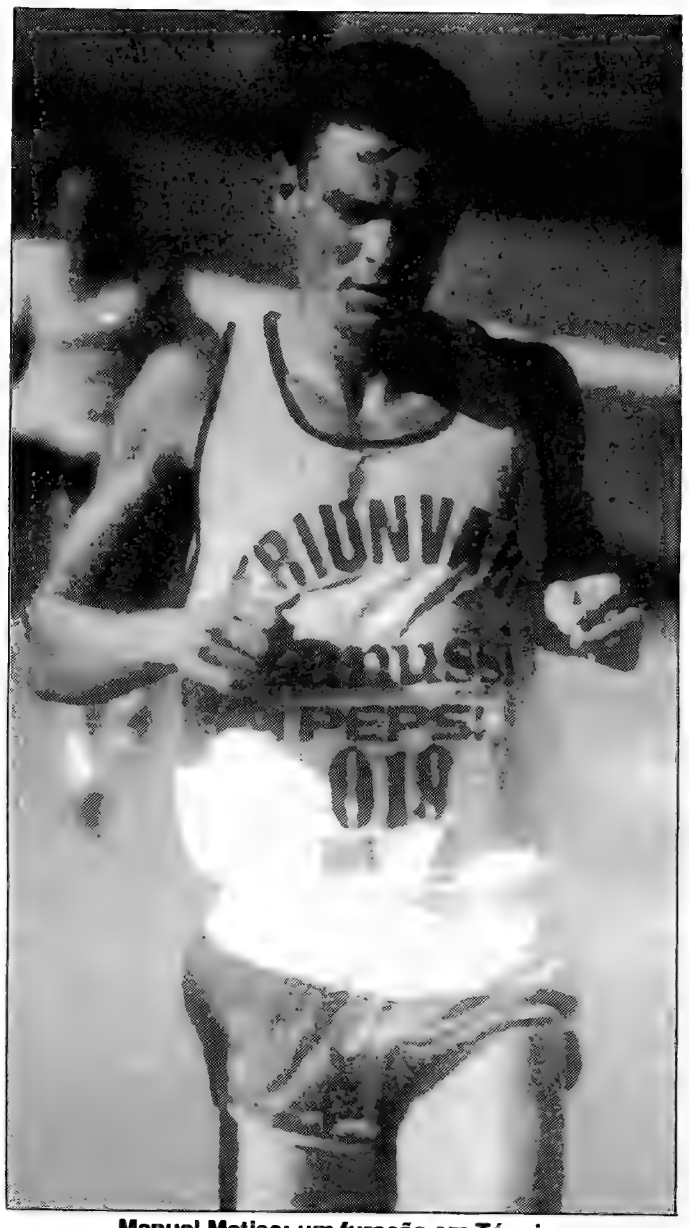
Com as novas responsabilidades que me atribuem na defesa das cores portuguesas na maratona, a minha saída do Benfica foi uma aposta na liberdade como atleta — afirmou Manuel Matias (de 27 anos) que recentemente venceu a maratona japonesa de Fukuoka e detém a segunda melhor marca europeia do ano na distância.

Para aquele que foi 2.º claassificado na meia-maratona espanhola de Sevilha, o seu «salto» do Benfica para o Maratona passou a permitir-lhe **preparar convenientemente** a temporada competitiva, evitando fazer **corridas desgastantes que apenas têm interesse para os clubes.**

Terceiro classificado na prova sevilhana, ganha pelo seu companheiro de equipa Joaquim Pinheiro, o ex-leão Rafael Marques (32 anos), considerou o Maratona um **projecto livre** e um clube que **defende os interesses dos atletas, em que estes praticamente fazem o que entendem em termos de provas. O problema dos grandes clubes é de só se interessarem pelos pontos** — sustenta Rafael Marques, que representou o Sporting (durante 10 anos), o Belenenses, o Benfica e o Imortal de Albufeira, antes de ingressar no Maratona. O ex-verde-branco, que há nove anos conseguiu o 7.º melhor tempo da Europa nos 10 mil metros e é professor de Educação Física, afirmou que **tinha de colher os frutos semeados há cinco anos.**

Muitos consideram que passei ao lado de uma grande carreira e cheguei à conclusão que já não posso esperar mais — diz Rafael Marques, sublinhando que o Maratona, **como liberta mais os atletas permite-lhes conseguir mais dinheiro nas provas do que os grandes clubes pagam em subsídios.**

Segundo o ponto de vista de Rafael Marques, **os clubes não dispõem de poder económico e até o Benfica e o Sporting têm em atraso os subsídios aos seus atletas, pelo que o futuro está em clubes como o Maratona, que dispõem de um patrocínio e só se dedicam ao atletismo. É importante que o futebol não apareça no meio do atletismo: porque se o futebol do clube ganha, tudo bem, mas quando isso não acontece, já não há dinheiro para pagar às modalidades amadoras** — sustenta, acrescentando que a **crise do atletismo do Sporting é apenas a crise do seu futebol.**



Manuel Matias: um furacão em Tóquio
Foto Arquivo/DL

Declarando-se **bastante satisfeito** no seu novo clube, que considera **possuir já uma grande mística apesar de ser pequeno,** Manuel Matias admitiu dedicar todo o seu tempo ao atletismo, não exercendo já a sua antiga profissão de operário de construção civil. **Desde há três anos que só faço atletismo, porque na alta competição é necessária toda a disponibilidade de tempo para se obterem boas marcas** — reconhece Manuel Matias, revelando que, em 1990, vai correr apenas três maratonas, incluindo a do Campeonato da Europa, em Setembro.

Rafael Marques não considera o seu ingresso num clube recentemente formado como um **salto no escuro,** justificando: **Tive situações desagradáveis noutros clubes (com subsídios atrasados), mas o Maratona paga adiantado e o patrocínio é seguro, não dependendo do resultado de um jogo de futebol.**

O Maratona Clube de Portugal (que somente se dedica às corridas de meio-fundo) nasceu da União de alguns atletas veteranos que, habitualmente, se juntavam no complexo desportivo do Estádio Nacional, para treinarem em conjunto.

Segundo o seu presidente (Carlos Móia), o Maratona surgiu a partir da constatação de duas necessidades: **a da criação de uma grande equipa de atletismo exterior aos grandes clubes de futebol (que têm problemas financeiros) e, por outro lado, de dotar o novo clube de uma gestão empresarial, sem as grandes massas clubísticas.**

E afirma Carlos Móia, que essa **fuga às grandes massas clubísticas liberta os atletas do seu peso, mas acaba por lhes criar o peso de provar com resultados ao clube e ao patrocinador.**

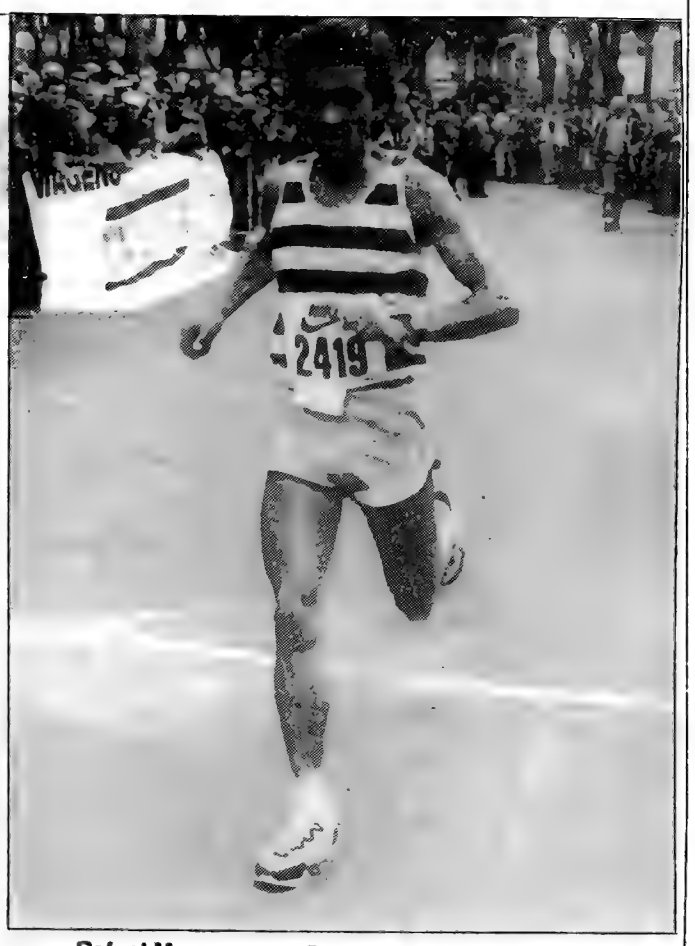
Embora admitindo que o Maratona **já possui alguns primeiros planos,** o presidente da colectividade revelou a intenção de, em 1990, **reforçar a equipa sem grandes custos, pois há muitos bons corredores em Portugal que compreendem a mística do clube e a forma como ele está a ser dirigido.**

Carlos Móia adianta ainda existir a possibilidade de o Maratona passar também a dedicar-se ao sector feminino, mas condicionou a constituição de tal equipa aos apoios que o clube conseguir. É isso. Em função dos apoios do próximo ano e do mau ambiente que escandalosamente continua a reinar nos grandes clubes, estamos a pensar fazer uma equipa feminina de meio-fundo, até porque algumas atletas de primeiro plano continuam a oferecer-se ao Maratona.

O Maratona não paga ordenados: paga somente subsídios de deslocação — revelou, Carlos Móia, sublinhando: **os proventos dos atletas resultam mais das provas que ganham, mas damos apoio individual caso a caso, que vai desde empréstimos pontuais aos atletas, até à procura de empregos para eles poderem treinar melhor.**

Além de não possuir sede, o Maratona Clube de Portugal também não conta com qualquer sócio, conseguindo as suas verbas apenas através do patrocínio inscrito nas camisolas dos seus atletas. Apesar disso, Carlos Móia, nega que o Maratona seja o clube de uma empresa, concluindo: **o patrocinador não toma parte nos actos de gestão, apesar de nós, por uma questão de educação e de bom companheirismo, trocarmos ideias com os responsáveis da empresa que nos apoia, fazendo as coisas de uma forma unânime.**

Emídio Simões/Lusa/«DL»



Rafael Marques: no Sporting foi um vitorioso
Foto Arquivo/DL

Carl Lewis processa a «Stern»

Carl Lewis processou judicialmente a revista alemã «Stern» e o seu antigo companheiro de equipa Darrel Robinson, pedindo uma indemnização de 182 milhões de dólares (27 milhões de contos). A acção judicial interposta por Lewis baseia-se em acusações de Robinson, publicadas na «Stern», de que o atleta norte-americano teria utilizado esteróides anabolisantes. O advogado de Carl Lewis apresentou a acção no Supremo Tribunal de Ontário, dado Robinson residir em Toronto e porque a lei canadiana aceita processos contra publicações estrangeiras se estas forem reproduzidas no Canadá, como sucedeu com a «Stern».

Rosa e Castros na Amadora Aurora e Matias em S. Paulo

Segundo informações prestadas por dirigentes do Desportivo Operário Rangel (clube organizador da tradicional corrida de S. Silvestre, da Amadora) deverão participar na edição deste ano (que terá início pelas 22 horas do próximo dia 31) mais de mil atletas nacionais e estrangeiros, com destaque para a presença de Domingos Castro e Rosa Mota. A prova deste ano terá uma extensão de 10 quilómetros (contra os 8500 das doze edições anteriores) e está orçada em 8500 contos. Prevê-se que, à beira das ruas da Amadora, estejam presentes 120 mil espectadores e, quando à segurança, serão mobilizados 200 agentes da PSP, auxiliados por 12 motociclistas e seis viaturas.

• Aurora Cunha e Manuel Matias, já se encontram no Brasil para participarem na tradicional S. Silvestre de S. Paulo, que decorrerá no próximo domingo. No escalão masculino, onde também participa o português José Dias, a lista de favoritos inclui Manuel Matias, o equatoriano Rolando Vera (vencedor nas três anteriores edições) o queniano Peter Koech, o chileno Omar Aguilar e os brasileiros João da Mata, José João Silva e Diamantino Silveira. Entre as mulheres, naturalmente que Aurora Cunha é a mais votada, seguindo-se a norte-americana Julie Ishphording, a italiana Rosella Nunerotto e muitas brasileiras.

Refira-se que, pela primeira vez, homens e mulheres correm em provas separadas com partidas marcadas para as 14 e 30 (escalão feminino) e 17 horas (sector masculino).

• Outras participações dos nossos atletas: em Barcelona estarão presentes: Albertina Machado, Conceição Ferreira, Albertina Dias, Mónica Gama, Fernanda Ribeiro e Fernando Marques. Ezequiel Canário e Ana Moreira vão até Bolzano (Itália) e em Luanda, estaremos representados por Felicidade Sena e Juvenal Ribeiro.

Johnson e Lewis vão reencontrar-se

• O canadiano ben Johnson e o norte-americano Carl Lewis vão «repetir» a final olímpica dos 100 metros e correr para os 3,2 milhões de dólares (480 mil contos) em prémios, dois dias depois de Johnsonm terminar a sua suspensão.

O diário londrino «Daily Express» anunciou que o empresário desportivo norte-americano Bob Arum (promotor de combates de boxe) irá organizar a corrida em Barcelona (a 25 de Setembro de 1990), dois dias depois de concluída a suspensão de dois anos aplicada a Ben Johnson, após a análise anti-doping positiva, em Seul.

Johnson venceu Lewis na final olímpica dos 100 metros em Seul, (Setembro de 1988), mas dois dias depois foi desclassificado e desapossado da medalha de ouro, devido á análise anti-doping positiva.

DESPORTO

Dois títulos mundiais e seis europeus foi o balanço positivo da actividade desportiva durante o ano de 1989, aos quais se junta a conquista da Taça Latina nas «esperanças» do hóquei em patins

Futebol juvenil esteve na crista da onda

Foi grande a nossa desilusão com a selecção nacional de futebol, ainda a sofrer o rude golpe de Saltillo, a ser travada na caminhada para a fase final do Mundial-90 por belgas e checoslovacos. Diferente foi o comportamento das representações juvenis com os sub-19 a conquistarem o título mundial na Arábia e os sub-18 a arrecadarem o lugar cimeiro do Europeu da categoria.

Também o português Alexandre Vieira, formando equipa com o francês Mattiole e o inglês Burnett, assegurou o título mundial em motociclismo na modalidade de resistência.

A nível europeu, e para além da conquista futebolística na Dinamarca, importa referir os triunfos da equipa de atletismo na prova de estrada, da selecção de juvenis de hóquei em patins, de Paulo Amorim no full-contact (título bisado), de Sara Duarte no halterofilismo e da equipa constituída por Francisco Félix, Susana Toledo e Luís Pereira, no tiro aos pratos.

Saliência ainda, para a selecção de «Esperanças» que, no mês em curso, arrecadou a Taça Latina em hóquei em patins.

O futebol foi a modalidade que — pela positiva e pela negativa — mais em evidência esteve no panorama desportivo nacional durante o ano de 1989, último de uma década que foi de ouro para o atletismo português.

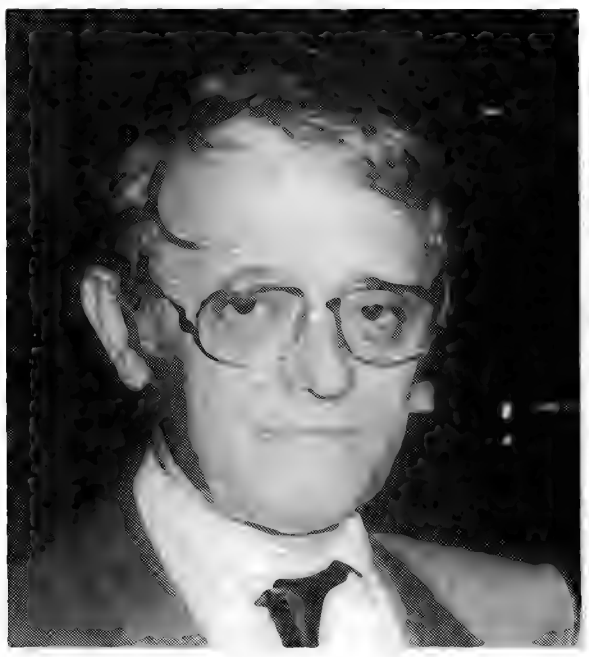
O futebol júnior, por obra e graça de uma série de factores favoráveis, à cabeça dos quais está o técnico Carlos Queirós, apagou tudo o que de muito mau foi feito pela selecção sénior na sua falhada tentativa de apuramento para o «Mundial» de Itália.

Em 3 de Março os sub-19 portugueses encheram o País de orgulho ao vencerem na final do respectivo campeonato do mundo a selecção da Nigéria por 2-0. No dia 14 de Maio os nossos juniores sub-18 conquistaram em Vejle, Dinamarca, o segundo título europeu para Portugal ao baterem na final a RDA por 4-1, enquanto o dia 23 de Junho foi aziago para os jovens portugueses (sub-18), que, na Escócia, se viram derrotados por «fintas de bastidores», quedando-se pela 3.ª posição. A participação nacional nesta competição, ficou marcada pela suspensão de um ano aplicada pela FIFA ao guarda-redes Paulo Santos e, pelas contundentes afirmações de Carlos Queirós, segundo as quais haviam em prova jogadores com mais idade que a permitida pelos regulamentos.

A fechar o ciclo de sucesso do futebol juvenil português, em 7 de Dezembro a selecção júnior «Carimbou» o passaporte para a fase final do respectivo Campeonato da Europa que irá decorrer na Hungria, em 1990.

Como fruto de toda esta série de êxitos o jovem João Pinto (18 anos) assinou a 30 de Outubro um contrato milionário com o Atlético de Madrid, pelo qual irá recber cerca de 246 600 contos.

Em contraste com esta gloriosa caminhada, a selecção sénior foi semeando frustrações acabando por ser humilhada aos pés de belgas e checoslovacos na sua tentativa de apuramento para o Mundial 90.



João Rodrigues: o mais resistente

Carlos Bica: mais rápido nos ralis

Joaquim Gomes: a pedalada mais forte

Em consequência de mais este desaire (só por duas vezes, em 1966 e 1986, Portugal conseguiu o apuramento para a fase final de um campeonato do mundo) o técnico Júlio Cernadas Pereira («Juca») foi despedido sem apelo nem agravo, e com ele os dois elementos que corporizavam a comissão técnica: João Barnabé e Costa.

Em termos de futebol, 1989 ficou ainda marcada pelo XXV título conquistado pelo Benfica, pela terceira Taça de Portugal assegurada pelo Belenenses e pela eleição de João Rodrigues, a 11 de Novembro, para o cargo de presidente da Federação Portuguesa de Futebol.

À margem da actividade desportiva, o futebol português ficou assinalado positiva pertencente ao Jogador do Benfica, Hernâni e pela morte a 1 de Julho, do técnico António Morais, vítima de um acidente de viação quando se dirigia do Porto para o Algarve.

Manuel Matias: o «atleta do ano»

O atletismo, apesar de ter iniciado o ano da melhor maneira, ficou aquém daquilo que seria de esperar graças a feitos antes alcançados.

A 22 de Janeiro os gémeos Castro venceram o «Crosse Itálica», prova realizada nos arredores de Sevilha, e Domingos Castro, (Sporting) e Albertina Machado (Braga) ganharam à 5 de Fevereiro os respectivos títulos individuais na Taça dos Campeões, prova disputada na Aldeia das Açoteias. No dia 26 do mesmo mês, Ezequiel Canário (Imortal) torna-se, na Amadora, pela segunda vez consecutiva, campeão nacional de corta-mato.

No dia 21 de Maio, em Verona (Itália) o Benfica revalida o título masculino de campeão da Europa de estrada, tendo António Pinto ganho individualmente. A prova feminina foi vencida por Albertina Machado, cuja equipa, o Braga, se classificou na segunda posição colectiva.

Fukuoka (Japão).

Nesse mesmo dia, Domingos Castro venceu mais uma edição da corrida «Jean Bouin», disputada no circuito otímpico de Montjuic, Barcelona.

Outras disciplinas

RÂGUEBI: o CDUL foi o grande triunfador da época ao vencer o campeonato e a Taça de Portugal, enquanto a selecção, perdera qme 8 de Outubro com a Holanda por 32-7, sendo por isso afastada da II Taça do Mundo.

TÉNIS: Nuno Marques conseguiu a 19 de Março o triunfo no Madeira Open, vencendo na final o inglês Jeremy Bates. Esta, passou a ser a primeira grande vitória de Nuno Marques num torneio internacional, constituindo igualmente a maior façanha até então alcançada por um tenista português.

A 1 de Outubro, João Cunha e Silva tornou-se pela quarta vez campeão nacional de ténis de primeiras categorias, ao bater na final o júnior Bernardo Mota por 6-1, 6-0 e 6-4.

ANDEBOL: No dia 26 de Março, Portugal conseguiu o segundo lugar na Taça Latina de andebol (masculinos e femininos) que decorreu no pavilhão da Anadia.

A 14 de Maio, o Benfica assegurou a conquista do título nacional, enquanto a 28 do mesmo mês, a selecção de esperança ao vencer a Turquia por 23-22, registou a sua única vitória na fase de qualificação para o campeonato do mundo da categoria.

Hóquei em Patins: foi uma

ANÚNCIO

Proc. N.º 3447/B
3.ª Secção

O Doutor ROGÉRIO SAMPAIO BEJA, JUIZ DE DIREITO DO 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

Faz saber que por este Juízo e terceira secção, nos autos de Execução de Sentença n.º 3447/B em que são exequente: União de Bancos Portugueses, SA, e executado: João António Delgado Henriques, residente em Rua de Olivença, n.º 1-2.º-Dt.º, Amadora correm éditos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio notificando a comproprietária GERMANA RITA DELGADO, com última residência conhecida na Rua António Feijó n.º 10-2.º esq.º, Amadora e actualmente ausente em parte incerta, de que foi ordenada a penhora no bem adiante indicado, pertencente ao executado e que fica à ordem deste Tribunal, podendo fazer as declarações que entender quanto ao mesmo direito e ao modo de o tornar efectivo, no acto da notificação ou no prazo de cinco dias (Art.º 862.º n.º 2 do CP Civil).

Para constar se passou o presente e mais dois de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1989

O Juiz

(Assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito

(Assinatura ilegível)

DIREITO PENHORADO

Metade indivisa do prédio urbano sito na Rua Elias Garcia, n.ºs 275, 275-A e 275-B, na cidade e freguesia da Amadora, descrito na Conservatória do Registo Predial da Amadora sob o n.º 106 a fls. 69 v.º do livro B-1, encontrando-se a metade indivisa inscrita a favor do executado pela inscrição n.º 27562, fls. 138 v.º, livro G-57 e inscrito na matriz urbana da referida freguesia e omisso na matriz.

«DL» 28/12/89 — 1.ª Pub.

modalidade em evidência pelo elevado número de provas realizadas a nível internacional. A 22 de Março, a selecção de «Sub-24» classificou-se em 3.º lugar no torneio de Montreaux, ganho pela Argentina.

A 28 de Maio o FC Porto ganhou ao Benfica por 4-3 e assegurou a conquista do seu sexto título nacional, a que veio a juntar mais uma Taça de Portugal a 15 de Julho, por vitória na final sobre o Paço d'Arcos, 6-3.

Em 30 de Julho, na cidade de Karlsruhe (RFA) Portugal conquistou os III Jogos Mundiais para a 17 de Setembro arrecadar a Taça Latina de Esperanças, ao vencer no último jogo a Itália por 4-2.

No «Mundial» de seniores, que se disputou na Argentina, Portugal classificou-se em 2.º lugar, ao perder 1-2 com a Espanha no dia 15 de Outubro.

A 5 de Novembro, no campeonato da Europa de Juniores, Portugal obteve o 1.º lugar, para a 11 de Dezembro, na Anadia, vencer pela quarta vez, o título europeu da categoria de juvenis.

Voleibol: O Leixões venceu a 1 de Abril o título nacional masculino, a que juntou a 18 de Junho o de femininos.

BASQUETEBOL: O Benfica arrecadou o título nacional, a Taça da Liga e a «Supertaça», enquanto a Ovarense arrematou a Taça de Portugal.

Ténis de Mesa: O Sporting conquistou o título nacional, enquanto Filipe Salazar se tornou, em Vilamoura, campeão nacional de primeiras categorias de **Golfe** ao defrontar, na final, António Castelo no dia 28 de Maio, tendo, nesse mesmo dia, o Boavista garantido a conquista do nacional de **Xadrez** cujo título individual ficou entregue a António Fernandes (Benfica). A 4 de Junho, o Ramaldense festejou a conquista do seu 25.º título nacional de **hóquei em campo.**

Francisco Felix, Susana Toledo, Luís Pereira e as equipas de Portugal de seniores masculinos, seniores femininos e juniores, garantiram no dia 11 de Junho, em Lisboa, os respectivos títulos de campeões da europa de **Tiro aos Pratos.**

A 18 de Junho, Portugal classificou-se em 4.º e penúltmo lugar no campeonato da Europa de **Bilhar** às três tabelas, disputado no Estádio da Luz e ganho pela Holanda.

A 30 de Julho a tripulação portuguesa composta por António Brito, Rui Fernandes, José Ferreira e António Monteiro, tornou-se vice-campeã do Mundo de **Canoagem** (K4), em Halifax, no Canadá.

João Pais, conseguiu a 31 de Agosto em Martigny, Suíça, a melhor classificação de sempre de portugueses em campeonatos do Mundo de **Luta Greco-Romana,** para a 6 de Setembro, Paulo Amorim conservar em Mirandela, o título europeu de **Full-Contact.**

Alexandre Vieira, fazendo equipa com o francês Mattiolie e com o inglês Burnett, em Honda, ganhou em França no dia 10 de Setembro, as 24 horas de «Bol D'Or», tornando-se campeão mundial de resistência em **Motociclismo.**

A 8 de Outubro, Portugal classificou-se em 3.º lugar no **«Euro Surf/89»,** disputado nas Praias da Barra e da Costa Nova, para a 29 do mesmo mês, Carlos Bica (Lancia Delta) conquistar o título **Nacional de Ralis.**

Ciclismo: Serafim Vieira e o Louletano ganharam a 25 de Maio a clássifica Lisboa-Porto, para três dias depois, Delmino Pereira do Recer/Boavista triunfar no Campeonato Nacional de Estrada para profissionais. Fernando Carvalho, da Sicasal/Torreense venceu a 10 de Junho o Porto-Lisboa, para Joaquim Gomes a 12 de Agosto subir ao pódio na última etapa da Volta a Portugal, arrebatando o triunfo final.

Um destaque para o **Halterofilismo** feminino, onde Sara Duarte (Luso do Barreiro) revalidou, em Manchester, o seu título europeu de arranque com 57,5 quilos. Na mesma competição, Eulália Romão (SFUAP), foi vice-campeã na categoria de 44 quilos.

Lusa/«DL«

«Alex» Vieira: o mais resistente

Belenenses: Taça para o museu

Cunha e Silva: 4.º título nacional

Juniores Sub-19: os melhores do Mundo

FC Porto: o melhor sobre rodas

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte : - céu geralmente muito nublado e vento de Oeste moderado, soprando por vezes forte nas terras altas. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 4 metros a diminuir.

Regiões do Centro; - céu geralmente muito nublado. Períodos de chuva durante a manhã na Beira Litoral, Estremadura e Ribatejo. Vento Sueste moderado, soprando por vezes forte durante a manhã. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 4 metros a diminuir.

Regiões do Sul: - céu muito nublado. Vento Sueste moderado, soprando por vezes forte no Algarve. Períodos de chuva, em especial durante a manhã e com maior incidência no litoral do Alentejo e no Algarve. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 4 metros a diminuir na Costa Ocidental e cavado a grosso com ondulação Sueste de 2 a 3 metros na Costa Sul.

AÇORES

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento moderado a forte de Noroeste, rodando para Oeste ao longo da manhã. Períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação de Noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Central: - céu muito nublado. Vento geralmente forte de Norte, soprando temporariamente de Oeste durante a tarde e diminuindo de intensidade. Períodos de chuva durante a tarde. Mar grosso com ondulação Noroeste de 6 a 8 metros.

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento forte de Norte e com rajadas muito fortes. Aguaceiros fracos. Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 6 a 8 metros.

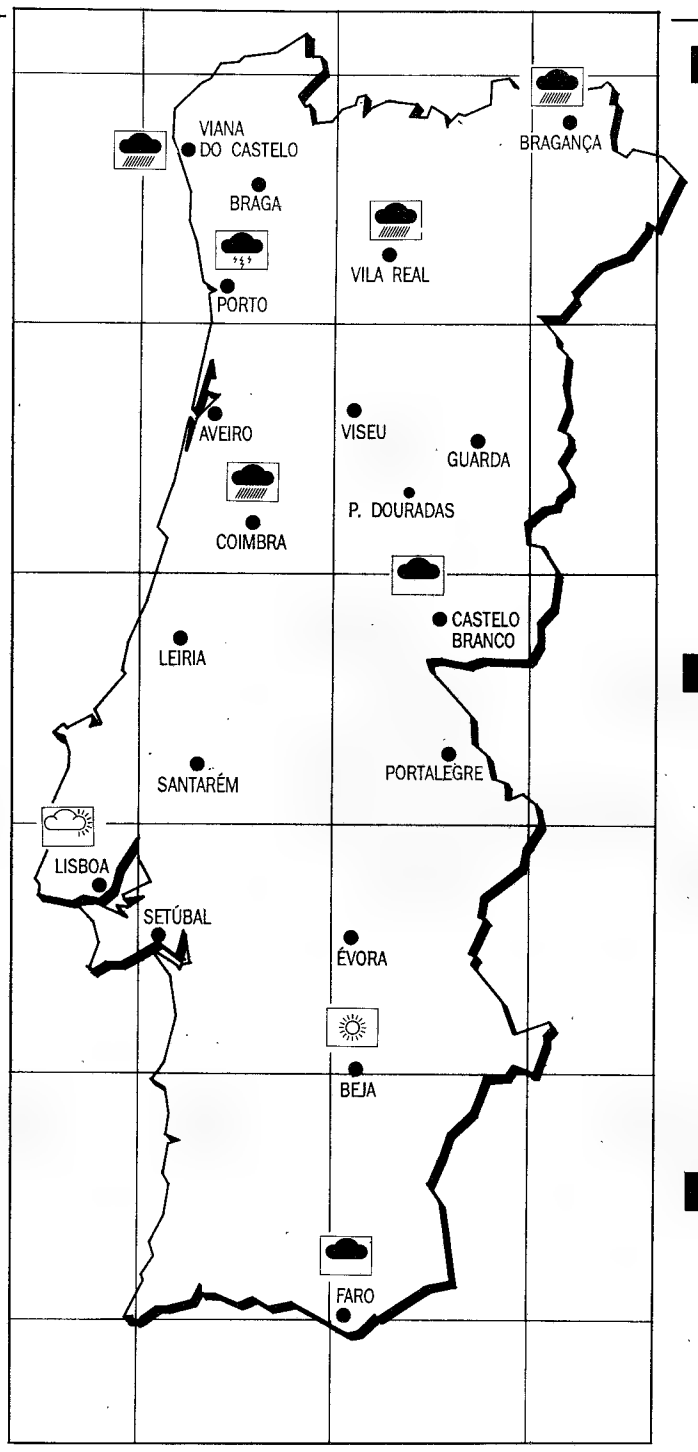
MADEIRA

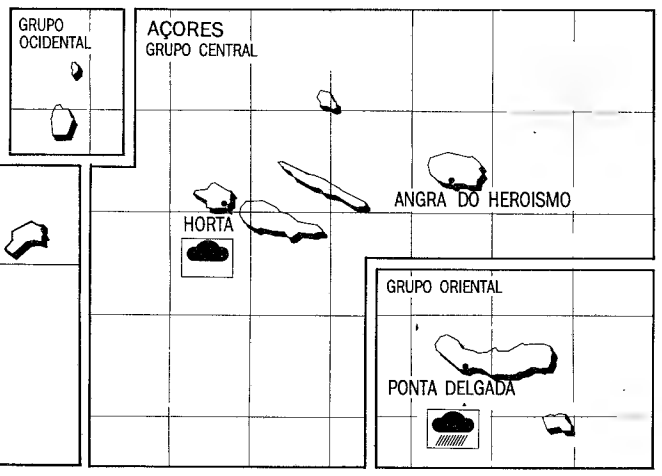
Céu muito nublado. Vento muito forte de Noroeste e com rajadas muito forte nos locais mais elevados. Aguaceiros por vezes fortes. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas, Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 2 metros. Nos Açores

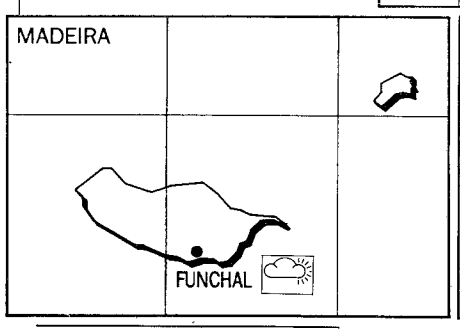
AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado. Vento Oeste fraco a moderado, soprando moderado de Oeste no Algarve. Aguaceiros fracos e pouco frequentes, mais prováveis nas regiões do Sul.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.12	3,9m	08.49	1,2m
15.36	3,7m	20.59	1,2m

Amanhã

03.4,0	4,0m	09.26	1,1m
16.13	3,7m	21.36	1,2m

PORTUGAL

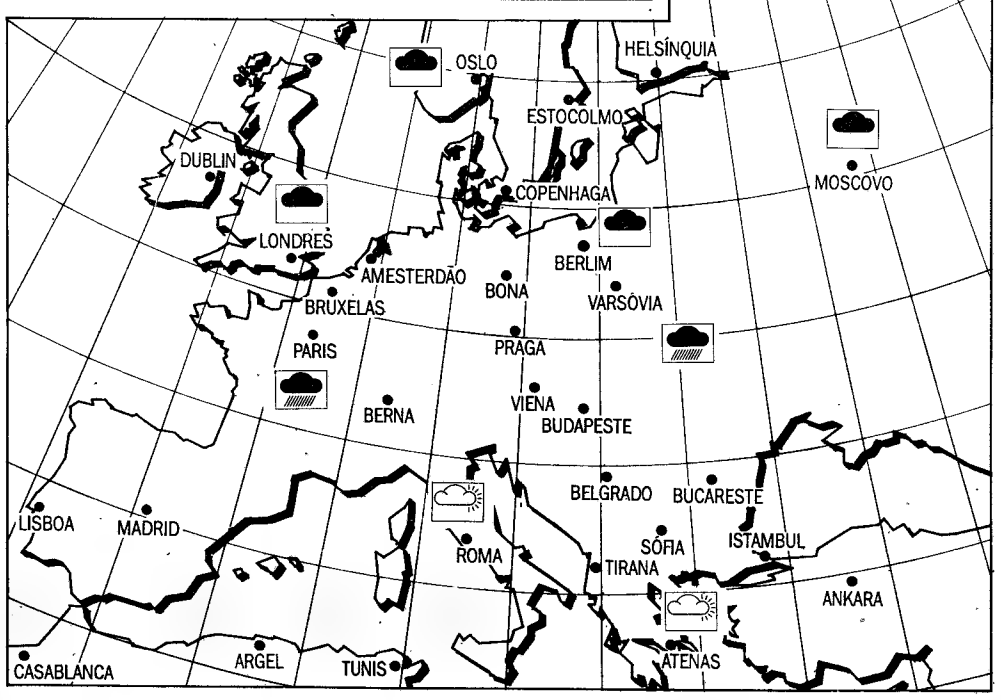
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	5	7	M. nublado
V. Castelo	11	11	P. nublado
Vila Real	7	8	M. nublado
Porto	10	11	Limpo
P. Douradas	–	–	–
Coimbra	10	12	M. nublado
C. Carvoeiro	10	10	Encoberto
C. Branco	5	6	Limpo
Portalegre	6	7	P. nublado
Lisboa	10	10	Chuva
Évora	8	8	Encoberto
Beja	9	10	Aguaceiros
Faro	12	14	Chuvisco
Sagres	12	13	Chuva
P. Delgada	11	12	M. nublado
Horta	11	12	M. nublado
Funchal	11	13	Aguaceiros
Sines	–	–	–

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	5	M. nublado
Londres	7	7	M. nublado
Paris	-1	-1	Nevoeiro
Bruxelas	1	1	Nevoeiro
Amesterdão	0	2	Neblina
Genebra	-1	0	Neblina
Roma	1	2	P. nublado
Oslo	-4	-4	M. nublado
Copenhaga	2	2	M. nublado
Estocolmo	1	1	Nevoeiro
Berlim	-4	-4	Neblina
Viena	-3	-3	Neblina
Varsóvia	-6	-6	Limpo
Atenas	9	9	M. nublado
Moscovo	-6	-6	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-5	3	Limpo
Houston	8	17	Nevoeiro
Los Angeles	10	19	Limpo
Montreal	-19	-13	Neve
Nova Iorque	-7	2	Limpo
S. Francisco	4	12	Nevoeiro
Toronto	-13	-6	Limpo
Vancover	2	7	Limpo
Washington	-6	4	Neve
Hong Kong	10	18	Aguaceiros
Melbourne	13	23	Limpo
Pequim	-8	0	Limpo
Perth	17	34	Limpo
Singapura	23	30	Aguaceiros
Sydney	21	34	Aguaceiros
Tóquio	7	11	Limpo
Wellington	9	15	Chuva



HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

O CASO DAS VEDETAS «DESAPARECIDAS»

O rumo é Israel

—AFIRMA O JORNAL «AL AHRAM»

Quem são os premiados de «O Natal visto pelas crianças»

A CIDADE É TEMA DUMA INICIATIVA DE ÊXITO

ACTIVIDADE VULCÂNICA NA LUA?

O rumo é Israel...

Os embaixadores da França e da Noruega, no Cairo, foram convocados para o ministério egípcio dos Negócios Estrangeiros para tratarem do caso das cinco vedetas que sairam de Cherburgo na véspera de Natal. O jornal oficioso "Al Ahram", que dá a notícia esta manhã na sua segunda edição, afirma, por outro lado, que as cinco canhoneiras se dirigem de momento para Israel.

Vulcões na Lua?

Os cientistas que estão a estudar as rochas lunares trazidas pela «Apolo-12» parecem ter encontrado provas concretas de actividade vulcânica na Lua ao descobrir partículas de cinzas vulcânicas e pedra-pomes. Esta revelaão foi feita pelo dr. Robin Brett, chefe dos laboratórios de geoquímica do centro espacial de Houston.

Andorra e Urgel

O minúsculo principado de Andorra ofereceu ao bispo de Urgel, na Espanha, o seu tradicional tributo de Ano Novo de presuntos, queijos, galinhas e perdizes. O bispo é co-príncipe do pequeno principado dos Pirenéus, situado entre a França e a Espanha, juntamente com o presidente Georges Pompidou.

EFEMÉRIDES

1864

É fundado o matutino lisboeta «Diário de Notícias»

1895

Surge oficialmente o animatógrafo, quando os irmãos Lumière promovem, nas caves do «Grand Cafe» de Paris, a primeira sessão de cinema

1911

Por se recusar a obedecer à lei da separação da Igreja e do Estado, o Cardeal Patriarca de Lisboa, Dantonio Mendes Belo, é forçado ao desterro pelo Governo da República portuguesa

1950

Forças chinesas atravessam o Paralelo 38, na Coreia

1970

O Tribunal Militar espanhol condena à morte seis separatistas bascos

1974

Guerrilheiros da Nicarágua invadem a Embaixada dos Estados Unidos em Manágua, matando três guardas e fazendo vários reféns

1983

Uma fonte altamente colocada em Moscovo revela que o presidente Yuri Andropov, que há mais de quatro meses não é visto em público, se encontra hospitalizado com uma doença que «é segredo de Estado»

1987

A inflação brasileira atinge o seu máximo de sempre, com 365,96 por cento

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Ajuda: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Telef. 3637318; **Alvadade**: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Telef. 897958; **Avenidas Novas**: Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Telef. 773043; **Benfica-Igreja**: Marques, Estrada Benfica, 648, Telf. 700096; **Camões**: Andrade, R. do Alecrim, 125-127, Telef. 322328; **Campo Santana**: Peninsular, Campo Mártires da Pátria, 117-118, Telef. 527308; **Campolide**: Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, telef. 680627; **Lapa**: Rodrigues & Aires, R. da Lapa, 52-54, telef. 662246; **Lumiar-Quinta do Lambert**: Reis, R. Pedro Bandeira, 2-A, telef. 7597432; **Mercado do Chile**: Alcalis, R. Carvalho Araújo, 46-B, telef. 814708; **Penha de França**: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60, Telef. 8149245; **Vale Formoso - Poço Bispo**: Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, telef. 8595180; **Carnaxide**: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, telef. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora**: Vila Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, telef. 996540; **Odivelas**: Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, telef. 9815446; **Pontinha**: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4-Lote SE, telef. 479220.

REFORÇO

À Av. Estados Unidos nº 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, telef. 887721; **Sapadores**: Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A, telef. 832580; **Campo de Ourique**: Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, telef. 688807; **Estefânia**: Mundial, Largo D. Estefânia, 10, telef. 545578; **João XXI**: Onilda, Av. João XXI, 13-A, telef. 886848; **Martim Moniz**: Ferrão, R. da Mouraria, 12-16, telef. 860464; **Olivais Norte**: Central Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, telef. 315539; **Palhavã**: Aguiar, Av. Col. Bordalo Pinheiro, 98-A, telef. 7260934; **Parque Eduardo VII**: Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A, telef. 682333; **Picheleira**: Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C, R. Prof. Mira Fernandes, MAF , telef. 880703; **Santo Amaro**: Correia Azevedo, R. Luís Camões, 42-B, telef. 3638625; **Buraca-Amadora**: Vaz Martins, Praceta Fernendo Passoa, Loja E-36-B, telef. 970660; **Olival Basto**: Nova, Rua Açores, 11-A, telef. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64, telef. 2112070, permanente; **Linda-a-Velha**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, telef. 4191235, permanente; **Tires**: Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, telef. 2441616, até às 22 horas; **Alcabideche**: Carvalho, Bº Padre P. Correia, 4, telef. 2690363, até às 22 horas; **Porto Salvo**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, telef. 2421015, até às 22 horas; **Carcavelos**: Central, R. 5 de Outubro, 25, telef. 2470037, permanente; **S.Domingos de Rana**: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj.2, telef. 2470361, até às 22 horas; **Malveira da Serra**: Luz, Estrada Nacional, telef. 2850635, até às 22 horas; **Oeiras**: Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, telef. 4437169, permanente; **Parede**: Aisir, Av. Gago Coutinho, telef. 2472948, permanente; **Sassoeiro**: Amaral, Quinta das Encostas, telef. 2461312, até às 22 horas; **Birre**: Imani, Lote 7-β - Hera, telef. 2852121; **Modorna**: Madeira, Rua A, telef. 2476326, até às 22 horas; **Amoreira**: Abrantes, Vivª Maria Carlos Anjos, telef. 2682313, até às 22 horas; **Estoril**: Parque, Arcadas do Parque, 3, telef. 260191, até às 22 horas; **Cascais**: Misericórdia, R. Regimento 19, 41, telef. 290141, permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, telef. 4933613, permanente; **Damaia**: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, telef. 974161, até às 22 horas. Lemos, R. Goa, 21-A, telef. 971121, até às 22 horas; **Queluz**: Albergaria, L. prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, telef. 4356487, até às 22 horas. O'Neill Pedrosa, R. Casal do Olival, Lote A-3, telef. 4377205, permanente; **Camarate**: Nova da Charneca, R. Cidade Lisboa, 9-A, telef. 2571626, até às 19 horas; **Cacém**: Garcia, Av. dos Missionários, 2, telef. 9242181, telef. 9242181, permanente; **Mem Martins**: Química, Estrada de Mem Martins, 285, telef. 9210012, até às 22 horas; **Mercês**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, telef. 9215275, até às 22 horas; **Rinchoa**: Cargaleiro Lourenço, Calçada da Rinchoa, 38, telef. 9262006, até às 22 horas; **Colares**: Abreja, telef. 9290088; **S. Pedro de Sintra**: Valentim, telef. 9230456, permanente.

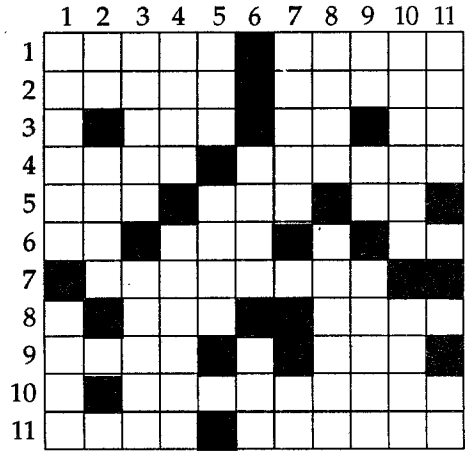
OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Império, Rua 1º de Maio, 48-A, telef. 2513234, permanente; **Sacavém**: Cortes, Av. Mª Luísa Braamcamp, 2-A, telef. 2519420, até às 22 horas; **Loures**: Salvia, Av. da República, 29, telef. 9831240, até às 22 horas.

OUTRA BANDA

Almada: Reis, R. Comandante António Feio, 19, telef. 2750504, permanente; **Cova da Piedade**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A, telef. 2767356, permanente; **Monte de Caparica**: Nova, R. Trabalhadores Rurais, 82, telef. 2954436, até às 19 horas; **Costa da Caparica**: Chai, Av. General Humberto Delgado, telef. 2903218, até às 19 horas; **Laranjeiro**: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A, telef. 2290305, até às 22 horas; **Sesimbra**: Leão, Av. da Liberdade, 13, telef. 2233471, até às 19 horas; **Lavradio**: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C, telef. 2042016, até às 19 horas; **Barreiro**: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12, telef. 2073443, permanente; **Baixa da Banheira**: Aliança, Estrada Nacional, 178-B, telef. 2040302, até às 19 horas; **Corroios**: Universo, Estrada Nacional 10, telef. 2530084, até às 19 horas; **Amora**: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, telef. 221293, permanente; **Seixal**: Alves Velho, L. Camões, 27, Torre da Marinha, telef. 2211132, até às 22 horas; **Montijo**: São Pedro, Av. Camões, 16, telef. 2311133, até às 22 horas; **Moita**: Parque, Av. Egas Moniz, 24, telef. 2392294, até às 19 horas; **Alhos Vedros**: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30, telef. 2040020, até às 19 horas; **Alcochete**: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15, telef. 2340100, até ás 19 horas; **Setúbal**: Higiéne, R. Frei Agostinho Cruz, 51, telef. 22408, permanente. Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12, telef. 24558, permanente. Bairros, R. Rodrigues F. Costa, 27, telef. 23330, até às 22 horas.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17825

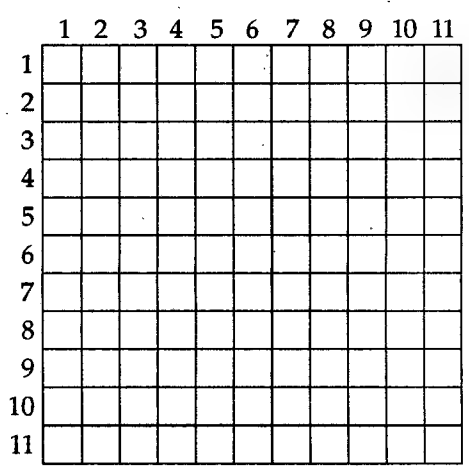
HORIZONTAIS:

1 Folha de vide. Em excesso.
2 Causas amuo a. Equipar.
3 Tempo do verbo ir. Gálio (s.q.). Batráquio.
4 Capim (Bras). Vadio.
5 Rema para trás. Míseros. Suspiro.
6 Pertences. Rio da Suíça. Arsénio (s.q.)
7 Ostricultor.
8 Época. Moeda da Grécia antiga.
9 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Ente.
10 Alojaram em tendas.
11 Estro. Arrasa.

VERTICAIS:

1 Sofre. Aquele que.
2 Antes do meio dia. Alegria.
3 A polícia (pop). Tempo do verbo ser.
4 Invulgar. Trava luta com.
5 Membro de ave. Tranca.
6 Encare. Governanta.
7 Feiticeiras. Post Scriptum.
8 Rio da Rússia. Furiosas.
9 Prefixo de negação. Basta! Apelido.
10 Sova. Terra nova e arroteada de fresco.
11 Rezas. Miriare.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16635

HORIZONTAIS:

1 Pândega (Bras). Cidade de França.
2 Gostais muito de. Cai à cama.
3 Aldeia. Rádio (s.q.). Letra grega.
4 Preposição e artigo. Brasil. (abrev.)
5 Preposição. Ofereceis.
6 Cingiríamos.
7 Oásis. Compaixão. Preposição.
8 Governanta. Segundo.
9 Limpos.
10 Saíra frequentemente à rua. Suspiros.
11 Equipamos. Agora.

VERTICAIS:

1 Ofensa grave. Rã (pop.).
2 Governanta. Estava. Cidade da antiga Caldeia.
3 Uma das incarnações de Vixnu, na mitologia hindu. Remavam para trás.
4 Separo a baganha de (o linho). Equipara.
5 Guarneço de asas. Frâncio (s.q.). Lavram.
6 Idem.
7 Igual. Rio de Portugal. Seguias.
8 Terminam. Acrescentei.
9 Batráquio. Cursos de água naturais e abundantes. Sufixo que designa abundância.
10 Soluçásseis.
11 Vais para fora. Nota musical. Bário (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17824

HORIZONTAIS: 1 - DEVAGAR. SE. 2 - Ámon. Soa. Ga. 3 - Mal. Pilotos. 4 - Algas. 5 - Saas. Calosa. 6 - Carlota. 7 - Ocara. Inata. 8 - Amara. Grãs. 9 - Via. Treino. 10 - Arrotei. Taã. 11 - Ioiô. Usso.
VERTICAIS: 1 - Damasco. VAI. 2 - Emala. Cairo. 3 - Volga. Amari. 4 - An. Ascra. Oó. 5 - Ps. Aar. 6 - Asi. Cr. Ates. 7 - Rol. Ali. Ri. 8 - AO. LONGE. 9 - Trotarias. 10 - Ego. Satanás. 11 - Asma. Asoto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16634

HORIZONTAIS: 1 -Xarau. Xelro. 2 - Aresta. Ur. 3 - Mela. Maio. 4 - Ase. Corrida. 5 - Párias. 6 - Xaca. Ba. 7 - Armados. 8 - Nair. Coser. 9 - Remas. Lua. 10 - Ocara. III. 11 - Oraram.
VERTICAIS: 1 - Xama. Xanto. 2 - Ares. 3 - Relê. Cairo. 4 - Asa. Parreco. 5 - Ut. Ca. Mar. 6 - Amordaçara. 7 - Ari. Dosar. 8 - Irados. 9 - Ois. Selim. 10 - Ru. Rui. 11 - Ornaras. Ais.

PROVÉRBIO: DEVAGAR SE VAI AO LONGE.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média-Emissores do Litoral e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O linho e a seda; **15.00**: Contraste; **17.00**: Informação; **17.15**: Porto d'abrigo.

Onda Média - FM Estéreo

14.00: Gerações por minuto; **17.00**: Sete mares; **19.00**: Música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Diálogo - João Coelho; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM-2 Estéreo

17.00: O timbre do dia - o cor de Basset; **18.15**: Ângulos e reflexos; **19.00**: Integrais - as 3 sonatas de Grieg, p/violino e piano; **19.25**: Álbum musical - obras de Rachmaninov, Ravel, Caplet, Rimsky-Korsakov, Rolla e Satie; **20.40**: Esta madrugada no dois; **21.00**: Histórias de música e outras - ciclo Mahler - Die Drei Pintos-Ópera de Weber; **21.30**: Música de Arnold Schonberg; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Efemérides; **23.30**: Temas de história da música do século xx - perspectiva da obra de Francis Poulenc; **01.00**: Música de câmara; **02.00**: Música na madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397m

17.00: Contacto; **19.00**: Peça que a gente passa; **21.00**: Pela estrada fora; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24ª Hora; **01.00**: Fantástico; **03.00**: Serviço nocturno; **06.00**: Diário rural.

RC-FM Estéreo 97.4 MHz

16.00: Rock em Stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Topo de gama; **22.00**: Pessoal e transmissível; **00.00**: Morrison Hotel; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno; **06.00**: Diário rural; **06.45**: Piadinhas e torradinhas. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da música; **16.00**: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.00**: Revista; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM

Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula três; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Nordeste magazine.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Lisboa à noite.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Leiria 89.

Farmácias
MÉDICO DE URGÊNCIA
766171
766178
766179
Farmacias

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Filme de Robert Zemeckis com Michael J.Fox e Christopher Lloyd.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de vYS.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
O MEU AMIGO MAC
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 24 HORAS.

AMOREIRAS 5
OS CAÇA FANTASMAS II
Um filme de Ivan Reitman.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Andie MacDowell.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
OS MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos.
Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SENHORA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
O ANJO NEGRO DA MORTE
Filme de Fred Williamson com Cameron Mitchel e Fred Williamson.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO À CHINESA
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
BATMAN
Filme de qualidade de Jack Nicholson com Jack Nicholson e Kim Basinger.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
FRENÉTICO
Com Harrison Ford. Sessão às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

Em exibição na Sala 4 do Quarteto
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
M/12
Pub.

ESTÚDIO SHEZA
BATMAN
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

EDEN
Praça dos Restauradores, 21
Telef. 320768
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
Filme de Arthur Hiller com Richard Prior e Jim Wilder.
9ªsemana
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.45.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
BATMAN
Filme de Tim Burton com MichaelKeanton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 631162
O ABISMO
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 1
OS CAÇA FANTASMAS II
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO TUFURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
De Charles Dikens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
LAS VEGAS...ZONA DE PERIGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
MARILYN E O SENADOR
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Telef. 806847
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPEITAS
De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

CARTAZ

Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O ÁS E O JOKER
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A MOSCA II
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

LIDO
A LOUCURA DO SURY
Maiores de 6anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 2439759
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE
FORÇA DE VINGANÇA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

M IRAMAR 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

INCRÍVEL ALMADENSE
A FANTÁSTICA AVENTURA DO BARÃO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COVA DA PIEDADE CLUBE DESPORTIVO PIEDENSE
NÃO DES BRONCA
Maiores de 12 anos.

COSTA DE CAPARICA - CINE PESCADOR
PERSIGUIÇÃO MORTAL
Maiores de 12 anos.
Sessões às 21.30 horas.

TEATRO

LISBOA

ALGÉS - 1º ACTO DE TEATRO
R. Eduardo Pedroso - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30; Sáb. e Domingo às 17.00 horas.
TROCAM-SE MULHERES, MÁXIMO SIGILO
de Camilo Castelo Branco.

MAIZUM
R. Poiais de São Bento, 75-B - Telef. 607299
Encerrado até dia l2 de Janeiro.

TEATRO INFANTIL DE LISBOA - TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - Telef. 3639974
SABOR DOS SONHOS
Encenação: Carlos Correia.

ALMADA - TEATRO MUNICIPAL
R. Conde Ferreira - Telef. 2752175
Às 4ª e 5ª às 17.30 horas.
MARCO MILHÃO
De Eugene O'Neill, pela Companhia de Teatro de Almada.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515
De 3ª e Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
CÉU DE PAPEL
Textos de Pirandello e Beckett, pelo Teatro da Cornucópia.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas com Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO DO CASINO DO ESTORIL
Telef. 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
(Curta série de representações)
De Edwuard Bond com Fernanda Alves e Isabel de Castro

COMUNA - CAFÉ TEATRO
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 3ª a Sábado às 22.00 horas; Domingos às 18.00 horas.
FALE BAIXO SENÃO EU GRITO
De Leilah Assunção.
Adaptação de Margarida Carpinteiro.

COMUNA - SALA 2
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Encerrado até dia 13 de Janeiro.

COMUNA - SALA NOVA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Domingos às 17.00 horas.
PÉCORA de Natália Correia.

INST. FRANCO-PORTUGAIS
Av. Luís Bívar, 91 - Telef. 544389
De 3ª a Sábado às 21.30 horas; Domingos às 16.30 horas.
OS PAIS TERRÍVEIS
De Jean Cocteau.
Encenação: Fernanda Lapa.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Av. Fausto Figueiredo, Monte Estoril - Telf. 2670320.
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
A MORTE DE DANTON
De George Buchner.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas; Domingo às 16.00 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO DA POLITÉCNICA
Rua da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingo às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª à 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados às 16 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - Telef. 542249
De 3ª a 5ª às 21.30; 6ª e Sábados às 19.00; Domingo às 17.00 horas.
BALANCÉ
De William Gibson.

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Domingo às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Um espectáculo de Mário Viegas.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

COLISEU DOS RECREIOS
R. das Portas de Santo Antão - Telef. 3461997
Todos os dias às 21.30; 5ª às 16.00 horas; Ano Novo às 14.30, 17.00 e 21.30 horas.
CIRCO DE NATAL

CIRCO CHEN
Campo Pequeno
O MUNDO DAS MARAVILHAS

CIRCO DE NATAL
Ringling-Circus - Praça de Espanha às 15.30 e 21.30 horas.

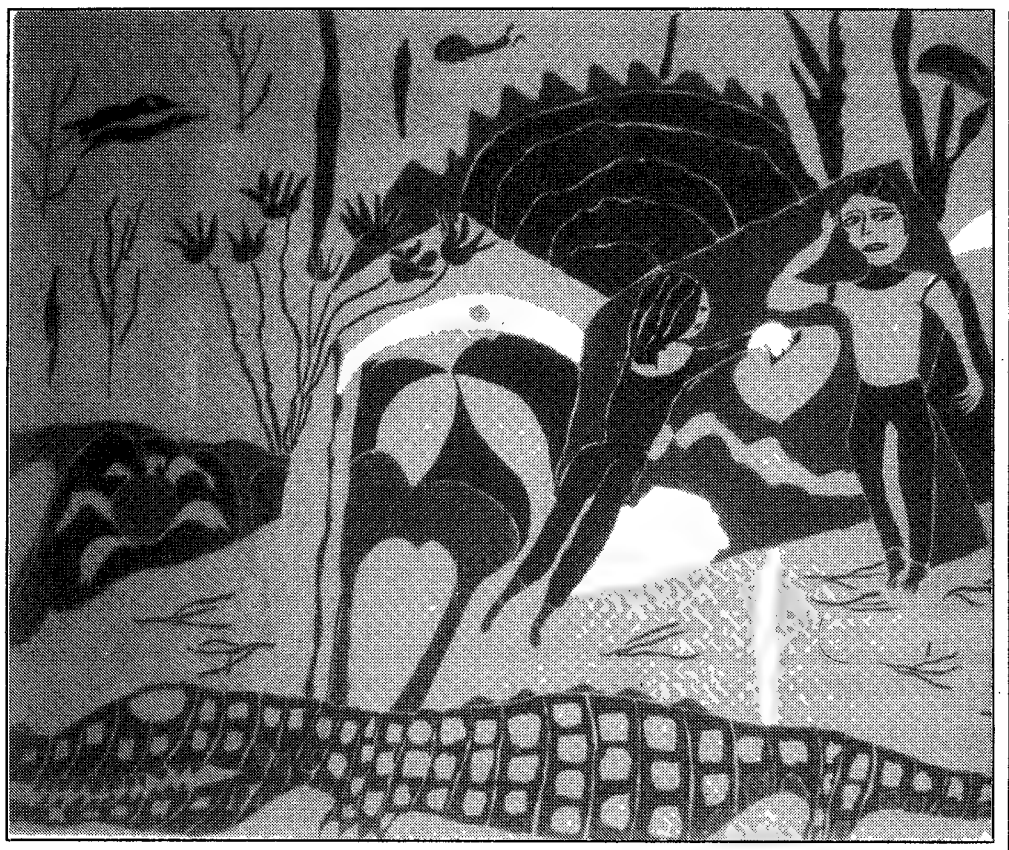
FEIRA POPULAR
Irmãos Cardinali, apresentam o circo Gigante das 3 pistas.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até ao final do ano, a exposição "O Vidro em Portugal", com entrada livre.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão; "Joias" de Ana Fernandes; até 31 de Dezembro, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa" e ainda "Palhaços", bonecos de Raquel. "Circum-Navegação" de Rolando Pinheiro. Patchwork: "Colchas de Zélia Barata".
PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".
MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: até 31 de Dezembro, a exposição "Portugal na Abertura no Mundo".
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): Pintura marroquina contemporânea.
PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.
PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".
GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): exposição «La Fenêtre de Ma Tête», de Costa Pinheiro. Na "Zona dos Congressos", em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a Comissão Nacional para as Comemortações de 50 Anos de "Gaibéus", a exposição comemorativa de 50 Anos de "Gaibéus" de Alves Redol.
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): "Colagens", da artista alemã Hannah Hock.
GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 5 de Janeiro, pintura dos finalistas da Escola Superior de Belas Artes do Porto "ESBAP 89".
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.
GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 7 de Janeiro, uma exposição de peças únicas em cristal superior da designer Niza de Melo Falcão.
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): até 31 de Dezembro, de segunda a sexta das 15 às 20, a exposição de fotografias de Jorge Jacinto intitulada "O Mundo dos Espectáculos-II Parte".
CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195-D): uma Exposição Antológica de Cruzeiro Seixas, "Prémio Artista do Ano 1989".
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 31 de Dezembro, exposição de equipamento mobiliário de Siza Vieira, a apresentar o seu primeiro projecto em Lisboa.
GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 29 de Dezembro, pintura e escultura de Eduardo Lima Teixeira, Eduardo Santos Neves, Virgílio Domingues e

CARTAZ



Pintura de Maria Filomena, na Junta de Turismo da Costa do Estoril até 8 de Janeiro

Fátima Cruz Neves.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Fernando Ançã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.
EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.
PALMA-GALERIA DE ARTE (Cª da Palma de Baixo, 6): até 31 de Dezembro, a exposição de Fotografia "Reflexões sobre o Corpo da Mulher" de Gustavo Almeida Ribeiro.
GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 6 de Janeiro, Cerâmica de Miguel Figueiredo.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 5 de Janeiro, uma colectiva de Pintura de Augusto Barros, Guilherme Parente, Maria José Camões e Rico Sequeira.
HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestrs, 34-A): até 4 de Janeiro, Pintura e Desenho de Pedro Saraiva.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 8 de Janeiro, a exposição de Fotografia "O modelo visto pelos pintores", de Hervé Dangla.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.
GALERIA STUART (Av. Gomes Pereira, 45): até 29 de Dezembro, das 10 às 22 horas, a colectiva de Natal com obras de Eduardo Abrantes, João Silva, Joaquim Lourenço, Marina, Maria Soares, Victor O.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA R 75 (R. das Janelas Verdes, 7): Óleos recentes de Luís Pinto Coelho.
MONUMENTAL/ BERTRAND (R. Anchieta, 23): até 27 de Janeiro, Escultura/Instalação de Conceição Costa.
GALERIA S. FRANCISCO: até 30 de Dezembro, moderna joalharia de Alberto Gordillo.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
CASA DO HUMOR (Museu Raphael Boldallo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humor - caricaturas de artistas brasileiros e portugueses.
HOTEL MERIDIEN-LISBOA: até 31 de Dezembro, Pintura de Mário Silva. No Pátio, até 14 de Janeiro (excepto nos dias 31 e 1), Pintura de José Manuel Soares e Ângela Vimonte.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Leonel Moura.
GALERIA NASONI/ LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): até 31 de Janeiro, Pintura de João Vieira.
GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen
SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores do Lima, 8-junto ao Cinema Quarteto): até final de Dezembro, das 12,30 às 15 e das 19 às 22, uma colectiva de Pintura com obras de Adão Rodrigues, Alfredo Pais, António Sem, Artur Bual, Graça Arima, Helena Justino, Helena Sam Payo, Louro Artur, Miguel Barbosa e Ribeiro Farinha.
INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): Fotografias de Mimmo Jodice subordinadas ao tema "Suor Orsola - Cidadela Monástica de Nápoles do Séc. XVII".
INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bívar, 91): até 25 de Janeiro, Fotografia de Hervé Dangla.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.
ETHER/VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): para início da temporada, exposição da obra fotográfica de Carlos Calvet.
POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
INSTITUTO ALEMÃO DE LISBOA (Campo dos Mártires da Pátris, 37): a exposição documentário "Fotografia da Bauhaus".
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura e escultura de Lívio Morais.
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES (Casa do Adro): até 31 de Dezembro, a exposição de escultura e pintura «Ao Cosmos», da autoria de Luís Romano.
PALÁCIO ANJOS-GALERIA MUNICIPAL DE OEIRAS (Algés): a exposição "Um Passeio pela Azulejaria Oeirense".
GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 30 de Dezembro, uma exposição de obra gravada, com gravuras e serigrafias de vários autores portugueses.
GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 28 de Dezembro, das 15 às 23 horas, a 8ª Exposição do Grupo "Artever".
GALERIA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA: até 31 de Dezembro, Desenho, Gravura e Pintura de Júlio Pomar, exposição integrada nas comemorações de "50 anos de comemorações de Gaibéus de Alves Redol".
RESTAURANTE AVANT GARDE (R. da Saudade, 6-Cascais): "Multiples" de Ormond Fannon.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Janeiro, das 15 às 24 horas, o "Salão de Pequeno Formato. No Espaço 2, até 2 de Janeiro, com o mesmo horário, óleos do artista espanhol Manuel Pardo.
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.
PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 6 de Janeiro, Pintura de João Viola subordinada ao tema "Verdes do Outono de Sintra" no Espaço "Ucharia Real".
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 31 de Dezembro, II Mostra do Brinquedo Artesanal e Antigo.
GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.
HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
GALERIA E. C. (Várzea de Colares): até 23 de Dezembro, dias úteis das 10 às 12,30 e das 14 às 18 e sábados, domingos e feriados das 14 às 18, Pintura de Edmundo Cruz.
BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMADA: até 6 de Janeiro, uma exposição dedicada a nova joalharia, promovida pela Escola/ Galeria Contacto Directo em colaboração com a Câmara de Almada.
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.
GALERIA ARTE & VIDEO (C. Comercial Piedense-Cova da Piedade): até 6 de Janeiro, a colectiva de Pintura "Almada em várias cores".
MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS: até 30 de Dezembro, com o apoio da Câmara Municipal do Seixal, uma exposição de Desenho e Fotografia.
BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 15 de janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".
GALERIA VORAGEM (Av. da República da Guiné-Bissau, 28- Setúbal): até 4 de Janeiro, a colectiva "17 Artistas do Distrito de Setúbal".
GALERIAS CETÁRIA (Albergaria Latau-Av. General Daniel de Sousa, 89 - Setúbal): pintura de Branco Cardoso e cerâmica de Mizé e Mena.
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: até 22 de Dezembro, "Espaços Reencontrados", exposição de Pintura de Luciano Costa.
CASA DE BOCAGE (Galeria Municipal de Setúbal): até 31 de dezembro, Pintura de Filipa Farraia.

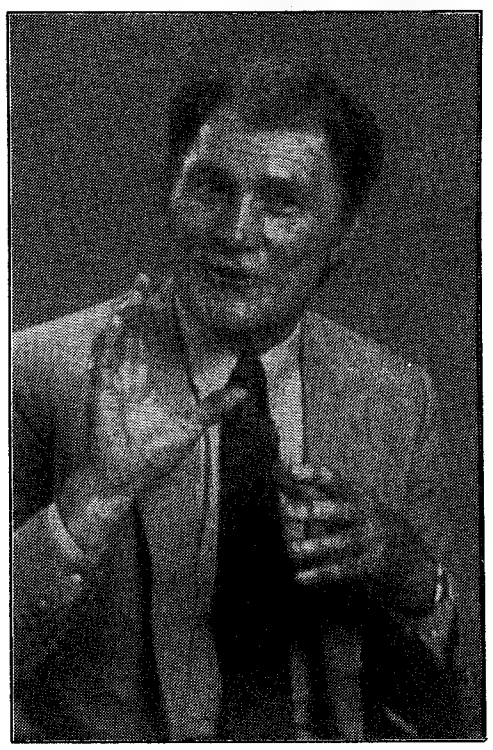
CARTAZ / TELEVISÃO

SNOOPY POR SCHULZ

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, O País dos Sapatos, Um Toque de Magia e Tom Swyer
18.35 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA
Sindicato dos Médicos da Zona Sul, Confederação dos Agricultores Portugueses, Associação das Empresas de Prestação de Serviços e Actividades Similares, Federação de Trabalhadores Democráticos Cristãos e Associção Portuguesa de Técnicos de Contas.
20.18- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.25 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.30 - VALE TUDO
21.25 - BARBARA HUTTON-POBRE MENINA RICA
6º e último episódio: Cada vez mais desgostoso e desiludido com o comportamento da mãe e a sua dependência em relação ao álcool e às drogas, Lance, único filho de Barbara, decide afastar-se e fazer a sua própria vida. Porém, morre pouco tempo depois, vítima de um acidente de aviação. Mais só do que nunca, Barbara entrega-se totalmente à sua vida desregrada, influenciada por pessoas que a exploram e que tiram partido das suas fraquezas. Doente e quase sem dinheiro, recebe, no hotel modesto onde se encontra hospedada, a visita de Cary Grant, o único amigo que a acompanhará até à morte.
22.25 - HISTÓRIAS DO INCRÍVEL E DO BIZARRO
No 13º e último episódio, Jack Palance apresenta as derradeiras histórias da série: o maior instrumento musical do mundo, várias espécies de macacos, a evolução da aviação desde 1880 até aos modernos ultraligeiros, e ainda a história fantasmagórica do navio a vapor «Great Eastern»e dos seus esqueletos.
23.15 - 24 HORAS
23.50 - REMATE



Jack Palance apresenta às 22.25, no 1º Canal, as últimas «Histórias do Incrível e do Bizarro»

No 2º Canal às 17 horas, o derradeiro episódio da série «Lowena e Lora»

RTP-2

17.00 - ROWENA E LORA
6º e último episódio: Miriam sente a morte de Ben como uma nova rejeição, pois o cão tinha-lhe sido dado de presente por Bernard. Quando este volta a casa, acusa-o de ter sido cruel e de não ter coração. Bernard pede-lhe para não se zangar, pois aproxima-se a data da sua partida para o Canadá. Entretanto, o tempo passa... Bernard parte para o Canadá e Rowena faz dezasseis anos. Até que, embora o futuro não se apresente risonho, uma noite de violenta tempestade vem alterar profundamente as vidas de Rowena e de Miriam.
17.25 - TRINTA MINUTOS COM... Álvaro Queirós
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
6º episódio da série extraída do livro homónino do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos: na cidade aparece Ariovaldo, que logo encanta todos com as suas músicas e os seus modos descontraídos. Ele irá quebrar a monotonia da cidade e, pricipalmente, mudar o destino da professora Cecília.
18.45 - ESPECIAL DESPORTO
Basquetebol - Troféu RTP
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - MAUDE
138º episódio
22.00 - SINAIS DO TEMPO
23.00 - EU SOU DA NOITE

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ, COM RUA SÉSAMO

ANTENAS PARABÓLICAS
sinal
Tel: 892945-884650

AMANHÃ

RTP-1

12.05- FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - GLOSS
14.20 - PALAVRAS CRUZADAS
15.10 - UM OLHAR SOBRE A NATUREZA
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - A BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DIREITO DE ANTENA
20.46 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
21.00 - BOLETIM AGRÁRIO
21.05 - VALE TUDO
21.55 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.45 - ELTON JOHN EM VENONA-II PARTE
23.50 - 24 HORAS
00.25 - REMATE
00.40 - PELA NOITE DENTRO
«História de um Gangster»

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - 3,2,1 CONTACT
17.20 - TRINTA MINUTOS COM ...
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.00 - ESPECIAL DESPORTO
Basquetebol - Troféu RTP
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - QUEBRAR A SOLIDÃO
23.20 - ROTAÇÕES
Programa desportivo

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 BARBARA HUTTON
RTP 2 ROWENA E LORA
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

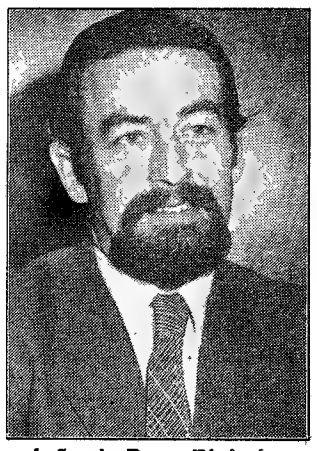
DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«A invasão do Panamá pelas Forças Armadas dos Estados Unidos é inaceitável, inqualificável e injustificável seja qual for o prisma de apreciação em que nos situemos.»

Manuel José Homem de Mello, «Diário Popular», 27.12.89

A PERGUNTA DO DIA



João de Deus Pinheiro ministro dos Negócios Estrangeiros

O Governo português reconhece formalmente o novo poder político declarado na Roménia?

«Como norma Portugal reconhece Estados, não reconhece Governos. Posta esta questão de princípio, a singularidade do caso romeno - fim de uma ditadura particularmente odiosa e a emergência de um novo Governo empenhado em criar condições para a instauração de um regime verdadeiramente democrático - levou já o Ministério dos Negócios Estrangeiros (em comunicado que data de 26 do corrente) a saudar os acontecimentos em curso na Roménia e a manifestar a intenção de proceder à reabertura da embaixada de Portugal naquele país.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

O fim da História: Fukuyama e Onésimo Teotónio de Almeida

Os anos 80 vistos à francesa

As vendas de livros no Natal

"O gosto pelo Cinema" de Jorge Silva Melo na MOSCA

ENTREVISTA

Amália da Piedade Rebordão Rodrigues nasceu há 69 anos, em Lisboa. Iniciou a sua carreira no «Retiro da Severa». Cinquenta anos de fado que são sempre uma saudade

«Quero retirar-me devagarinho»

D.L. - Cinquenta anos é muito tempo...
A.R. - Pois é. É muito tempo. Parece que passou depressa, mas realmente é muito. Sabe, eu lembro-me é das palmas, das cantigas... E assim os anos não me pesam muito. É que tive sempre coisas bonitas.
D.L. - O que é que mais lhe agradou ter feito?
A.R. - Cantar, os discos que gravei. Ainda agora ao ouvir os discos que agora foram editados e que vêm do princípio da minha carreira, gosto de reconhecer a voz que Deus me deu. Não costumava ouvir-me e agora reconheço que aquela voz não era feia.
D.L. - Está satisfeita?
A.R. - Às vezes estou. Outras não. Eu sou mais de não estar.
D.L. - Porquê?
A.R. - É por natureza. Sou assim. Um bocado negativa... Não sou de estar satisfeita.
D.L. - E o fado em Portugal como é que está?
A.R. - Olhe, nunca me apercebi que houvesse tantos cantores como agora. Há muita gente, gente nova. Há uma força enorme. Gente a cantar e a tocar nos bares, o fado vadio... As pessoas aceitam que o fado é a canção nacional...
D.L. - Sim?
A.R. - É. E fomos nós que inventámos o fado, não foi ele que nos inventou...
D.L. - Porquê?
A.R. - Porque é a nossa maneira de ser. Temos essa tendência para nos queixarmos...
D.L. - Já nascemos com queixas!
A.R. - É. Sabe, há sempre uma queixinha. As pessoas encontram-se na rua e ao cumprimentar-se já se estão a queixar. Noutro país as pessoas não falam disso. Nós somos mais francos, mais abertos. Contamos o que nos vai na alma. Damo-nos mais, temos mais tempo para os amigos.
D.L. - Vai continuar a cantar?
A.R. - Vou. Enquanto eu sentir que as pessoas gostam de mim continuo. Eu quero retirar-me devagarinho. Sabe, eu nunca fui vaidosa. Aquilo que fiz em 50 anos fala por mim. Não imponho a minha presença. Quando as pessoas não gostarem de mim, venho-me embora. Não tenho projectos. Quando me puserem de parte...
D.L. - O que é que lhe falta conseguir?
A.R. - Eu? Eu não sei.
D.L. - Não tem vontade de fazer qualquer outra coisa?
A.R. - Sabe, eu comecei muito cedo a ter sucesso... A minha origem é pobre, mas era uma pessoa alegre. Aceitava a minha situação e não andava à procura... Não tinha uma réstia de ambição...
D.L. - Nem agora?
A.R. - Não... Olhe, eu tenho umas pequenas terras no Alentejo. E sabe o que eu queria?
D.L. - Não.
A.R. - O que eu queria era ter árvores floridas e flores em baixo, água a correr sobre as flores. Mas a terra não dá para isso. É um sonho como qualquer outro... Outra coisa que eu queria era estar contente.
D.L. - E não está porquê?
A.R. - Olhe, porque olho para o mundo, para a televisão e não me animo. A minha tendência é negativa, mas não foi o fado que ma deu. O fado educou-me. Cantei bons poetas e julgo que os compreendi, que aprendi com eles.
D.L. - Obrigado. Um bom ano para si!
A.R. - Um bom ano para nós todos!

A.J.T.

meteorologia

Na primeira página do jornal, duas fotografias: a de Samuel Beckett e a do casal Ceausescu. Mortos, todos os três. A morte é-lhes comum, tudo o resto opõe o dramaturgo e os dois tiranos.

As aparências iludem? O autor de "À espera de Godot" cada vez emudecia mais as personagens diante da vida cega, não feita para ser vivida mas vegetada, como a de um cão numa agonia nocturna, algures, num canto de um cenário da vida real.: tragédia do impensável necessário. O inferno é o estado que eterniza essa situação.

Quanto aos dois autores de crimes colectivos cometidos sobre uma nação, sobre a humanidade, como os estranhos heróis de Beckett, atingiram uma situação limite, chegaram ao impasse onde já não é possível avançar e donde é impossível recuar; uma antecâmara do inferno. Títeres como as personagens do dramaturgo, só que estas criavam do seu desespero a *nossa* utopia, enquanto o casal sinistro transformava o desespero em morte plural.

Irreversível, a História, irreversível o destino final dos homens; porém, como dizia Vladimir Jankelevitch, a morte não tem conceito. Só nós, os sobreviventes, podemos explicar o duplo sentido trágico, o do *trágico nobre* , de que era profeta Samuel Beckett , e ninguém como ele, em crescendo, nos fez no palco regressar ao tempo da tragédia , e o do *trágico grotesco do horror* tal como o rei Ubu e a esposa que familiarizaram os milhões dos seus compatriotas com o mal, se a noção de compatriota pudesse ser válida para os vampiros que se profissionalizam, em carrascos.

Na primeira página do jornal, na passada terça feira, na semana que lembra o nascimento, duas fotografias. Do anjo morto que conhecia o inferno, das criaturas infernais que no último instante reconheciam que os seus papéis acabaram. Nada mais.

E se a morte é extremo limite do encontro com a vida, nada mais existe a dizer neste momento.

Jorge Listopad

A MOSCA VOLTA A PICAR NO

Diário de Lisboa

ÀS SEXTAS-FEIRAS

A.M.A. ® Auto Monumental do Arcozo S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 28 DEZEMBRO 1989 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Heterónimos e Jazigos, pág. 3; Conto de Rubem Fonseca, págs. 6 e 7; Traduções inéditas de César Vallejo, pág. 8; Crónica de Álvaro Guerra, pág. 11; Inédito de Noémia de Sousa, pág. 12

INVENTÁRIO DE MÓVEIS E JACENTES

Fernanda Fragateiro, 1989

As portas e as janelas estão fechadas. O Papá não gosta de dormir com as portas e as janelas abertas não sei porquê. Pode-se pensar que é por causa da doença, mas eu acho que ele foi sempre assim. Ele agora dorme no nosso quarto porque os médicos, quando lhe deram alta, recomendaram-lhe que dormisse numa cama dura, o que se improvisou no nosso quarto, já que não convinha mexer na cama de casal, no quarto dele.

O ar está pesado neste quarto, porque além de estar tudo fechado, dormem aqui, incluindo-me, 5 pessoas. Às vezes somos 6 e isso dá-se mais frequentemente, porque a cama agora ocupada pelo Papá é normalmente ocupada pela Tina e pela Gita, que agora dormem com a Mamã no outro quarto.

O Papá ressona. A Lolota e a Nelita na outra cama ressonam. A meu lado, aqui, debaixo do meu braço, o Nandito ressona também. Ontem, quando fui sorrateiramente abrir a porta, depois de deixar que os outros adormecessem bem, ouvi ressonar no outro quarto. Não sei se era a Mamã ou se era a Tina. Devia ter sido a Mamã. Sim, acho que foi a Mamã, embora não tenha a certeza. Será que eu também ressonarei quando adormecer?

O Nandito mudou de posição e disse qualquer coisa. Deve estar a sonhar.

Além do quarto em que estamos e do outro em que está a Mamã, a nossa casa tem mais 2 divisões: a sala de visitas e a sala de jantar. Esta última tem as paredes enegrecidas pelo fumo, porque dantes a Mamã tinha ali o fogão, a um canto. É ocupada por 1 mesa já despolida e sem estilo, rodeada por 7 cadeiras, uma de cada espécie, um armário em que alguém escreveu «Elvis», e vários sacos no canto, atrás da porta. Às refeições, como não cabemos todos à mesa, a Gita e a Nelita sentam-se no chão, viradas uma para a outra e encostadas, uma aos sacos e a outra ao armário. Ao meio fica o prato de alumínio. Quando faz frio sentam-se sobre uma esteira. Invariavelmente o prato contém arroz e caril de amendoim. Naturalmente, um dia uma delas enjoou e virando a cara pegou num lápis e escreveu «Elvis» no armário. Acho que devia ter sido assim porque a inscrição está num ponto tal do armário que forçosamente foi feita por alguém sentado ao nível do chão.

A sala de visitas tem uma parede comum com o quarto onde estamos e outra com o quarto onde está a Mamã. Além da porta que dá para a varanda, tem outra que dá para um quartito a que chamamos Corredor, para onde também dão a porta deste quarto, a da sala de jantar, a do quarto da Mamã e a da casa de banho.

Acho que a Mamã tirou o fogão da sala de jantar por causa do fumo, embora as paredes já estejam todas negras. Talvez fosse porque as paredes do corredor e dos quartos começassem a enegrecer também. Agora a Mamã cozinha numa palhota que se construiu a um canto no quintal. Apesar de se ter mudado para lá há bem pouco tempo, a palhota está quase negra, tanto por dentro como fora. Agora, deve lá estar a dormir o madunana. A palhota não tem nada a vedar a entrada. O Totó deve lá estar a dormir também. Não o ouço ladrar.

Para se passar da sala de jantar para a sala de estar tem-se forçosamente de passar pelo Corredor. Acho que por lá passamos sempre que vamos de uma divisão para outra.

Entre a porta que dá para a casa de banho e a que dá para este quarto, encostada à parede do Corredor, há uma estante com 5 prateleiras todas cheias de livros. Tem a cobri-la uma cortina feita dum pano idêntico ao do das cortinas da sala de visitas. As cortinas do quarto da Mamã são também do mesmo pano. Só neste quarto é que as cortinas são diferentes. São dum pano grosso e amarelado. A Tina diz que o pano é feio, mas quando o Papá esteve preso tirou 2 cortinas e com elas fez 1 saia que não era parecida com nenhuma saia que eu me lembrasse de ter visto. Eu acho que era feia.

O Nandito voltou a mudar de posição e a falar. Parece que está com vontade de ir à casa de banho. O colchão faz o barulho de palha a esmagar-se. Todos os colchões das nossas camas são de palha, menos o da Mamã. Esse é de sumaúma. Foi comprado em segunda mão pelo Mano Mário, que depois o vendeu ao Papá. É um bom colchão e eu gosto de descansar nele. Quando estou de férias quase que passo o dia lá deitado. O Papá zanga-se quando me vê lá, e, por isso mesmo, tenho o cuidado de evitar que me apanhe. A Tina está o tempo todo à espera de ver quando é que eu saio para se ir lá deitar também. A Mamã disse uma vez que a preguiça é um defeito feíssimo numa mulher, e eu repeti isso mesmo à Lolota quando uma vez a vi deitada no colchão de sumaúma.

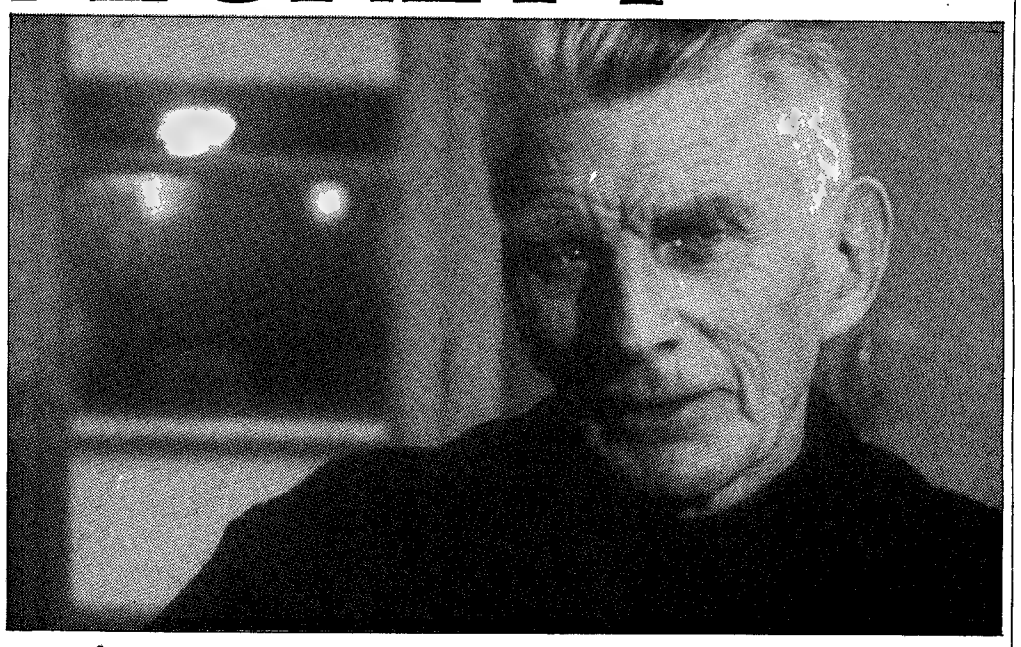
Além do colchão de sumaúma e da cama que o contém, o quarto da Mamã tem 1 berço em que dormem o Joãozinho e a Carlinha, 1 cómoda, 1 guarda-fatos, 2 mesinhas de cabeceira, uma de cada lado da cama do colchão de sumaúma, e 1 mala de cânfora sobre a qual estão várias malas de viagem. Sobre as malas de viagem deve estar o monte de roupa que a Mamã engomou durante a tarde de hoje. Em comparação, o quarto da Mamã é melhor do que o nosso, que além das 3 camas e 2 mesinhas de cabeceira, só tem 1 mala de cânfora.

Debaixo desta cama está guardado o meu material de desenho e pintura, contido em dois caixotes de madeira. Há ainda mais 3 caixotes com livros. Debaixo da cama em que está o Papá há mais caixotes com livros. As revistas estão distribuídas pelas 4 mesinhas de cabeceira dos dois quartos. As mais apresentáveis estão na sala de visitas, sobre a mesa de centro, sobre o aparador, sobre a máquina de costura e na mesinha do rádio. Se agora quisesse ler uma revista ia direitinho à mesa do centro, porque lá é que estão as «Lifes», as «Times» e os «Cruzeiros» mais recentes. Nos outros lugares da sala de visitas estão as revistas mais antigas e as mais ordinárias. Na mesa do centro está também o «Reader's», mas talvez nem lhe tocasse porque parece que não é grande coisa. O Papá diz que é uma porcaria. Bem, mas para ele todas as revistas que a Mamã costuma pôr na sala de visitas são uma porcaria. É por isso que não tenho assim tanta vontade de sair da cama embora não tenha sono nenhum.

Luís Bernardo Honwana

literário

SAMUEL BECKETT



(1906-1989)

SERENA I

fora do monumental Museu Britânico
Tales e o Aretino
no seio do Regent's Park a phlox
dá estalidos sob o trovão
beleza escarlate no nosso mundo peixe morto à deriva
todas as coisas repletas de deuses
comprimidos e sangrantes
um pássaro tecelão é tangerina a harpia já não quer saber
nem o condor na sua boá imunda
de olhos fixos olham sobre a serra dos macacos e contemplam os elefantes
a Irlanda
devagar a luz avança ao longo da sua ravina nativa
suga-me para longe para a segurança
do *btm* ardente de Jorge a *broca*
ah do outro lado do caminho uma víbora
enceta o seu rato
branco como a neve
na sua deslumbrante corrente de forno de peristalse
limae labor

ah pai pai que estás no céu

Dou por mim confundido o Palácio de Cristal
com as Ilhas Afortunadas de Primrose Hill
ai de mim devo ser assim mesmo
por isso em Ken Wood quem me encontrará
a respiração retida no meio das moitas
só os namorados perseguidos
surpreendo-me impelido pelos muitos funil articulado
para prestar preito a Tower Bridge
a cortesia da víbora que vai e vem da City
até que na penumbra uma barcaça
cega de orgulho
atira para longe com as escarvas das básculas
depois no porão cinzento da ambulância
palpitando mesmo no escoar dos suspiros
depois aperto-me lá em baixo entre a canalha
até que um garoto da rua malditas as suas olheiras
pergunta se já acabei de ler o Mirror
em fúria tremenda e a passos coléricos passo debaixo dos Alojamentos para Casados
a Torre Sangrenta
e lá ao longe a toda a velocidade descortino
a gigantesca cabana de Wren
e amaldiçoo o dia enjaulado ofegante na plataforma
debaixo de urna bojuda
não nasci um Defoe

mas em Ken Wood
quem me encontrará

minha irmã a mosca
mosca caseira vulgar
saindo de lado das trevas para a luz
agarra-se ao seu lugar ao sol
afia as suas seis pernas
rejubila no seu voo planado no seu voo pairante
é o Outono da sua vida
não poderia servir a febre tifóide e mammon

SERENA II

esta terra clónica
como um balancé surge indistinta no sono
gorda semi morta o resto é roda livre
afaste-se-lhe a grenha o couro
é cinzento cor de woad
rosnai e uivai nos bosques acordai todas as aves
escorraçai todas as meretrizes dos fetos
este estúpido crepúsculo malhando nos fetais
balindo para ser manchado de sangue
este silêncio de crápula
arrancai-lhe o coração

nos seus sonhos ela treme outra vez
pensando nos sombrios dias de antanho ofegante
nas garras dos Pins na angústia da sua hora
o saco revolve-se ela pensa que morre
a luz some-se horas de se deitar

Clew Bay tulha de flores xânticas
Croagh Patrick Hindu minguado para despeitar um peregrino
está pronta deitou-se por cima de todas as ilhas de glória
forçando esta noite de domingo de grinaldas
com um vá-puxa-vá de cisnes alentados
da terra condenada os seus recifes de tranças
e em monte ei-la que deixa tombar as crias
as baleias em Blaksod Bay dançam
os asfódelos acorrem atrás das bandeiras
ela pensa que morre de vergonha
levou-me para onde as águas se dividem
de onde como rubricas de uma infância
eis o Meath brilhando através de uma nesga entre serras
bandos de laríros não há que recuar
um labirinto de pegadas e rios que correm para o mar
kindergartens de agulhas de igreja e depois o porto
como uma mulher no gesto de tapar os peitos
e deixou-me

com a confiança do pânico com que saímos
com essa mesma voltaremos
não haverá perda de pânico entre um homem e o seu cão
mesmo que seja cadela
maço ensopado de Churchman
açaimando o dólmen
é pior do que sonhar
a leviana luxuriosa não pode ser fácil
esta terra clónica
todos estes fantasmas que se desfocam aos estremeções
é inútil fechar os olhos
todas as cordas da terra quebradas como as de um pianista
os sapos à solta outra vez nas suas deambulações
acercando-se de esguelha para as suas ciladas
concluídos os contos de fadas de Meath
por isso faze agora as tuas rezas e vai para a cama
as tuas rezas antes das lâmpadas começarem a cantar por detrás dos larícios
aqui nestes joelhos de pedra
e então adeus sobre os ossos

SERENA III

pendura este gancho de beleza nesta paleta
nunca se sabe pode ser definitiva

ou deixa-a é o paraíso e depois
aplica hímenes de pelúcia sobre os bugalhos dos teus olhos

ou em Butt Bridge cora de vergonha
a declinação mista daquelas mamas
empertiga a tua lua tua só tua
cada vez mais alto até à estrela da noite
desmaia no arqui gasómetro
no cravo fresquíssimo de Misery Hill
desmaia sobre a pequena e purpurínea
casa de oração
qualquer coisa coração de Maria
o Bull and Pool Beg que nunca se encontrarão
pelo menos neste mundo

enquanto como setas a escapulir-se através de fustes cabriolantes
balde lançado sobre a Victoria Bridge é isso mesmo
mas devegar desliza pelo Ringsend Road
enigma de Irishtown Sandymount encontra o Fogo do Inferno
os Merion Flats riscados por um trilião vibrante de sigmas
Jesus Cristo Filho de Deus Salvador o Seu Dedo
raparigas apanhadas a despir-se isso mesmo
no quebra-vento e água de Bootersgrad
a maré lança o pânico entre as pardas gaivotas
as areias adquirem vida no teu coração quente
esconde-te não no Rochedo anda sempre
anda sempre

(Trad. de Jorge Rosa e Armando da Silva Carvalho)

literário

HETERÓNIMOS E JAZIGOS

Em meados desta década as instituições sentiram-se naufragar quando abriram a campa de Fernando Pessoa para conjecturar sobre a validação romântica de umas cinzas e depararam com o corpo inteiriçado do poeta, presume-se que ainda de «papillon». Era a última rábula de um nadomorto antes de ser encomendado ao olvido sacramental, sob tranças manuelinas. Quem era aquele corpo que resistia à facúndia do tempo? Só há uma explicação. Era o do Àlvaro de Campos ou, por extensão, o de Bernardo Soares... que não o do conturbado **menino de sua mãe** falecido em 1935, quando um anjo mau lhe visitou o fígado e lhe enegreceu os rins.

Esta minha hipótese ganha verosimelhança numa carta de Fernando Pessoa para Armando Corte-Rodrigues onde o vate cuida ser ele próprio, ortónimo, o heterónimo. Nunca percebi como, diante desta carta, se prestaram a fintas os pessoanos nem como esta não estimulou a comissão encarregada de lhe comemorar o centenário, que passou por ela como quem dobra um sino de bronze e o mete num envelope, sem pestanejar.

E, afinal, Pessoa, com esta carta instala a paródia no cerne da sua revolução ontológica.

Primeira dificuldade que a comissão de festas não deveria ter iludido: que matéria inflamável define um autor quando ele rebentou com o corpo pneumático do sujeito? A nafta de um nome sancionado por certidão de óbito? Um homem surdo-mudo responde a que nome? É por isso um morto? E deixa o coração de bombear o sentimento, ou sufrágio do azedume? Quantos dias precisa de ir à praia o fingidor para bronzear o heterónimo? Se um ortónimo não passa de um reenvio narcisista de um heterónimo, um modo deste situar-se em relação à sua deriva, quem finge quem? Aqueles que comandam os direitos e os deveres da cultura em Portugal, ao celebrarem os cem anos do poeta sem encararem a possibilidade de repetirem a homenagem com os seus heterónimos, traíram o poeta. O mais é o que é: fogo preso.

Inclino-me a pensar que Pessoa, arrimando-se ao Padre António Vieira («para qualquer homem olhar heroicamente, e se exceder, e levantar sobre si, é necessário sair de si», assegurava o jesuíta) sofreu a pequenez de um país que não estava à altura do seu buço (do génio seria pedir muito). Antes de cair no niilismo decidiu-se o poeta por uma tradição literária que a não existir, inventou.

Fernando Pessoa sabia que sucederia a si próprio e criou um magote de heterónimos para o prazer das suas leituras póstumas, pelo exclusivo benefício de habitar um país novo. Melhor, Álvaro de Campos sabia que acabaria por suceder-se a si próprio e criou os seus heterónimos... Bom, o que aconteceu foi que Ricardo Reis, cioso do anonimato e com o auxílio de um seu amigo notário, antes de ir para o Brasil, destruiu todas as provas da sua existência, fazendo-se substituir por um inventado Fernando Pessoa nascido algures no intervalo entre anseio e enseada.

A atitude correcta teria sido prosseguir a tarefa iniciada pelo «poeta órfico», terem as instituições assegurado que alguém continuaria a desenhar a árvore que Pessoa inicia. Constituir-se uma rede de autores que escrevesse uma espécie de saga Forsythe a partir do Sindicato Pessoa e das origens astrológicas e indiossincráticas fornecidas pelo «arquitecto». José Saramago foi um dos únicos a entendê-lo e a sua colagem a Ricardo Reis teve o mérito de preencher o primeiro lapso. Mas,e se Mário de Carvalho nos recenseasse o prosaico quotidiano de Caeiro no Ribatejo ou os distraídos contactos deste com a infância de Redol? E talvez Armando da Silva Carvalho fosse homem para nos esclarecer sobre os hábitos sexuais de Ricardo Reis...

É grave que não se tenha entendido que o poeta ensaiou uma cartografia e que o rasto experimental desse novo arremesso de montes e vales na memória colectiva deveria ter apontado outro rumo, uma nova história para o curto horizonte dos dias. Feitas como foram as festas só consolidaram um propósito: naufragar a língua, enxertar o corpo.

Razão porque na década em que as autoridades enterraram definitivamente o poeta o «DL» se propõe hostilizar a sua morte e dar a conhecer um novo acervo de poemas, transmitidos a Pedro Alvim numa sessão espírita em que por engano se inquietou:

António Cabrita

HANDS

A white rose
is your heart
when my hand
(my left hand)
stands alone
hidden
into me.

A saying
good bye
is, Daisy,
my alone
right hand
too!

Believe, dear!,
dear of mine,
you deserve
another kind
of loving
and touching!

Then, dear of me!,
then, and just then,
you'll become
a red fired rose

-and happy
I will be
with your hands
left-right saying
good bye
to me!

GOD

A slept God
sleeps
night
and day
in all.

Nothing
is awaken
near us!

Only
our kind
of thinking
do all things
one-and-both

- like this poem
so godless
and full
of God!

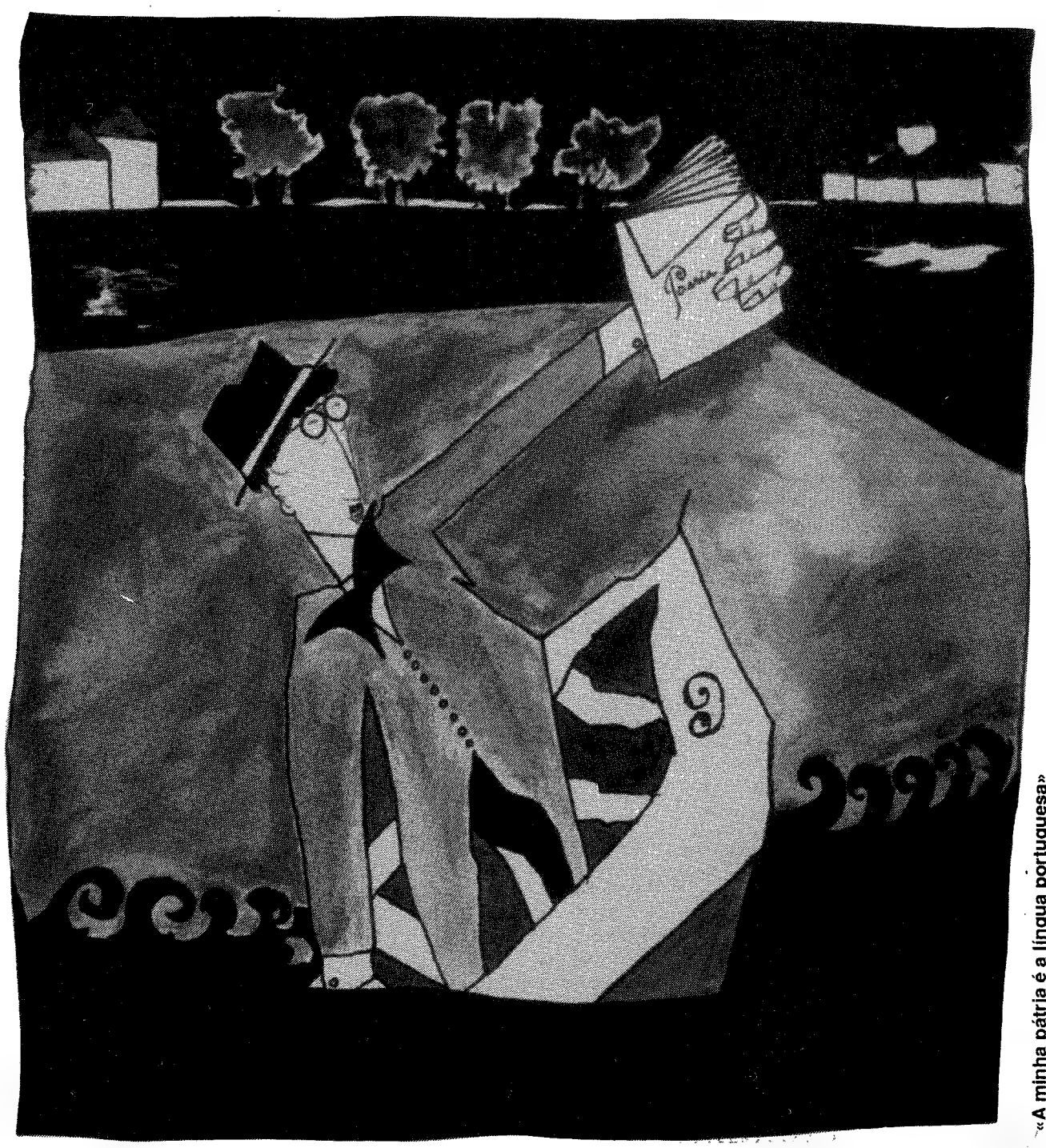
STONE

A stone
looks
at me.

So old
she is
and I
so young!

She has
travelled
the time

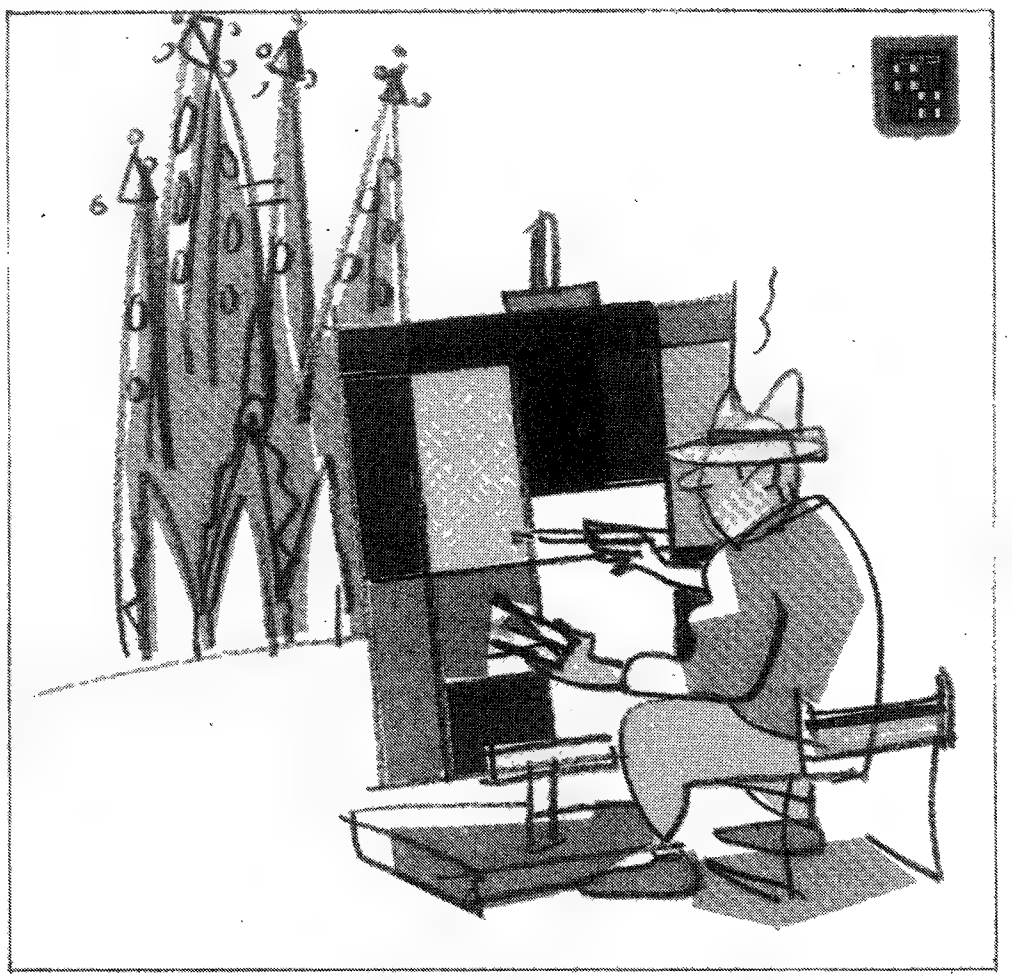
- she is she
and not
my rhyme!



«A minha pátria é a língua portuguesa»
Johnny Esplendido, 79

literário

LIVROS: alguns títulos da década de 80



Desenho de Montesol

Perguntas há que não se devem fazer. Por exemplo: quantos livros se publicaram na década de 80? Eis aqui uma pergunta, na verdade, que só formulada por alguém com espírito estatístico, mero funcionário de um departamento qualquer, burocrata sem alma sentado ao canto de uma secretária pejada de «dossiers». Caso nos perguntemos, no entanto, que livros conquistaram a nossa inteligência e sensibilidade, naquele período de tempo, então, sim!, então somos um ser humano em plena manifestação de um juízo estético. Juízo estético que, como de todos é sabido, se reveste sempre da finíssima poeira que reveste a subjectividade. Ora, sendo assim as coisas, um balanço (que palavra tão feia!) que façamos dos livros que nos tocaram, por este ou aquele motivo, será sempre uma íntima escolha nossa, e nunca, mas nunca!, um juízo absoluto sobre os títulos. Será dentro deste espírito, pois, que iremos mencionar alguns livros de ficção e poesia (e ainda um ensaio e outro) que, por esta e aquela razão, ficaram a habitar a nossa memória...

Mais ainda: no itinerário das Letras destes últimos dez anos, não nos vamos importar com a cronologia das edições, uma vez que, como se depreende, elas se situam todas dentro do período em questão. Salvo raras excepções, citaremos os títulos consoante eles despertem dentro de nós, à semelhança de luzes repentinamente acesas, uns dizendo-nos isto, outros contando-nos aquilo. Assim, pois, e dentro destas coordenadas, eis-no surge «Memorial do Convento», de José Saramago (aqui impõe-se o ano da 1.ª edição: 1982), romance que se implantou quer na atenção do público, quer na interpretação rigorosa da crítica. Sucederam-se as edições entre nós — e não tardou muito que a obra fosse traduzida em cerca de 30 países (em quase toda a Europa, nos EUA, em Israel, no Japão, no Brasil, etc.). Vários prémios, além disso, lhe foram atribuídos — e ainda hoje é um ponto de referência da nossa Literatura mais recente. Do mesmo escritor, Saramago, e pelo facto de se imiscuir, com subtil engenho e clara inteligência, no fenómeno que é Pessoa, impõe-se se refira aqui «O Ano da Morte de Ricardo Reis».

Quem tal romance leu, ficou mais próximo, em nossa opinião, daquele heterónimo pessoano, mesmo que tivesse gasto a atenção por muitos e diferentes ensaios (quase todos eles, aliás, meritórios). Em suma: Saramago (que outros títulos ainda publicou) fixou-se, por mérito, no seio multiforme da nossa Literatura...

Igualmente Lídia Jorge (depois de nos ter surpreendido com «O Dia dos Prodígios», «O Cais das Merendas» e «Cidade Silvestre») ofereceu-nos um dos seus melhores trabalhos, «A Costa dos Murmúrios», simultaneamente estruturado num estilo solar e num entrecho multifacetado. Temos também, de João de Melo, «Gente Feliz com Lágrimas» (obra de prémios muitos) — e ainda, de Manuel Alegre, «Jornada de África», uma das felizes incursões do poeta no campo da prosa.

Muitos, porém, são os livros (Alice Vieira, por exemplo, com, além de outros, a trilogia constituída por «Rosa, minha irmã rosa», «Lote 12, 2.º F.» e «Chocolate à Chuva») — e a nossa atenção, ora por este, ora por aquele motivo, e sem se prender com o tempo (data das edições), nem tão-pouco com as casas editoras, vai-se regozijando com títulos como «O Pássaro de Vidro», de Manuel Poppe, «A Árvore das Marionetas», de Isabel Cristina Pires, «Os Dias Felizes», de Luís T. Rodrigues, «Matar a Imagem», de Ana Teresa Pereira, «Missa in Albis» (Prémio APE), de Maria Velho da Costa, «Esta Noite Sonhei com Brueghel», de Fernanda Botelho (romance também premiado), «A Serpente de Bronze», de Ernesto José Rodrigues, «O Cavalo de Sol», de Teolinda Gersão, etc.

Um «etc», no entanto, pleno de surpresas, e que se torna necessário abrir (passe a expressão) para que outros títulos surjam ante os nossos olhos: «Alexandra Alfa» e «A Balada da Praia dos Cães», de José Cardoso Pires, «Um Falcão no Punho» (Prémio D. Dinis) e «Finita», de Maria Gabriela Llansol, «Amadeo», «Guilhermina» e «Rosa», de Mário Cláudio, «Montedemo», de Hélia Correia — e que mais, que mais...? Como acima dissemos, este texto que mais não pretende ser do que uma selecção íntima de livros que, de uma maneira ou de outra, surgiram no nosso panorama literário (ficção, poesia, algum ensaio), poderá eventualmente revestir-se de carácter polémico, para tal contribuíndo o factor subjectivo, um ocasional esquecimento, uma obra ou outra que não nos tenha chegado às mãos. Tal acontece, porém, em qualquer enumeração ou balanço — e qualquer omissão porventura cometida não deverá ser interpretada como acto de injustiça ou de reflectida má vontade. São coisas que acontecem, pura e simplesmente, isentas de intenções menos dignas.

Se assim nos entendermos, isentos de zangas e fora do laço de quaisquer atritos, poderemos livremente avançar com títulos como «A Paixão do Conde de Fróis», de Mário de Carvalho, «Um Amor Feliz», de David Mourão-Ferreira (ambos premiados), os últimos romances, novelas e contos («A Torre», por exemplo), de Agustina Bessa-Luís, «Até ao Fim» (Prémio APE), de Vergílio Ferreira, «A Colina de Cristal» (Prémio Pen Club), de Baptista-Bastos, «O Viúvo», de Fernando Dacosta, «Filipa Nesse Dia», de Urbano Tavares Rodrigues, «Contos do Gin-Tonic», de Mário Henrique-Leiria, «Rio Triste» e «Jornal sem Data», de Fernando Namora, «Vida e Morte dos Santiagos», de Mário Ventura — e outros (tantos outros!) que outros são... (Um Parêntesis: parece-nos também merecedor de registo, até porque revelou escritores portugueses nos domínios do Policial e da Ficção Científica, a Colecção Caminho de Bolso, dirigida por António Belmiro Guimarães).

Pela Poesia (e também se não trata de um propósito de omissão) ficar-nos-emos por «Última Ciência», de Herberto Helder, «A Lume», de Luiza Neto Jorge (póstumo), pelas obras poéticas de António Ramos Rosa (Prémio Fernando Pessoa), Miguel Torga (Prémio Camões), Mário Cesariny de Vasconcelos, João Miguel Fernandes Jorge, Nuno Júdice, Al Berto, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta, Fernando Assis Pacheco, Eugénio de Andrade, Joaquim Manuel Magalhães, Fiama Hasse Pais Brandão (título recente: «Os Três Rostos»), assim como alguns nomes dos Açores e da Madeira (Álamo de Oliveira, por exemplo). Merece também se mencione, de Paulo Teixeira, «As Imaginações da Verdade» e «A Região Brilhante». Ah, é verdade! Já agora, editado pela Assírio & Alvim, «Um Século de Poesia», sob orientação de Hermínio Monteiro. Verdade também: o autor destas linhas, no começo de 80, recebeu o Prémio Luiz Vaz de Camões, atribuído por unanimidade (e por um júri representativo das Faculdades de Letras das Universidades Clássicas de Lisboa, Porto e Coimbra) ao livro (obviamente de poemas) «Rútilo é o «i», instituído por uma editora que assim evocou o quarto centenário da morte do autor de «Os Lusíadas».

Finalmente, pelo ensaio e afins, temos «Oratória Barroca de Vieira», de Margarida Vieira Mendes, «As Máscaras do Desengano», de Isabel Pires de Lima, «O Sal Vertido» (Prémio Jacinto Prado Coelho), de Ernesto Sampaio, «Aquilino Ribeiro», de Jorge Reis, «High Tech», de Mello e Castro, «Negativos», de Fernando Guerreiro, «Lisboa Desaparecida» (Prémio Júlio Castilho), de Marina Tavares Dias, «Portugal na Espanha Árabe» (2.ª edição reformulada em 89), de António Borges Coelho, «Dicionário de Eça de Queiroz» (vários, sob orientação de Campos Matos), «Dicionário de Camilo Castelo Branco», de Alexandre Cabral — e mais não se escreva para que não nos percamos nos muitos nomes que certamente, sem culpa nossa, de fora ficaram... Duas ou três referências ainda: «Ulisses», de James Joice, pela primeira vez traduzido em português por João Palma-Ferreira, o começo da reedição da obra de José Marmelo e Silva («Sedução» e «Adolescente Agrilhoado») — e (fatal!) «O Livro do Desassossego», saído da arca de Fernando Pessoa.

Pedro Alvim

Dez anos nas colinas de Marte

Poucas terão sido as décadas em que tanto se escreveu sobre temas estratégico-militares, depois do final da Segunda Guerra Mundial, como durante os agora agonizantes anos 80.

O *Leviathan* sempre exerceu um enorme fascínio sobre o pensamento. O gládio militar como metonímia do poder em todas as suas modalidades tem produzido uma longa escola de académicos ilustres, mais ou menos ligados ao exercício das decisões e do curso diplomático-bélico dos Estados. Recordemos alguns: Herman Kahn, Thomas Schelling, Robert McNamara, H. Kissinger, mas também, R. Aron, ou Helmut Schmit.

As tonalidades da literatura polemológica dos anos 80 tem, todavia, um traço específico, o qual serve aliás de separador entre as duas idades da década. Estou-me a referir ao facto de a meditação sobre o fenómeno bélico ter sido concomitante com um dos mais longos e tensos períodos de guerra-fria. A reflexão ergueu-se na sombra deixada pelo espectro de um conflito bélico central. Lembremo-nos da crise dos euromísseis e dos «anos de brasa» entre 1979 e 1984. Depois, com o advento de Gorbachev houve a conhecida distensão. O caudal de produção neste domínio baixou quantitativamente, e, tudo o leva a crer, também qualitativamente.

O núcleo duro

São os primeiros anos de 80. Nunca as revistas militares publicaram tanto em tão-pouco tempo. As páginas da *Army*, da *Military Review*, da *Défense Nationale*, etc., fervilham de ideias, propostas, esquemas operacionais. Os militares cheiram o odor da batalha no toque macio do papel *couché*. O grande público apenas capta um milésimo dessas palpitações técnicas, rigorosas. No entanto, o *núcleo duro* dessas preocupações perpassa para o exterior dos institutos. Quem é o inimigo?

A URSS recebe os mais variegados retratos, as mais inusitadas representações. Cornelius Castoriadis dedica-lhe em 1983 o seu ensaio *Devant la Guerre* (traduzido pela Europa-América). O autor caracteriza a sociedade soviética como sendo atravessada por uma fissura esquizofrénica. De um lado 40 milhões de soviéticos vivendo a expensas do seu complexo-burocrático-militar-industrial, usufruindo do melhor nível de vida e de padrões tecnológicos perfeitamente modernos. Do outro lado, 200 milhões de cidadãos vivendo no purgatório das bichas para tudo, dos expedientes do mercado negro, protagonizando os dramas quotidianos, não de uma grande potência, mas de um típico cenário do terceiro mundo. O impressivo fresco de Castoriadis, como o título o diz, não prenunciava qualquer saída feliz para o conflito entre as duas componentes da sociedade. A guerra poderia surgir como uma fuga patológica para a frente.

Também o inesgotável Edgar Morin se dedicou ao tema. Nesse mesmo ano de 1983 edita a sua *De la Nature de l'URSS* (publicada também pela Europa-América). É um livro original. Não utiliza estatísticas nem dados quantitativos. Trata-se de parte das memórias ideológicas e políticas de um homem que cresceu para a vida na admiração pelo mito soviético e amadureceu na compreensão da verdade estalinista, o horror atrás do mito. Tal como Castoriadis, Edgar Morin também não previu a reviravolta Gorbatchev, mas mais profundamente do que o primeiro, Morin soube ver que o estalinismo tinha na URSS os dias contados. A paz teria mais força do que o suicídio bélico. A sua hipótese de uma saída militar, i.e., uma reforma encabeçada pelos militares, embora não se tendo verificado, não deixa de fazer pensar.

Poupo ao leitor algumas representações germânicas e anglo-saxónicas sobre o lado de lá da, então ainda sólida, cortina de ferro. Valerá a pena referir, não saindo da literatura francesa, uma polémica entre o filósofo André Glucksmann (autor de *Le Force du Vertige* — 1983) e o almirante Antoine Sanguineti (*Le Vertige de la Force* — 1984). Desta vez é preciso dar razão ao almirante, o qual numa linguagem rigorosa, e controlando uma sólida informação sobre a real relação de forças entre os blocos militares, mostrava, contra o filósofo, as numerosas técnicas utilizadas pelos belicistas no Ocidente, para, através da falsificação do valor e número do potencial soviético continuarem a justificar as chorudas deslocações orçamentais no sector da defesa.

O dilema pós-Clausewitz

Infelizmente não foi ainda, apesar da abundância literária dos anos 80, que foi encontrada a solução para a aporia que desde 1945 percorre o pensamento estratégico, e que podemos designar como *o dilema pós-Clausewitz*. O que quer isto dizer?

Até à introdução das armas nucleares de destruição maciça, o pensamento estratégico, na sua componente mais estrita de administração racional do poderio bélico em articulação com a política geral do Estado, guiava-se pelos postulados fundamentais inscritos na obra clássica deixada por esse grande prussiano, que combateu e admirou Napoleão: Clausewitz, o autor de *Vom Kriege* (Da Guerra).

O modelo de Clausewitz permitia descortinar uma lógica profunda no caos sangrento das guerras. Os Estados deviam tentar atingir o pico do conflito através de uma «decisão pelas armas» *(Waffenentscheidung)*, que fosse o mais rápida, económica e acutilante possível. O paradigma da guerra era, sem dúvida, o tabuleiro de xadrêz: cada jogador deveria mover o seu número limitado de peças para atingir um número limitado de objectivos.

Mas que fazer com o modelo de Clausewitz, quando os jogadores dispõem de panóplias quase infinitas de armas nucleares capazes de destruir dez ou vinte vezes seguidas os alvos possíveis de descriminar sobre a Terra? A era nuclear revelou o pressuposto condicional do modelo de Clausewitz: *ele só servia em cenários de oposição entre forças e recurssos limitados.*

A época nuclear, mantendo, embora, alguns rituais e ressonâncias do modo clauswitziano de pensar, teve contudo de abandonar o essencial: a esperança na vitória. A literatura estratégica reflecte o desespero de uma reflexão onde a força já não pode almejar aplicar-se com sucesso, mas deve limitar-se a impedir e prevenir o seu próprio exercício. Em vez da racionalidade buscando a *vitória*, a estratégia torna-se na racionalidade procurando a *dissuasão*.

Ora, o perigo principal da década de 80 residiu, justamente, numa arriscada tentativa de questionar o que já se havia aprendido em matéria de dissuasão. Os conselheiros militares do presidente Reagan afirmavam que a concepção da MAD (Destruição Mútua Assegurada) tinha os dias contados. Afinal, era possível travar uma guerra vitoriosa com a URSS, desde que os estragos nucleares fossem limitados à Europa...

Felizmente a febre baixou. Mesmo durante os anos mais ameaçadores, alguns autores mantiveram a lucidez. Lembramos o grande manifesto serenamente humanista de Jonathan Schell, *The Fate of the Earth* (1982) — chegado ao público português através da D. Quixote. O autor chamava a atenção para a responsabilidade cósmica de uma geração que ao aniquilar-se está a pôr em causa não apenas o presente, mas todas as gerações futuras. Recordemos também a volumosa obra de um autor libertário, Dimitrios Roussopoulos, *The Coming of the World War Three* (1986, não traduzida), propondo uma grande resistência dos cidadãos contra a dinâmica suicidária dos Estados. Verdade seja dita: o apelo de Roussopoulos tem algo de agónico. Se a paz dependesse só dos movimentos sociais, se a diplomacia dos Estados, apesar do seu cinismo, contasse por zero, então os movimentos sociais estariam condenados a realizar não só uma «tarefa sobre-humana» *(superhuman task)*, mas uma missão impossível.

O dilema pós-Clausewitz talvez nunca se venha a resolver ensaisticamente. Enquanto os soldados americanos empacotam mais alguns camaradas abatidos no mais recente campo de batalha desta década, talvez convenha recordar que a nossa esperança quanto aos destinos bélicos da humanidade é mais profunda do que o nível categorial. Quem tiver encontrado o segredo da guerra, a fórmula da paz perpétua, esse terá também penetrado não apenas no cerne da nova ordem internacional, mas no íntimo do coração humano.

Luís Manuel Gaspar

Viriato Soromenho Marques

Cada década tem os seus esqueciá
que não tiveram o r
Rubem Fonseca nestas páginas, C

ABRIL, NO RIO

Tudo começou quando o cara que sentou perto de mim na grama disse, olha só o cuspe do Gerson. Na hora eu não dei importância, eu tinha feito misérias para chegar até ali, mas a minha cabeça estava no jogo de domingo e eu não ligava as coisas umas com as outras. O jogo de domingo ia ser assistido pelo Jair da Rosa Pinto, técnico do Madureira, que já foi cracão do escrete, e uma coisa lá dentro me dizia, Zé, vai ser a chance da sua vida. Eu disse pra minha garota, que era datilógrafa da firma, não fico de contínuo nem mais um mês, disse também que o Jair da Rosa Pinto ia me ver no domingo, mas mulher é um bicho gozado, ela nem deu bola. Me larga, deixa eu te contar. Levantei da cama, expliquei, porra, se eu jogar bem e o Jair da Rosa Pinto me levar para o Madureira, estou feito, ninguém me segura, mas ela me puxou de novo pra cama e foi aquela loucura, minha garota é fogo.

O cara se chamava Braguinha. Olha o cuspe do Gérson, ele disse, no segundo tempo do treino. Braguinha tinha chegado no intervalo, todo mundo conhecia ele; diziam, ô Braguinha que que você está achando? e ele respondia, vamos estraçalhar os gringos. Eu balançava a cabeça e ria pra ele, concordando. Estava querendo me enturmar, eu era penetra e não queria ser posto para fora, era só olhar para mim que os caras viam que o meu lugar era outro, nem como repórter eu podia passar.

Fiquei de olho no Gérson. Jogador de futebol vive cuspindo. Ele passou perto, deu um daqueles passes de trinta metros e cuspiu. Viu? Limpo, transparente, cristalino. Sabe o que é isso?, perguntou Braguinha. Fiquei na dúvida, será que ele estava esculhambando o Gérson? Está cheio de nego aí que não topa o Gérson, que eu ia dizer? Fiquei calado, balancei a cabeça e o Braguinha mesmo respondeu, preparo físico, menino, preparo físico, pra cuspir assim o cara tem que estar tinindo. Vamos estraçalhar os gringos.

O Braguinha me contou que eles treinavam todos os dias e não viam mulher, nem as próprias; não tem nada de Rose não, Jairzinho não bota o pé na Mangueira, o Paulo César não passa na porta do Lebatô, os caras estão levando o negócio a sério. Mulher, nem a mãe.

Eu já tinha ouvido falar nessa coisa de que mulher acaba com o cara e nunca acreditei, mas naquele dia, não sei porque, comecei a achar que era aquilo mesmo e perguntei ao Braguinha, o senhor é médico? e ele respondeu, não, não sou médico mas estou por dentro, já vi futebol de garoto de 18 anos acabar por causa de mulher. Porra, 18 anos é a minha idade. Vê o cuspe do Tostão, ele está meio fudido, o troço no olho, parou seis meses, vê só o cuspe dele. O Tostão passou perto e cuspiu uma bolota de goma branca. Parece marchemelo, disse Braguinha, ele está trinta por cento, mas quando chegar no ponto vai cuspir um jatinho de água filtrada igual o canhotinha de ouro. Era assim que chamavam o Gérson.

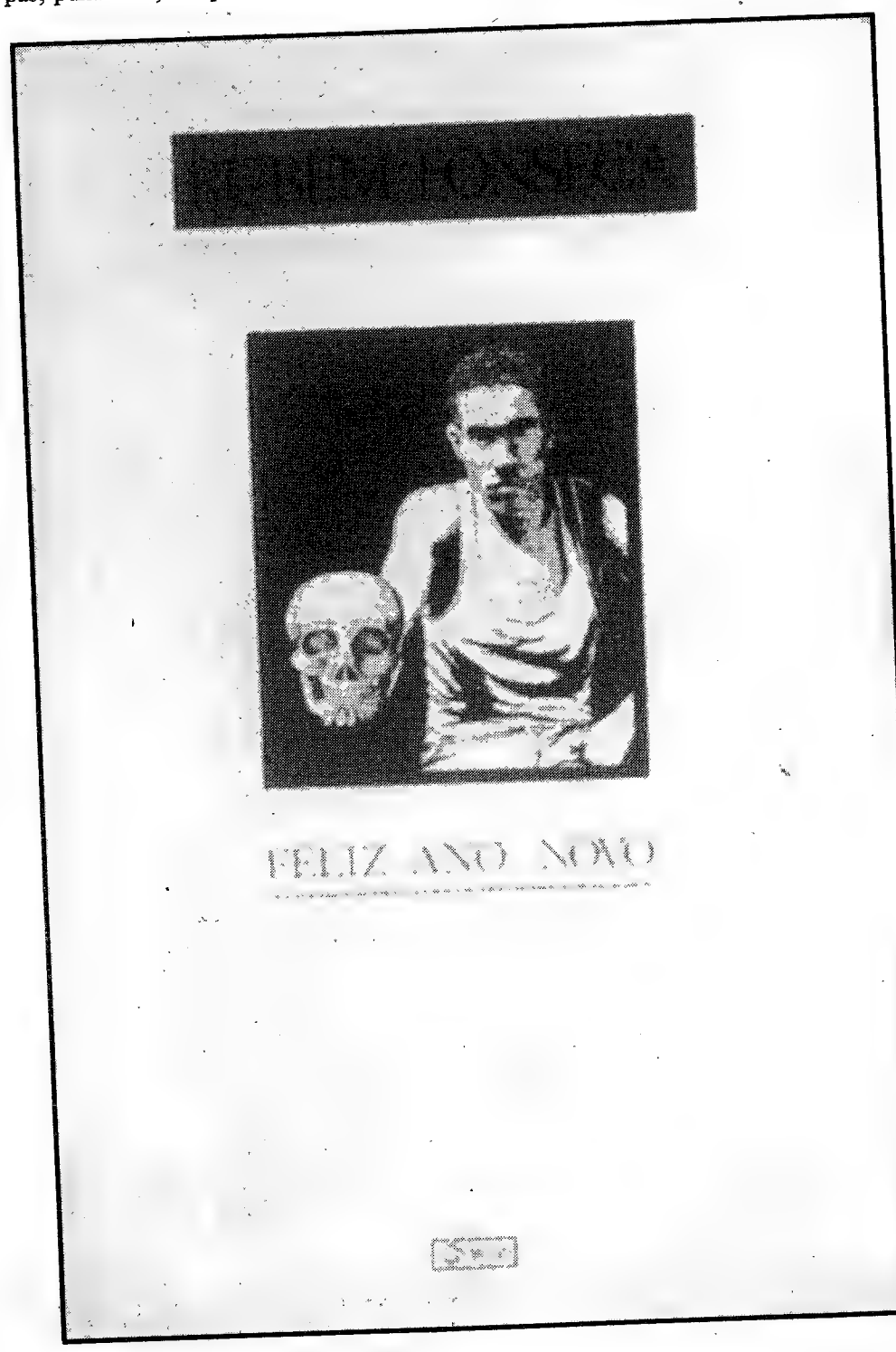
Quando o treino acabou os grã-finos cercaram os jogadores. Era um lugar bacana, de jogar pólo, aquele jogo que o cara monta num cavalo e fica dando paulada numa bolinha. Tinha um gramado que não acabava mais e umas mulheres diferentes da Nely, a minha garota. Não que a Nely seja de jogar fora, mas aquelas mulheres eram diferentes, acho que eram as roupas, a maneira de falar, de andar, cheguei a esquecer os jogadores, nunca tinha visto mulheres iguais. Acho que elas não andavam pelas ruas da cidade, andavam a cavalo ali, escondidas, sós os bacanas viam. Aquilo é que era vida, fiquei vendo a piscina, o gramado, os garçons levando bebidas e comidinhas pra lá e pra cá, tudo calmo, tudo limpinho, tudo bonito.

Não eram as roupas, eram os cabelos e o cheiro, essa era a diferença entre Nely e as moças que andavam a cavalo, pensei enquanto vinha pela estrada fazendo exercício, correndo até o ponto de ônibus da Rocinha; eram os cabelos e o cheiro, e as roupas, puxa vida, eu queria ter uma mulher daquelas, mas o cara pra ter uma mulher daquelas tinha que ser no mínimo da selecção. Eu tinha que comer a bola no domingo, do Madureira para a selecção, bola com Zezinho, é goool! A multidão gritava dentro da minha cabeça.

Nely morava num apartamento de sala e quarto conjugados na praia de Botafogo, com uma colega que sabia do nosso caso, uma moça meio corcunda chamada Margarida, muito boazinha; quando eu ia dormir com a Nely ela ia pra sala, deitava no sofá e fingia não ouvir a gemeção dentro do quarto.

Você não gosta mais de mim, disse Nely, faço uma macarronada, você come e agora quer se mandar dizendo que vai para casa dormir. Que história é essa? Você pensa que eu sou boba?

Eu não queria dizer a ela que estava pensando no cuspe do Gérson, pensando no jogo de domingo, e disse, eu não estou me sentindo bem, acho que estou doente, nem sei se dá pra jogar amanhã.



Não está se sentindo bem, gritou Nely, e comeu dois quilos de macarrão? Você pensa que eu sou idiota?

Acho que foi o macarrão, me encheu de mais.

Te encheu de mais? Seu burro, então por que você está comendo esse pão?, perguntou Nely?

Eu nem tinha percebido que estava comendo pão, eu estava mesmo com a cabeça noutro lugar. Nely virou para a Margarida, que tinha jantado com a gente, e perguntou, Margarida, você acha que alguém pode acreditar no que ele está dizendo? Não sei, disse Margarida, saindo apressada da mesa.

Você vai se encontrar com outra mulher, disse Nely. A cara ossuda dela, os lábios grossos foram me dando vontade, fiquei naquela base, cheguei a dar um passo para perto dela, mas pensei no cuspe do Gérson, o jato transparente entre os dentes, e disse, eu gosto de você, meu bem, mas vê se me entende, hoje não, vê se me entende, hoje não, amanhã de noite, eu juro pela minha mãe que não vou encontrar nenhuma mulher.

Você não tem mãe!, gritou Nely, espatifando um prato no chão.

Era verdade. Eu não tinha mãe, não conheci minha mãe, mas só jurava pela mãe e a Nely sabia disso. Era um hábito.

Eu vou dizer a verdade, eu não estou doente, mas amanhã o Jair da Rosa Pinto, do Madureira, vai ver o jogo, se eu jogar bem ele me leva para fazer um teste, eu preciso estar em forma, vê se me entende, eu disse.

Mentiroso, você vai se encontrar com outra mulher!

Não vou, juro por minha... palavra de honra, um cara me disse ontem, um cara que está por dentro, que o atleta não pode andar com mulheres na véspera do jogo. Tive vontade de dizer mais, com uma igual você nem se fala, você me deixa no osso, é a noite inteira, sem parar, mas fiquei com medo que ela quebrasse outro prato na minha cabeça.

Fui andando em direcção à porta, Nely me abraçou, me soltei do abraço, não dá pé, hoje não dá pé, amanhã de noite eu venho aqui.

Se você for embora não precisa voltar nunca mais, exclamou Nely enfurecida. Quando ela me viu abrir a porta da rua gritou, vai, mentiroso, frouxo, debilóide, ignorante, pé rapado!

Fui, chateado. Cheguei na pensão, deitei, fiquei um tempo enorme curtindo o esporro que ela me tinha dado. Não me incomodava de ser chamado de mentiroso, nem de frouxo, ora bolas, depois de tudo que eu fiz com ela tinha graça ser chamado de frouxo, duvido que ela arranjasse outro com mais disposição do que eu, mas ser chamado de ignorante, pé rapado, isso doeu. Só porque era dactilógrafa e cursou o ginásio ela não tinha o direito de dizer aquilo de mim, eu era órfão, minha mãe morreu quando eu nasci, meu pai era pobre, morreu logo depois, me deixando na pior, só podia acabar mesmo contínuo, ignorante, pé rapado. Que que ela queria que eu fosse? Minha tristeza só passou

rário

ciados. Aqui se lembram dois autores
o relevo merecido.
s, César Vallejo na que se segue

O, EM 1970

quando me lembrei que o Clodoaldo também era órfão e deve ter passado pelas coisas que eu passei.

Fiquei um tempo enorme acordado, sem poder imaginar coisas boas, pensando na chance, mas sem conseguir imaginar a coisa acontecendo, as jogadas sensacionais, o povo gritando gol. Se me chamassem eu treinava em qualquer time, do Rio, Belo Horizonte, topava o interior de São Paulo, Bahia, qualquer lugar; eu queria uma chance. A única vez que treinei num time profissional foi no São Cristóvão, num dia de chuva, o campo estava um lamaçal. Quem já viu apoiador render na lama? Joguei dez minutos, dez minutos, tinha um monte de sujeitos esperando a vez na fila, só pro meio campo, todos na mesma aflição que eu. Depois do treino eu falei com o homem se ele queria que eu voltasse e ele disse calmamente, não, obrigado, sem se incomodar com o meu sofrimento, cagando pra mim.

Passei a manhã de domingo na cama. Almocei às 11 horas, bife, arroz, salada de alface e tomate, igual a seleção em dia de jogo. Só não tinha champignon. Botei o uniforme numa maleta de plástico, chuteiras, calção branco, camisa azul, meias brancas, peguei o ônibus, saltei na Central, peguei o trem.

Seu Tião, o noso técnico, já estava no campo. Tinha também uma porção de pessoas esperando o jogo começar. Fui pro vestiário mudar de roupa. Seu Tião reuniu a gente para dizer como é que ele queria que o time jogasse. Perguntei, o Jair da Rosa Pinto, do Madureira, já chegou? Seu Tião respondeu, o Jajá da Barra Mansa?, não sei, não vi. Olha, quando você for, o Tiago fica, Gabiru vem buscar jogo, ajudar o meio campo. Outra coisa, cuidado com o ponta de lança deles, o tal de Jeová. Se for preciso, cacete nele.

Quando saímos do vestiário o campo já estava todo cercado de gente, em pé, pois arquibancada não tinha. Tentei ver o Jair da Rosa Pinto, não consegui, ele devia estar por ali, de olho em mim. Senti um frio no estômago. Comecei a pular, esquentando o corpo, sentindo o corpo, sentindo os músculos debaixo da pele, corri, pulei, o frio no estômago passou, que coisa boa sentir os músculos debaixo da pele.

Eles ganharam o cara ou coroa, escolheram o campo. Pirulito deu a saída, atrasando para mim, enfiei de curva para o Gabiru na ponta, mas a bola foi no pé do adversário. Corri para ver se recuperava a jogada. Enquanto eles tirangulavam em cima de mim eu pensava, porra, comecei enfeitando, agora estou igual a bobo na roda, nem sei o que estou fazendo.

O primeiro tempo foi de amargar. Eu dava o primeiro combate no Jeová. Depois que ele passou duas vezes por mim eu resolvi apelar, ia direto no pé de apoio dele. Comecei a ficar nervoso, gritei pro Tião, vê se recua também, porra. O cara só queria ficar no meio do campo, jogando de armandinho, enquanto a gente se fodia ali atrás. Um minuto antes do intervalo eu dei outro cacete no Jeová. Ele se levantou, olhou pra mim e disse, que, há meu chapa? Nós dois cuspimos ao mesmo tempo, meu cuspe saiu fino, mas o dele, filho da puta, ainda saiu mais fino. Eu cuspi raspando a boca e soprando o cuspe com força pra fora, enquanto que ele, moleque safado, nem abriu a boca, com um barulhinho de traque o cuspe esguichou dos seus lábios fechados.

No vestiário seu Tião disse para mim, Zé, você precisa caprichar mais nos passes. eu disse, pode deixar. De repente, dei um suspiro, estava sentindo uma coisa esquisita. Disse, desanimado, não era bom eu trocar de vez em quando com o Tiago? Seu Tião coçou a cabeça, não sei, acho melhor você continuar plantado na entrada da área, tática que está dando certo a gente não muda.

Botei uma toalha em cima do estrado e deitei. Não quis pensar em nada, não tinha vontade de imaginar as coisas boas que ainda iam acontecer, um dia. Fiquei calado. Só abri a boca para perguntar, alguém viu o Jair da Rosa Pinto por aí? Ninguém tinha visto.

O sol continuava forte, no segundo tempo. De saída o ponta-esquerda deles foi até a linha do fundo, centrou, o Jeová subiu mais que todo o mundo, deu uma cabeçada tão forte que o nosso goleiro nem viu por onde a bola entrou. Jeová saiu dando soco no ar, daquele jeito que o Pelé inventou.

Vamos virar esse placar, pessoal, eu disse para os companheiros, botando a bola debaixo do braço, e correndo para o meio do campo, pra dar a saída, igual o Didi na final da copa de sessenta e dois.

Não viramos. Eles é que fizeram outros gols, chutaram duas nas traves, dominaram o tempo todo. De tanto correr, fiquei no bagaço, a boca seca, não tinha coragem de cuspir pra não ver a bolota de marchemelo.

Quando o jogo acabou, ainda dentro do campo, seu Tião me disse, cabeça erguida. Zé, isso acontece com todo o mundo, tem dia que dá tudo errado, é assim mesmo. Eu estava tão baratinado que só naquela hora percebi que o meu jogo tinha sido uma merda, eu não tinha feito outra coisa senão correr dentro do campo igual um cabeça de bagre. Vi, de costas, Jeová conversando com um sujeito. Não dava para ver quem era. Pensei, vai ver é o Jair da Rosa Pinto, convidando ele para treinar no Madureira. Me senti tão infeliz que não tive coragem de olhar, saber se era ou não era. Corri para o vestiário.

Fui o último a sair. Começava a escurecer. Na sombra da tarde o campo ficava ainda mais feio. Eu estava sozinho, todos tinham ido embora. Fui andando, passei por um monte de lixo, tive vontade de jogar ali a maleta com o uniforme. Mas não joguei. Apertei a maleta de encontro ao peito, senti as traves da chuteira e fui caminhando assim, lentamente, sem querer voltar, sem saber para onde ir.

revista de poesia

CÉSAR VALLEJO
Uma vez mais e sempre

A voz do poeta peruano César Vallejo (nascido em 1892 em Cuzco, que foi capital do império inca) não cessa de crescer, e não apenas no espaço de língua espanhola. Nos últimos anos as edições e traduções da sua obra poética têm surgido, não sem discussões que envolveram alguns dos maiores conhecedores da poesia hispano-americana. Dessas edições — que cito para facilitar aos leitores o seu acesso — mencionarei duas: uma da *Alianza Editorial*, de Madrid, com uma introdução de Américo Ferrari, que sobre a poesia de Vallejo escreveu estudos imprescindíveis, em que se afirma que o texto da obra poética póstuma se *estabeleceu tendo à vista os originais deixados pelo autor*, e uma edição crítica feita por Ferrari e publicada, em 1988, na colecção *Archivos*. Aliás, sendo esta colecção publicada sob os auspícios da Unesco e resultando *de um acordo multilateral de investigação e coedição* assinado por organismos europeus e latino-americanos, entre os quais o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, de Lisboa, não se compreende porque os seus livros não estão à venda em Portugal. Não conheço esta edição da colecção Archivos, mas o nome de Ferrari é uma garantia.

César Vallejo comparte com outros poetas hispano-americanos deste século (Borges, Neruda, Paz) uma condição só aparentemente estranha: tendo vivido na Europa, aqui aprofundaram a sua experiência humana e se enriqueceram em contacto com a cultura europeia — com a sua literatura.

Quando, em 1923, foi para Paris já publicara em Lima *Los heraldos negros*, um primeiro livro embuído ainda de *modernismo* mas já bastante pessoal, e, em 1922, *Trilce*, um livro espantosamente original em qualquer parte e sempre, mas que, então e numa cidade perdida na América do Sul, é um livro, pelo menos em parte, de genealogia inexplicável, porque tem uma existência própria, que não se determina nem pela sua vinculação às vanguardas vigentes, que são insuficientes para se constituir em sua ascendência. Nele o poeta abisma-se numa liberdade total, sempre em risco de se perder, até atingir o caos, e deixar-se cair no vazio; tem muito de autenticamente experimental e será ponto de partida de toda a obra posterior de Vallejo.

A residir em Paris até à sua morte, com viagens que vão de Espanha à União Soviética, Vallejo não publicou mais nenhum livro de poemas, embora tivesse anunciado projectos de publicação. Após a sua morte editaram-se cerca de cem poemas seus (considerando-se, como considero, *España, aparta de mi este cáliz* um longo poema dividido em quinze partes, para mim o maior poema escrito *sobre* a Guerra Civil espanhola).

Na poesia publicada postumamente há uma maior concentração, intensidade e acessibilidade que em *Triloe*: o poeta trabalhou com lentidão e teve tempo de recolher a força de si próprio e das suas antigas leituras, sobretudo dos clássicos espanhóis, e conviveu com os vanguardistas europeus de então, sobretudo com o espanhol Juan Larrea, tornando-se mais consciente e seguro dos seus extraordinários dons, que explorou até às últimas consequências. O que ele canta em tom único, que subverte a linguagem pelo menos até ao limite possível, é a sua experiência, por completo transfigurada: a criança, o adolescente, o homem que ele se foi tornando na sua terra, vítima da pobreza, da discriminação, até da cadeia que, inocente, sofreu como um tremendo castigo que tomou para ele uma dimensão metafísica: o homem que, sem outra culpa que a de ser homem, sofre uma pesada e injusta punição, imposta por um aparelho cujo domínio o ultrapassa, e não pode explicar a sua verdade. E não é só a si próprio que Vallejo torna protagonista da sua poesia: são todos os homens, em todas as profissões duras e situações angustiantes, que perguntam: afinal, o que é o homem?, o que é a vida?, o que é a morte? A dor aprendera-a na sua terra: é a sua infância, a sua juventude que não pode cumprir-se por não ter dinheiro para frequentar os estudos que ambicionava, e tem de saltar de curso em curso, de emprego humilde em emprego humilde; e o irmão morto, a mãe que, depois de morta, continua presente nele, e se consubstância na própria terra quue ele deixou, o melhor que lhe foi dado, tudo e nada para ele. O núcleo da sua poesia é a dor, o absurdo da existência, o absurdo da morte, a injustiça que funda o seu vasto império sobre todos. E a dor é dos outros, homens como ele, a miséria dele é a miséria de todos, a prisão injusta que ele sofreu sofrem-na eles também, tantas vezes sem saber porquê. Todos têm de suportar tudo isto e sempre? Essa dor, essa miséria humilhante não são causados apenas pela falta de bens suficientes, pela exploração do trabalho: a dor, a miséria estão na carne e na alma, na própria condição do homem. E não são só os *cholos* de pele queimada como ele que aguentam essa carga, pois ele vê esse mundo também em Paris, nos homens dessa metrópole asfixiante e desumana, onde olhos apressados ou inconscientes verão opulência e beleza no que são só edifícios ostentosos e ruas agitadas, onde a injustiça, a prepotência, a solidão, o absurdo se medem por milhões: uma grande cidade que ele sente ser mesquinha e desvalida, tanto como as aldeias e cidades escuras da sua pátria. Em toda a parte o homem é esmagado pela miséria? Esta é a sua condição?, é um destino? Por vezes, Vallejo crê que será possível modificar as condições em que os

(Continua na pág. 9)

Fiquei a aquecer a tinta em que me afogo...

Fiquei a aquecer a tinta em que me afogo
e a escutar minha caverna alternativa,
noite de tacto, dias de abstracção.

A incógnita estremeceu na minha amígdala
e rangi de uma anual melancolia,
noites de sol, dias de lua, ocasos de Paris.

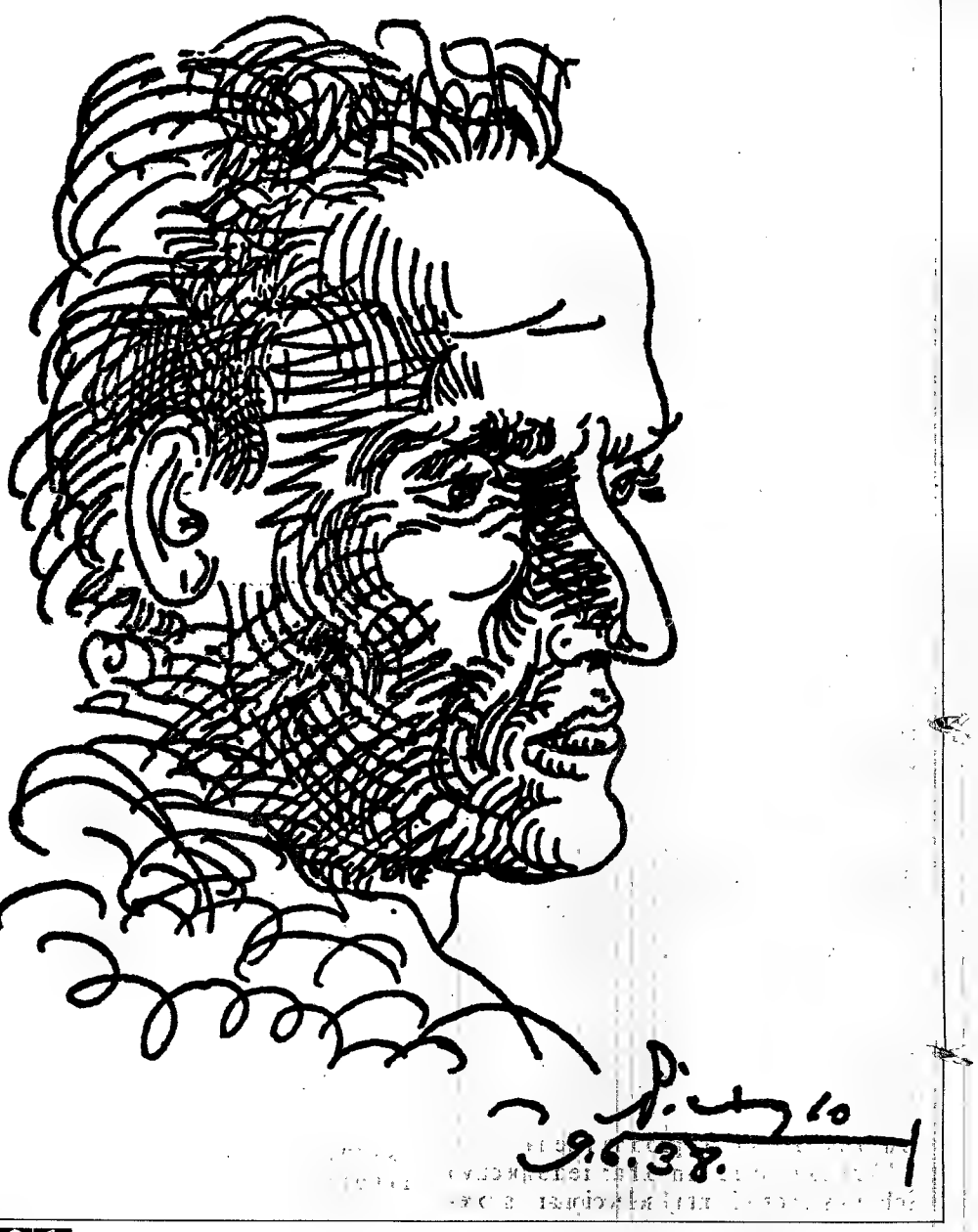
E ainda, hoje mesmo, ao entardecer,
digiro sacratíssimas constâncias,
noites de mãe, dias de bisneta,
bicolor, voluptuosa, urgente, linda.

E também
alcanço, chego até mim num avião de dois lugares,
desço a manhã doméstica e a bruma
que emergiu eternamente de um instante.

E ainda
mesmo agora,
ao cabo do cometa em que ganhei
meu bacilo feliz e doutoral,
eis que ardente, ouvinte, terro, sol e luo,
incógnito atravesso o cemitério,
volto à esquerda, fendo
a erva com um par de decassílabos,
anos de túmulo, litros de infinito,
tinta, caneta, tijolos e perdões.

24 Set. 1937

César Vallejo



cont. da pág. 8

homens se arrastam. Para tanto será necessário recorrer à violência, matar. O dia de *maior exaltação* da sua vida — disse-o ele — foi aquele em que viu Madrid a defender-se do avanço franquista: um clarão de esperança nos dias em que viveu a ver a ascenção dos poderosos, exilado por vontade própria, sentindo longe da sua terra a dor que nela principiara a conhecer, e que corporizou até ao fim, até que, como profetizara num poema, morreu em Paris, não numa quinta-feira, como previra, mas numa sexta-feira. Sexta-Feira Santa de 1938. Sua mulher escreveu que, poucos dias antes de morrer, ele lhe ditou estas palavras: *Qualquer que seja a causa que eu tenha de defender perante Deus, para além da morte, tenho um defensor, Deus.*. Alguns duvidaram que seja dele esta frase; eu creio que tem a marca terrível e definitiva dos seus poemas.

JOSÉ BENTO

1989 – Último dos Anos 80

O último dos anos oitenta, se não trouxe revelações nem se mostrou particularmente rico,no campo da produção poética — como, de resto, relativamente pobre, em comparação com as anteriores, foi, talvez, toda a década — permite-nos, ainda assim, assinalar o aparecimento de alguns livros de qualidade excepcional.

0Lume de Luiza Neto Jorge e **Três Rostos** de Fiama Hasse Pais Brandão, foram dois deles (e não se fale mais, por favor, de **Poesia 61,** sobretudo se for para ignorar a complexidade e a importância da evolução de obras individuais, e bem individualizadas, como as destas duas autoras, ao longo de três décadas).

Facto relevante do ano de 1989 foi, aliás, a morte de Luiza Neto Jorge, cuja ressonância, aumentada ainda, passado pouco tempo, pela publicação do livro póstumo, atrás referido, veio provar que não é por se publicar livros todos os anos que a genuína projecção de um poeta, entre os leitores que vão além de uma simples atenção distraída à poesia, se torna mais consistente. Luiza Neto Jorge publicara em 1973 o seu último livro **(Os Sítios Sitiados),** mas, como se viu, não estava esquecida.

Dois poetas de gerações anteriores, Sophia de Mello Breyner Andresen e António Ramos Rosa, publicaram igualmente livros que importa registar. Sophia reapareceu, depois de um silêncio assaz prolongado, com **Ilhas,** um livro em que a nobreza e a transparência do discurso mais uma vez parecem identificar-se com a própria essência da poesia. Ramos Rosa alcança um dos momentos de maior apuramento estilístico da sua obra, num livro de equilíbrio e unidade exemplares, **Acordes,** talvez prejudicado, na atenção do público e da crítica (se tal coisa existe), pelo grande número de títulos do autor saídos nos últimos anos.

Enumeração de Sombras de Nuno Júdice representa o capítulo mais recente da carreira, iniciada na década de 70, de um poeta que nos anos 80 atingiu o pleno amadurecimento, documentado por três ou quatro livros que definitivamente o confirmam na primeira linha dos poetas actuais.

Se lembrarmos o que foi a poesia portuguesa ao longo da década que termina, verificaremos que a alguns destes mesmos autores se deveram outros acontecimentos marcantes, no que respeita à publicação de livros de poesia.

Lira de Líquen (1986) e **A Condescendência do Ser** (1988) de Nuno Júdice são dois bons exemplos, como o são **Volante Verde** (1986) ou **O Livro da Ignorância** (1988) de António Ramos Rosa e **Âmago I — Nova Arte** (1985) de Fiama Hassse Pais Brandão, que, com **Três Rostos,** atrás mencionado, constitui a mais consequente experiência de reflexão sobre a poesia e sobre o binómio **arte-natureza** realizada a partir do interior da própria poesia.

Tentando, com um olhar retrospectivo sobre os anos oitenta, seleccionar as presenças que, para além das já referidas, se nos afiguraram mais decisivas no processo evolutivo da poesia que em Portugal se escreve — e tendo em conta as limitações de espaço que as circunstâncias nos impõem —, limitar-nos-emos a recordar os seguintes livros: **Alexandre Bissexto** (1983), **Branco no Branco** (1984) e Vertentes do Olhar (1987) de Eugénio de Andrade, **Tronos e Dominações** (1985) de João Miguel Fernandes Jorge, **Casa: o seu Desenho** (1985) de Fernando Guimarães, **Variações em Sousa** (1987) de Fernando Assis Pacheco, **As Moradas 1&2** (1987) de António Franco Alexandre, **Última Ciência** (1988) de Herberto Helder, e a destacar os três principais «poetas dos anos oitenta»: Luís Miguel Nava, nomeadamente com **Rebentação** (1984) e com a recolha dos seus **Poemas** (1987), Paulo Teixeira, em especial com **Conhecimento do Apocalipse e A Região Brilhante** (ambos de 1988) e Gil de Carvalho, de quem deverá distinguir-se **Aboíz** (1985).

Gastão Cruz

Para uma reflexão crítica sobre o que foi a poesia portuguesa nos anos 80, **Revista de Poesia** convidou os poetas Fernando Guimarães, Armando Silva Carvalho, Nuno Júdice e Paulo Teixeira, representantes qualificados de quatro gerações diferentes da poesia portuguesa contemporânea. Inserimos hoje os depoimentos dos dois primeiros, reservando, por razões de espaço, os dois restantes para o próximo número do SL.

Depois do Modernismo

Comecemos por uma data. Em 1983, no mês de Janeiro, organizou-se em Lisboa uma exposição, muito voltada naturalmente para as artes plásticas, que se apresentava sob o signo de *Depois do Modernismo*. Porquê este *depois?* O Modernismo, após ter ganho a inicial confrontação que o opôs a uma arte tradicional e convencional, não foi durante muito tempo posto em questão. Toda a criação artística tendia a ser identificada a uma atitude de ruptura em relação ao seu passado. Era entendida como *vanguarda*. E, hoje, é para todos claro que esta opção foi extremamente fecunda pelas perspectivas que abriu, nomedamente pelas possibilidades expressivas que se encontraram nos próprios poderes de negação que o discurso artístico criativamente possibilita. Mas este alargamento de possibilidades — que acabou, afinal, por ultrapassar as da própria vanguarda — trazia consigo um risco, o qual foi detectado no texto inicial do catálogo relativo à já re-

cont. na pág. 10

LISTA DE OSSOS

Pediam-lhe em altos gritos:
— Que mostre as duas mãos ao mesmo tempo.
E isto não foi possível.

— Que, enquanto chora, tirem a medida de seus passos.
E isto não foi possível.
— Que pense um pensamento idêntico, no tempo em que um zero permanece inútil.

E isto não foi possível.

— Que faça uma loucura
E isto não foi possível.

— Que entre ele e outro homem semelhante a ele se interponha uma multidão de homens como ele.

E isto não foi possível.

— Que o comparem consigo mesmo.
E isto não foi possível.

— Que o chamem, enfim, pelo seu nome.
E isto não foi possível.

César Vallejo

O perder e o fazer

Há dias reli um texto de Almada Negreiros que me deixou a pensar. Chamava-se ele «Poesia e Criação» e encontrei-o recolhido naquela Antologia feita pelo Herberto Hélder e que tem um nome sonoríssimo. Uma frase do escrito me soa ainda nos ouvidos: o homem perde-se e a linguagem faz-se.

É nesta **perdição** e neste **fazer** que gostava de centrar a minha resposta. Nas suas múltiplas relações comunicantes, género: perde mais o homem ganha mais a linguagem, ou perde-se mais esta mas fica a salvo aquele. Só que não tenho tempo nem mundo, como diria o outro.

Nestes anos oitenta, eu que não sou de datas nem de décadas, levanto em pergunta a voz do Almada: poesia é senão por onde é cada um? Prosaicamente, vejamos. Sem arrematantes, as ideologias que cobriram de manchas muito verso bem escrito nem foram a leilão. Deixaram-nos finalmente a sós com aquele duo acima referido. E, à primeira vista, tudo ficou mais simples. Ora põe mais homem e tira lá discurso. Ou então assim: ora lá vai discurso (esse mesmo, o dos léxicos e dos significantes) e deixa o homem em paz, porque perdido está ele, por cem e por milhões. O que acontece é que depois dos nomes e da língua, diria ainda o Almada, os poetas portugueses insistem em não dar por concluída a sua mais bela criação de poesia. E fazem bem. Mas direi eu agora: que fábricas fonética, gráfica, ou as duas em mente reunidas, podem desocultar hoje o oculto, quando o que mais vemos, sentimos, pressentimos é que a poesia passa bem sem aonde?

Ainda se lêem versos – não tantos como anos atrás – que se esforçam em contributo para a altíssima e nobre tarefa de reestruturar as línguas e as metalínguas, mesmo depois do estrago feito pela malfadada chamada geração de sessenta. Só com um pequeníssimo reparo: é que agora o homem não se perde em caminho nenhum. A confirmar o que digo, surgiu ainda há pouco, mais um trabalho duma senhora de sessenta, Fiama Hasse Pais Brandão, revigorada e mística, uma perdida do ser como forma única de se reencontrar na natureza e depois, não há vergonha nisso, no regaço do cosmos. E mais terrível ainda: alguém que é mais detrás que sessenta, o Herberto Hélder, publicou em oitenta e oito a sua «Última Ciência», a perdição total na feitura da língua. Logo dirão que aqui houve metamorfose e se caiu, vertical, no procedimento alquímico. Pois que tenha havido. Aponto, estes dois nomes e factos apenas e só, digo veementemente, como excesso e contraponto duma vertentezinha deleitada e neo-neo-romântica que não se mete com línguas e se finge náufraga de metáforas e modas. E, como é do costume, é ela que há-de ter, já tem, a estrada «mediática» aberta aa seu favor. Essa, não se perde.

Depois, há os que cumprem, marcam o ponto, nunca estão de baixa e apresentam trabalho conhecido e reconhecido. E há os que começam e o que fazem é só recomeçar. Para a baralha final, surge em Março de oitenta e nove um tal «Virgem Negra» que remexeu com tudo. E é com ele, com Cesariny que queria acabar, salvo seja. Não se trata aqui, na negridão da língua, de colocar somente o dedo em muitas feridas da neoplasia poética. Aqui, o homem foi mais longe em perdição. Foi todo um revolver nos panos dos pais nossos, todo um apertar das histórias históricas e literárias, todo um espremer do abcesso pessoano que há muito não deixa abrir a boca a ninguém. Como ele, nenhum outro, nestes tempos audiovisuais, para dar o salto de arrebenta no círculo em chamas e ficar do lado de cá, já estando de lá. Fazendo-se, perdido; ou perdido, fazendo-se.

Armando Silva Carvalho

madrugada. passos soltos de gente que saiu
com destino certo e sem destino aos tombos.
no meu quarto cai o som depois
a luz. ninguém sabe o que vai
por esse mundo. que dia é hoje?
soa o sino sólido as horas. os pombos
alisam as penas. no meu quarto cai o pó.

um cano rebentou junto ao passeio.
um pombo morto foi na enxurrada
junto com as folhas dum jornal já lido.
impera o declive
um carro foi-se abaixo
portas duplas fecham
no ovo do sono a nossaa gema.

sirenes e buzinas. ainda ninguém via satélite
sabe ao certo o que aconteceu. estragou-se o alarme
da joalharia. os lençóis na corda
abanam os prédios. pombos debicam
o azul dos azulejos. assoma à janela
quem acordou. o alarme não pára o sangue
desavém-se. não veio via satélite a querida imagem o vídeo
não gravou
e duma varanda um pingo cai
de um vaso salpicando o fato do bancário

Luiza Neto Jorge
in **A Lume** *(1989)*

cont. da pág. 9

ferida exposição **Depois do Modernismo:** a «modernidade» ter-se-á tornado possivelmente num «conceito vazio de conteúdo, pronto a ser utilizado para significar tudo e nada».

A questão foi exemplarmente posta, até porque o conceito de *pós-modernidade*, referido como está ao de Modernismo, acabará por correr também um risco de significar nada e tudo. Os sentidos, ora convergentes ora divergentes que acompanham este movimento em campos como os da arquitectura, da filosofia, das artes plásticas, da literatura, etc. são disso prova.

Isto poderá revelar a falibilidade do conceito de pos-modernismo sob um ponto de vista periodológico: não haverá, a partir de uma perspectiva de ordem diacrónica, uma sucessão tal que a um ciclo de criações culturais marcadas pelo Modernismo se suceda um outro ciclo, o do pós-modernismo. Mas uma circunstância como esta não quer dizer que uma estética ou uma poética como a do Modernismo, centrada na *construção* ou composição poética, na manifestação imagética ou na sua intensificação através de um implícito desenvolvimento simbólico não entrou necessariamente em conflito com propostas novas: a tendência para a *des-construção* mediante a emergência da subjectividade, o recuo da imagem e do símbolo mediante a valorização de uma expressão de carácter descritivo ou apenas marcada por refracções de natureza afectiva, emocional.

Se o considerarmos nas suas linha gerais, este será o grande desvio que a poesia portuguesa sofreu na passagem dos anos 70 para os 80. E, nesta última década, a tendência tornar-se-á cada vez mais nítida; seria lícito, então, falar de um conjunto de poetas que poderíamos situar entre João Miguel Fernandes Jorge e Al Berto. Mas — note-se bem... — isto não quer dizer que se invalide a possibilidade de nos referirmos a uma prática da *modernidade* quando se tenha em vista algumas das afirmações mais importantes que nos anos 80 também ocorreram.

Consideremos, por exemplo, o caso de Paulo Teixeira. Trata-se de um poeta que se revela a partir de 1985. É, nessa altura, que publica *As Imaginações da Verdade*, a que se seguirão três novos livros. Ao leitor atento deparar-se-á uma característica que parece dar um sentido especial à sua poesia: o envolvimento dramático que nela existe. Este envolvimento provém da referência de muitos dos poemas a vários personagens, o que transparece nos próprios títulos de alguns poemas daquele livro: «John Keats a Fanny Brawne (...)», «Confidências de Honoré de Balzac a Evelina Hanska», etc. Esta referência cria um espaço de objectividade; poderíamos mesmo falar de uma objectividade *cultural*, dando a esta última palavra, como veremos, um sentido muito particular.

É sabido como o desenvolvimento ou o envolvimento dramático pode encaminhar, como acontece no domínio da História — pensemos no caso bem conhecido de Oliveira Martins — para a afirmação da subjectividade, na medida em que ela pode rematar no que seria mesmo uma projecção do autor. Ora a linguagem dos poemas de Paulo Teixeira apresentam um reticulado que impossibilita essa transferência. A referência à História, a um envolvimento cultural, age no campo da poesia de uma maneira diferente. Por isso, a objectividade cultural de que se falou é efectivamente uma objectividade, mas a que existe na própria linguagem.

Reparemos num poema como este do seu último livro, *A Região Brilhante:*

Um pássaro arde no céu ao meio-dia
e de longe, da memória deserta, chegam
palavras, palavras que desvio algum
levaria a conhecer na tarde estas
vogais de gradual dilaceramento.
.....
A tua cabeça descia então, a boca
entreaberta já como uma concha vazia,
para a noite torrencial das minhas mãos.
Como Andrea del Sarto não sabia em Fontainebleau,
sob a vegetação sufocante, que longe o mar
me impediria, deitada sobre o meu corpo,
de te ouvir respirar.

Parece haver nesta poesia uma espécie de confidência, uma discreta manifestação de subjectividade. Mas a partir do seu título — a saber, «Alfred de Musset a George Sand» — o poema organiza-se dramaticamente mediante uma sucessão de planos ou, melhor, de rostos que podem ir desde Musset e George Sand a Andrea del Sarto. Trata-se de uma espécie de derivação heteronímica que, no entanto, segue um caminho de certo modo oposto ao seguido por Fernando Pessoa. É no próprio poema que ela perfeitamente se esgota. Seja como for, uma poesia como esta nada tem a ver com o derramamento subjectivo, a deriva emocional que tanto caracterizam uma das direcções seguidas pelos poetas da década de 80. O que mostra que esta diversidade de caminhos pode conduzir, e de que maneira, a uma poesia igualmente válida — válida, precisamente, como plena expressão dessa diversidade...

Fernando Guimarães

a arte do retrato, a natureza das palavras
o corpo, que as ficções habitam
como um recinto mal iluminado, aberto
sobre a noite de luzes rectilíneas, longe,
descrevendo o silêncio e, dentro do silêncio,
a sem-memória súbita de nunca;

o sentimento penetrável, embrulhado
em algumas imagens, receio, sempre as mesmas,
uma estrada, uma estrela, as arestas do frio,
a vulgar aventura de uma esquina, quando
o infinito pudor os descobre, despidos
de qualquer comoção ou despedida,

minuciosos são os mapas, terras
onde jamais viajas, entregue a essas
razões inúteis que te deste,
a gelatina branca das palavras, o retrato
mal concebido de um ser extraterrestre,
a brandura de nada ter sentido.

António Franco Alexandre
in **As Moradas 1&2** *(1987)*

Os antigos lidos de novo (1)

A EMENDA E O SONETO

Veremos que voltas darei ao que tomo por mote nestes quatro versos de Camões:

«Outros vejo por aqui,
A que se olha mal o fundo,
Que andam emendando o mundo
E não se emendam a si».

Atrevimento e absolução cada um toma o que quer... E eu tomo agora esta ousadia de achar comparações no tempo que corre, inspirando-me do que a minha inspiração talvez não mereça.

Também eu andei, nos verdes anos, a emendar o mundo e, depois de tantos desenganos, ainda não pude emendar-me a mim como soía. Este ter conhecimento de mim — ou, ao menos, fazer por isso — difere de outros que por aí vejo que, não sendo melhores nem piores, acham que podem emendar sem se emendar.

Neste mundo vário há, entre muitos outros perigos, aquele de confundir a legitimidade com a infalibilidade, equívoco de que saiem mal feridos quem o aplica e quem o sofre. O mundo já foi emendado muita vez antes de nós cá chegarmos, umas para melhor, outras para pior, mas algumas das coisas emendadas são já presa definitiva dos arquivos, como aquele direito divino em que se fundamentava o poder soberano — que, esse, não se sujeitava por natureza a emenda nenhuma.

Mas há, também, virtudes que parecem correr o risco de ir parar a uma qualquer Torre do Tombo da sensibilidade humana, e uma delas vem a ser a humildade, sem a qual ninguém poderá aturar a ideia de vir a emendar-se a si mesmo. E é, assim, que crescem, prósperas e contentes de si, multidões de «sem emenda». E tudo isto acontece por estarem bem montados e oleados esses mecanismos que se empenham em que continuemos a «olhar mal o fundo», como disse Camões. Parece-me que este «fundo» que ele pretendia fosse melhor olhado é o nosso próprio, aquela parte de nós que, melhor vista nos faria melhores cidadãos e mais próximos do entendimento com os mandantes em quem delegamos o nosso poder e que eles mesmos, com mais perfeito exercício da visão, melhores mandantes ficariam também.

Estas são impertinências muito modestas que, como se vê, não poupam o autor e não procuram mais que mostrar que a emenda é, por vezes, melhor que o soneto.

Noutros tempos, não havia escrevente que não fosse funcionário ou afilhado de padrinhos poderosos, reis e outros, e isso não os impediu de nos legarem pujantes, duras e implacáveis propostas de emenda dos seus próprios protectores. E que bem separavam os poetas as funções de uns e outros — «Vós co'a espada cortando/Eu, co'a pena escrevendo»! E que bem aturavam os da espada os remoques dos da pena! Nem sempre, dir-me-ão — mas eu só cuido aqui dos bons exemplos.

O que agora me faz desejar que se olhe melhor o «fundo» é a necessidade de, pelo menos, distinguir entre a núvem e Juno, que se não atribua mais importância ao conhecimento público de um facto que ao facto em si. É que dessa deficiência no olhar só poderão vir emendas aparentes e um mundo emendado que venha a parecer-se com um deserto povoado de miragens.

Por estas voltas dadas ao mote que tomei se vê que... bem prega Frei Tomaz que, se calhar, também por cá andou a emendar o mundo.

E para que o meu atrevimento se possa consumar e sublimar glosarei ainda:

Vós, co'a espada cortando
Eu, co'a pena escrevendo
Vamos cumprindo esta sorte
Sem desprezar a memória
De quem a fama e a glória
Nosso destino fez forte.
E onde a espada mal corte
Estará sempre quanto emendo
Eu co'a pena escrevendo.

Álvaro Guerra

os livros em revista

A FLUTUANTE LINHA DIVISÓRIA DAS ILUSÕES

Peter Scheinder
O Saltador do Muro
Edições Cotovia, 1989

A primeira coisa que nos impressiona é a livre circulação da sombra do avião sobre as duas partes de Berlim, atravessando três vezes o muro da separação, antes de aterrar. A segunda, a delirante troca de infinitivos por culpa da linguagem precária de uma nação inexistente que a jactância do *alemão de gema*, num gesto de amigável desprezo-condescendência, denomina «polaco-búlgaro-russo». E a terceira: «Os rostos do Ocidente olham para os rostos do Oriente da mesma maneira que as pessoas olham para os macacos».

Imaginemos duas pessoas que traçam numa praia deserta uma linha entre si: sentirão de imediato que algo, embora facilmente transponível, os separa, que pertencem a dois «mundos» diferentes. Se por acaso uma mansa onda alterar ligeiramente a linha sem a desfazer, permanecerá a sensação de separação. A presença imediata desta linha pode comparar-se com o altifalante naquele aeroporto berlinense que, anunciando uma informação qualquer, «divide», pela sua intenção categórica, por alguns instantes, a consciência, a personalidade. Um muro com a sua consistência e solidez prende a atenção de modo incomparavelmente mais intenso. Para aqueles que vivem longe do muro ou da fronteira, esta acaba por se tornar uma abstracção: «Este povo dividido ao meio, quanto mais afastado está da fronteira, mais ingenuamente se convence que forma um todo». Mesmo para os berlinenses o muro deixa de ter interesse, pouco tempo depois de construído.

Esta controversa reflexão reconhece uma procura «mais cedo ou mais tarde de um Euforma». A descoberta porém é impossível. Conhecem aquele desenho que é ao mesmo tempo cabeça de um pato e cabeça de um coelho, conforme a perspectiva do instante? Na oposição das ideologias tal indefinição não é permitida nem tolerada. A natural curiosidade é punida quando esta linha é formada por um muro.

«A diferença entre a cozinha alemã e a latino-americana torna-se nula quando se vêem os caixotes do lixo» — resigna-se o narrador e a poderosa função dos nomes nos obriga a não esquecer que tanto os ingredientes dos cozinheiros como os ingredientes dos discursos ideológicos dos dois lados do muro padecem da mesma escassez e que talvez por isso mesmo possuam uma força «educativa» perante a qual sucumbem inclusive os mais inteligentes, iludidos pela fantasiosa livre opção, entrando num jogo que, graças à infinita repetição, adquire algum mistério.

Não há diferença entre o ridículo do alemão oriental Robert que descobriu um truque para telefonar de graça dos Estados Unidos, sem ter pressa, e o cómico do alemão ocidental Gerhard que se mudou difinitivamente para Berlim de Leste porque a vida lhe saía mais barata, camuflando a livre opção com um motivo de ordem sentimental. «Mas quantas mais vezes ele (Robert) vai e vem entre as duas metades da cidade, mais absurda lhe parece a escolha», depois de se tornar «caminhante entre os dois Estados alemães» e «só encontra o seu lugar na fronteira». Aí surge um paradoxo: a própria linha de divisão priva de conteúdo e nega a existência daquilo que separa em duas partes, porque esta linha coincide sempre com o centro do universo que é a nossa consciência.

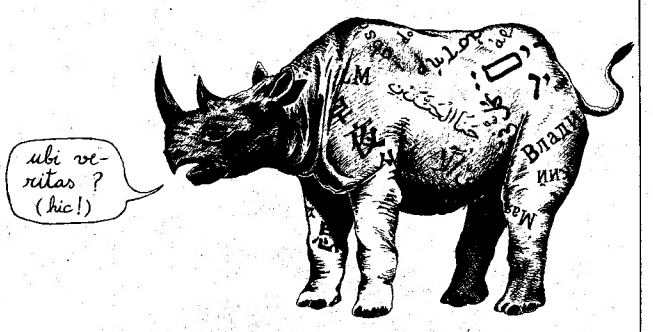
Porque o sr. Kabe, «um quarentão desempregado» saltou o muro, ao todo quinze vezes, em linha recta, transgredindo a lei, quando podia ir para o Leste legalmente? A psiquiatria não conseguira descobrir nada de invulgar: era a linha mais recta da curiosidade humana, ou algo que ultrapassa a explicação racional, ou quando muito, e só depois de forçosamente racionalizado, se chama *liberdade* e morre logo com a criação do seu nome. Não será verdade que só é livre aquele que nunca se questionou sobre o que é a liberdade? Cabe ao leitor concordar ou não se o sr. Kabe não era livre quando não lhe passou pela cabeça hesitar se devia ou não transpor o muro. Ele, apesar das peripécias nas clínicas e nas polícias nunca duvidou de que agiu da única maneira natural.

Parece-me «O Saltador do Muro» um bom compêndio para políticos e afeiçoados à política. Pena que os *verdadeiros* políticos não se fazem com aprendizagem. Nascem. Como toda a gente.

De utilidade ainda maior será este livro para os profetas da última hora que não se cansam de repetir a palavra «irreversível» e que até agora na sua longa hibernação se recusavam a sonhar porque todos os sonhos lhes pareciam pesadelos. É verdade que a História avança em movimento rotativo e contínuo. O espaço não pára. Pelo menos assim o faz parecer o tempo. Até agora ninguém descobriu o que é exactamente o tempo. É certo, porém, que o tempo não confirma os factos do passado, oferece apenas ideias que fazem rejubilar tanta gente optimista. Valerá a pena contar anedotas para lembrar que não há diferença entre optimistas e pessimistas? É a tal linha divisória. Não a percam de vista: ela proporciona sempre uma miragem. Baptizem-na como quiserem.

Dimíter Ânguelov

A carta do livro



Convencidos de que os livros continuam a ser instrumentos indispensáveis à conservação e à transmissão do tesouro cultural da humanidade.

Persuadidos de que a função que desempenham se pode reforçar mediante uma política que estimule a mais ampla utilização da palavra impressa.

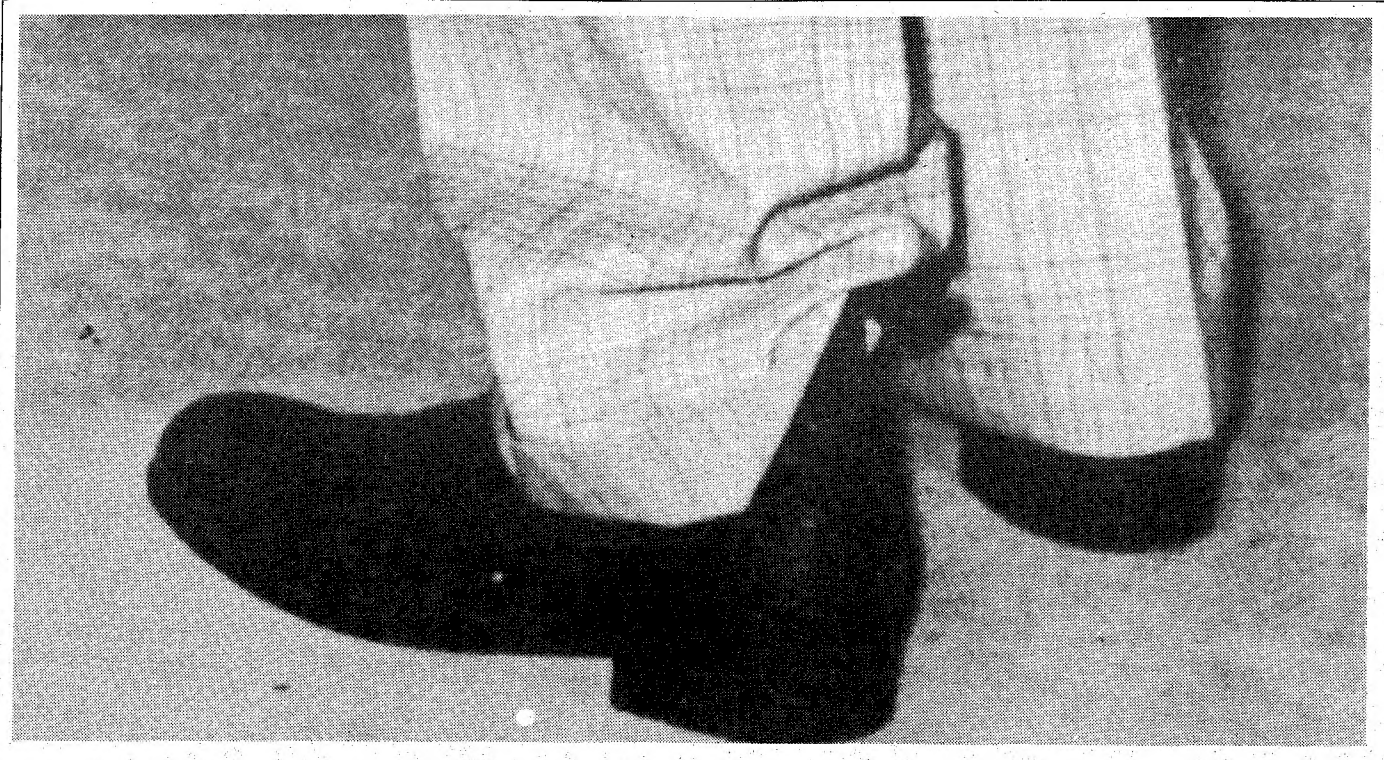
(Segue)

CONFISSÃO FINAL

Neste momento da minha vida, em arte final, confesso que o livro, que mais fala comigo, é *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch. Por isso o recomendo, como leitura religiosa, não a toda a gente, mas a todos os poetas em vias de entabular a sua última conversa com a morte. Morte tão única, como único é o amor, que nos ensina a morrer.

António Barahona

António Barahona



WILLIAM BURROUGHS NA GALERIA EMI – VALENTIM DE CARVALHO

Os ladrões de imagens ocupam o lado esquerdo da praia, onde uma página se entrega ao vento, e são altos, detentores de uma fronte muito plana onde por vezes apercebemos tábuas e, se chove, uma nuvem branca.

Conta-se que se dedicam também ao culto de garrafas muito límpidas que observam e esvaziam, se o sol não se assume. É um exercício penoso, executado com gestos esgotados pelo azul e o clima do mármore.

À noite ficam de pé, de costas uns contra os outros, para repetir o sono.

Jorge Fallorca

Cinquenta anos depois, um inédito de Noémia de Sousa, a poetisa que desbravou com José Craveirinha a independência das letras moçambicanas.

JUSTIFICAÇÃO

Se o nosso canto negro é simultâneamente
baço e ameaçador como o mar
em noites de calmaria;
se a nossa voz é rouca e agreste
só se abrindo em gritos de rebeldia;
se é ao mesmo tempo amarga e doce a nossa poésia
como suco de nhantsumas silvestres;
se é encovado e profundo o nosso olhar
rasgando-se impávido à luz do dia;
se são disformes e gretados nossos pés espalmados
de trilhar caminhos ingratos;
se a nossa alma se fechou para à alegria
e só dá hospedagem ao ódio e à revolta
– não nos culpes a nós, irmão vindo das ruas da cidade.

Que entre nós e o sol se interpuseram
grades feias de escravidão,
grades negras e cerradas a impedir-nos de tostar
de verdadeira felicidade.

Mas ai, irmão vindo das ruas da cidade!
Nosso firme sentido de justiça, nossa indómita vontade a nascer,
nossa miséria comum vestida de sacas rotas e imundas,
nossa própria escravidão
serão o calor e o maçarico que fundirão
para sempre as grossas colunas que nos zebraram a vida inteira
e lhe arrancaram todo o jeito doce e inexprimível de vida.

L. Marques, 22/7/1949.

INVENTÁRIO DE UM SÓ LIVRO

Não pode haver inventário do ano literário sem referir a importância absoluta dos Versículos Satânicos de Salman Rushdie.

Por duas razões que seria impossível separar: pelo carácter sumptuoso da escrita, que consegue impor-se a toda e qualquer tradução.

Pelas consequências desta escrita, em seguida. O «blasfemo» Rushdie provou uma vez mais que não continuavam a existir as inquisições com fogueiras e o mais, mas que a literatura podia ser a alavanca da transformação do mundo.

Celebre-se no escritor a capacidade de transformar o «fait-divers» em explicação do mundo, como acontece quando descreve a queda das vítimas de um acidente de avião, que como tantos outros explode em pleno céu.

A modernidade revela assim a sua fragilidade, tal como o homem pode utilizar a sua enorme capacidade de provocar a sua própria metamorfose. Como se no ventre da tragédia, o homem fosse capaz de criar a sua própria regeneração.

Por outro lado, Rushdie preocupa-se com a ameaça que pesa sobre os homens dos continentes estáveis, agora corroídos pelo mal absoluto da emigração, que os arranca à sua condição de nacionais de um país, de uma cultura, para os transformar nos nómadas condenados à deformação imposta pelas regras do Outro.

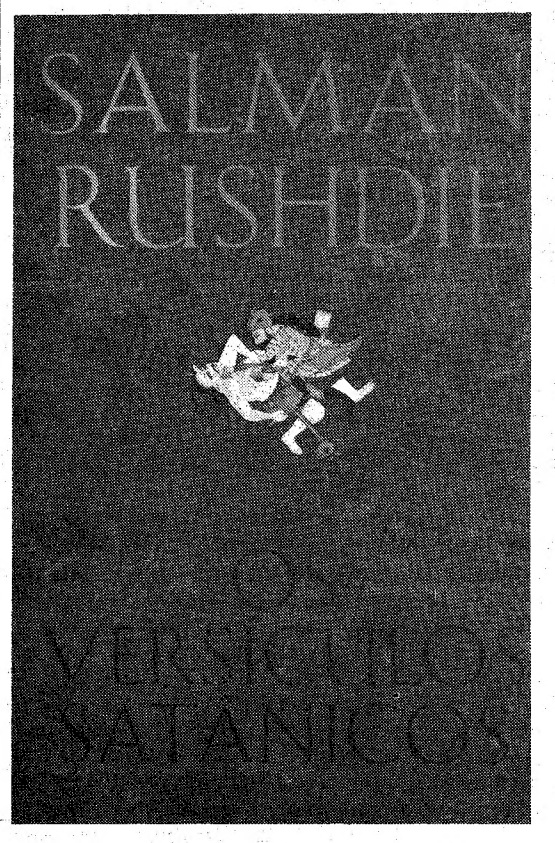
No momento em que a Europa se preocupa tanto com os «estrangeiros» ou com os «emigrantes», Rushdie sublinha que o risco não está do lado que se pensa: os únicos realmente ameaçados pelo processo destas transferências inter étnicas e intercontinentais, são os emigrados.

Nas dobras da prosa de Rushdie afirmam-se não só as metáforas, mas as incertezas do mundo. O Outro é, na Inglaterra de hoje, como na de ontem, o problema fundamental. Seria até o mal absoluto, se a escrita de Rushdie se não colocasse do outro lado do espelho. A viagem não leva à revelação: ela só pode aniquilar, como de resto lembra, a queda inventiva dos homens que se despegaram do ninho aéreo que pode ser um avião.

Celebremos o grande romance de língua inglesa, que não é nem hindu, nem muçulmano, seja o que for que pensem os teólogos iranianos. O problema abordado pela escrita é o do destino do homem, quando forçado a renunciar à sua própria natureza. O nicho ecológico no qual nascem e vivem os homens não pode ser substituído pela perversidade urbana.

Daí que só o regresso a si e ao mundo originário pode salvar o homem, liberto, enfim, das próprias contradições da teologia. Como se o conhecimento adquirido na viagem devesse terminar pela «queda», não-abismo, mas revelação.

Alfredo Margarido



SUPLEMENTO LITERÁRIO
Coordenador
António Cabrita
Colaboradores permanentes
Gastão Cruz, Guilherme Ismael
Colaboradores
Ana Paula Menino, Dimiter Arguelov, Egito Gonçalves, Ernesto Rodrigues, Fernanda Fragateiro, Fernando Guerreiro, José Bento, João Pisarra, Jorge Fallorca, Mário Avelar, Pedro Alvim, Viriato Soromenho Marques, Vítor Wladimir Ferreira.